

A woman with long dark hair, wearing a black jacket over a striped turtleneck, is smiling and looking upwards. She is surrounded by a dense canopy of pink and white cherry blossoms. The scene is bright and celebratory, with many petals in the air.

Flores Coloridas

Guido Viaro

Guido Viaro

Flores Coloridas

1ª edição



curitiba . 2009

projeto gráfico

Ideale Comunicação e Design

direção de arte e capa

Alessandra Nogueira Saltori
Danielle Sfredo

editoração e diagramação

Alessandra Nogueira Saltori

foto capa

Boris Saguet
boris.saguet@hotmail.fr

hai-kai

christiane kaku

revisão

Marisa Karam

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

Viaro, Guido, 1968

Flores Coloridas/ Guido Viaro. --

Curitiba : Ideale, 2009

218 p. ; 21 cm

ISBN

1. Literatura -- Paraná. I. Título.

CDD (22ª ed.)
B869.35

Flores Coloridas

Guido Viaro

UMA ADVERTÊNCIA AOS LEITORES

As páginas desse livro foram extraídas de doze cadernos manuscritos, onze deles encontrados no sótão de uma velha casa. O material estava cuidadosamente preservado, envolvido em duas camadas de sacos plásticos e protegido por uma caixa de madeira.

Não resistindo à curiosidade resolvi ler o primeiro caderno e só terminei três dias depois, quando fechei o décimo-primeiro. O que há ali é um homem falando do que achou de sua vida. O período coberto vai dos dezessete aos sessenta e nove anos de idade. Mais de meio século de anotações. Não sei se poderia definir o longo texto exatamente como um diário. Talvez o mais correto fosse dizer que é uma série de “apreciações sobre a vida”. Apesar de estar falando de si mesmo, muitas vezes temos a sensação de um distanciamento, que normalmente só acontece quando descrevemos vidas alheias. Mesmo que ao longo de mais de meio século haja muitas modificações na visão de mundo do autor, da linguagem utilizada e até do estilo literário, no fundo, quem escreveu a primeira e a última linha, são pessoas quase idênticas (pelo menos no meu ponto de vista).

Esse homem apreciou a vida como alguém que, estando confortavelmente sentado à janela de um trem, admira uma bela paisagem, alguns longos trechos tediosos de vistas urbanas e, de vez em quando, vira o rosto para alguma cena desagradável que a viagem lhe mostra. Mas ele atravessou todo o percurso pisando raras vezes no solo que enxergava. Todo o texto está repleto de um desapego, que se fosse espalhado pelo mundo, tornaria inviável o funcionamento dele como hoje o conhecemos.

Mas sua intenção (se ele possuía uma) não era em absoluto mudar nada, muito menos o mundo. Seu alheamento por vezes assume um caráter quase infantil, como uma criança que conta para a mãe o que viu no parque de diversões.

Após ler o texto consultei algumas pessoas de minha editora e chegamos ao consenso de que iríamos publicar aquelas páginas. Aquele homem provavelmente já tinha morrido, e para efeito de direitos autorais, ninguém se lembraria daqueles papéis perdidos. Por conta própria iniciei uma investigação sobre quem seria o autor dos textos. Não foi difícil descobrir seu nome. Ele estava vivo e morava próximo da casa onde os cadernos foram encontrados. Decidi que, mesmo correndo o risco de atrapalhar o projeto de publicação, estando o autor vivo seria minha obrigação ética conversar com ele sobre seus papéis e a possibilidade de transformá-los em livro.

Primeiro teria de explicar-lhe – o que não combinava exatamente com a expressão “obrigação ética” – porque eu havia violado o embrulho e lido o que provavelmente havia sido esquecido lá, e que certamente não era destinado a leitura de ninguém. Mesmo sem ter resposta para alguma eventual acusação de violação de privacidade, resolvi encarar o desafio. Com os cadernos embaixo do braço toquei a campainha. Atendeu-me um homem idoso, que não sei por que, soube na hora se tratar de quem eu procurava.

Devia ter mais de oitenta anos, mas mexia-se com agilidade de alguém bem mais novo. Olhou-me desconfiado, acho que pensou que eu fosse um vendedor. Percebi que se não fosse logo ao assunto ele fecharia a porta na minha cara. Mostrei-lhe os cadernos e disse que trabalhava em uma editora que se interessaria muito em publicá-los.

Ele caminhou até mim, apanhou o embrulho que eu havia refeito e perguntou-me se eu os havia lido. Disse-lhe que sim. Aguardei a hostilidade enquanto criava justificativas para meu ato de violação. Ele abriu o pacote e folheou os cadernos mais antigos, que já estavam com as páginas bastante amareladas. Devolveu-me o pacote e me fez uma pergunta para a qual não estava preparado: “por que eu queria publicar aquilo?”. Depois de muito gaguejar respondi-lhe que gostaria

de publicar pois “seus papéis falavam da vida sob um ponto de vista quase neutro, e que eram raros textos assim tão desapegados”.

Ele sorriu. Mas não havia em seu sorriso a alegria pelo elogio recebido. Muito menos a ironia de quem espera algo em troca. Naquele sorriso diferenciado havia indiferença. Mas ao contrário do que normalmente acontece, nesse caso ela não vinha acompanhada por um pingo de mágoa. Ainda com o sorriso no rosto ele me disse “então publique”. Depois disso me pediu para esperar um pouco e entrou em casa. Dez minutos depois voltou com o décimo-segundo caderno, que é a parte final dessa narração e que ele escreveu já na casa onde mora atualmente.

Procurei evitar justificativas e pedidos de autorização. Percebi que devia a ele essa atitude de respeito. Despedi-me e olhei-o de longe. Ele voltava para dentro de casa sem olhar para trás. Para todos os efeitos aquele encontro nunca havia acontecido. Se hoje faço essas confissões por escrito acompanharem essa edição, é porque acho importante que os leitores saibam a verdadeira origem do material e a maneira como foi encontrado. Para isso tive de assinar um documento me responsabilizando por qualquer eventual processo judiciário. Documento que, aliás, assinei sem preocupação.

Nos originais havia longos trechos que podemos chamar de “apreciações sobre a vida”, esses textos muitas vezes vinham acompanhados por pequenos trechos ficcionais, outras vezes por desenhos ou recortes de jornais.

Para efeito editorial o que publicamos aqui são essas “apreciações da vida”. Quase toda a parte ficcional que acompanha esses textos foi excluída por motivos de espaço ou clareza. Alguma coisa que o editor julgou que complementaria o sentido das descrições foi incluída. Nesse ponto é claro que essa edição poderá incorrer em erros, pois coisas importantes poderão ser excluídas, e falsos amigos, que aparentam intimidade, estarão ali complementando o que de nada necessita.

De qualquer maneira sempre preferi, tanto livros quanto homens, que aceitassem riscos e que, mesmo estando cheios de imperfeições, apresentassem, ao menos, algumas virtudes inovadoras.

A casa onde foram encontrados os cadernos foi comprada por mim e um dia havia pertencido ao autor dos textos. Comprei-a para morar com minha esposa e meus três filhos pequenos. Outro dia, refletindo sobre a vida, fiquei pensando sobre quais qualidades gostaria de transmitir aos meus filhos. Enumerei uma série de virtudes que julgo importantes. Dentre elas, estava a capacidade de sorrir, da mesma maneira que o velho autor desses cadernos me sorriu.

– O EDITOR

PRIMAVERA

Hoje completo dezessete anos. As coisas todas têm mudado. Meu corpo desenvolveu-se. A criança que fui está morta. É só recordação. Vivo dias de crescimento onde tudo se expande, com exceção do tempo. Esse, ao contrário, parece diminuir, correndo cada vez mais depressa. Durante a infância ele parecia se arrastar como uma centopéia, hoje vivo dias-coelho, e quem sabe que velocidades me aguardam. É engraçado como tudo o que me envolve modifica-se junto comigo. O que acaba fazendo com que eu tenha de prestar bastante atenção para perceber as mudanças. Tudo acontece aos poucos, e parece que o mecanismo que comanda essas transformações faz questão de ser silencioso. Nunca nos damos conta das viradas de páginas, parece que o grande livro em que lemos a vida está escrito em uma única grande folha.

Aos poucos vão secando as sensações mágicas que só acontecem na infância, e a brincadeira de fazermos cabaninha com almofadas e cobertores, sem que percebamos, é transformada em interesse pelo sexo oposto. Às vezes tenho a impressão de que ao longo da vida o que se modifica são apenas as formas dos símbolos, porque eles representam sempre as mesmas coisas.

Outra impressão que tive nesses poucos anos, foi que cada pessoa percorre durante sua vida uma espécie de túnel individual, cujas paredes são ilustradas pelas energias mentais que produzimos. Percorremos da infância à velhice esse caminho, sempre sozinhos. Conforme crescemos e nos modificamos as ilustrações das paredes vão mudando, e são elas que nos estimulam a continuar caminhando, seja porque nos inspiram desejos ou porque ameaçam-nos com o medo.

Cada um caminha em seu túnel, mas os muitos túneis correm em paralelo. Em alguns poucos instantes da vida os túneis tornam-se transparentes e consegue-se enxergar outras pessoas efetuando o mesmo percurso. Às vezes algumas dessas pessoas param de caminhar e tentam, em vão, tocar-se. Novamente as paredes tornam-se ilustradas, e é a memória daquele toque que aconteceu apenas na intenção, que passa a decorar as paredes do túnel. E nós, que de fato nunca encostamos nas mãos que nos foram estendidas, seguimos em

frente impulsionados pela ideia de tocá-las.

Realidade e imaginação têm fronteiras tão sólidas quanto as que separam a infância da juventude. Quando menos percebemos estamos mergulhados em uma piscina de luzes que foram criadas por nós mesmos.

O mistério da infância transforma-se no desejo da vida adulta para voltar a transformar-se no mistério da velhice. Os túneis revelam-se circulares. O tempo dos velhos volta a arrastar-se lento como o das crianças. E em cada fase da vida espera-se enxergar novos trechos onde o túnel torne-se transparente. Mas em todas as fases, não importa o quão diferente tenham sido duas vidas, os desenhos que decoram as paredes dos túneis se parecem como se parecem duas crianças dormindo ou dois velhos mortos.

Hoje completo dezessete anos e quando comecei a escrever essas palavras minha intenção era dizer o que tinha achado do que vivi até aqui. Percebo como é difícil congelar em palavras o que é fluido. A infância é uma poça d'água manchada por gotas coloridas de óleo que vão construindo formas e as renovando. Quando menos percebemos já não há mais poça d'água, e a terra molhada que absorveu as cores ilusórias das gotas de óleo, agora nos mostra torrões abertos, fendas e protuberâncias construídas de cores vivas e sensuais, que nos absorvem a atenção, tornando-se não apenas algo em nossas vidas, mas nossas próprias vidas.

Portanto, o que posso dizer em meu décimo-sétimo aniversário é que não sei. Sinto e percebo, mas não consigo verbalizar. Se dissesse algo estaria falando do que não tenho conhecimento. Suspeito, desconfio... nada mais do que isso, e acredito que os anos não mudarão esse estado de incertezas. Porque por mais que eu tente, nunca conseguiria entender o movimento das águas de um rio. Mesmo se o congelasse para poder observá-lo de perto, o que eu estaria observando seriam as águas paradas que um dia foram movimento.

VERÃO

Se a poça d'água colorida foi sorvida pela terra, agora cheguei na idade onde o mundo começa gradualmente a esperar algo de mim. E cada ano que passa essa expectativa aumenta. Apenas o fato de se existir já é suficiente para que essa cobrança seja feita. Acho isso tão estranho, em nome do que deveria obedecer o que me pedem? E se eu simplesmente não quisesse participar de nada. Respeitosamente declinaria de todos os convites que me fossem feitos. Com discrição, me retiraria da grande estrada dos destinos comuns, e procuraria picadas alternativas, aonde pudesse apenas observar o movimento. Eu acompanharia a grande estrada apenas com meus olhos.

Em meu recanto secreto permaneceria até quando chegassem os dias em que novamente nada mais me seria exigido. Seria isso possível? Não existiria algum mecanismo de recuperação de ovelhas desgarradas? Eu acabaria sendo retirado à força de meu refúgio e obrigado a seguir com os outros pela velha estrada batida.

Tenho a idade do risco. Se quiser saber se no mundo é possível ser diferente, é esse o exato momento.

Outra dúvida que me ocorre, e que de uma certa maneira mina minhas energias rebeldes é, se acompanhar os obedientes, ou rebelar-se, no fundo não daria no mesmo. O rebelde seria apenas o obediente com algumas escoriações, das quais se orgulharia.

Um homem, ou alguém que como eu está se tornando um, quando contaminado por dúvidas profundas, torna-se vítima fácil do tempo. Sem que perceba as páginas dos calendários vão sendo destacadas e sua escolha acaba sendo feita por omissão e não por ação. De repente quando percebe (na maioria dos casos nem percebe), a coisa aconteceu, foi, está consumada. Então é preciso desaparecer, porque a máquina produtora de destinos continua funcionando e precisa de espaço para os novos iguais que estão chegando.

Ao mesmo tempo em que tenho toda a vida pela frente sinto que já vivi bastante. Sempre prestei muita atenção em tudo, inclusive durante a infância. Isso talvez tenha me feito experimentar mais do que os

dezessete anos que tenho. Quando pequeno reparava em determinadas atitudes dos adultos e notava como pessoas diferentes comportavam-se da mesma maneira. Mas até então eu apenas reparava nesse fato. Com o passar do tempo comecei a me questionar porque aquelas atitudes eram sempre repetidas, e a quem servia existir essa espécie de comportamento padronizado. Ainda não consegui chegar a nenhuma conclusão, mas sei que não existem coincidências, e que se dois homens que não se conhecem comportam-se em muitos aspectos de maneira quase idêntica, é porque há algo que os une. E as forças desse ser invisível são maiores do que a dos dois indivíduos.

Outro dia reparei que não sou só eu quem percebeu esse comportamento padronizado. Alguns jovens da minha idade, percebo através de suas atitudes, que mesmo inconscientemente, tentam não se comportar de maneira padrão. Mas... não sei se esses inconformados não foram crianças que observaram as coisas tão bem quanto eu, mas percebo que para eles o ser diferente permanece na superfície, roupas, gírias.... Acabam não apenas esquecendo-se do fundamental, mas criando um segundo comportamento padronizado. É como um barco que tem um furo no casco e está fazendo água, esses jovens escolhem fazer um segundo furo para que a água possa sair.

Minha atitude é a de olhar o primeiro furo e reparar na quantidade de água que está inundando o barco. Realmente não sei o que fazer, não tenho com o que estancar essa hemorragia. Talvez os anos me ensinam a lacrar as fendas, assumir o leme e conduzir a embarcação para seu porto de destino. Ou então eu aprenda a retirar uma tábua inteira do fundo do barco, para que dessa forma ele afunde mais depressa e eu tenha onde me segurar quando me tornar um naufrago.

Segurando em minha tábua, que não me oferece nada além de uma provisória flutuação, eu seria presa fácil dos raios de sol, dos grandes peixes, da escuridão marinha, da sede, da fome, das águas, que a todo instante tentariam inundar meus pulmões. Eu seria vítima da incerteza. E pressionado por todos os lados, por todos esses fatores, espremido e condicionado ao extremo, condenado a uma liberdade mínima, talvez eu gritasse com o mar, com o firmamento, com os peixes cegos vindos de camadas profundas das águas, talvez eu fizesse uma proposta

para aquele grande conjunto de coisas maiores do que eu. Gritaria ao mundo que aceitaria obedecer suas regras, caso ele me revelasse o sentido e a utilidade de cada uma. E que se algo após a explicação se provasse inútil, seria eliminado do conjunto de normas a que obedecemos sem saber por quê.

Os dezessete anos são uma encruzilhada, ao mesmo tempo em que a vida adulta inteira brilha com suas promessas à nossa frente, recebemos também o brilho desfocado da infância que ficou para trás. Esses são dias perigosos, principalmente para bons observadores como eu, que não se iludem com os brilhos padronizados da vida adulta. Nós corremos o risco de não querer prosseguir naquela direção, e sem poder voltar e alcançar novamente as luzes-surpresa da infância, sermos obrigados a construirmos uma ilha artificial, que seria nossa moradia permanente, ou pelo menos até quando decidíssemos seguir adiante.

Enquanto permanecêssemos nessa ilha, iluminados à distância pelas luzes da infância e da idade adulta, desenvolveríamos nossas próprias maneiras de viver. Não haveria comportamentos pré-estabelecidos pela simples razão de que as ilhas seriam individuais e não haveria de quem copiar comportamentos. Não teríamos a quem imitar e nem a quem deixar de imitar. À noite as luzes distantes refletidas no mar, trariam consigo um pouco de melancolia. As ondas arrastariam até as areias grandes fardos de solidão que deveriam ser carregadas ao redor da ilha. Mas esses imensos pacotes seriam recheados por plumas, e o que aparentemente seria difícil não passaria de mais um desses pequenos pesos que carregáramos sem nos darmos conta.

Mas as areias receberiam outros pesos que deveriam ser carregados, e alguns deles seriam realmente pesados. A dúvida sobre se isolar-se em uma ilha, teria sido a melhor escolha para a vida, ou seria o fardo mais pesado. Esse peso seria composto por uma caixa de alumínio cheia de pó de chumbo. A caixa em si não pesaria nada, o chumbo é que tornaria o conjunto difícil de carregar. Na parte lateral haveria uma abertura sem chave, e conforme o tempo passasse e a pessoa caminhasse, algumas gramas de chumbo iriam caindo no chão, e lentamente aliviando o fardo. Caso a pessoa fosse uma boa observadora poderia, sozinha, logo que descobrisse essa abertura, aliviar-se de todo

o chumbo. Continuará carregando somente a caixa de alumínio, um desses pesos inevitáveis.

Tenho dezessete anos e muita energia, o que me falta é uma direção para empregar essa força. O mundo inteiro está aberto à minha frente, tenho pernas velozes que podem cobrir longas distâncias, mas se não fizer escolhas, mesmo meus músculos juvenis fraquejarão diante da quantidade de caminhos que se apresentam ao meu redor. Se minhas pernas não veem a hora de escolher uma direção e iniciar uma caminhada, dentro de mim o movimento é inverso, evito ação procurando conservar tudo imóvel. Não sei o que fazer, então espero que o tempo anestesia a dor de minhas mudanças internas.

Meu corpo me puxa numa direção e minha mente para outra. Sou refém de mim mesmo, e nessa condição estranha onde sinto dezessete tipos de inseguranças, me pergunto o que sei que não terei respostas: será que vale a pena existir? Não imprimo junto a essa pergunta nenhuma tendência suicida. Acho que nasci e irei até o final, por curiosidade. Não possuo nenhuma crença em vidas futuras, reencarnação e todo o resto, minha curiosidade se refere ao crescimento, à maturidade e ao envelhecimento. Quero saber se me modificarei internamente com o passar do tempo, se haverá alguma evolução, ou então se serei exatamente a mesma pessoa de hoje que vestirá um corpo envelhecido e terá apenas um pouco da esperteza acumulada pelos anos. Esclarecido que sou uma pessoa muito curiosa e que por essa razão torna-se impossível suicidar-me, volto a questão: vale a pena existir?

Quais seriam os argumentos favoráveis à existência? Em sua maioria são baseados naquele conjunto de normas às quais ninguém questiona e todos obedecem. Argumentos contra os quais também não consegui chegar a nenhuma conclusão, mas onde pelo menos tomei consciência de que poderia haver um caminho alternativo a eles. E o que diriam aqueles que afirmam não valer a pena a existência: falam das dores do mundo, do choro da criança quando nasce, das guerras, do sofrimento causado pelas doenças, das inevitáveis perdas da vida.

Para mim tanto os argumentos pró quanto os contra me parecem muito fracos. É claro que deve haver justificativas mais sólidas que desconheço. Já achei a vida uma dádiva luminosa e uma porcaria sórdida,

e às vezes atravessei essas fronteiras num espaço de poucas horas, movido por circunstâncias sem importância.

Nesses últimos dias refleti muito sobre a existência. Consegui chegar a uma conclusão: a pergunta em si não tem sentido. Isso porque caso existir valha a pena, já existimos, e nada mudará. Caso não valha, não há nada que possamos fazer para corrigir isso.

Talvez pessoas da minha idade devessem se esquecer (e é o que a maioria realmente faz), dessas dúvidas sem resposta e procurar suporte nas pequenas certezas do cotidiano. A coisa toda pode ser extremamente simples e sou eu quem está complicando o que é evidente. Eu e minhas dúvidas. No fundo isso talvez seja apenas um desejo egoísta de ser diferente “olhem lá, lá vem ele, aquele que duvida de tudo”, o que não me tornaria muito diferente daqueles que se julgam alternativos por usarem roupas exóticas.

OUTONO

Nesses últimos meses acho que me encaminhei numa direção. Não sei se é definitiva, muito provavelmente não. Tudo muda tanto, que talvez no próximo inverno eu possa rir dessas palavras que para mim hoje tem aparência de perenidade.

Optei por um caminho intermediário, que acho que encaixa-se perfeitamente com minha visão de mundo e personalidade. Não creio que a vida valha a pena, mas também descreio do oposto disso. Para mim, já que nasci, o negócio é ir tocando da maneira mais serena possível. Não acreditando nem descrendo completamente de nada. Aceitando o que for inevitável, e discretamente procurando desviar aquilo que requeira de mim uma entrega completa. Serei aquele que conscientemente se furta aos grandes desafios, procurando evitar igualmente as grandes perdas e ganhos.

Não haverá em minha atitude um pingo de medo, apesar de aparentemente ela ser construída só disso. O material de que será feita minha escolha chama-se renúncia. Renuncio àquilo em que não acredito, não serei daqueles que apedrejam vitrines e que depois vão comprar

nas mesmas lojas. Serei daqueles que ignoram lojas.

Não desenvolverei relações pessoais profundas, não ambicionarei sucesso profissional, não encararei a vida como uma competição. Se dissesse que para mim a vida é uma espera, não estaria longe da verdade. Mas é certo também, que uma definição como essa é um pouco simplória. Porque essa espera deverá incluir observação, sou alguém que enquanto aguarda deseja reparar em todos os detalhes. Como um ser intermediário que nem muito sofrerá nem muito gozará, precisarei sorrir de vez em quando. Mas de onde extrairéi meus sorrisos? De minhas observações, é claro. A ironia transformará em riso aquilo que vi, e de que escolhi não participar.

O mundo não foi construído para pessoas sem expectativas, pelo que vi até agora, ele funciona movido pela possibilidade de melhoria individual. O fracasso (grande resultado desse esforço), serve para reiniciar um ciclo, onde o indivíduo novamente tentará obter o sucesso. Nas poucas vezes em que se obtém sucesso, o homem passa a relativizá-lo em comparação com outros, e comparativamente acaba reclassificando seu êxito primeiro como “sucesso relativo” depois como “obrigação bem cumprida”, e finalmente como “algo tão sem importância, que tanto faz”. Sucesso e fracasso passam a ser duas faces da mesma moeda, e essa é a mola que impulsiona o mundo.

Se corto a mola-expectativa, então será necessária a criação de um outro tipo de sociedade. Mas não quero com minha atitude criar nem destruir nada. Não sou um reformista, e não estou tomando a posição que tomei por ninguém, a não ser por mim mesmo. Na verdade nem por mim mesmo, a neutralidade não é uma posição individualista, é a posição de quem não julga importante as individualidades, além de não conceder importância a todo o resto.

Sigo raciocinando... pois ainda não consegui concluir meu projeto de vida, e conforme coloco as palavras no papel vou assentando os tijolos do edifício que será minha vida... segundo o que estou descobrindo será a ironia o cimento que me manterá em pé. Para mim será fundamental que as coisas em que não acredito continuem existindo, só assim minha ironia conseguirá se alimentar. Acabo reparando que o grande esqueleto apenas foi maquiado, êxito e malogro se alimentando,

e uma ironia que não vive sem aquilo que rejeita. Sem mudanças, apenas roupas novas para se sentir diferente. Chega a ser irônico. Mereceria uma risada.

Enquanto escrevo essas palavras vou imaginando as folhas desse caderno amareladas, o tempo dissolvendo o pouco sentido que tem aquilo que escrevi... os dedos suaves de uma bela moça passeando por minha nuca podem ser motivo suficiente para que eu mesmo nem permita que essas folhas cheguem a amarelar e as rasgue.

O barco parece que chacoalha de um lado para outro e eu estou enjoado. Os dias estão cinzentos, a vida de meios-tons parece que vai perdendo suas cores. Estou triste sem ter motivos concretos para isso. Que grande teoria furada essa do meio-termo e da falta de emoções. Onde se encaixa nela a tristeza que sinto? E a felicidade que almejo? Já faz tempo que algo de bom não acontece em minha vida e não vejo muitas perspectivas. Talvez minha condição seja passar pela vida como alguém que atravessa um oceano num pequeno barco e não consiga acostumar-se com o balanço do mar. Serei eu o homem enjoado? Será que essa condição não desaparecerá quando sumirem as espinhas que cobrem meu rosto? Ou então o passar dos anos apenas me tornará alguém que enjoa, mas que se acostumou com isso?

Meu avô viveu até os oitenta e sete anos, isso significa que se eu viver o mesmo ainda me restam setenta anos de vida, é muita coisa. Imagino se minha condição psicológica permanecer inalterada, o que me aguarda é meu estado de ânimo atual acrescido aos problemas da vida adulta e às doenças e fraquezas da velhice. Nesse caso não sei se apenas a ironia seria suficiente para me fazer suportar mais todo esse tempo. É claro que não estou considerando nessa equação as coisas boas que acontecem pelo caminho, mesmo que sejam passageiras e superficiais, elas são tão inevitáveis quanto as más. São as tábuas boiando que aparecerão para que eu possa me segurar e por alguns momentos sentir-me protegido e aliviado.

Como em uma grande gangorra minhas ideias e crenças vão e vem, tentando lançar suas raízes sobre essas folhas de papel... vivemos em um mundo absolutamente neutro, onde para cada ato bondoso existe um outro, oposto, que acaba anulando-o. Para cada força negativa existe uma outra positiva e de mesma intensidade que acaba zerando as somas. Portanto, o homem neutro que sonhei ser, seria aquele que mais próximo estaria da realidade, a neutralidade seria o que de mais parecido existiria com a natureza.

Vivemos em uma gangorra energética, ambicionamos estados positivos, mas esquecemos que para cada um deles existe a mesma quantidade de negatividade (a força da qual fugimos e que frequentemente fingimos não existir). Por isso nosso mundo vive em curto-circuito. Por isso nosso mundo é inviável.

Talvez, nesse mesmo instante em que decido me tornar um homem neutro, muitas outras pessoas em diversas partes do mundo estejam fazendo o mesmo. Rabiscando seus pensamentos e chegando a conclusões parecidas. Talvez um exército de homens neutros esteja sendo formado, um exército anônimo que nem ao menos sabe que existem outras pessoas que compartilham suas causas. E esse batalhão individualista um dia deixará de lado suas canetas e devaneios, e sem ter a intenção disso, acabará construindo o novo mundo.

Mas num hipotético mundo onde todos fossem neutros, de onde viria a ironia dos sorrisos? De lugar algum, nesse mundo não haveria lugar para ironia. Esse mundo não teria sorrisos. Mas eles não fariam falta. As energias encontrariam seus encaixes e a humanidade prosseguiria sem que houvesse a necessidade de se mostrar os dentes ao próximo. Um longo caminho de equilíbrio... até que ele (como todo o resto) acabasse, e novamente as energias fossem postas em liberdade.

A medida que coloco as ideias no papel vou me sentindo mais sereno. Não sei se é pelo fato de estar produzindo algo, ou por estar tentando, mesmo que de forma insipiente, me aproximar de alguma coisa muito maior do que eu. Talvez as individualidades se sintam mais tranquilas justamente quando tendem a serem menos elas mesmas.

INVERNO

Tenho de escolher uma profissão... faculdade... um futuro. Examinando todas as opções possíveis não me sinto atraído por nenhuma. É claro que algumas me causam repulsa maior, como a medicina e o direito. Outras até são aceitáveis caso eu leve adiante meu plano de me tornar um homem neutro. A coisa toda é construída de uma maneira, que cada um exercendo a profissão para qual estudou contribua com sua parte para a sociedade. Mas eu não quero contribuir com ela, também não quero ser contra. Eu simplesmente não quero nada. De qualquer maneira vai chegar um dia em que terei de me sustentar, não precisarei ganhar muito, pois um homem neutro pouco consumirá, só o necessário para a subsistência. Não porque acredite em alguma causa, nem para me solidarizar com as pessoas que passam fome, consumirei pouco simplesmente porque não me interessa por nada.

Dentre todas as profissões de nível superior, a que me parece mais adequada a uma pessoa como eu é a de contador. Pode-se trabalhar em casa preenchendo formulários, talvez uma dúzia de clientes seja suficiente para meu sustento. Eu alugaria um pequeno apartamento onde montaria uma pasta para cada cliente, poderia trabalhar de madrugada e dormir até o meio-dia. Os contadores talvez sejam uma confraria secreta de homens neutros, só depois de diplomados é que lhes seria revelado o grande segredo. A partir daí alguns pulariam para fora, e outros, a grande maioria, acabaria aceitando seu destino.

Mas por que devo escolher uma profissão de nível superior? Entre as profissões mais simples talvez haja mais opções para uma pessoa como eu. Vigia noturno por exemplo, uma cabine, um rádio (talvez até nem precise de um), muito tempo disponível para não fazer nada. Porteiro de prédio, uma cadeira, um uniforme, um sorriso plastificado, algumas palavras vazias, o tempo, o time “quer que ajude com as compras?”, bastante material formador de ironias.

Em alguns casos o próprio prédio fornece moradia. Acho que porteiro é a profissão que mais se encaixa em meu perfil. Vai ser um choque para minha família, que sonha em me ver formado, trabalhando, cheio

de sucesso, cheio de... vou ter de destruir esse sonho. Mas não quero criar caso, se conseguir entrar na universidade abandono no mesmo dia e finjo continuar frequentando. Aquilo não me interessa, quero só o meu canto, uma mesa com gavetas e um grande relógio de parede na minha frente.

O que me preocupa é o fato de eu nunca ter visto porteiros de prédio da minha idade, há alguns na faixa dos trinta anos, mas a maioria tem mais de cinquenta. Talvez as pessoas de dezessete anos não inspirem confiança. Acho que os moradores preferem que um senhor de cinquenta anos vele por seus sonhos enquanto escuta rádio baixinho. Imagino um morador insone que as três da manhã se levanta para dar uma caminhada pela rua e encontra um rapaz da minha idade uniformizado e olhando fixamente para o grande relógio de parede, não creio que quando voltar terá sonhos tranquilos.

Mas o homem-neutro é aquele que, sobretudo, não se decepciona quando o que deseja não acontece. Portanto, poderia deixar a profissão de porteiro como uma carta escondida na manga para quando eu fosse mais velho. Por enquanto vou descobrindo alguns empregos onde possa ter alguma remuneração e manter a liberdade de observação. Talvez serviço bancário, auxiliar administrativo, um jovem que começa de baixo e que pode chegar a presidente do banco... quanto material para risadas. Só que nesse caso o jovem preferirá envelhecer como auxiliar administrativo, ou pelo menos trabalhar nessa função até ter idade suficiente para ser aceito como porteiro de prédios.

Desconfio que grandes empresas tentem detectar entre seus quadros, jovens empregados que desejam apenas acomodar-se e mais nada. A caça corporativa ao homem neutro. Não sei, talvez não exista isso, homens-neutros bem treinados, por serem completamente desprovidos de ambição, podem ser excelentes funcionários para determinadas funções. Eles não reclamam, não exigem altos salários, não invejam, não são corruptos. Somos a mão de obra do futuro. Mas peço a vocês empregadores, que eventualmente lerem essas palavras, após descobrirem que um determinado funcionário é um homem-neutro, e que cumpre muito bem com suas obrigações, por favor, não os gratifiquem nem os promovam. Se quiserem fazer-lhes algum bem, simplesmente

os mantenham na exata mesma função que ocupam e ganhando o mesmo salário de sempre. Podem tratá-los com respeito, mas nunca ultrapassem essa barreira, não transformem esse respeito em simpatia e muito menos em amizade.

Dessa forma eles te servirão com obediência canina. Outra coisa importante, jamais comentem com eles ou com quem quer que seja, sobre essa escolha que fizeram. Qualquer comentário ou insinuação poderá pôr tudo a perder, e vocês perderão bons funcionários que poderiam acompanhá-los por longos anos.

Mas além do trabalho há outras questões importantes que precisam ser resolvidas para que eu atinja meus objetivos. O que fazer com os amigos? E com a família? Se eu simplesmente os rejeitar estarei tomando uma atitude contrária ao meu ideário. Preciso desgastá-los e lentamente ir rompendo cada fibra de sisal que compõe o vínculo que nos une. Até que eu me torne uma figura distante, uma lembrança desbotada. O vínculo com a escola acaba tornando isso um pouco mais difícil, porque queira ou não sempre há alguma troca pessoal.

Mas pelo que me lembro, desde os primeiros anos escolares sempre havia algum aluno desajustado, que pouco se comunicava com os outros e por vezes era ridicularizado por seus colegas. Essas crianças poderiam ser potenciais homens-neutros, que por falta de experiência se fecharam em seus mundos, mas não conseguiam fingir que participavam deste. E o que acabava acontecendo era que, para não sofrerem, usavam todas suas energias para se integrarem no mundo que as rodeava, contrariando seus instintos e sepultando suas verdadeiras vocações.

Como professor eu talvez pudesse, além de nada mudar, pois seria mais um repetidor de conteúdo alienado, proteger de alguma forma esses alunos-neutros. Não, na verdade não poderia. Caso fizesse isso eu estaria trabalhando em favor de uma causa e abandonando minha neutralidade.

Outra questão importante que ainda não sei como equacionar: aos dezessete anos ainda sou virgem. O que farei? Continuarei assim até morrer, ou recorrerei à prostituição como forma de alívio físico? Difícil de responder, o certo é que um homem como ambicioso ser não poderá ter qualquer espécie de relacionamento, nem convencional nem alternativo. É claro que também deve haver mulheres

neutras, mas não se constroi uma casa apenas com pregos.

Meus instintos lutam contra meu intelecto e abrem clareiras de dúvidas em minhas certezas. Estou jogando minha vida fora, e começo pela melhor parte dela. O arrependimento será amargo e após algum tempo o caminho que escolhi será irreversível. Então eu olho pela janela e vejo que por todos os lados possíveis estou cercado por aquilo a que não quero pertencer. E que lutar diretamente contra o que se despreza acaba sendo uma maneira sutil de também fazer parte daquilo que se combate. E que na verdade o que sinto pelo que me rodeia, mais do que desprezo, é indiferença.

Os suicidas são combatentes que perderam a batalha, qualquer que tenha sido ela. Os neutros, além de nunca se matarem, provavelmente viverão longas vidas, pois nunca terão grandes preocupações, não cometerão grandes excessos, terão cotidianos regrados e simétricos. A solidão também não os afetará de maneira tão contundente quanto ataca aqueles que da vida esperam recompensas.

Como nunca terei filhos, nenhum relacionamento amoroso, não trabalharei muito, não terei vida social e provavelmente viverei uma vida longa, vejo que me sobrá muito tempo livre, somando-se, talvez sobrem algumas décadas onde não terei absolutamente nada para fazer. Sei que isso, ao contrário do que inicialmente possa parecer, pode ser algo bem difícil, talvez seja nessa imensa quantidade de tempo vazio que revele-se o heroísmo do homem-neutro. Não porque ele tentará preencher esse vazio com passatempos, mas porque o encarará de frente, e deixará com que o peso do nada vergue seus ombros e seja suportado por sua coluna.

Vejo-me com cinquenta e cinco anos sentado em uma poltrona e tendo quatro ou cinco longas horas pela frente, trezentos minutos vazios. Onde pensamentos sem importância se alternarão em minha mente e tudo será envolvido por uma bruma que tornará os contornos das ideias imprecisos. Essa será apenas uma das milhares de tardes que passarei dessa forma. Criarei para mim mesmo esse nevoeiro anestésico, que aos poucos também se espalhará pelas outras horas do dia. Dessa forma cada ato meu estará contaminado por essa torrente de indiferença. Não importará o que eu estiver fazendo, com cada movimento

meu estarei dizendo que aquele ato poderia não estar sendo realizado, que nada mudaria...

Como já disse, escrevo essas páginas para poder fixar e desenvolver minhas ideias. Não é intenção minha que sejam lidas por ninguém, mas também não me importaria que fossem. Nesse caso, sei bem que reação o que escrevi traria aos eventuais leitores. Achariam tudo o que disse profundamente triste, argumentariam que uma vida vivida dessa maneira não teria sentido algum. Que para que a vida valha a pena são necessários marcos, realizações, legados.

Essa vida que escolhi não é de maneira nenhuma triste. O fato de não ser feliz não a torna imediatamente triste. E quem consegue me provar que a maneira convencional de viver conduz à felicidade? Acho que o caminho que escolhi possui tanto sentido quanto o caminho tradicional e até, talvez, seja uma maneira mais pura e verdadeira de se viver, pois nesse caso o que viverei será a vida, simplesmente. Não precisarei conceder aos marcos e conquistas o eventual valor que a vida venha a ter. Viverei da maneira que escolhi, serei mais independente, terei menos amarras e acreditarei menos nas coisas. Com os julgamentos me importarei tanto quanto com todo o resto.

VERÃO

Outro dia revirando meus papéis acabei dando de cara com esse caderno. E a primeira conclusão foi óbvia: como o tempo passa depressa. Cinco anos parece que se derreteram sem que eu percebesse. A essa primeira conclusão adicionei outra, nesse tempo que desaparece sem que percebamos, ocorrem grandes mudanças. A pessoa que escreveu aquelas palavras evaporou-se junto com o tempo. Ambos fundiram-se levando embora crenças que hoje para mim parecem distantes. Mas não posso dizer que não compreenda a essência daquelas ideias, e até que não concorde com algumas coisas.

Só que, escolher aos dezessete anos um método de vida, que deveria ser seguido da juventude até o último suspiro de vida, me parece

algo bastante inocente. Eu esqueci, ou até poderia dizer ele, aquela pessoa derretida que escreveu aquelas palavras, esqueceu de considerar a grande variável da vida: a mudança. Em sua equação perfeita não estavam compreendidas a criação e a destruição cotidianas, naquele método de viver o tempo era plano, sequencial e regular. Eu, ou ele, também não contávamos com a imensa rede de relações humanas e suas infinitas possibilidades de consequências. E principalmente, eu ou ele fomos ingênuos a ponto de acreditar que poderia existir a real neutralidade. Não percebemos que qualquer atividade possível, até a mais passiva, estará invariavelmente repleta de seu oposto, e será sim uma tomada afirmativa de posição.

Hoje tenho vinte e dois anos, e após relatar no que mudei vou dizer no que permaneço igual. Continuo sentindo que não pertencço e que não devo obedecer ao caminho que artificialmente me é imposto como natural. Na verdade esses últimos cinco anos só fizeram reforçar esse desejo. Continuo concordando que afrontar de maneira violenta essas imposições é uma grande burrice, que acaba reforçando aquilo que é combatido. Percebi que se eu apenas realizar aquilo em que acredito, de maneira serena, sem me preocupar com resultados imediatos, já estarei, de certa forma, fazendo o que deve ser feito. Existem no mundo alguns observadores secretos, olhos mudos que percebem rapidamente quando alguém está nadando contra a maré. Esses homens escondidos, logo em seguida percebem que muitos outros braços copiam os que não decidiram seguir o caminho fácil das ondas. Não se sabe se esse serviço secreto além de observar, também escolhe quem deverá nadar no sentido oposto. O fato é que tudo ocorre de maneira tão misteriosa, que às vezes a pessoa que vai te imitar mora do outro lado do mundo, ou então nascerá apenas cem anos após sua morte.

Agora volto às mudanças, não pretendo mais chegar aos cinquenta e cinco anos olhando durante cinco horas consecutivas para uma parede branca. Decidi-me pela ação, uma ação individual e com a menor quantidade possível de vínculos com aquilo em que não acredito. Mas decidi não mais rejeitar o vínculo com as pessoas. Não cursei faculdade, mas também não me tornei porteiro de prédios como sonhava. Descobri-me artesão, talvez algum dia me torne artista, mas por

enquanto tenho de reconhecer que os entalhes de madeira que faço e vendo até com relativa facilidade, não são arte.

De qualquer forma consigo extrair desse ofício uma renda razoável para sustentar-me. Há um ano saí da casa de meus pais e vivo em um pequeno apartamento alugado. Não pago impostos, trabalho quando quero, descobri uma ocupação que corre paralela à velha estrada batida. Mas para ser honesto, sinto-me tão desconfortável quanto quando tinha dezessete anos. Se algumas questões foram resolvidas, muitas outras apareceram, e parece que as novas são muito mais complexas. Aos dezessete anos criei um sistema de viver que em teoria respondia a todas minhas dúvidas existenciais. Hoje não teria mais como fazer isso, mesmo se ainda acreditasse em sistemas perfeitos. As variáveis são tantas, que simplesmente não saberia por onde começar.

Por exemplo, como devo me comportar em relação a pessoas de quem gosto, mas que pensam completamente diferente de mim? Deveria tentar convencê-las de meus pontos de vista? Deveria escutar os seus para procurar flexibilizar os meus? Ou deveria ser frio, cortar os laços e procurar relações somente com pessoas parecidas comigo? Poderia ainda continuar convivendo com elas e mantendo relações superficiais, iria até onde as ideias de cada um não atrapalhassem a convivência.

Vejam quantas possibilidades existem no que se refere a apenas um assunto. Mas essas bifurcações se espalham por todos os lados, e se caminho numa direção que me parece alternativa ao grande percurso comum, para ser sincero nem sei mais se a qualquer momento, sem que eu nem mesmo perceba, esse atalho que peguei não me levará novamente para a grande estrada que procurei evitar.

Tão pouca certeza tenho de onde piso que nunca me arriscaria a ser guia de ninguém. Em algumas ocasiões percebi que pessoas de meu convívio queriam respostas que achavam que eu poderia dar. Orgulho-me de ter escapado sem nada dizer. O que escrevo nessas páginas são apenas impressões despreziosas da vida.

Não desejo sublinhar minha figura colocando-me no centro do universo. Mas às vezes é preciso um ponto de referência vivo. Preciso usar o exemplo de um homem para falar do que talvez muitos sintam.

Então falo daquele que melhor conheço, eu mesmo. Isso não significa que esse conhecimento seja profundo.

Aos dezessete anos era virgem e hoje não sou mais. Tenho uma namorada com quem mantenho relações há mais de um ano. Vou tentar transmitir algumas impressões disso tudo:

O desejo físico aos poucos foi se tornando quase insuportável, os hormônios fervilhantes acabaram me conduzindo a uma situação onde acabei fazendo sexo. De um lado o desejo me empurrava, de outro o receio me retraía. Tinha o medo natural do desconhecido acrescido de outro bem mais concreto. Como nunca operei a fimose, precisava tomar cuidado para não forçar demais aquela pele e acabar no meio de uma poça de sangue. Hoje em dia com a prática a coisa é fácil, mas naquela época precisei de muita paciência e cuidado por parte de minha parceira. De quem não posso reclamar. Três anos mais velha do que eu ela me conduziu docemente para o reino dos homens. O instinto havia vencido o medo e lembro-me que minha figura nunca havia enchido o espelho com tanta vida. Tornei-me, pelo menos por algumas semanas, um poço de autoconfiança.

O tempo passou, a prática veio, conheci outras mulheres, a vida foi acontecendo ao meu redor, comecei a perceber como todas as coisas se encaixavam, como nada era isolado. O sexo não deixava de ser mais um item da vida cotidiana. Percebi que mesmo não me relacionando com prostitutas, havia um preço a ser pago pelas relações, um preço social. Primeiro era exigido de mim que eu me relacionasse apenas com uma pessoa. Todos meus desejos naturais deveriam ser reprimidos, ou pelo menos deveria fingir que os reprimia

Confesso que por mais que me esforçasse até hoje não consegui entender qual o sentido dessa exigência. E olhem que escutei pacientemente a todo tipo de explicação. Num segundo momento fui submetido a todos os tipos de acusações, e até, por algum tempo, cheguei perto de acreditar serem verdadeiras. Recuperado dessa fraqueza, continuo até hoje sem entender o real motivo dessa exigência.

Outra parte, e talvez a mais cara do preço que somos forçados a pagar pelo sexo, é a necessidade de criação de um vínculo afetivo. Somos

conduzidos a amar a pessoa com quem nos relacionamos. Mas nesse caso a coisa é ainda mais confusa e sem explicação. Primeiramente o verbo “amar” acaba sendo usado em lugar errado. O que é cobrado, no fundo, é uma posse, muito mais adequado seria o verbo “possuir”, que às vezes é utilizado com uma conotação mais relacionada ao ato sexual em si. O que me parece é que uma mentira repetida muitas vezes torna-se verdade, e o amor é colocado lá como uma justificativa muito mais nobre, apesar de mentirosa, para a relação entre dois seres humanos.

Não duvido que possa existir amor entre duas pessoas que se relacionam sexualmente, como também entre duas pessoas que apenas dividem durante anos uma quadra de bocha aos domingos. Mas esse amor não surge “a priori”, ao contrário, ele é consequência de um vínculo que vai se formando aos poucos. A velocidade de formação é variável, mas o processo é sempre gradual. Outra dúvida para a qual nunca obtive respostas: para mim a maior definição de amor é “querer bem ao outro sem esperar nada em troca”, como posso aplicar essa definição à clássica relação amorosa, se o outro quer em primeiro lugar que seu amor seja retribuído?

Se nos repetem diariamente que “A banana é uma fruta vermelha responsável pela queda de Adão”, então moldamos nosso comportamento a partir desse conceito. O mesmo acontece com o “amor”, não somente a palavra, mas também o sentimento. Se amor é posse, somos induzidos a encontrar o “nosso” amor, que deve ser individual, e que não pode se espalhar pelo mundo. Muita gente diz que o mundo só melhorará quando o amor vencer as barreiras que o canalizam e inundar nosso planeta. É claro que existe muito amor verdadeiro espalhado por aí, então talvez o problema do mundo seja semântico. Se chamamos de banana o que na verdade é maçã, mesmo que rompamos as barreiras que separam o que deveria se unir, as fronteiras permanecerão intactas, pois o azeite não se misturará com a água.

O primeiro passo para a evolução humana passaria pela atribuição de um sentido verdadeiro a uma única palavra. Se decidirmos manter as chamadas relações afetivas do jeito que são, precisaremos urgentemente não mais usar o verbo amar e todas suas conjugações como cimento e justificativas para essas relações.

Duas dúvidas que me ocorrem: quem sempre viveu dentro desse modelo mentiroso do amor-posses, poderá aos poucos passar a amar verdadeiramente o parceiro, ou uma vez estabelecido o formato dessa relação, só o que aumentaria seria o sentimento de posse?

Como funcionaria na prática uma relação baseada no amor generoso, onde a posse sobre a outra pessoa não existisse?

Coisas que não sei responder, dúvidas que se apresentam, caminhos que se abrem e que às vezes me fazem mais perdido do que quando tinha dezessete anos. Posso dizer que minhas experiências com relacionamentos sempre terminaram da mesma maneira. Na verdade parece que essas várias mulheres foram apenas uma só, de tão parecidas que foram as relações. Depois de distribuído o manual de regras, vinham as cobranças e em seguida as acusações de imaturidade. Nunca retruquei essas acusações, pois afinal é perfeitamente normal alguém da minha idade ser imaturo. Mas essa maturidade que elas me cobravam, era na verdade a recusa de tudo em que acredito e a aceitação de tudo que recuso. E mesmo quando eu tiver uma idade em que se tornará vergonhoso ser acusado de imaturo, prevejo que as mesmas coisas que me acontecem hoje continuarão acontecendo.

Mas para ser bem sincero isso não é algo que me incomode muito. E para ser ainda mais sincero, aqui confesso minha desonestidade e incoerência. Eu que percebi que é mesquinaria o que nas relações conjugais chama-se de amor. Eu que desejei que um amor desapego criasse um novo paradigma de relacionamentos. Eu, essa pessoa generosa que chegou a sonhar que esse amor verdadeiro se espalhasse por todos os outros aspectos da vida humana, construindo dessa forma um mundo verdadeiramente fraterno... eu continuo conhecendo novas moças que sei previamente como se comportarão, e usufruindo de seus corpos até o instante em que as cobranças tornam-se insuportáveis. Depois disso sigo adiante, escutando novas histórias, conhecendo novos endereços, mas repetindo, apenas repetindo o que não sei se pode ser mudado.

Às vezes, durante o período inicial, um raio de esperança me diz que talvez dessa vez poderia ser diferente, mas logo em seguida as semanas derretem essa ilusão, é a mesma mulher que me acompanha, apenas o disfarce mudou. E, apesar disso não me incomodar, o que

me perturba é a incoerência em que vivo, se minto e finjo, que solidez podem ter os princípios em que acredito? Seria muito mais honesto nunca mais procurar ninguém e preencher essa necessidade física de outra forma, ou então ceder e aceitar o que o mundo quer de mim. Escolher entre os mil disfarces da única mulher, um que me agrada mais, e viver aquilo que todos vivem.

Pior do que ser mentiroso é ser incoerente, pois a honestidade e retidão que exijo das pessoas, eu mesmo não as possuo. É claro que a juventude serve de justificativa parcial para minhas atitudes, mas o problema é que se cria em mim uma brecha “sejamos coerentes e honestos, mas se não der, podemos ser o contrário disso”. Em meu plano de vida que fiz aos dezessete anos não havia incoerências, tudo era simples e reto, não poderia ser acusado de imaturo nem de desonesto. Parece que quanto mais vivo mais as coisas se complicam, e estou apenas começando. Imagino-me com cinquenta anos tendo conhecido todos os disfarces possíveis da mesma mulher e inventando desculpas para mim mesmo, tendo perdido qualquer vínculo com a verdade, e não sendo mesmo capaz de um instante de autocrítica, como nessas poucas palavras que coloco no papel.

Esse eventual homem de meia-idade que posso vir a me tornar viverá num poço de egoísmo e infantilidade, acreditará que será sempre a próxima mulher aquela que o fará feliz. Esse pobre homem que posso vir a ser, mesmo tendo passado toda sua vida sem acreditar que pode existir uma felicidade plena, passará a acreditar no paraíso, e ainda por longos anos, cada vez com menos velocidade, percorrerá o mundo buscando o que só existe em forma de desejo.

Eu ainda tenho tempo de fazer com que esse homem de cinquenta anos não chegue a existir. Por outro lado, o simples fato de ter imaginado sua possível existência, já pode ser um indício de que o construí na imaginação para não materializá-lo na realidade.

Agora chega de falar de mim. Quero escrever sobre as impressões que tive nesses últimos tempos. Impressões sobre as coisas. Talvez a palavra “coisa” seja meio vulgar, mas não consegui encontrar outra que englobasse melhor a totalidade do que existe. Entenda-se portanto, como “coisa” o conjunto de objetos, pessoas, sentimentos, tempos,

sonhos e tudo mais. Falo então, do que nesse mundo meus sentidos experimentaram e meu cérebro sintetizou. Feita essa explicação, vou contar uma frase que outro dia explodiu como uma pipoca em minha mente: “as coisas mais barulhentas são menos perenes”.

Não quero aqui justificá-la nem contradizê-la. Mas quero deixar claro que concordo com ela. Outro dia fui até uma zona rural, sentei-me e comecei a observar o silêncio, o movimento dos passarinhos, o suave balançar dos ramos das árvores. Encostei a orelha no chão e ouvi um zumbido muito sutil, que acho que se não vinha de dentro de mim, parecia algo como o barulho do motor do planeta. Também percebi que esse zumbido existe no ar, e consegui escutá-lo num raro momento de silêncio absoluto. Seria esse o ruído do mundo ou da vida? Uma leve camada auditiva que sutilmente encobre todas as coisas.

Esse zumbido foi interrompido pelo barulho de um homem cavalgando. As patas do cavalo tinham movimento ritmado e o ruído, apesar de abafar o zumbido que escutava, não consegui dissolver meus instantes de meditação. O cavalo passou, alguns passarinhos cantaram e a brisa voltou a mover a vegetação. Escutei todos os sons que agora pareciam combinar, compondo uma obra sonora. Sensação que até então nunca tive.

O dia caía e o sol morria amarelo no horizonte. Concentrei-me na grande bola que espalhava dourados ao seu redor. Nesses instantes me tornei um homem surdo. Nenhum barulho, nem mesmo o ruído da vida seria capaz de destruir aqueles instantes em que eu e o sol matávamos o tempo e nos fundávamos. A noite chegou estrelada e eu permaneci onde estava, o sol morto ainda brilhava dentro de mim, e eu escutava os ruídos escuros, um sapo, uma cigarra, um morcego, a música combinava com o que eu via. Quando olhei para cima e fixei-me naquele azulão sem fim, premiado com tantas pérolas brancas quanto conseguia enxergar, não ouvi mais nada.

À noite tive sonhos diferentes, amplos e cheios de significação, dos quais guardei apenas as sensações.

INVERNO

Tenho observado muito as pessoas, o ritmo das coisas, a vida. Como já faz alguns meses que não ponho nada no papel decidi escrever para não esquecer:

Como artesão acabo tendo tempo de sobra, e uso parte dele para observar, ultimamente tenho fixado minha atenção nas pessoas que reclamam de falta de tempo. Primeiro percebi que é a grande maioria, a maior parte da humanidade parece não conseguir encaixar seus desejos no cotidiano.

Reparei que só é possível sentir falta de tempo, se o subdividimos em pequenas frações e dentro delas inserimos nossas vidas. Logo, esse tempo que nos falta não é o verdadeiro, mas uma ficção inventada pelo homem. Percebi também que se mais tempo fosse dado a essas pessoas, elas então reclamariam de seu excesso. Talvez o homem tema o tempo verdadeiro, e para com ele conviver e tentar compreendê-lo, tenha criado essa noção linear e esquadrinhada com a qual torna-se mais fácil a convivência.

Sem querer fazer juízo de valores, abro aqui um parênteses para falar dos céus eternos, escuros, azuis, amarelados... eles são a única abertura para que possamos tentar (mesmo sem conseguir) compreender o tempo verdadeiro, esse ente misterioso, profundo e silencioso em que estamos mergulhados.

Os céus são nosso caminho. Contemplando um céu infinito colocamos nosso cérebro aberto, pronto para ser preenchido pela idéia do eterno. Não importa se ele transbordará sem conseguir deglutir o que não tem fim. Uma vez molhado esse cérebro modificará seu dono. Os efeitos práticos dessa mudança poderão ser muito variados, solidão, entusiasmo pela mudança, suicídio, desejo de criar uma nova maneira de educar as crianças... mas independente de quais sejam os sintomas e caminhos sentidos pela pessoa, ela estará mudada, e a velha noção de tempo esquadrinhado lhe parecerá minúscula, mesquinha e principalmente algo sem o menor sentido.

Fechado esse parênteses aproveito para abrir outro. Talvez seja o

tempo-mentiroso a origem primeira de todas as outras mentiras. Não conseguindo compreender o eterno, inventamos um tempo dentro do qual conseguimos encaixar nossas vidas, pelo menos aquelas que se negam a serem molhadas pela eternidade. Após esse encaixe brota uma semente que traz em suas entranhas uma repetição de padrões, crescida a árvore, os galhos dela representam o comportamento social hipócrita, a falta de ética, o egoísmo, o sexo reprimido e mentiroso. E pronto, eis nossa sociedade. E o antídoto para tudo isso estaria sempre muito perto da gente, levantar a cabeça e olhar para o céu sem fim.

Fechado mais esse parênteses me ocorreu que daqui a muitos anos, se eu reler essas palavras talvez as ache ingênuas. Provavelmente acontecerá isso, mas mesmo suspeitando de por quais aberturas entrará a substância que tornará meu texto ingênuo, decido que não me esforçarei para vedá-las. Escrevo com meus vinte e dois anos, e pior do que um texto ingênuo mas autêntico, é outro falsamente maduro.

Continuando com meus raciocínios: nos últimos dois dias tenho prestado bastante atenção no trabalho das pessoas. E cheguei à conclusão de que o trabalho, assim como as normas sociais, sofrem de um mesmo mal: a completa falta de sentido. O ser humano é forçado a exaurir as melhores horas de seus melhores anos em tarefas que na grande maioria dos casos são repetitivas, chatas e vazias. Esgota-se o homem criando-se objetivos que justifiquem esse esvaziamento. Hombridade, caráter e honestidade são valores que, sem nenhuma justificativa concreta, são associados ao trabalho. E esse trabalho mentiroso jamais poderia existir sem o tempo mentiroso.

Trabalhamos para... essa é a questão, ninguém se pergunta por que realmente se trabalha, é claro, a resposta mais evidente é para comer, para ter conforto e para sustentar a família... mas não poderiam existir outras formas de se fazer o mesmo? De uma certa maneira eu consegui escapar um pouco desse círculo vicioso, digo “um pouco” porque se não tenho rotina rígida, continuo tendo de produzir um determinado número de peças para poder “sobreviver”. É tão ridículo ter de “sobreviver”. Se nascemos devemos viver, se apenas sobrevivemos parte de nossas vidas está sendo desviada para algum lugar. Acho impressionante como um fato de tamanha importância e tão evidente é completamente ignorado pelas pessoas.

Eu percebo a situação, entretanto estou longe de chegar a uma solução. Conheço alguns falsos caminhos, aqueles que dividem os homens entre opressores e oprimidos e simplificaradamente atribuem culpas ao primeiro grupo e afirmam que quando o segundo grupo ocupar o lugar do primeiro, não se comportará como seus antecessores. Eles creem numa espécie de ética atávica dos oprimidos, uma solidariedade que (nunca conseguem explicar por que), existe em apenas uma parte da população. É evidente que isso é uma grande imbecilidade, e discutindo essas bobagens sem sentido acabamos nos esquecendo do principal: qual o sentido de entregarmos nossos melhores anos e maiores esforços para algo que não queremos, que não é natural, e que não há nenhuma razão lógica que justifique?

Não tenho resposta para essa questão, tenho algumas pistas de como seria um caminho alternativo... talvez o trabalho devesse ser integrado ao dia-a-dia, acontecesse em períodos curtos e fizesse parte de todos os outros aspectos da vida, haveria trabalho-sexo, trabalho-brincadeira, trabalho-tristeza, trabalho-poesia... não sei, é difícil imaginar o lado prático dessa idéia. São apenas devaneios... é duro saber que algo está errado, falar para todos desse erro, e quando alguns te ouvem e te perguntam “o que fazemos então?”, você não sabe o que responder.

Às vezes me pergunto de que vale então saber que essas coisas não fazem sentido, se acabo não podendo fazer nada para modificá-las? Chego a pensar que talvez seja melhor ser como todos os outros que não questionam o destino das coisas... ou então retomar meu projeto de descrença.

Enquanto isso a vida segue. Mas não quero posar aqui de modesto, sei que quando me olho no espelho o que vejo de mais bonito é o brilho que as dúvidas que tenho cristalizam em meus olhos. Outro dia, enquanto contemplava essa beleza que sei possuir, fiquei pensando se esse brilho não teria origens dúbias. Por certo as dúvidas que possuo seriam responsáveis por parte da luz, mas outra parte teria origem justamente na luz que não consigo enxergar. Meus olhos teriam parte da beleza dos olhos de um homem cego. O fato de eu não conseguir enxergar caminhos viáveis para o ser humano, esse fracasso existencial que parece estar calcificado dentro de mim, essa melancolia aceita, talvez seja o que possuo de mais sublime.

Essas são suspeitas de quem está longe de um autoconhecimento, mas caso se provem verdadeiras, gostaria de descobrir uma maneira de espalhar essa riqueza que possuo.

VERÃO

Mês passado, quando completei vinte e três anos, tive uma idéia curiosa. Imaginei um “relógio da vida”, onde os anos seriam reduzidos a vinte e quatro horas, ou então a doze, para que toda a vida estivesse contida em apenas uma volta completa dos ponteiros. Então se estipularia a duração da vida, digamos que oitenta anos equivaleriam às doze horas. Dessa maneira poderíamos, olhando periodicamente para o relógio, localizarmo-nos dentro do grande dia, saberíamos se já não estaria na hora de tomarmos determinadas atitudes, ou então o contrário, se ainda poderíamos esperar mais um pouco para algumas escolhas.

A luminosidade desse imenso dia também poderia influenciar em algumas decisões, que precisariam da pura luz da manhã. Outras atitudes deveriam ser tomadas somente quando as luzes douradas se espalhassem pelo horizonte da vida indicando que a noite estava chegando. Esse eventual relógio facilitaria as escolhas, diminuiria as incertezas e colocaria a matemática no lugar que hoje é ocupado pela dúvida. É claro que essa máquina não responderia às grandes questões da vida, mas seria um instrumento útil para que o homem se posicionasse melhor dentro do tempo que tem disponível. E a partir desse conforto, pudesse tentar esclarecer o que até hoje é mistério.

Essa minha criação também diminuiria o medo da morte, talvez até o zerasse, pois se sabendo desde cedo o exato momento em que ela ocorreria, não haveria motivos para inquietação. Pois o que tortura a paciência e faz nascer o medo, é o fato de o exato instante sempre permanecer um mistério. Somos todos vendados e temos um atirador de flechas posicionado há poucos centímetros de nós, ele mira nosso coração. Esse atirador a cada instante nos diz quando irá disparar a flecha. Mas tudo que disser, com exceção de uma única vez, será mentira. Com o relógio desapareceria o arqueiro e o medo.

Mesmo que essa criação não exista e nunca venha a existir, eu poderia pelo menos, baseando-me em sua idéia geral, extrair daí alguma utilidade.

Vinte e três anos ainda é manhã, as luzes ganhando corpo estão longe de seu auge. Talvez, quando o sol estiver a pino e iluminar os cantos que hoje estão sombreados, eu possa dissolver parte das dúvidas que tenho. É claro, assim que respondidas essas dúvidas, outras surgirão, e preciso estar atento porque caso não apareçam, eu talvez tenha deixado escapar a luz que molha meus olhos de vida e que me torna belo.

VERÃO

Não sei se devemos nos alegrar ou entristecer quando descobrimos que uma teoria em que acreditávamos profundamente se provou falsa. Ou pelo menos não tão verdadeira quanto pensávamos. É claro que o posicionamento correto seria procurar aprender com o novo e modificar o que ficou envelhecido. Mas confesso que isso não é fácil. Acabamos nos apegando a crenças, e esse apego tem o mesmo formato de um vício.

Eis a questão: sempre achei que o amor romântico fosse uma grande mentira. Uma criação social inventada com o objetivo de solidificar o núcleo familiar, trazendo dessa forma estabilidade à sociedade. É um pouco leviano resumir tudo de forma tão concisa, por isso descrevo mais alguns pilares que sustentavam minhas crenças: o amor romântico era uma criação social apoiada na biologia, seres humanos são animais mamíferos, e como tal praticam a reprodução sexuada. Com a evolução humana, o surgimento da linguagem, da ciência, das artes, o advento do iluminismo, o homem precisaria de alguma forma distinguir-se dos outros animais no que tangia a reprodução. Era preciso existir uma justificativa velada, para que um homem e uma mulher não se parecessem com um casal de chimpanzés.

Havia um terceiro pilar que sustentava minhas crenças, o amor romântico era um instrumento utilizado pelas religiões para a criação de uma moral onde, assim como no caso da sociedade, seria mais fácil administrar e manipular os fiéis.

Em minha visão, as mulheres conduzidas como carneirinhos por seus instintos maternos, sem se darem conta disso, filiavam-se mentalmente à crença do amor romântico, e dissimuladamente procuravam convencer os homens (que durante a vida são capazes de produzir bilhões de espermatozoides) a fertilizar um de seus quinhentos óvulos. Essa disparidade de números tornaria os homens objetos de disputa social, as mulheres (vítimas da desigualdade numérica proporcionada pela natureza) usariam de todos os artifícios para atrair e manter um parceiro que as pudesse fertilizar.

Enquanto isso os homens, possuidores de um número quase infinito de capacidades reprodutivas, procurariam regar um maior número possível de óvulos de diferentes parceiras. Então, segundo minha antiga teoria, sempre durante qualquer tipo de relação amorosa haveria alguém mentindo, e na maioria dos casos eram os dois.

Essa crença profundamente engravada em mim, fez com que eu sempre tivesse uma espécie de suspeita velada sobre minhas parceiras. Um sorriso amarelo e irônico formava-se em meu rosto quando elas me declaravam seus sentimentos. Um arrepio gelado acontecia quando elas queriam aumentar a intimidade e fortalecer o vínculo, inconscientemente eu dizia “pronto, depois da conversa agradável agora chegou a hora de me tentarem vender o bilhete premiado”. Então, a partir desse momento, procurava gradualmente ir me afastando, sem romper o vínculo de uma só vez, para não dar a entender que eu havia percebido que elas estavam tentando me enganar. Muitas vezes consegui encerrar os vínculos sem causar grandes danos emocionais a elas, e consegui até manter algumas amizades.

O interessante era que a mesma pessoa possuía dois comportamentos distintos, o de fêmea enamorada, e o outro, quando era apenas uma amiga e já não precisava mais submeter-se (pelo menos comigo) às regras do amor romântico. Essa mudança brusca de comportamento só veio reforçar minha crença de que esse amor não passava de um egoísmo sócio-biológico.

Entretanto havia algo que sempre me intrigava e para o qual eu não tinha resposta. Por que centenas de homens geniais, escritores,

pintores, filósofos, desde as épocas mais distantes até os dias de hoje, não se cansavam de louvar o ser amado, e por consequência justificar esse tipo de amor que eu julgava falso? Seriam todos eles mentirosos, ou tolos, que mesmo tendo construído obras geniais, tinham se deixado iludir por um embuste social?

As duas possibilidades me pareciam pouco prováveis, mas essa dúvida que era pequena diante de minhas certezas, tinha sempre sido varrida para debaixo do tapete de minha consciência.

Esse ano, quando completei vinte e quatro anos, fortaleci ainda mais minha crença (ou descrença). Se existisse mesmo a possibilidade de me iludir com algum sentimento falsificado, isso provavelmente aconteceria até os dezoito anos, no máximo até os vinte. Com vinte e quatro eu já estaria naturalmente imunizado contra miragens.

Estando com minhas teorias estabelecidas e solidificadas, algo típico de alguém com no mínimo o dobro de minha idade, nunca esperava ver, no curto espaço de uns poucos segundos, os alicerces estalarem e todo o prédio de minhas crenças vir abaixo. Caminhava pela rua quando cruzei com uma moça. Ela me olhou nos olhos. Desse instante em diante eu estava mudado. Todo meu racionalismo havia ruído e se transformado num lamaçal sem importância. Aliás, tudo mais o que existia desaparecera. Eu só via ela, e como nada mais existia ela parecia flutuar. Alguns segundos depois ela entrou numa porta e desapareceu. Instantaneamente o mundo voltou a existir. Sem saber o que fazer fui verificar onde ela entrara.

Era um escritório de advocacia. Provavelmente ela trabalhava lá. Alguns instantes atrás esse fato me causaria repulsa, pois em meu mundo de crenças estabelecidas, advogados eram uma espécie de embaixadores do atraso, seres egoístas que se nutriam da mesquinhez humana. Nos vários mundos ideais que eu havia mentalmente desenhado, não existia lugar para advogados.

Mas agora esse fato não tinha mais nenhuma importância. Aquele lugar poderia ser um orfanato, uma escola ou um prostíbulo, tanto fazia, nada teria qualquer poder quanto o que eu sentia. Fiquei parado alguns instantes em frente ao escritório até que o vigia me perguntou

se eu queria falar com alguém. Voltei para casa correndo sérios riscos de ser atropelado.

Deitado recordei milhares de vezes aquele encontro. O olhar. Tudo estava contido nele, tudo que já ambicionei, todas minhas alegrias e desilusões, todos meus sonhos. Aqueles grandes olhos azuis emitiam uma certa luz prateada, pareciam que mesmo de dia refletiam uma lua cheia... e eles possuíam... é estranha essa colocação verbal, mas é o que de melhor encontrei, os olhos possuíam, eram proprietários de uma pura e refinada tristeza. Como se soubessem que neles eu podia enxergar todas as coisas, mas se entristecem por não conseguir todas elas. Senti tudo isso no único segundo em que nossos olhares se cruzaram.

No dia seguinte voltei lá no mesmo horário e não a vi. Ela poderia nem trabalhar naquele escritório, poderia ser uma cliente, ou alguém que estivesse visitando uma amiga. Cheguei a entrar na casa para ver se a encontrava, quando a recepcionista perguntou como poderia me ajudar, gaguejei bastante, cheguei a pensar em descrevê-la, mas saí sem dizer nada.

Voltando para casa pensei no que poderia dizer caso voltasse a encontrá-la. Tentaria seduzi-la com as mesmas técnicas vulgares que sempre empreguei? Seria mais discreto e teria paciência, escondendo meus sentimentos atrás de uma fachada de simpatia e amizade, ou então, sem prefácios iria direto ao ponto, simplesmente contaria toda a verdade esperando que sua reação fosse positiva? Apesar de pouco provável não era impossível que ela estivesse sentindo o mesmo que eu sentia. Por muitas e muitas vezes a imaginei dizendo que havia refeito aquele percurso dezenas de vezes tentando me encontrar.

Passadas duas semanas comecei a perder as esperanças de reencontrá-la. Foi então que tive essa ideia: o que de pior poderia acontecer seria vê-la novamente. Se nunca mais a visse poderia preservar dentro de mim a magia daqueles instantes. Esconderia aqueles momentos brilhantes e cheirosos dentro de um refúgio secreto, onde poderia voltar quando quisesse... esse esconderijo seria à prova de tempo, e não permitiria que a pele branca ao redor de seus olhos se enrugasse, nem que a vida diminuísse o brilho de luar que eles emitiam.

O pensamento seguinte foi o exato contrário do primeiro: agindo dessa maneira eu criaria apenas um ilusório recanto egoísta. Viveria

num mundo medroso que não aceita modificações e que não entende a importância das perdas. Eu deveria sim tentar encontrá-la, primeiro voltaria ao escritório de advocacia e a descreveria para a recepcionista, se ela não trabalhasse lá, eu tentaria cartazes, jornais, tudo que fosse possível. Caso não conseguisse pelo menos havia tentado. Fiquei profundamente dividido entre as duas posições. Não sabia o que fazer.

Sem que conseguisse tomar uma decisão deixei-me invadir por alguns pensamentos novos, ideias que até aquele momento tinham sido censuradas por algum pedaço de mim mesmo, divaguei sobre a paixão: O que era aquilo afinal? Como algo tão imprevisível e sem lógica poderia destruir rapidamente raciocínios que me custaram anos de reflexão? Seria alguma espécie de fraqueza psiquiátrica, uma distorção química do cérebro que faria com que tivéssemos alucinações?

Depois das perguntas tentei algumas respostas... a paixão não era algo puro, era uma mistura, é claro que composta pelo desejo sexual e impulsionada pelo instinto reprodutivo de minhas antigas crenças, mas esses eram apenas os alicerces dela e não o prédio inteiro, como eu acreditava anteriormente. Sobre esses alicerces assentavam-se várias camadas de tijolos. Cada fileira representa o que de melhor imaginamos que a vida poderia nos dar em uma determinada idade. As fileiras mais próximas aos alicerces equivalem aos nossos desejos de infância, aos sonhos coloridos desprovidos de lógica, que nos faziam voar e atravessar paredes sem ter medo de se machucar. São também as sensações mágicas de quem está descobrindo a vida e aceita sem prevenções o prazer da água, o sopro da brisa, o desejo da surpresa. De quem não tem medo das cores fortes e nem do que acontece de repente.

E assim sucessivamente os tijolos vão sendo empilhados com tudo o que de melhor imaginamos em cada idade, até o instante em que nos apaixonamos. A descoberta da sexualidade, as primeiras vitórias, o sentir-se reconhecido pelos outros, a sensação de estar evoluindo... tijolos e cimento solidificando e unindo algo que até então era independente e não possuía nenhuma função específica. Um poderoso corpo sendo formado, composto de algo milagroso e reluzente, mas que ganha união através de um cimento sobre o qual ainda não falei. Esse unidor de camadas é constituído por nossos receios e fantasmas, por aqueles

pensamentos sombrios que surgem durante uma crise de insônia. É um mundo obscuro, o exato oposto do conteúdo dos tijolos, e que por isso mesmo é capaz de completar o espaço vazio entre as duas camadas.

Prontos e sólidos os alicerces e as paredes, agora descreverei o telhado. A cobertura é constituída do instante inusitado. Por que aquela rua naquela hora? O que a levou a também estar no mesmo lugar e instante? Quem será realmente ela? Que mistérios guardam aqueles olhos? E pronto... consegui descrever o que compõe o edifício da paixão... nada do que disse obedece a qualquer lógica ou sistema científico, foi tudo pura intuição. Senti que era mais ou menos assim que funcionava, que dentro desse prédio, cujo interior imagino seja colorido por tonalidades berrantes, é que irei morar de agora em diante. Sei que pelos meus antigos parâmetros de tempo, talvez minha estada ali não seja muito longa. Pouco importa, pois nesse instante não estou preso àquele tempo antigo. Meus momentos são longos, do tamanho de um único, as divisões morreram e o agora brotou em seu lugar.

Encerradas as divagações decido também encerrar a dúvida que tinha: irei procurá-la. Antes de traçar minhas estratégias aproveito o doce mistério, quem era ela? Qual seu nome? Que impressões terá da vida? Todas essas perguntas parecem que trarão respostas deliciosas, tanto quanto o mistério de desconhecê-las.

Enquanto me deliciava com esses instantes, me lembrei do cimento que separava duas camadas de paraíso: e se ela fosse casada? Esquecer ou lutar? Não quis responder a essa pergunta, preferi voltar para as anteriores. Imaginei alguns nomes que combinavam com ela, mas nenhum realmente se encaixava. Sua imagem, ou pelo menos a que eu fazia dela, não parecia poder ser resumida, qualquer nome seria um diminutivo. Entretanto me permiti dar-lhe uma inicial, não sei exatamente porque escolhi essa, deve haver alguma razão semântica, já, jamais, juntos, uma mistura de desejos com medos me fez nominá-la “J.”

O que estaria fazendo “J.” nesse exato instante? Por mais que eu tente recolocar a lógica no comando de meu raciocínio, esse esforço parece vão. Para mim cada movimento dela é sagrado. Isso porque cada gesto é a representação do gesto ideal, quando seus olhos piscam eles contém tudo o que olhos piscando deveriam conter, nenhuma qualidade escapa.

Essa percepção me dá vontade de construir vãs definições “Na paixão acontece a personificação do mundo ideal no ser amado”.

Percebo que essa onda é poderosa demais para que o barco da lógica consiga singrá-la. Mas, na condição inexorável de onda, ela não pode deixar de se espatifar nas areias. Porém, como hoje para mim o tempo não existe, aproveito esses instantes onde a água sobe descontroladamente... degusto os açucares que meu cérebro espalha por meu corpo, me torno açucarado e o mundo colorido. As pessoas más e injustas devem ter tido fortes razões para agirem como agem, são apenas vítimas buscando reabilitação. No mundo existe uma confraria secreta que logo mostrará suas garras bondosas e cobrirá o planeta de justiça e harmonia, o mal está condenado, e os sofrimentos que vemos por aí são os estertores de uma maldade agonizante.

Enquanto a humanidade se encaminha a passos rápidos para a felicidade plena, ela, “J.”, continua com seus mínimos atos, demonstrando que o mundo ideal existe e quer se manifestar. E mais, a existência dela anuncia que o que sinto, logo se transformará em epidemia, amolecendo os corações mais duros e descrentes. E quando todos estiverem enfeitiçados como me sinto, então será o momento em que o mundo ideal se transformará em real.

Percebi que até agora, além dos olhos, não descrevi fisicamente “J.”. Isso por uma simples razão, não reparei em sua aparência física. Não sei dizer se é bonita ou feia. Pouco me importa sua aparência. Eu por acaso iria querer saber como está vestido um grande amigo que não vejo há muito tempo?

Procuo nem imaginar suas formas, a paixão parece conferir ao corpo do ser amado a condição de sagrado. A fusão deverá acontecer através de nossas almas, os corpos entrelaçados serão um detalhe menor, uma consequência que, caso me fosse por ela exigido, abriria mão sem o menor problema. O que representam os espasmos do corpo, comparados com os espasmos cósmicos de um novo mundo que caminha para a evolução, e escolhe determinada pessoa para que seja a iniciadora desse progresso?

Daqui onde estou, do alto da crista da onda da paixão, aproveito meus instantes, meu único momento interno, eterno, deixando minha caneta correr por essas linhas:

*“J.” derrama sobre mim tudo o que existe,
derreta as barreiras que me separam,
dissolva o que se disfarça de mal.*

Através de teu túnel de luz eu perderei minha individualidade ganhando dimensões universais. A grande enxurrada de você destruirá o que não é você. Eu me tornei você e nós o todo. Sobrará aquilo que deverá sobrar. O imprescindível arquétipo universal de todas as coisas. “J.”, penso em verbos com os quais possa me comunicar com você. Penso também nos pronomes, “você” não seria íntimo demais para algo com essa carga de sagrado? Mas voltemos aos verbos, pois com eles não quero apenas me comunicar contigo, mas falar de você para os outros. Vasculhando minha memória não encontro nenhum digno de transmitir o que sinto. Terei eu mesmo de inventar uma gramática cujos verbos tenham a força suficiente para suportar meus sentimentos?

Enquanto não faço isso adiciono três asteriscos ao verbo amar***, isso representará o que sinto por ela. O triângulo perfeito engolindo o amor banal e transformando-o na perfeição viva dos sentimentos. Será com essa representação gráfica que preencheri muitas páginas, descrevendo, sentindo, vivendo...

Mas não posso me esquecer da parte prática, preciso encontrá-la. Não descansarei enquanto não fizer isso. Amanhã mesmo vou deixar com que a vida me conduza até ela.

VERÃO

Volto a escrever depois de um ano. É engraçado como a vida é cíclica, pois me sinto mais próximo do que fui com dezessete do que com vinte e quatro anos. Não que eu tenha voltado a desejar ser um homem-neuro, mas hoje aos vinte e cinco anos, sinto que parte daquela descrença que possuía sobreviveu. Modificou-se naturalmente, mas talvez todos nós nunca deixaremos de ser o que fomos aos dezessete anos.

Pode ser também que o que tenha me feito sentir-me próximo de minha adolescência foi justamente a distância emocional que vivo em relação ao que vivi ano passado.

Durante semanas fiz e refiz o mesmo percurso, procurei por ela no escritório de advocacia, no comércio próximo, cheguei até a bater em algumas casas e incomodar os moradores com minhas descrições. Não consegui localizá-la. Cheguei a imaginar que o encontro poderia ser fruto de minha imaginação, ou então que ela era um espírito materializado. Indo contra todos meus ideais, cavei seguidos buracos no barco que conduzia.

Aos poucos fui me aquietando e o encontro passou a ter cada vez menos importância dentro de minha memória. Se não o tivesse relido nessas páginas talvez ficasse completamente esquecido. De qualquer forma considero o que vivi uma experiência rica sobre dois aspectos: primeiro porque experimentei sensações tão diferentes do cotidiano, que acho que só se equiparam às surpresas que os sentidos nos pregam durante a infância.

Decorrido um tempo razoável, e estando secas as águas dos amores bruscos, arrisco-me a uma nova definição da paixão, que poderá ser comparada com aquela que fiz enquanto ainda estava hipnotizado: “a paixão é um surto de sensações infantis, que ocorre durante a vida adulta”. De todo jeito, mesmo que essas energias violentas que sustentam a paixão estejam em desequilíbrio, é bom saber que elas existem, pois são uma forma pulsante de vida. E no fundo, o que todos nós queremos e fazemos o tempo todo, é tentarmos nos manter afastados da morte.

A segunda razão pela qual considero importante ter vivido o que vivi, foi que aqueles acontecimentos me levaram a refletir sobre como todas as pessoas e coisas são volúveis. Como todos os sólidos alicerces são relativos,

pois eles também têm de se apoiar em algo que pode não ser tão sólido. No grande jogo de interdependências que é a vida, nada é absoluto.

A primeira sensação que tive depois dessas reflexões foi um desânimo, uma volta à falta de caminhos de minha adolescência. Mas depois aconteceu justamente o contrário “viva o homem!!!”, se não há valores absolutos diante dos quais eu deva me ajoelhar, eu e qualquer pessoa possuímos todas a mesma altura. Ninguém precisará temer mãos mandonas com dedos em riste. Elas possuem pés de barro que se derretem com a menor garoa. Homens feitos de sorvete se sentem muito mais à vontade quando percebem que o mundo em que vivem também está sujeito a derretimentos. As horas gotejam, escorrendo pelos ponteiros dos relógios e formando poças no chão, que irão ser sugadas pela terra ou se evaporar. Seguindo esse exemplo, todo o resto copia esse ciclo.

Sobre o duro vem o mole, sobre o quente o frio, sobre a ilusão a desilusão, os ciclos se sucedem e é assim que o equilíbrio é alcançado. Devo a “J.” ter conhecido os dois lados. Talvez se tivesse conseguido encontrá-la e ela tivesse sido receptiva, eu vivesse a ilusão que também fatalmente terminaria em desilusão. Porém o fato de o encontro não ter acontecido, tornou tudo mais claro e acho que apressou minhas conclusões. Mas esse grande sol invisível que tudo derrete, inclusive a si mesmo, não terá porque deixar ilesas essas e quaisquer outras conclusões que eu venha a formular na vida. Elas também serão derretidas e servirão de material reciclado para que novas ideias se formem. Outras “J.” nascerão, terão diversas formas, concentradas, dissolvidas, terão cores, distâncias e dizeres diferentes. A roda gira e dentro dela tudo existe.

P.S. Adiciono aqui esse pós-escrito com a intenção de encerrar de vez o assunto paixão. Parece-me que não pode existir paixão sem uma valorização extrema da personalidade do ser amado. Então, o que temos de mais inconstante e superficial, é o que acaba tendo mais valor para aquele que ama. Gosto do teu barco porque ele é cheio de belos furos que fazem com que a água invada teu casco. A personalidade de cada pessoa é a maneira como cada um se defende das durezas da vida, não se conhece ninguém somente através dela, por isso quem se apaixonam são sempre nossas águas mais rasas.

Em meu caso, cujo contato que tive foi apenas um olhar, talvez eu estivesse amando minha própria personalidade, que inconscientemente atribuí a ela. Durante aqueles dias fui um espelho que se orgulhava de alguns transitórios e coloridos reflexos distorcidos.

OUTONO

Aprendi que a descrença não se manifesta apenas em relação a forças exteriores, descremos principalmente de nós mesmos. E foi mais ou menos isso que aconteceu nesse último ano. Sentia-me confortável produzindo meu artesanato e arrecadando o suficiente para meu exato sustento. Apesar da justeza econômica em que vivia, me sentia compensado em parte por meus ideais libertários. Não dependia financeiramente de minha família, trabalhava quando e o quanto queria, considerava-me alguém que pelo menos, em parte, havia conseguido escapar do esquema perverso do trabalhar para comer. Em silêncio orgulhava-me disso.

Mas as mudanças são sutis e implacáveis, e quando menos percebemos estamos fazendo o oposto do que sempre fizemos. As vendas de meus produtos nunca foram tão bem, quando percebi estava trabalhando dez horas por dia como qualquer assalariado que ainda tem de fazer horas extras. Um dia uma freguesa me perguntou se eu não gostaria de deixar algumas peças em consignação em uma de suas lojas. Uma semana depois ela fez um pedido maior e me pagou o que foi vendido.

Não quero encher páginas com descrições de detalhes sem importância, resumindo, o que aconteceu foi que para atender aos pedidos dela tive de contratar uma pessoa que me ajuda na produção, diminuí a qualidade dos produtos, pago impostos, tenho de obedecer a prazos de entrega, fui capturado pela armadilha de que tanto me gabava de ter conseguido escapar. Minha renda mensal triplicou e pode triplicar novamente se eu quiser, basta que eu trabalhe ainda mais e reinvesta o que já ganhei. Essa armadilha parece que é daquelas que grampeia nosso pé e quanto mais nos mexemos mais ela aperta.

Há três caminhos possíveis, permanecer onde estou, trabalhando

bastante sem procurar ampliar meu negócio. Enfiar-me de vez no mundo empresarial, esquecer minhas antigas crenças e encontrar aqueles que invejam a armadilha que me prende o pé. Ou então voltar atrás, abandonar os pedidos e tornar a ser um artesão que vende o suficiente para que o tempo lhe sobre. Das três opções a que me parece mais irreal é a primeira. Ninguém na minha idade abre um negócio procurando esquivar-se dos possíveis sucessos financeiros. Isso seria a versão empresarial do homem-neutro.

Analisando-se custo x benefício, não acho que o dinheiro extra ganho agora, compense o trabalho e as incomodações que antes não existiam. Mesmo assim acho difícil encontrar a coragem para voltar atrás. Percebo o quanto sou fraco. Talvez até minhas ideias anteriores não fossem fracas, mas elas não valem de nada se não há alguém suficientemente forte para pelo menos tentar colocá-las em prática.

Se eu não suporto o peso do que acreditava e escolho um caminho que sei que não me conduzirá para onde quero, o que me resta: fingir. Esqueço-me dos arroubos de honestidade da juventude e aos vinte e cinco anos me torno um velho, que voluntária e conscientemente precisa se iludir porque sabe que é fraco. Não que produzir em escala industrial para vender mais vá me tornar o pior dos homens, a vida é cheia de bifurcações e qualquer atividade pode apresentar surpresas. O que me entristece é que, mais do que um artesão, eu me considerava um quase-artista. Alguém cujo exercício constante da profissão poderia conduzir ao mundo da verdadeira arte. Talvez meu sonho secreto sempre tenha sido conseguir expressar-me através da arte. Foi essa a maneira como eu sempre desejei responder à vida que me foi imposta. Talvez os artistas sejam almas que estão aqui a contragosto, e suas obras sejam apenas gritos de protesto contra o fato de eles próprios existirem.

Mas parece que esse grito não darei. Parece que não esperarei o ponteiro do relógio me perseguir, eu é que terei de correr atrás dele. Não é o trabalho em si que me espanta, mas sim o fato de ele ter de ser executado de maneira irracional. Não preciso de noventa por cento das coisas que o dinheiro pode comprar. Já que não preciso, por que vou suar meu rosto e despender minhas energias mentais para consegui-las?

O próprio fato de estar escrevendo essas páginas torna-se algo contra-producente. Quaisquer águas mais profundas que deseje navegar tornam-se perigosas. Deverei escolher águas rasas onde possa enxergar as pedras do fundo, ver tudo de maneira clara, excluindo quaisquer mistérios.

Ainda não tomei minha decisão, mas talvez minha vida já tenha tomado a sua.

INVERNO

Há algo que me assusta. Outro dia me deparei novamente com uma velha questão que me persegue, mas que parecia adormecida “será que a vida vale a pena ser vivida?”. Não é a dúvida em si que me assusta, mas sim o fato de eu nunca ter conseguido respondê-la, e principalmente a possibilidade de enquanto eu viver, ela continuar a me perseguir. Admito e aceito não conseguir responder a questões importantes que me aparecem, mas preferiria que à medida que não houvesse respostas, as questões fossem sendo esquecidas. O fato de perguntas insolúveis ciclicamente reaparecerem, me leva a pintar um retrato mental não muito animador de meu futuro. Serei um velho cheio das mesmas inseguranças que me acompanham na juventude e tudo o que terei aprendido na vida estará perfurado por dúvidas. Nenhuma tábua onde queira me segurar estará firme o suficiente para suportar meu peso. Serei uma espécie de peneira, que vaza por seus milhares de orifícios todo o líquido que a vida me derrama dentro. Nada em mim ficará retido, e o que vazar não carregará nada do que fui.

Em meu retrato futuro não passo de um adolescente envelhecido, curioso e imaturo. Mas o que será essa maturidade que todos almejam ter quando a idade chegar? Ela é composta por dúvidas respondidas segundo padrões pré-estabelecidos e que obedecem ao velho conjuntinho de regras que comanda o mundo. Adicione-se a isso um monte de perguntas sem respostas varridas para debaixo do tapete. Esses ingredientes se misturam formando crenças, comportamentos e valores que solidificam (ou empedram) o que se chama maturidade.

Então acabo concluindo, que ter ou não ter essa tal maturidade

que a velhice promete trazer, talvez não seja algo assim tão importante. Concluo também que usei esse exemplo apenas para não ter de falar do real motivo de minhas preocupações, esse bem mais concreto. Há mais ou menos um mês minha mãe foi diagnosticada com um câncer. Segundo os médicos “a situação é grave, mas há boas possibilidades de cura”. É difícil imaginar uma frase mais imprecisa do que essa.

Desde essa notícia tenho tido momentos de grande tristeza e desânimo. À noite comecei a ter insônia. Quando consigo dormir meu sono é interrompido de madrugada e sou invadido por uma enxurrada de idéias sombrias. Durante essas horas silenciosas a morte me persegue, parece até haver várias mortes, pois me sinto cercado por todos os lados e minha única escapatória é viver.

Quando o dia nasce trazendo o sol, alguns raios de esperança me invadem, e acabo acreditando que a vida tem no mínimo a mesma força da morte. Acordo cansado e tenho de trabalhar, passo o dia inteiro irritado e já não estou dando conta de atender todos os pedidos que tenho.

Outro dia acordei de madrugada e tentei bloquear a entrada de pensamentos negativos, colocando algum raciocínio prático no lugar por onde eles entravam. Tentei pensar de maneira isenta sobre a relação que tive com minha mãe (coisa praticamente impossível). Desde a infância até hoje. Mais do que a minha em particular, eu queria chegar a alguma resposta sobre as relações em geral de mães com filhos. É claro que minha garganta teve de engolir muitos nós e muitas lágrimas molharam minha franha. Lembrei-me de minha infância, de como minha mãe era bonita, recordei cenas que me marcaram e onde senti o amor maternal pulsando com a força de um coração juvenil. Naqueles dias não havia nada mais poderoso do que aquele sentimento, e eu acreditava na eternidade daquilo que sentia. Foi nessa parte do raciocínio que as lágrimas verteram com mais força e cheguei a soluçar.

Quando parecia que meus olhos estavam secos, comecei a analisar nossa relação nos últimos anos. Pareceu-me que, não apenas no meu caso, mas com todo mundo, após a infância é natural que lenta e gradualmente o amor entre mãe e filhos diminua. Observando as pessoas que conheço, não me lembro de ninguém que amasse sua mãe aos vinte

e cinco anos da mesma maneira que amava aos treze. E essa diminuição também acontecia no sentido inverso. As mães tendem a transferir o sentimento para os netos e os filhos para seus próprios filhos.

Enquanto não nascia o dia prossegui meu raciocínio... o amor maternal poderia não ser o amor verdadeiro. Ao invés de ser uma criação predominantemente social como era o amor romântico, o amor maternal seria uma criação biológica. E como tal, quando os filhos fossem grandes e biologicamente desenvolvidos, ele não precisaria mais existir. Aos poucos seria transferido para outros seres que dele ainda precisassem.

Então, naquele horário trágico, onde a madrugada está terminando, mas ainda nenhuma luz do dia chegou, decidi enfiar o dedo na ferida e me questionei: no fundo, qual era a razão mais importante para que eu temesse a morte de minha mãe? Aquele horário silencioso talvez fosse o único possível onde eu mesmo não impusesse barreiras para que essa pergunta fosse feita. Formulada a questão, durante alguns instantes me arrependi de tê-la feito, mas percebi que não poderia me esquivar de respondê-la.

O dedo afundou dentro da carne ferida e a dor foi grande: eu não temia perdê-la, temia sim ser o próximo da fila. Queria ter alguém entre mim e a morte. Os pais vivos são quase uma garantia de nossa imortalidade. Temia também que as memórias de minha infância me incomodassem por muito tempo. Temia não conseguir acreditar de verdade que aquele amor da infância tinha puras origens biológicas, temia duvidar disso. Se essa dúvida surgisse nasceria em mim a certeza de que a única pessoa que me amou verdadeiramente estava morta e que todos os sentimentos que eu viesse a conhecer dali para frente seriam pequenos em relação àquele que não teria mais como voltar a existir. Dessa forma a morte haveria vencido o amor e o futuro seria um deserto de emoções, onde eventualmente apareceria algum pequeno arbusto sedento.

Já com os primeiros raios de sol diminuindo a escuridão, e formando aquela luz melancólica que quando aparece nos dá vontade de imediatamente voltarmos a dormir, continuei o raciocínio, mas dessa vez descobrindo razões menores pelas quais não desejava que minha

mãe morresse. Não queria que ela morresse para que minha rotina não fosse quebrada e eu precisasse achar algo ou alguém que preenchesse o espaço que ela ocupava em minha vida. Não a queria morta porque detesto funerais, detesto ver pessoas mortas e todas aquelas cerimônias constrangedoras. Detestaria receber a solidariedade de muitas pessoas que mal conheço, e odiaria o vínculo de retribuição que se formaria por eles terem me prestado essa solidariedade que nunca pedi.

Antes que o sol nascesse por completo e trouxesse consigo o otimismo que as luzes jovens sempre trazem, aproveitei os últimos instantes de crepúsculo e terminei de enfiar o dedo e a mão inteira dentro da ferida: se até as razões pelas quais queremos que nossas mães não morram, se referem somente a interesses pessoais, onde nesse mundo existiria a verdadeira generosidade? Ou então ela simplesmente não existiria? A realidade humana seria composta por um embate de forças, por vezes sociais por vezes biológicas, mas por trás de cada ato, de cada movimento, sempre o indivíduo estaria pensando em si mesmo, em sua sobrevivência.

Com o dia nascido varri essa pergunta para baixo do tapete, mas sabia que ela era por demais espinhosa para se contentar em ficar lá, passado algum tempo ela voltaria a me cutucar.

Durante todo aquele dia procurei ser mais gentil com as pessoas, acho que inconscientemente tentava me aproximar dessa distante generosidade verdadeira. Como se isso fosse algo assim tão fácil. Essa gentileza prosseguiu ainda por vários dias até que acabei me esquecendo das razões que a tinham originado e voltei a me comportar como sempre me comportei. Hoje, passado algum tempo daquela noite, acho que talvez tenha sido outra a razão pela qual nos dias subsequentes me comportei de maneira mais gentil. Acho que inconscientemente eu queria agir assim para que ninguém com quem tivesse contato, jamais pudesse suspeitar que eu era alguém absolutamente incapaz de algum ato de verdadeira generosidade.

INVERNO

O acaso me fez novamente encontrar esse caderno do qual já havia me esquecido. Relendo-o, percebi que é a segunda vez que isso acontece. Cheguei até a pensar que talvez pudesse existir alguma espécie de força invisível, meu subconsciente por exemplo, que de tempos em tempos me conduziria para perto dessas anotações, mesmo que sua existência não constasse mais de minha memória. Não sei se acredito mais nisso, de qualquer forma e seja qual for a razão, aqui estou eu novamente escrevendo minhas impressões sobre a vida.

Analisando as páginas anteriores de uma maneira isenta, afinal o tempo é o melhor amigo da isenção e já fazia quatro anos que escrevi as últimas palavras, percebi que durante o período descrito eu havia me comportado como um atleta que participava de uma competição de cabo-de-guerra. Uma disputa bastante equilibrada. Eu puxava a corda com todas minhas forças, e se não conseguia arrastar o oponente para meu lado, ele também não havia conseguido me mover um milímetro. Às vezes eu mudava de lado na disputa, mas continuava usando todas minhas energias apenas para manter minha posição e evitar que meu adversário conquistasse avanços.

Mas nesses últimos quatro anos esse panorama começou a se modificar. Sinto meus músculos tão poderosos quanto antes e fisicamente seria capaz de no mínimo conservar a posição que possuía anteriormente. Entretanto parece que minhas mãos, aos poucos, decidiram deixar escapar alguns nós da corda. Não sei se tenho menos resistência aos ferimentos que a pressão impõe, ou se o suor faz com que a corda escorregue mais facilmente. O fato é que, mesmo que seja muito lentamente, estou deixando escapar de minhas mãos aquilo que sempre segurei com tanto afínco.

Outro fato que acho interessante, é que apesar de ter essa consciência, não procuro compensar isso aplicando ainda mais força à corda. Talvez porque não consiga julgar se o fato de ela escapar na direção de meu oponente seja algo bom ou ruim. Pode ser que eu precise de mais quatro ou quarenta anos para chegar a essa resposta.

Eu poderia simplesmente soltá-la, acabando de vez com o incômodo que sinto nas mãos e entregando a vitória àquele que me opõe. Talvez a possibilidade de observar alguém vitorioso pudesse me trazer alguns esclarecimentos e indicar caminhos. Mas acho que isso não farei, deixarei que a corda seja arrancada de minhas mãos lentamente, seja por meu opositor seja por mim mesmo.

Os últimos quatro anos foram bastante difíceis. Detesto gente que se lamenta, portanto serei bastante sintético e procurarei falar mais de circunstâncias comuns a todos e menos de meus dramas pessoais. Perdi minha mãe. A doença evoluiu mais rápido do que os médicos esperavam. O que no fundo não deixou de ser um grande alívio para mim. Mesmo assim o período de agonia foi muito duro e a morte um descanso tanto para ela quanto para mim. No dia de seu enterro, por mais que tudo fosse esperado, e que a doença tivesse o poder de gradualmente enfraquecer os laços que me uniam a ela, eu desabei. Fui inundado por uma onda gigantesca de tristeza, piedade e autopiedade. Todas minhas defesas se dissiparam e acho que naquele dia alguém segurou a corda para mim. A solidariedade que me foi prestada, ao contrário do que imaginava anteriormente, me ajudou, e senti muita gratidão e respeito por aquelas pessoas que mal conhecia e que me apertavam a mão me dizendo frases feitas.

Os dias passaram acompanhados de algumas lágrimas geradas pelas recordações de infância. Dez dias depois, enquanto tomava um uísque, me lembrei de minha teoria que dizia que só amamos a nós mesmos, e que o amor dedicado aos outros não existiria se não houvesse algum vínculo com nossa própria pessoa. Essa teoria chocou-se com as recordações de minha mãe e com a tristeza que ainda sentia. Senti-me confuso e tomei mais quatro doses de uísque. No dia seguinte acordei com uma grande ressaca, não sei se por essa razão ou não, decidi encerrar meu luto. O enterro de minha mãe levou dez dias para acontecer, mas agora eu precisava sair do cemitério mental em que permaneci durante esse período.

No dia seguinte acordei com as energias revigoradas. Eu havia atravessado o período mais difícil do percurso, tinha conseguido sobreviver e me fortalecido com as dificuldades.

Seguiram-se ao luto dias de autoconfiança, se aquilo não havia conseguido me destruir então nada seria capaz. Comecei a sair mais à noite, aceitando os convites dos conhecidos que tinham se solidarizado com minha perda. Essas pessoas, que eu pouco conhecia, acabaram me apresentando outras e os convites se multiplicaram. Isso tudo aconteceu há mais ou menos dois anos, e desde então venho frequentando bares umas quatro ou cinco vezes por semana. Disse bares, mas vou quase sempre ao mesmo. Um botequinho simples onde só vão homens. Fui levado lá por um conhecido e logo me tornei amigo do dono, um senhor de sessenta anos barrigudo e com o nariz rodeado de pequenas veias vermelhas. Sinal que indica que além de já ter vendido muita bebida, também já consumiu bastante.

Os outros frequentadores, que também se tornaram meus amigos, são bem mais velhos do que eu. Passo lá quase todos os dias e conversamos por umas três horas sobre todos os tipos de insignificâncias. Todos me tratam muito bem e não me importo de por vezes ter de conversar por um bom tempo com alguém sobre um assunto que não me interessa. Às vezes jogo uma partida de sinuca, outras apenas como algum petisco enquanto bato papo. Lá pelas dez da noite o bar começa a esvaziar e o proprietário prepara-se para fechar, em geral sou um dos últimos a sair.

Aos domingos o bar fecha, então, se saio, tento encontrar outro lugar para comer alguma coisa. Como sou muito mais novo que os outros fregueses, eles me tratam com um carinho especial, me tornei uma espécie de mascote do bar. Sou citado como exemplo em muitas histórias que eles contam sobre suas juventudes “...tinha mais ou menos a idade dele quando...”

Outro dia enquanto ouvia pela segunda vez uma mesma história distanciei-me mentalmente do balcão, e enquanto minha cabeça balançava afirmativamente como quem confirma que está ouvindo e apreciando a história, eu mergulhava em pensamentos pessoais. Será que não havia começado a ir naquele lugar para antepor aqueles senhores entre eu e a morte? A proximidade dos trinta anos poderia ter deflagrado essa necessidade, que provavelmente fora originada quando perdi minha mãe. Essa idéia assim como veio sumiu, e passei mais uma noite igual às outras.

Mas quando cheguei em casa parecia que a idéia havia me dito “depois conversamos com mais calma”, ela reapareceu cheia de força. Eu procurava aquele lugar para fugir de meus problemas. Aqueles homens já tinham vivido suas vidas, a minha estava apenas começando, não teria porque continuar indo a um lugar como aquele. Se quisesse sair deveria procurar um bar com pessoas da minha idade, com moças e alegria...

Enquanto pensava e apalpava meu queixo, reparei que já fazia uns quatro dias que não me barbeava. Antes de ensaboar o rosto fui surpreendido. Havia algo de diferente em minha cor. Procurei me lembrar se tinha apanhado muito sol, mas logo me dei conta do que estava acontecendo.

O rosado que cobria minhas bochechas e avançava em direção a meu nariz era causado pelo álcool. No início, quando comecei a frequentar o bar, tomava umas duas cervejas durante o tempo que passava lá. Depois passei para três. Ultimamente passei para três cervejas acompanhadas por um ou dois copinhos de conhaque. Se continuasse nesse ritmo em pouco tempo teria aquelas veiazinhas vermelhas em volta do nariz que a maioria dos fregueses possuía, e que frequentemente me distraíam enquanto escutava suas histórias.

Massageei a pele do rosto para ver se aquele vermelho desaparecia. Passei três dias sem ir ao bar. No quarto dia achei um absurdo que eu tivesse suspeitado que pudesse estar com algum problema relacionado ao álcool. Bebia para relaxar, cumpria todas minhas obrigações e tinha direito a um pouco de divertimento inocente.

Quando voltei as coisas tinham mudado. Meus olhos não enxergavam aqueles homens da mesma maneira. Enquanto ouvia as cobranças em tom de brincadeira, por ter me ausentado por três dias, refleti sobre minha vida. Vinha trabalhando bastante, não havia expandido meus negócios como achava que seria possível, mas me tornara um pequeno empresário com todos os deveres que isso acarreta. Ganhava pouco mais do que quando vendia meus produtos na rua. Os pedidos de lojas diminuíram, meus entalhes tinham perdido a força da novidade e não possuíam qualidade artística. Provavelmente quem os comprava eram pessoas chatas que levavam vidas desinteressantes. Minha peças serviriam para entulhar salas de estar cafonas em conjuntos habitacionais

de periferia, combinando com quadros da santa ceia feitos com asas de borboleta e com almofadas bordadas.

Alguém me ofereceu bebida e eu recusei. Continuou ao meu redor uma animada conversa sobre o último jogo de futebol. Eu permaneci ausente, costurando mentalmente os vários retalhos de minha vida. Algo que me incomodava muito nos últimos tempos era o fato de eu me sentir cansado quase o tempo todo. Não importava se eu dormia bastante, acordava fisicamente esgotado. Esse cansaço ao longo do dia acabava virando irritação. Contribuía para isso o fato de meu intestino, que sempre trabalhou normalmente, ter perdido toda sua regularidade.

Percebi de repente que algo precisava ser mudado, que a vida que levava não tinha sentido, e que se eu não tivesse força suficiente para revolucionar minha vida, pelo menos algum aspecto precisava mudar.

Um senhor me perguntou se algo havia acontecido comigo pois eu parecia estranho. Afastei-me um pouco do grupo principal, que animados debatiam algo enquanto bebiam. Se para mim eles eram o anteparo que me separava da morte, para eles minha presença aqui significa uma injeção de vida, eles nutriam-se de minha juventude. Nossa relação que sempre foi muito cordial não possuía nada de saudável.

Eles todos estão nublando seus finais de vida para que nenhum remorso ou dor de consciência possa vir-lhes a pesar. O poder anestésico do álcool acaba com as más decisões do passado, tornando tudo um grande presente infantil. Olhando de longe eles se parecem e se comportam como crianças, crianças destruídas pelo tempo e que procuram outras iguais com quem brincar. Caminhei mais dois passos na direção oposta ao grupo. Vi que um deles reparou que eu me afastava e comentou com os outros. Estava perto da porta e já tinha decidido ir embora. Mas antes dei uma última olhada de longe naquele grupo de senhores com quem por quase dois anos convivi diariamente. Um grande nó emotivo se formou em minha garganta. Tive pena. Primeiro deles, depois de mim mesmo e num terceiro momento de toda a humanidade. Lágrimas encheram meus olhos e antes que elas escorressem saí sem me despedir. Sabia que nunca mais voltaria ali nem tornaria a vê-los.

Caminhei para casa, a noite estava clara. O céu estrelado. Aos poucos o nó da garganta foi se dissolvendo e percebi que aquilo era uma página que estava sendo virada. Escolhi o caminho mais longo, precisava me movimentar. O ar gelado de julho ajudava na caminhada. Mas só percebi como meu estado físico estava fragilizado quando após apenas meia hora comecei a suar.

Encontrei um banco de praça que era bem em frente a outro bar. Cheguei a rir de mim mesmo quando imaginei que a mudança que faria em minha vida seria deixar de frequentar aquele e passar a ir nesse, cujos clientes eram mais jovens. Continuei caminhando até em casa e quando me preparava para abrir a porta do condomínio vi algo surpreendente.

No céu havia uma estrela vermelha. Olhei por diversas vezes aquela estrela colorida que brilhava mais que as outras. Procurei me lembrar o que aquilo poderia ser se não fosse estrela. Não cheguei a nenhuma conclusão possível. Havia algumas pessoas passando a pé na rua e cheguei a pensar em lhes mostrar a estrela vermelha do céu. Mas todas elas caminhavam olhando para o chão, e acabei me sentindo embaraçado de pedir para que estranhos olhassem para cima.

Naquela noite a imagem daquele corpo celeste permaneceu borbulhando em minha mente, junto dele também fervia a decisão que eu havia tomado. Senti-me sobrecarregado de informações e meu raciocínio vagou de um lado para outro sem conseguir produzir nada além de insônia.

Alguns dias passaram e me senti orgulhoso de minha decisão de não voltar ao bar. Senti falta do efeito diário da bebida. Duas semanas depois já havia me acostumado a ficar sem beber. Percebi então que meu vício era o bar e as companhias e não a bebida em si. A bebida tinha se tornado um hábito que acompanhava o vício, mas se eu continuasse com aquele comportamento, logo também se tornaria um vício.

Não queria me precipitar e substituir um hábito nocivo por outro equivalente, então enfrentei um período de recolhimento que não foi fácil. Foram alguns meses trabalhando e voltando para casa. Lia, às vezes assistia um pouco de televisão. Os poucos amigos de minha idade estavam todos casados ou casando. Senti-me muito só, e por muitas vezes cheguei até a me arrumar para dar uma passada no antigo bar. Na última hora desistia.

Crescia em mim a sensação de que estava levando uma vida completamente nula, não havia conseguido me tornar um artista e também não era dado aos excessos da juventude. Por fraqueza, covardia, timidez ou seja lá qual fosse a razão eu havia permanecido no meio do caminho de todos os percursos iniciados. Nem mesmo um alcoólatra havia conseguido me tornar.

Vivi dias muito solitários e sem perspectivas. Um dia me animei com a idéia de fazer uma grande viagem, Europa, Ásia. Juntaria todas minhas economias, que afinal de contas deveriam servir para meu uso, compraria uma passagem, e deixaria a vida me conduzir pelos caminhos do mundo. Viveria do meu trabalho, venderia meus entalhes em praças e feiras. Poderia voltar a esculpir com o coração (ou aprender), e quem sabe me tornar um verdadeiro artista, ainda era tempo. Essa perspectiva me inflou com um tipo de esperança que não experimentava desde a infância.

Durante uma semana colhi informações sobre preços de passagens e sobre os países que gostaria de visitar. Quem me visse durante essa semana talvez suspeitasse que eu estivesse apaixonado. E sob um certo ângulo, eles não estariam errados. Mas o que acabou acontecendo foi o que talvez aconteça com todas as paixões, o fogo foi perdendo seu vigor até se transformar em brasas adormecidas. Meu entusiasmo diminuía à medida que minha lógica impunha barreiras a meu desejo. Até que chegou um dia em que eu mesmo decidi apanhar um balde de água e acabar de vez com a agonia das brasas de minhas esperanças. Decreei que esse projeto não tinha sentido, um homem prestes a completar trinta anos não tinha mais tempo de pensar nessas besteiras. Se havia um relógio imaginário que dizia o contrário, ele deveria estar mal ajustado, ou com o fuso-horário do país dos sonhos.

Com as brasas extintas soltando fumaça, me senti sufocado. Seria aquele o final de qualquer sonho? Seria a vida composta por uma longa e tediosa rotina entrecortada por raros momentos de entusiasmo que sempre terminariam em desilusão? Nesse instante lembrei-me de “J.” e me perguntei qual seria a próxima miragem que apareceria em meu horizonte. O importante na verdade não era qual seria a miragem, mas como eu iria me comportar quando a enxergasse. Fingiria

que acreditaria que dessa vez seria diferente, e que poderia apalpar os objetos que meus olhos me apresentavam, ou então me tornaria um descrente, que simplesmente ignoraria as promessas visuais que surgissem?

Ambos pareciam caminhos mentirosos e covardes, o melhor mesmo seria que não houvesse mais miragens. Que eu conseguisse aceitar e compreender a vida sem que fossem necessárias expectativas milagrosas. Vida e ponto. Vida e pronto. Mas isso era difícil.

Um dia, folheando o jornal dei de cara com uma matéria que falava sobre uma estrela que havia explodido há treze bilhões de anos atrás, mas que só agora a imagem daquela explosão chegava até nós. A luz, que viaja a trezentos mil quilômetros por segundo levou treze bilhões de anos para chegar na Terra. A matéria dizia também que durante dez segundos a energia liberada pela explosão equivalia à energia liberada pelo sol durante dez bilhões de anos. Uma ilustração completava a reportagem. Aquela era a estrela vermelha que eu tinha visto. Ela não existia mais, havia se tornado um grande buraco negro que tudo absorve, inclusive luz e força gravitacional. O que eu enxerguei foi uma imagem do passado projetada na tela do universo.

Por um tempo tentei multiplicar os números, trezentos mil equivaliam a um segundo, quanto seria um minuto, uma semana, um ano... inútil, aquilo estava muito além de minha compreensão, além da de qualquer um. A ilustração da matéria era em preto e branco, tentei mentalmente jogar sobre ela as cores que vi, imaginei o movimento e a potência da explosão atravessando distâncias que de tão grandes poderiam até ser consideradas diferentes dimensões. Seria aquela força monumental uma manifestação de vida? Mesmo que fossem apenas gases e rochas o que estivesse envolvido naquele evento, não seria aquilo o solo fértil que espera a semente? Ou aquilo já seria a semente arrebrandando sua casca?

Muitas dúvidas se manifestaram e fiquei muito tempo com o jornal na mão em estado quase hipnótico. Aos poucos as dúvidas aquietaram-se e o que se seguiu foi um estado de grande paz. É difícil explicar com palavras, mas me senti um participante do grande jogo universal.

Eu também poderia ter minha imagem projetada nos cantos mais distantes do cosmos. Mergulhei meu pensamento na noção de eternidade, saí de lá com um gostoso frio na espinha e um sorriso no rosto. Como eram minúsculas as questões que inquietavam a humanidade. Voltei-me para meus problemas, consegui rir deles e de mim mesmo. Mesmo a definitiva e chorada morte ganhava outros contornos se examinada sob a ótica da eternidade.

Quantas projeções dos seres mortos não poderiam estar acontecendo nos cantos esquecidos do firmamento? E o tempo, o que dizer dele... grande presa dos espaços sem fim... as pessoas mortas poderiam estar nascendo enquanto cerravam seus olhos, juventude e velhice poderiam ocorrer paralelamente em pontos distintos do universo, dimensões escondidas ao nosso lado armazenariam os sentimentos por nós vividos. As coisas estariam tão vivas ou mortas quanto sempre foram.

Os dramas individuais e coletivos eram projeções ilusórias para olhos defeituosos, só o que existiria seria um grande drama eterno. Por isso cada homem não precisaria se inquietar com as rugas e atritos de seus ossos com o mundo. Tudo se renova e ressurgue e nada jamais freiará o eterno.

Lembrei-me do dia em que enxerguei a estrela vermelha. As pessoas que passavam olhavam para seus pés enquanto acima de suas cabeças dimensões se alteravam num espetáculo de cores imensas.

“Não me importo com meu destino individual, contanto que sempre possa levantar a cabeça para observar estrelas vermelhas. Não me importo de cair e até quebrar um dente contanto que meus olhos sempre possam olhar para cima e procurar. Não me importo de encontrar céus nublados sem estrelas, opacos como tetos cinzentos, contanto que possa continuar olhando para cima. Não me importo nem de perder meus olhos, contanto que minha mente possa continuar atravessando paredes de nuvens e chegando naquela região onde as estrelas sempre brilham.”

Escrevi essas palavras no próprio jornal e resolvi transcrevê-las para o diário. Elas retratam o que senti. Pelo menos em parte, pois o resto foram impressões de paz e de cores. Talvez, há algum tempo atrás, eu

me sentisse embaraçado de colocar no papel sentimentos e ideias que eu mesmo considerasse ingênuos. Hoje não me envergonho. Talvez seja a corda que escorrega lentamente de minhas mãos, e com a qual cada vez me preocupo menos.

PRIMAVERA

Semana passada completei trinta anos e resolvi reunir alguns amigos para comemorar. Fazia muito tempo que não celebrava meu aniversário. Não sei se foi o número redondo que me animou, ou então o fato de que já não acredito tanto naquilo que me fazia não querer comemorar.

A maioria dos presentes eram casais, essa entidade hermafrodita na qual todos deveríamos nos transformar. Como ainda não sofri minha mutação, confesso que me senti deslocado em minha própria festa. Num determinado momento, percebi que a mulher de um amigo meu me olhava e seus olhos se enchiam de algo que consegui identificar como piedade. Depois disso fiquei o resto da festa pensativo e acho que os presentes confundiram esse estado com melancolia ou tristeza. Tanto que se tornaram mais calorosos comigo.

Por que seria eu digno de pena? Por que completava trinta anos solteiro e convidava casais para minha comemoração? Ou por que, todos os homens são dignos de piedade, e eu por naquela noite estar mais em evidência, acabei sendo o representante escolhido para simbolizar o ser humano?

Apesar de tudo, gostei de tomar a iniciativa de me colocar no centro das atenções. Estava precisando de algumas pitadas de egoísmo, já que a generosidade coletiva afigurava-se algo como a imagem da estrela morta.

Olhando para meus pés, lembrei-me daquelas pessoas que vi no momento em que a estrela apareceu. Todas ocupadas olhando para baixo e preocupando-se onde seus pés pisavam. Não pude negar que meus pés eram algo, pelo menos para mim, bem mais sólido do que aquela estrela que já nem existia mais. Mas não quis acreditar no contrário do que acreditava. As duas coisas poderiam conviver.

Nos últimos meses parece que atingi um ponto de equilíbrio em meu trabalho. Diminuí um pouco o ritmo e procurei melhorar

a qualidade do produto. Forneço minhas peças pra duas lojas, mas me dou ao luxo de recusar pedidos quando sinto que vou trabalhar demais. Recolho impostos e pago um funcionário que me ajuda no corte da madeira.

Decidi melhorar a qualidade que havia caído, porque percebi que junto com ela caíam também os preços. Eu acabava vendendo mais peças, trabalhando mais e ganhando praticamente o mesmo. E foi por isso que melhorei.

Renunciei. No princípio foi difícil, mas hoje não me arrependo (talvez no futuro isso mude), não quero mais ser artista. Não sei se o que tenho a comunicar ao mundo vale assim tanto a pena. Outros já devem ter dito o que eu poderia dizer. Muitos não param de surgir, com ideias que compreendem as minhas, mas vão muito além. Seria muito egoísmo querer dizer algo apenas para que as pessoas saibam que sou um dos que se propõem a falar.

Sou um artesão que na juventude sonhou ser artista, mas que desistiu e agora espera apenas ser um bom artesão. Às vezes acho que tomei essa decisão cedo demais, e que talvez pudesse ter tentado mais um pouco, buscado novos caminhos que acabariam me conduzindo a outros, e depois de algumas bifurcações, eu encontraria o que realmente precisaria de mim para ser revelado, a luz que ajudaria a iluminar o percurso humano. Às vezes penso nisso, mas esse pensamento logo some, o cotidiano pede passagem e acaba ocupando esse espaço. Acho que sou eu quem abre a porta para que o pensamento entre e ocupe o lugar onde antes havia dúvida.

Acho que qualquer pessoa vai ter de passar por isso, tomar uma decisão e correr o risco de durante o resto da vida se arrepender dela. O caminho não tomado, seja ele qual for, é a pedra no sapato da consciência humana.

Não importa quem seja, que vida tenha levado, que grau de satisfação tenha experimentado, não existe consciência que atravesse a vida sem ter construído ela mesma, uma pedra, que por todo o percurso a acompanhará, chacoalhando, para fazer-se lembrar.

Outro dia o espelho me fez pensar. Tinha acabado de reparar numa

mecha de cabelos brancos que havia surgido sem que eu percebesse, quando me ocorreu o seguinte: quando tinha dezessete anos minhas ideias e certezas tinham a rigidez de um carvalho. Aos poucos foram perdendo solidez e hoje são flexíveis como o trigo, que ao menor vento dobra-se.

Não seria essa rigidez da juventude, ao contrário do que todos pensam, nosso momento de maior maturidade? Os únicos instantes da vida em que acreditamos em idéias nossas? Depois vamos aos poucos amolecendo e defendendo as dos outros como se fossem nossas. Não que o que acreditávamos aos dezessete não possa ser, e na maioria dos casos efetivamente são, grandes bobagens, mas eram nossas autênticas bobagens.

O espelho me mostra os primeiros cabelos brancos e algumas rugas no canto dos olhos. Muitos anos ainda me restam, e se eu não conseguir completar minha vida com algo em que realmente acredite, não creio que o trabalho e a rotina tenham o poder de fazê-lo. O que me restará será o espelho, que ano após ano anunciará minhas novas perdas.

Talvez eu realmente não precise seguir o caminho artístico, mas algum outro tenho de encontrar, e preciso me mexer, porque a acomodação natural da idade tornará a cada ano tudo mais difícil. O relógio da vida me diz que é chegada a hora. O difícil é que não tenho a menor ideia de qual direção tomar. Sei até alguns caminhos que não devo seguir, mas isso não é suficiente.

Percebo que vivo um momento crucial em minha vida, sem grandes eventos barulhentos, mas com uma importante escolha silenciosa a ser feita. Acho que não importa o que venha a escolher, a pedra do arrependimento sempre se formará e ela nos acompanhará até o fim. Parece-me que por mais inevitável que seja a existência dessa pedra, nós podemos ao menos torná-la mais leve. E a pedra da omissão é sempre mais pesada que a da ação.

Olhei para o espelho e separei o chumaço de cabelo embranquecido. Pensei em cortá-lo, depois em tingi-lo. Decidi não incomodá-lo.

PRIMAVERA

Em nova olhada para o relógio da vida lá enxergo: trinta e dois anos. Relendo o que escrevi dois anos atrás, não posso dizer que nesse período que passei sem escrever eu não tenha me esforçado para que minha pedra do arrependimento seja mais leve.

Continuo com meus entalhes em madeira, mas não foi aí que me modifiquei. Eles são responsáveis por meu sustento e tenho aceitado melhor o fato de não serem arte. Já nem me importa mais que tipo de ambiente minhas peças vão decorar. Não as considero mais “minhas peças”, são apenas objetos que transformo. Dissolveu-se a vaidade que possuía, não sei se sumiu ou apenas mudou de lugar.

O fato de aceitar sem ilusões, que o que faço para viver não seria o caminho que me ajudaria a preencher o espaço vazio que tenho, me trouxe paz. E tranquilidade, assim como todos os outros sentimentos, acaba atraindo energias semelhantes.

Um dia resolvi comprar um filme para tirar umas fotos. Não tinha nenhum objetivo com isso, queria apenas exercer minha paz. Fotografei crianças, pessoas esperando o ônibus, cachorros dormindo.... revelado o filme percebi que como fotógrafo ainda tinha um longo caminho pela frente. As fotos ficaram mal enquadradas, algumas fora de foco, mas pelo menos três se salvaram. Não que fossem obras-primas, mas ali já havia algo de interessante. Um testemunho do instante. Eram fotos simples de um grupo de pessoas passeando a pé na rua e conversando. Elas me fizeram refletir sobre o tempo, sobre a posição do homem dentro dele.

Não as mostrei para ninguém, e duvido que se mostrasse inspirassem reflexões mais aprofundadas. Mas isso não importava, fotografar havia me feito bem e decidi continuar, sem nada esperar, apenas um passatempo. Comprei mais dois filmes e saí batendo fotos. Procurava o instante inusitado, a surpresa que esconde a poesia do dia, e que o movimento acaba tornando invisível para os olhos.

Fotografei mulheres, carrinhos de pipoqueiro, bancos de praça quebrados e guardas de trânsito trabalhando. Passei a tarde toda

colhendo imagens. Cansado, me sentei numa praça arborizada. As árvores estavam floridas e reparei serem cerejeiras. De repente percebi que algo importante iria acontecer e que eu precisava me apressar. Anunciava-se um daqueles instantes que se fossem capturados conseguiriam transmitir vida.

Uma brisa começou a balançar os galhos carregados de flores, e pétalas começaram a chover. Uma moça de feições orientais abriu os braços sob as flores como se estivesse tomando um banho de chuva. Consegui fotografá-la sem que ela percebesse. A revelação do filme me trouxe grande alegria, talvez fosse aquele meu caminho. Eu deveria treinar meus olhos para perceber o instante mágico. O resto eram apenas procedimentos técnicos, nos quais, aliás, precisava me aprimorar. Mas o fundamental era perceber o momento em que a vida escrevia poesia. E para isso eu acho que tenho sensibilidade suficiente.

Comprei um aparelho melhor, um jogo de lentes e alguns livros sobre fotografia. Nos finais de semana saía para fotografar, queria adquirir experiência em todas as áreas, retratos, paisagens, flagrantes da vida, mas o que me interessava mesmo era fazer fotos que conseguissem, de alguma maneira captar a sutileza com que a vida acontecia. Talvez isso fosse uma tentativa de vingança contra o tempo. Ele não mais reinaria absoluto sobre tudo. Em algumas raras ocasiões eu conseguiria atingir o instante além do instante. Que existiria como vida essencial, à prova do tempo. Mas talvez não fosse nada disso, e sim apenas meu desejo de fazer fotos bonitas.

Logo percebi que momentos como aquele, em que fotografei a moça sob a chuva de pétalas, não eram tão comuns. Gastei muitos filmes e tive poucas boas fotos. Mas não desanimei, a foto da oriental me dizia que seria possível conseguir outras, talvez até melhores que aquela. Considerava-me um aprendiz que está dando os primeiros passos e não possuía expectativa. Não sonhava com exposições e reconhecimento, apenas com a foto ideal. Que deveria estar encharcada de poesia, úmida de verdade e seca de tempo.

Durante algumas noites cheguei a sonhar que tinha conseguido essa foto. No sonho sempre havia algo que não me deixava vê-la com clareza. Ou o ambiente estava muito escuro, ou ela caía de minhas

mãos e quando tentava apanhá-la no chão ela voava. Mas na fração de segundo que conseguia vê-la, lembro que era branco e preto e se tratava de um retrato. Uma mulher de idade indefinida e olhos penetrantes que pareciam transmitir algo, que se eu tentasse traduzir em palavras, fracassaria. Mas que para não deixar vagas essas descrições, traduziria como um profundo desencanto poético. Havia como cenário de fundo alguns objetos, que a rapidez com que a imagem me foi mostrada, não me deixaram identificar. Pareciam círculos e triângulos que em conjunto compunham algo, que por sua vez deveria também combinar com a figura da mulher.

O fato da mesma imagem ter aparecido três vezes em sonhos diferentes causou-me estranheza, mas acabei interpretando como um sinal do subconsciente de que eu deveria mergulhar num grande poço das imagens universais. E se havia imagens que continuavam sendo projetadas, mesmo que não mais existisse o que elas retratavam, imagens originadas quase simultaneamente ao surgimento do tempo, quantas mais não poderiam ser extraídas dessa mina de cores e formas combinadas? Que riquezas desconhecidas não poderiam estar ao alcance de um par de olhos bem treinados? As combinações eram infinitas e eu me sentia como alguém que acaba de descobrir sozinho uma mina de ouro, e não quer que ninguém saiba de seu segredo.

Passei a andar sempre com o equipamento, a todo instante testava enquadramentos, mesmo quando a câmera não tinha filme. Queria perceber o que as pessoas diziam ao visor, como as paisagens se comportavam, de que maneira o tempo interagia com as lentes. Aos poucos foram se acumulando pilhas de fotografias, coloridas, preto e brancas, separei-as por temas, mas às vezes havia alguma paisagem que combinava mais com um retrato, então colocava-os juntos. Passado algum tempo decidi que era chegada a hora de parar um pouco de fotografar para poder apreciar o que já tinha feito.

Comecei com as paisagens, primeiro me ative à parte técnica, analisando os erros de enquadramento, iluminação e tempo de exposição do negativo. Eu ainda tinha muito o que aprender e não consegui encontrar nenhuma foto que fosse tecnicamente perfeita. Depois passei ao que realmente me interessava, o que havia sido fotografado.

Nas paisagens procurei reparar na profundidade de campo, na graduação de cores e em detalhes que às vezes passavam despercebidos no momento em que tirava a foto, formigueiros, objetos abandonados, algum formato estranho de uma nuvem. O que desejava na verdade era compreender aquele instante transformado em paisagem. Descobrir símbolos que estavam ali querendo dizer algo. Descobri-los e interpretá-los.

Depois de um longo exame a única coisa que consegui foi sentir... difícil descrever essa sensação, mas alguma coisa relativa àquela paisagem parecia invadir meus sentidos, as cores e o cheiro do cenário pareciam me influenciar. Por um caminho secreto eu entrava em contato com o que havia fotografado. Parecia até alguma espécie de auto-hipnose. Mas era algo que confirmava definitivamente o poder das imagens e me animava ainda mais a prosseguir minhas descobertas. Em apenas uma fotografia poderia estar simbolizado tudo o que existia.

Achei que eu talvez pudesse ter descoberto uma nova ciência, ou sei lá como se chamaria isso, uma técnica que através da análise de imagens poderia responder a dúvidas. Uma espécie de tarô, ou borra de café, só que impresso em papel fotográfico. Mas onde, ao contrário dessas técnicas místicas, a intenção desse novo processo não seria prever o futuro nem aconselhar ninguém a nada, seria apenas auxiliar no aprofundamento das capacidades cognitivas e intuitivas de cada um, e na melhor compreensão de como o universo é completamente interligado. Essa nova ciência, que demoraria décadas ou séculos para ser aceita, facilitaria o autoaprendizado e ampliaria as capacidades humanas de compreender as imagens e o tempo, tornando mais fácil a relação com eles.

Esses pensamentos me fascinaram de maneira rápida e forte. Senti-me como alguém que descobre centenas de diamantes jogados no chão. Após o primeiro impacto vem a desconfiança, aquilo deve ser apenas vidro quebrado. Se fosse verdade por que nunca ninguém pensou nisso antes? Ou então já pensaram e a coisa não foi para frente? Talvez até tenha funcionado, mas permanece mantido em segredo pois fere interesses poderosos.

Fiz algumas anotações sobre essas ideias em uma caderneta. Não

me considerava preparado para seguir por esse caminho, ainda precisava aprender muita coisa sobre imagem, símbolos, vida, talvez quando fosse mais experiente retornasse a esse assunto que realmente me pareceu muito interessante.

Comecei então a examinar alguns retratos que havia feito, uns poucos tinham sido posados, mas a maioria eram de pessoas que flagrei na rua. Logo de cara reparei que com pessoas, ao contrário de paisagens, os símbolos estavam todos muito mais expostos. Era muito mais fácil ler um retrato. Não apenas no sentido mais superficial, onde apenas deciframos os sentimentos que o modelo transmite, mas mesmo no sentido mais profundo, onde o que pede para ser lido é a sutil camada de vida que envolve as pessoas, esse éter misterioso que dá graça aos movimentos e brilho aos olhos humanos.

Percebi que a fotografia revelava quem possuía uma camada maior de vida, e era mais fácil perceber isso nas fotos do que pessoalmente. E essa camada, que não sei exatamente o que é, independe de idade, sexo e condição social. Depois de um rápido exame dos retratos que havia feito, encontrei velhos com olhos mais repletos de vida do que adolescentes. Vi pessoas de todos os tipos e idades com todas as quantidades dessa substância misteriosa.

Apesar de também nesse caso eu não me julgar apto a prosseguir pesquisando o que era e que eventual serventia teria aquilo, durante muitos dias me deixei levar por uma grande onda calorosa de compreensão, onde não entravam julgamentos, e onde procurava compreender o que o ser humano tem de mais fundo.

Esses dias se encerravam sem que eu chegasse a qualquer conclusão. Acho que me entristeceria caso tivesse chegado a alguma. Foi um grande exercício de sensibilidade e aceitação que pretendo repetir e que acho que poderá me ajudar com relação a minha percepção das imagens.

Alguns amigos impulsionados pelo desejo de que a sociedade continue, me apresentaram uma moça. Ela era muito bonita e num primeiro instante me pareceu bastante simpática. Saímos algumas vezes e aproveitei para fotografá-la em várias ocasiões sob diversas luzes. O resultado foi surpreendente, não importava a variação de luz ou cená-

rio, ela sempre saía nas fotos com o mesmo sorriso plastificado. Seus olhos não transmitiam nada, nenhuma energia vital. Ela era uma jovem mulher, bela e saudável, então para onde estava indo a vida que deveria estar ali?

Depois de examinar as fotos perdi a vontade de continuar saindo com ela, até o desejo que me despertava, arrefeceu. Lembrei-me então de nossas conversas, às quais talvez não tivesse prestado muita atenção porque havia sido distraído por sua imagem. Tudo o que ela havia me dito combinava exatamente com aquele sorriso e com aqueles olhos.

Alguma força existia que sugava o sumo vital das pessoas, mantendo-as aparentemente intactas e saudáveis mas extraindo-lhes o que de fato as tornava belas. Mais uma descoberta havia sido feita. Outra para a qual não me julgava capacitado para continuar a investigação. Mas apenas o fato de em tão pouco tempo, ter conseguido me embrenhar em matas que nunca havia visitado, já era algo impressionante. A imagem possuía um poder com o qual eu jamais sonhara, e que talvez poucas pessoas percebessem. E essa mata era repleta de espécimes vegetais e animais que ainda desconhecemos.

O que seria então essa análise do conteúdo das fotos, ciência, arte, uma mistura das duas, ou um passo além? Lembrei-me do dia em que formalmente havia desistido de ser artista, caso essa desistência não tivesse acontecido, jamais as bifurcações da vida teriam me conduzido até onde cheguei. Na verdade não sei se cheguei a algum lugar, o que aconteceu é que antes, as paredes de meu quarto eram os limites de minha consciência. E hoje, fui até a janela e vi que existem muitos quartos iguais ao meu, e acima deles há um céu que não se consegue enxergar o fim.

Continuei fotografando pessoas, usava longas objetivas e fazia imagens sem que elas percebessem. Ia a parques, praças, ruas centrais, interiores de ônibus, restaurantes... depois vinham as análises, a quantidade de vida que a pessoa exalava era apenas um dos itens que levava em conta. Misturava a ela uma pequena biografia de cada fotografado, que eu mesmo inventava, o tipo de luz que incidia sobre o rosto e o cenário de fundo. Quando dei por mim o que estava fazendo era um grande ensopado místico onde a soma de todos os ingredientes

esquentados no fogo de minhas reflexões, deveriam resultar em um prato saboroso.

Mas esse sabor, que não tinha noção de como seria, não precisaria ser necessariamente agradável ao paladar. Poderia ser algo que forçaria os estômagos a colocar tudo que tinham para fora, eliminando o que intoxicava os corpos, mas que aparentemente os nutria.

Passei a ir bastante ao cinema. Reparava em como o movimento desviava a atenção da imagem, e em como eram poucos os filmes em que a imagem tinha algum valor. Esses foram dias de grande isolamento, quando não estava trabalhando estava envolvido em minhas pesquisas. Pouco convívio tive com quem quer que seja, todas minhas energias estavam voltadas para o tesouro secreto que havia descoberto.

INVERNO

Nos dicionários, entre os sinônimos possíveis para a palavra vida, deveria haver um que não está lá: bifurcação. É incrível como as coisas mudam de rumo, e sem que percebamos acabamos caminhando por percursos que nunca imaginamos há pouco tempo atrás. Há um ano e meio descrevi nessas páginas o tesouro precioso que achava haver encontrado. Minhas pesquisas com fotografia possuíam naqueles dias a possibilidade de reescrever a gramática dos símbolos e de revelar ao homem caminhos soterrados por miragens.

Hoje não sei com que olhos vejo os objetos que tenho em minha frente. Não sei se seriam olhos irônicos, melancólicos ou estranhos. O que tenho em minha frente é meu equipamento fotográfico e uma pilha de álbuns, todos etiquetados por assunto. Faz mais de um ano que não fotografo. E é aí que vem o curioso da coisa, não abandonei o tesouro porque fui perseguido por bandidos, porque ele estava escondido em um lugar inacessível ou porque o descobri falso. Simplesmente desisti dele, sem motivos dramáticos ou razões imperiosas. Talvez o termo mais apropriado seja abandono, soltei mais alguns centímetros da corda que meu oponente puxava.

Enquanto não descubro a razão real porque decidi abandonar aquilo que me fazia tão bem (descoberta que talvez nunca ocorra),

me recordo da última foto que fiz. Foi durante um domingo ensolarado, fui a um parque e lá havia um mendigo embriagado dormindo no chão. Aproximei-me lentamente dele e logo percebi que poderia dispensar os cuidados, seu sono era tão profundo que poderia fotografá-lo à vontade. O que me chamou a atenção primeiro foi o fato de sua pele do rosto ser completamente avermelhada. Uma mistura de efeito acumulado do álcool com queimaduras do sol. Depois reparei em sua expressão, ele parecia alguém que havia encontrado um refúgio secreto. Seus lábios espremidos diziam que ele não queria ser retirado de onde estava. Apesar disso o resto de seu rosto indicava que o lugar que ele não queria abandonar estava longe de ser um paraíso.

Primeiro observei-o através do visor da câmera sem fotografá-lo. Um raio de luz oblíquo incidia sobre seu corpo e em pouco tempo chegaria em seu rosto. Ele vivia os últimos instantes antes que a luz o incomodasse. Quando percebi isso não pude deixar de me fazer uma pergunta: será que se as pessoas conseguissem saber quais eram os últimos momentos de prazer, imediatamente antes de um grande sofrimento, aproveitariam ainda mais o prazer ou o destruiriam?

A luz progredia e já chegava a sua boca, decidi não perder mais tempo e fotografei-o sob diversos ângulos. Depois que revelei o material percebi que aquela luz havia acabado com diversas fotos. Mas havia uma, que a princípio achei péssima, mas que depois de umas olhadas, se mostrou um daqueles raros momentos em que a vida fala através da imagem. Ao contrário da foto da moça sob a chuva de pétalas de cerejeiras, onde o que deflagrou a poesia foi o tempo, nesse caso o gatilho foi apertado pela luz. Foi ela que serviu de canal para que a vida se manifestasse.

Na foto a que me refiro, o sol incidia lateralmente sobre a cabeça do homem formando uma espécie de halo. Mas seu rosto permanecia mergulhado numa sombra cinzenta que dava à coloração de sua pele um aspecto ainda mais doentio. Sob essa luz, seus traços fisionômicos confundiam-se, fazendo com que o rosto como um todo transmitisse uma sensação de mágoa. Embaixo de sua cabeça, em tonalidade ainda mais escura, estava o gramado sobre onde ele estava deitado. E não sei por qual razão, aquela cabeça mal iluminada parecia se mover em di-

reção oposta a da luz. Era nessa direção que a energia fluía. “O homem afastava-se da luz porque ela revelaria seu refúgio secreto, obrigando-o a abandoná-lo”. Escrevi essa frase no verso da foto e tive a ideia de fazer o mesmo com as que já havia tirado e com as próximas, resumiria em uma ou duas sentenças a ideia geral que aquelas imagens transmitiam. Só que não existiram mais fotos ou frases, apenas bifurcações.

Depois de toda minha animação inicial e de uma boa quantidade de trabalho, consegui, digamos assim, descobrir o tamanho do veio de ouro, mas no exato momento em que deveria extrair as primeiras pepitas, dei meia-volta e abandonei tudo.

Outro dia analisava a situação e cheguei à conclusão de que se há um culpado pelo que aconteceu essa pessoa sou eu. Mas não sei se alguma culpa pode ser atribuída mesmo a mim. Talvez tudo tenham sido circunstâncias inevitáveis. O movimento energético da vida pode ter me conduzido para longe do ouro. Muitos podem ter sido aqueles que como eu, também descobriram o veio e que também foram afastados dali.

Mês que vem completo um ano de casado. Hoje analiso meu casamento como uma consequência da bifurcação que escolhi, anteriormente o havia considerado a própria bifurcação. Acho que superestimava sua importância. As histórias são muito parecidas. Novamente amigos impingidos por alguma espécie de instinto social, me apresentaram uma moça. Novamente convidei-a para uma seção de fotos para depois analisar o conteúdo do material. Apesar de ser bem menos bonita que a primeira moça, essa revelava alguma graça para as lentes. Seu sorriso possuía algum movimento, seus olhos aceitavam algumas sombras, refletindo luzes. Mas na verdade quase todas as pessoas que fotografei exalavam essa quantidade de vida. Ela apenas se tornava especial quando comparada com minha primeira modelo, que nada transmitia. É por isso que digo que não há culpados, mas se houver sou exclusivamente eu. Aumentei as luzes e os movimentos que enxergava, menti para mim mesmo fazendo-me acreditar que eles eram fortes o suficiente para ofuscar a visão.

Logo nos primeiros dias percebi que não poderia continuar mentindo, eu havia escolhido conviver diariamente com alguém que não possuía nenhuma qualidade que me atraísse. Imaginava que da mesma

forma, eu não deveria possuir nenhuma das qualidades que ela esperava encontrar em um marido. Mas os onze meses transcorreram de maneira serena, percebo que de vez em quando uns suspiros de desânimo indicam que ela ainda tem esperanças de que as coisas mudem. Ela é calma e nunca foi agressiva comigo, mas suspeito que esteja acumulando desapontamentos que algum dia irão transbordar.

O fato é que estar vivendo com ela, dormindo toda a noite na mesma cama, é algo que para mim não faz o menor sentido. Tanto que, desde que a conheço mantenho o mesmo nível de intimidade, ela não deixa de ser uma semi-estranha, e me sinto bem mais à vontade em casa quando ela sai para trabalhar.

Fico me perguntando se o tempo poderá agir sobre essa situação e fazer com que eu sinta prazer com sua presença. Não tenho absolutamente nada contra ela, mas apenas esse fato não é suficiente para que eu queira morar com alguém. Talvez ela seja do tipo que engole as adversidades sem reclamar, não importando os males que isso lhe cause... então me pergunto se eu iria tomar a iniciativa de por um fim nessa convivência, ou apenas deixaria os anos passarem e a situação se solidificar. Soltando a corda de vez e sentando-me confortavelmente no chão.

É certo que quanto mais tempo passa mais difíceis se tornam as mudanças. Se quiser me livrar desse caminho de desconforto e ausência, preciso tomar as rédeas nas mãos e agir. Apesar de perceber que ela também não está feliz, sei que um rompimento lhe trará grande sofrimento.

Nos finais de semana passamos longos momentos juntos sem nos dizermos nada, às vezes leio enquanto ela assiste à televisão, tenho vontade de conversar, propor uma trégua, uma bifurcação, que reconheçamos os erros juntos e busquemos uma saída de consenso. Ou então poderíamos tentar descobrir se temos alguns pontos em comum que desconhecemos. Acabo não fazendo nem uma coisa nem outra, no final o silêncio vence, e às vezes, quando ele fica muito constrangedor, eu mesmo digo alguma bobagem engraçada e acabo conseguindo extrair-lhe um risinho desencantado.

Nunca discutimos. Nos aceitamos, um grande aceitação-de-sistência que já dura quase um ano e que poderá durar mais cinquenta.... Analisando essa situação percebi como nos enganamos quando

acreditamos sermos senhores de nossos destinos. Controlamos o leme do barco, mas de que adianta se não sabemos a direção que devemos ir, e não enxergamos nenhum pedaço de terra no horizonte?

Se isso tudo envolvesse apenas nós dois a coisa seria menos complicada. Mas há as famílias, e até desanimo quando imagino a parte burocrática, ou então a mãe dela de olhos cheios de lágrimas tentando me convencer a insistir mais um pouco, a não me precipitar. O que diria a ela? Tentar o que? Não há nada a ser tentado, só um grande vazio causado por duas pessoas fracas. E que permaneçam sendo duas. Tenho cumprido semanalmente minhas obrigações de marido, mas confesso que esses são os piores momentos de nosso dia-a-dia, ela me disse que se cuida e que não quer filhos por enquanto, mas não sei, desconfio que ela acredite que um filho poderia melhorar a situação.

No meu ponto de vista, um filho apenas solidificaria as coisas do jeito que estão, além de colocar mais um inocente no meio da encrência. Seria como dizer para alguém que rema seu barquinho no meio do oceano “Pode nos seguir, estamos perdidos mas encontraremos um porto seguro.” Nos últimos meses tenho inventado desculpas para não fazer sexo, indisposição, dor nas costas, problemas estomacais. Acho que ela já percebeu minha tática e sabe a razão pela qual estou me esquivando, entretanto, nunca diz nada. Talvez se ela fosse do tipo que gostasse de exigir e reclamar, já tivéssemos chegado a um consenso.

Enquanto folheio meus álbuns de fotos, aparece uma dúvida, por que nunca fiz um autorretrato? Seria um bom tema, poderia ter me fotografado em diversas ocasiões, sob muitos tipos diferentes de luzes, poderia ter enxergado muitas coisas que me ajudariam a descobrir quem realmente sou. Poderia não ter enxergado nada.

VERÃO

Os oásis são a matéria-prima da vida. Por vezes possuem lagos de águas doces e árvores frutíferas, em outras ocasiões são formados por areias escaldantes. Poucos dias após o aniversário de um ano de casamento, que fiz questão de comemorar, consegui romper o vínculo que me amarrava àquela mulher. Como era previsto as lágrimas escorreram, houve interferência de ambas as famílias, dores de cabeça burocráticas, e vários outros pequenos incômodos que acumulados quase me enlouqueceram.

Mas hoje, passado mais de um ano de tudo aquilo, vejo que foi a melhor decisão que poderia ter tomado. Livrei-me de um peso enorme e tenho certeza de que para ela também foi bom. No princípio me arrependi um pouco da segura com que comuniquei-lhe que queria me separar, principalmente quando falei das razões. Fui seco, nossa vida era um vazio sem sentido, ela não me adicionava nada e eu também provavelmente não lhe traria nada de bom. Disse que com o passar dos anos a situação só pioraria, e o nada se transformaria em um ódio secreto que nos corroeria as entranhas. Ela chorou lágrimas amareladas e naquele instante eu me senti cruel. Mas percebo que se tivesse optado por uma discussão com argumentos prós e contras, teria dado tempo para que o casamento reagisse a meu ataque, chamasse reforços e se reestruturasse. Tudo não passaria de uma crise destinada a fortalecer as raízes da instituição. Do jeito que expus os fatos não houve tempo de reação.

Foi um episódio de minha vida do qual procurei extrair algo de positivo, mas confesso que até agora não consegui. Terminada a parte traumática veio a da euforia. Era um jovem que ainda não havia completado trinta e quatro anos, me sentia cheio de energias, ideias, já tinha passado por muitas experiências e elas poderiam me ajudar no futuro.

Novamente o acaso colocou a máquina fotográfica na minha frente, e quando a vi foi como se meu coração tivesse recebido uma injeção de esperança-verde. Abri um sorriso repleto de expectativas, lembrei-me das descobertas. Minha primeira ideia foi recomeçar de onde havia parado. Enquanto folheava os álbuns de fotos, algo foi me dizendo

que aquilo seria impossível. Uma vez abandonados os tesouros se dissolvem e o ouro transforma-se em lama. Continuei olhando as fotos agora com o coração injetado por melancolia. Foi quando a memória me trouxe um desejo nunca realizado: os autorretratos. Nesse caso eu estaria partindo do zero, iniciando uma nova escavação e não procurando sobras da anterior.

Armei-me do material necessário e me preparei para a primeira foto. Montei a câmera bem em frente a uma parede branca, queria que o fundo interferisse o mínimo possível na foto. Acionei o disparador e gastei um filme inteiro. Primeira impressão: eu não parecia ter trinta e quatro, mas sim quarenta anos. Estava envelhecendo mais rápido que o calendário.

Atribuí isso aos momentos difíceis que passei nos últimos tempos. Mas não era isso que me interessava nas fotos. Na verdade o que primeiro me chamou a atenção foi o que eu queria que menos chamasse, o fundo branco. Reparei que escolhi tirar a foto bem em frente ao único ponto em que a parede estava descascada. Uma infiltração d'água havia feito a tinta cair e manchado de marrom e verde o trecho escolhido. E essas marcas eram bem visíveis, mesmo assim escolhi aquilo como algo neutro. Talvez eu me sentisse sujo e estivesse procurando algo que escondesse minhas manchas.

Passei para meu rosto. As variações das fotos eram muito sutis e por isso mesmo importantes. A mudança de luz influenciava naquilo que eu enxergava em meu rosto. Nas primeiras fotos as luzes mais fortes deixavam claras minhas marcas de expressão, enxerguei bem meu exterior, mas o que me interessava ficou escondido. A sessão toda deve ter levado umas duas horas, o que foi suficiente para que nas últimas fotos a luz estivesse menos chapada e algumas sombras se formassem. Foi aí que a coisa começou a ficar interessante. Embaixo de meus dois olhos se formaram sombras roxas. Pareciam duas grandes lágrimas que continham todas minhas experiências de vida. Davam a impressão de estar prestes a rolar. Senti que cabia a mim desprendê-las de onde estavam e deixá-las serem sugadas pela terra. Com um olhar mais atento decifrei do que eram feitas aquelas lágrimas arroxeadas, não era minha experiência de vida que pendia de meus olhos, mas sim uma grande quantidade de mágoa.

Aquilo me assustou e minha primeira reação foi me afastar das fotografias. Coloquei-as de lado e procurei pensar em outra coisa. Mas qualquer ideia arrastava consigo a lembrança daquelas grandes lágrimas apodrecidas, e percebi que teria de enfrentá-las, caso contrário elas ficariam para sempre presas a meus olhos sem nunca conseguirem escorrer. Apanhei novamente as fotos nas mãos tentando reparar em mais algum detalhe que a imagem quisesse me revelar. E havia vários, mas todos se tornavam insignificantes se comparados com as duas grandes lágrimas roxas. É com elas que eu teria de me entender, o resto poderia ser deixado de lado.

Mergulhei fundo na substância da qual eram feitas as gotas. Era claro que o fato de desejar mas não haver me tornado um artista contribuía para aquele sentimento. O ano gasto com aquele casamento sem sentido também. O fato de ter encontrado algo que realmente me interessava e que julgava útil, e sem grandes motivos eu haver abandonado essa descoberta, era outro ingrediente que também compunha as gotas de lágrimas.

A memória foi me trazendo acontecimentos que certamente também deviam estar contidos naquele sentimento, eles vinham de todos os períodos de minha vida. Então fiquei curioso, ao longo da vida de qualquer pessoa sempre acontecem adversidades, sonhos dissolvidos, sentimentos de injustiça, por que alguns não deixavam que esses males se acumulassem?

As razões que eu havia detectado como componentes de minhas mágoas existiam, sob diferentes formas, na vida de qualquer pessoa. Mas os organismos saudáveis conseguiam eliminar aquelas toxinas. Ou eu tinha algum problema que desconhecia, ou havia razões muito mais profundas para que minhas mágoas existissem. Senti que gotas de suor escorriam por minha testa, eu precisava mergulhar mais fundo para encontrar as razões mais sólidas.

As lágrimas da testa se transferiram para meus olhos, escorreguei da poltrona e deitei no chão. Junto parecia que escorregava sobre mim o peso de tudo o que existe. Sobre a ferida da vida joguei sal, pimenta e ácido sulfúrico. Meus pulmões encolheram, a luz escureceu e minhas

narinas pareciam sentir o cheiro de meus órgãos internos. Olhei para o relógio da parede e ele me pareceu uma máquina perversa. Aliás, todos os objetos ao meu redor eram invenções demoníacas nascidas para me fazer sofrer. De longe reparei no espelho, aquela era a mais cruel das criações.

E então, depois dessa tortura que ninguém suportaria, comecei a falar: odiava meus pais por eles, egoisticamente, terem escolhido me colocar no mundo. Odiava a todos ao meu redor por aceitarem sem questionamentos participarem desse longo sofrimento chamado vida. Odiava os otimistas por sua estúpida ingenuidade, os pessimistas por sua covardia atávica. Odiava a arte por ser uma mentira incompleta, a filosofia por ser um jogo de palavras que traz mais dúvidas do que respostas. Odiava as dúvidas e sua capacidade de reprodução geométrica, enquanto as respostas se reproduziam apenas aritmeticamente. Odiava o fato de tudo existir, por que o nada não havia vencido a guerra contra a existência? Por que o universo foi desperto do eterno sono sem sonhos? E tendo acordado, por que sua primeira providência foi a criação do tempo, esse ácido destruidor de tudo? Odiava o tempo em todas suas manifestações e em todas suas consequências sobre o homem: a formação de ingênuas expectativas, o orgulho ignorante pela participação em uma determinada quantidade de tempo, e a mágoa sentida pela constatação da decrepitude. Eu odiava os velhos pela feiúra e fraqueza, os jovens pela estupidez e ignorância, as crianças por representarem uma falsa promessa de mudança. Odiava os reformadores, os profetas, os santos, os abnegados, os que nada querem para si, os ditadores, os democratas, os facínoras, as mulheres, todas as categorias profissionais, odiava igualmente os bons e os maus, os fracos e os fortes, os justiceiros e os injustiçados.

Mas sobre todos esses ódios havia um que sobressaia, eu odiava a morte e os mortos, esse exército de ausentes que sumiam sem deixar rastros. Iam-se embora sem serem responsabilizados pela vida. Foi quando percebi que não era só ódio o que me unia à morte, a inveja o acompanhava mas o superava em quantidade. Invejava a tranquilidade absoluta a qual os mortos eram submetidos. Invejava a não-ação, a ausência de certezas e dúvidas, a não necessidade de relações.

Um morto era alguém que não precisava vestir nenhuma espécie de máscara social. Um morto se desvencilhava das amarras do tempo. E talvez a maior razão de minha inveja, fosse que um morto não possuía um coração para carregar mágoas.

Precisei respirar. Não conseguia continuar mergulhando, precisava de tempo para me restabelecer. Comecei a caminhar pela sala, me sentia como um tigre ferido. Recentemente havia me livrado de um grande incômodo, deveria estar vivendo uma fase de renascimento das esperanças. Então descubro que sou um grande depósito de ódio, e que o principal alvo desse sentimento sou eu mesmo, nunca aceitei minha própria existência, além disso invejo os que não mais existem. As coisas estão muito piores do que eu pensava. Nada do que fiz, pensei, desejei, senti, nada tinha base alguma, ou melhor, foram tudo miragens vazias projetadas sobre areias escaldantes de ódio. Quando o alvo do ódio de alguém é sua própria pessoa, todos os objetivos de vida passam a ser mentirosos, pois no fundo, o único desejo desse ser, é que sempre o que há de pior aconteça com ele mesmo. Pessoas como essas jamais se matarão, pois não querem dar um fim na possibilidade de continuar exercendo o ódio contra si mesmas.

O diagnóstico era assustador, mas não definitivo. Precisava de ar, precisava continuar movendo meus músculos num espaço maior do que minha sala. Talvez todas as pessoas, se fizessem o mesmo exame de consciência chegassem à mesma conclusão. Esse ódio de si mesmo e a inveja dos que não mais existem poderiam compor a camada mais profunda da psique humana. Eu apenas tive a capacidade de mergulhar até onde poucos conseguiram, e voltar de lá inteiro. Apesar de abalado me sentia como alguém que havia recebido um grande golpe, mas tinha forças para revidar.

Enquanto andava pela rua refletia sobre quais seriam os caminhos possíveis para mim de agora em diante. Acreditava que as revelações nunca mais permitiriam que levasse a vida que vinha levando. Estava mudado.

Algo precisava ser feito, ou entulhava meu interior com tantas camadas de porcaria social, até que a carne apodrecida que vivia dentro de mim perdesse o odor fétido e ganhasse aparência asséptica, tornando-me um túmulo humano, ou então lutava para conseguir derreter a

carga maléfica que me pesava. De alguma parte minha precisava materializar um ácido poderoso que conseguisse dissolver as grandes lágrimas roxas de sofrimento. Talvez essa eventual substância me deixasse, como efeito colateral, grandes cicatrizes na face, mas valeria a pena diante do mal de que me livraria.

Sentia-me um pouco mais aliviado, passando perto de uma loja consegui me olhar no espelho. Não vi lágrimas e nenhum sinal dos pesos que carregava, vi apenas um homem cansado. A vendedora perguntou se poderia me ajudar, respondi-lhe que infelizmente não.

Caminhei mais, até ficar bem cansado, me sentei num banco de praça e quando reparei meus pés pisavam flores de cerejeira. Olhei ao redor e confirmei que aquela era a praça onde eu havia fotografado a moça oriental. Mas dessa vez os galhos estavam vazios e umas poucas flores se acumulavam no chão. Algumas tinham sido pisoteadas e outras destruídas pela ação do tempo. Encontrei uma que estava inteira, devia ter sido uma das últimas a se desprender da árvore. Apanhei-a e a observei, apesar de bela essa flor não possuía a força do conjunto de uma copa florida. Reparei no sutil desenho da flor, não havia um traço que fosse excessivo, a cor suave, um branco levemente avermelhado completava a harmonia que tinha em mãos. Percebi que mais do que bela aquela flor era harmônica, e a ausência de uma beleza mais contundente reforçava essa qualidade. Olhei para os galhos nus e notei que se a árvore permanecesse o ano inteiro coberta de flores, eu provavelmente nunca teria percebido sua existência.

Soltando a flor no chão voltei meu pensamento para o monólito de mágoas que tinha entalado na garganta. Passei a mão embaixo de meus olhos, nenhuma forma física se materializava, o sentimento escuro talvez possuísse a capacidade de viajar por diversas partes do corpo. Mas isso não importava, precisava destruí-lo onde quer que estivesse. Uma grande luta se iniciou, a mágoa se protegia multiplicando argumentos que a justificassem. Reagi anulando meus desejos pessoais e diminuindo minha própria individualidade, percebi como as mágoas se nutriam dela... eu estou magoado por isso e aquilo... ora, se eu for um pouco menos eu e um pouco mais todos os outros, o que se uniria à figura recortada da totalidade também diminuiria.

A pequena flor caída no chão parecia agora que estava sucumbindo à força da terra, em pouco tempo se dissolveria. O imenso buquê florido que foi a cerejeira carregava-se de pequenas individualidades que procuravam ser apenas flores, sem almejar algo além, nem permitir ser algo a menos. E dessa forma compunham um conjunto de verdadeira beleza. Eu precisava ser mais harmônico, as grandes quantidades de mágoa que tinha em meu peito se originavam de desejos não realizados. Eu era uma criança mimada que não tinha ganho o presente com o qual havia sonhado. A harmonia poderia gerar beleza, mas a beleza por si só não se sustentava, era uma árvore sem raízes. E todos meus desejos não realizados eram frondosas árvores que flutuavam no ar. Eu precisava de raízes, precisava ser mais a essência da flor e menos uma flor específica.

Essas ideias me fizeram lembrar da estrela vermelha, me fizeram pensar no absoluto. Era dia, mas mesmo assim olhei para cima, tudo estava lá como sempre estivera, não enxerguei corpos celestes além do sol. O dia começava a morrer e sombras cobriam flores mortas no chão. Algo parecia que começava a se dissolver dentro de mim.

Eu precisava ser um pouco mais cada outra pessoa. A beleza sempre se transformaria em feiúra, mas não a harmonia. As luzes ganhavam inclinação e o chão amarelos. Eu sentia meus músculos perderem tensão. A criança mimada precisava aceitar que seus desejos não seriam mais realizados. Eu nunca havia não existido e apenas me transformarei. Uma abelha passeava em vão por entre galhos de cerejeira.

O fim do dia parecia trazer consigo o término do peso que trazia em meu estômago. As coisas se dissolvem, por isso não me iludo. Da mesma forma que as mágoas pareceram derreter, o mesmo poderá ocorrer com a paz e a harmonia. Um passarinho passeia no chão buscando comida, passa por cima de algumas flores caídas e bate asas. Comecei a sentir fome e decidi voltar para casa. Nessa noite nada interrompia minha digestão, minha língua ansiava por sabores. Enchi meus pulmões de ar, minhas narinas sentiram o cheiro do verão. A luz desaparecia sem me incomodar os olhos.

Antes de ir embora me aproximei da cerejeira, os grandes galhos mo-
renos pareciam uma rachadura no azul do céu que começava a escurecer.

Alguns desses galhos ramificavam-se como dedos e desciam até quase minha altura. E foi nessas extremidades afinadas e flexíveis que enxerguei, mesmo com a luz que a essa altura já era mais azul do que amarela, pequenos pontos brancos. Eram novas flores de cerejeira que chegavam.

PRIMAVERA

Além dos oásis e das bifurcações, a vida também é composta de espelhos. Porque muitos lugares em que acreditamos nos encontrar, são apenas reflexos do que está a nossa volta. Muitos pratos tentadores e saborosos estão apenas nos debilitando a saúde, enquanto que porções amargas e insossas podem ser elixires restauradores de energia. As coisas são sempre muito menos verdadeiras do que parecem, e essa afirmação parece que também vale no sentido contrário.

Com trinta e cinco anos vivia uma fase de grande paz. O branco em meus cabelos avançou e acho que é ele o responsável por eu aparentar mais idade do que tenho. Já meu rosto, parece que estabilizou sua decadência. No último ano não surgiram novas rugas e o acomodamento natural de minhas pálpebras e maçãs pareceu atingir um ponto em que permanecerá assim por um bom tempo. Ganhei um aspecto de alguém, que numa rodoviária receberia o convite de um estranho para vigiar sua mala enquanto ele vai ao banheiro.

Junto dessa estabilidade de imagem vivo outra, a profissional. Encontrei um ponto de equilíbrio aceitável entre trabalho, dinheiro e satisfação (ou falta dela). Outra coisa importante que percebi em relação à vida, é que ela acontece em ondas. Parece que quando algo se estabiliza, isso também acaba acontecendo com todo o resto, mas quando a onda desaba leva junto o que se vinha construindo em outras áreas. E assim acontece comigo, emocionalmente me sinto mais estabilizado, desapareceram os excessos de melancolia e otimismo.

Conheci uma moça com a qual venho me relacionando. Nesse campo também a onda de paz vem acontecendo e ao contrário de todas as outras que conheci, essa não me cobra a formalização de nossa convivência. Não exige nem mesmo a fidelidade sexual. Ela me aceita

como sou. Em compensação não posso dizer que tenha muito em comum com ela. Nossas conversas giram em torno de amenidades, brincadeiras, nossa convivência inclui prazeres culturais, gastronômicos e sexuais. Tudo em graus moderados, mas que no conjunto estão tendo o efeito de tornar-me um manso. Coincidentemente, assim como a moça que fotografei sob a chuva de pétalas, ela é oriental.

Aliás, também em relação à fotografia venho agindo com moderação e prazer. Abandonei aquelas análises que vinha fazendo e que me conduziam a labirintos claustrofóbicos, agora a fotografia representa prazer. Uma vez por mês, sozinho ou acompanhado, saio para fotografar. O que busco são imagens bonitas, a graça da criança brincando com o cachorrinho, um pássaro pousado num galho coberto de flores, o sol se escondendo no horizonte de árvores. Fiz ampliações de minhas fotos e cobri as paredes de meu apartamento com elas. Quanto às outras, as mantenho fechadas em álbuns que resolvi guardar embaixo de minha cama.

Algumas pessoas que conheciam as fotografias anteriores e conhecem as atuais dizem que evolui bastante. Não sei se isso é verdade, também não estou preocupado em evoluir, mas não posso negar que há prazer em ser aceito pelos outros. E nunca em minha vida conheci dias de tanta aprovação.

Outro dia fui a um restaurante com a moça com quem me encontro, e que essa onda de paz quase me fez chamá-la de minha namorada. Coisa impossível para quem há algum tempo atrás era um inconformado descrente. A comida e o ambiente estavam agradáveis e uma taça de vinho temperou o prazer que sentia. Nossa mesa estava do lado de fora e tanto temperatura quanto luz eram as ideais. Nós nos divertíamos com conversas ingênuas e parecia que todos os fatores possíveis colaboravam para que se formasse ao meu redor uma espécie de bolha de prazer.

Fui ao banheiro e lá senti o primeiro indício de que a onda de paz em que vivo poderia desabar. Mas o mais estranho é que percebi que seria eu mesmo quem encerraria essa fase prazerosa. Não tomei atitude nenhuma, tudo não passou de um vislumbre intuitivo que não durou mais de um segundo. Olhei-me no espelho e minha fisionomia de manso pareceu que avançava em direção a outro adjetivo: conformado.

Nesse curto instante uma outra frase pareceu estar escrita em minha testa “Você perdeu sua selvageria.” Nesse instante ainda couberam algumas gotas de ódio que dirigi contra o espelho. Meu punho se cerrou, mas logo se abriu quando percebi que havia alguém atrás de mim querendo usar a pia. Voltei para a mesa e ela logo percebeu que algo havia acontecido. Procurei disfarçar fingindo uma alegria que não mais sentia.

Os dias se passaram e continuei no mesmo ritmo de tranquilidade em que vivia. A recordação do episódio do espelho foi diminuindo, e passei a considerá-la um caso isolado que não mais se repetiria. Conheci novas pessoas e intensifiquei minha vida social. Saíamos a três casais, restaurante seguido de uma sobremesa na casa de alguém. Às vezes jantávamos em uma das casas, comidas diferentes, vinhos, conversas ligeiras.

Há duas semanas provou-se verdadeira minha especulação sobre espelhos, ondas, bifurcações... poderia ainda adicionar a ela algumas outras variantes que o que vivi me mostrou existirem, mas não sei se é chegada a hora de transformar em definição aquilo que para mim são apenas surtos intuitivos.

O que aconteceu foi que a experiência do espelho repetiu-se, não com um espelho, mas num nível muito mais profundo. Da outra vez o episódio aconteceu em um banheiro, dessa no caminho para ele. Desde então me considero em fase de transição. Minha paz existe na aparência, porque agora há sempre um espinho me lembrando que uma nova fase está começando.

Estávamos jantando na casa de uns amigos, bebíamos vinho e repetíamos alguns assuntos do último encontro. Fui ao banheiro, mas por engano entrei num quarto que servia como uma espécie de escritório. A luz estava acesa e imediatamente fui distraído pelos objetos da sala. Sobre a escrivaninha várias fotos do casal à beira-mar e no alto de uma montanha. Sobre uma cadeira alguns bichinhos de pelúcia, na estante alguns livros de arte e clássicos da literatura mundial em edições luxuosas. Por todo quarto existiam assinaturas pessoais em forma de objetos, que pareciam querer a todo custo sublinhar a informação de que aquele lugar pertencia a quem pertencia, e que aquelas duas pessoas possuíam um vínculo e estavam muito bem solidificadas dentro daquele

apartamento, que por sua vez se fosse removido dali (o apartamento), faria todo o prédio desabar, e o desabamento acabaria derrubando outros prédios vizinhos. Portanto aquelas duas pessoas (e seus sentimentos também), eram um pouco aqueles objetos, o cimento e os tijolos do prédio, elas se encaixavam num ciclo físico-social que para existir precisaria tirar suas energias de algum lugar.

Enquanto essas estranhas ideias embaralhavam-se sobre mim, vi meu reflexo deformado numa mesa de acrílico. Enxerguei-me alaranjado, quase sem queixo e com um nariz enorme. Não gostei do que vi e procurei desviar o olhar. Uma angústia rapidamente cresceu em mim, procurei respirar fundo. Fui até a janela e observei outros prédios ao redor, as luzes estavam acesas e consegui ver um homem que assistia televisão.

Havia perdido a vontade de ir ao banheiro e me sentei na cadeira da escrivaninha olhando para os porta-retratos que me mostravam pequenos instantes de alegria. Fiquei lá até que vieram procurar por mim. A dona da casa estranhou me ver sentado ali e perguntou se eu estava passando bem. Disse-lhe que havia sentido uma tontura, talvez por pressão baixa.

Depois desse dia nunca mais saí, não sei se por medo de que aqueles instantes se repetissem, ou porque aquele tipo de reunião social não fizesse mais sentido para mim. Na verdade também tenho evitado ela, que apesar de ter sido a moça que menos me cobrou aquilo que para mim não fazia sentido, parecia que, de uma forma ou de outra, havia ajudado a desenhar meu rosto alaranjado e deformado.

Sei que o que estou dizendo parece confuso, mas estou tentando ser o mais fiel possível ao que enxergo. Se um pintor realista desenha formas surreais, é porque as está enxergando. Estou curioso para saber o que virá pela frente, esses dias de transição que vivo me parecem um longo período de espera. E isso está me trazendo uma certa irritabilidade e dificuldade para dormir. Voltam-me a memória meus dias e ideias juvenis, releio as primeiras páginas desse diário e lamento não ter escrito mais naquele período.

Ontem decidi raspar a cabeça. Não sei de onde nem por que surgiu

essa idéia. Tinha ido ao mesmo barbeiro que frequento desde a infância, e quando ele me perguntou se eu queria o mesmo corte de sempre lhe disse que não. Demorei alguns instantes até me decidir a raspar. Antes de passar a máquina ele usou a tesoura, e pude ver quando caíam no chão os tufos de cabelo descolorado.

VERÃO

A corda e o ódio. Percebi que existe uma relação entre eles. Mas não sei dizer qual é. O que parece mais evidente é que quanto mais solto a corda mais enfraqueço todos os apegos, inclusive o ódio. Mas suspeito que essa relação não seja assim tão simples. Alguém que a nada se conecta, pode facilmente transformar essa ausência em semente tenebrosa.

Independentemente disso percebo que é inevitável que pouco a pouco a corda escape de minhas mãos, e que talvez, nossos apegos não sejam diferentes da substância que forma nossa pele, e que invariavelmente amolece com o tempo. Nascemos já condenados a cumprir determinada pena, e cabe a nós apenas tornar esse período de detenção o menos sofrido possível.

Os ciclos são uma realidade. Gostaria de compreender seus processos de funcionamento, por enquanto só consigo percebê-los. Eles são ondas positivas, negativas ou neutras que se aplicam à vida de qualquer pessoa, a grupos humanos e a tudo mais que existe. Existem ciclos emocionais, físicos, sexuais... qualquer emoção, força, qualquer tijolo que compõe a vida está sujeito a esses ciclos.

Sem querer chegar a diagnósticos exatos, outro dia me ocorreu a idéia de comparar os ciclos com um coração pulsante, não propriamente a ele, mas ao que ele normalmente representa, essa palavra abstrata: vida. Os ciclos seriam a consequência desse coração, o movimento que leva o sangue a irrigar todas as partes do corpo.

Depois do episódio que vivi no escritório do apartamento de meus amigos, percebi que um ciclo se fechava. Vivi dias de dúvida e pouca ação. A moça me procurava, queria que eu dissesse o que estava acontecendo,

dizia que percebia que eu havia mudado de uma hora para outra. Eu negava afirmando que tudo estava igual. Aos poucos sua compreensão foi se transformando em irritação, e um dia recebi uma longa carta sua acusando-me de ser um grande egoísta. Depois disso nunca mais a vi, não porque tenha ficado com raiva dela, mas porque simplesmente não saberia o que dizer. Poderia tentar explicar a verdade mas eu não sabia qual era, provavelmente terminaria gaguejando, o que acabaria dando a impressão que eu tentava esconder algo.

Sei que optei pelo caminho mais fácil, nada de lágrimas e contra-argumentos, apenas o silêncio e o esquecimento. Nos primeiros dias estranhei, mesmo os pequenos contratempos de nossa relação pareciam fazer falta. Para dizer a verdade eram eles que mais falta faziam. Foi então que percebi como uma pessoa pode se tornar o vício da outra. Voltaram-me à memória meus velhos companheiros de bar, os ciclos se repetiam. Eu havia descoberto um jovem corpo feminino para me viciar, abandonara os velhos que me lembravam a morte, encontrando um símbolo rejuvenescido que representava a mesma coisa.

Um curto e avermelhado ciclo fez com que um dia eu destruísse todas as fotos emolduradas que cobriam as paredes de meu apartamento. Depois de terminada a destruição me lembrei dos álbuns de fotos do período anterior. O ciclo se extinguiu antes que eu pudesse tocá-los.

No dia seguinte enquanto limpava a destruição reparei que meu cabelo havia crescido e precisava ser cortado. O que me chamou a atenção foi que depois que raspei a cabeça, os cabelos brancos parece que ganharam força e seu número já era quase igual ao de escuros. Com trinta e cinco anos acho que não seria difícil alguém me dar quarenta e três. Parecia que vinte por cento de minha vida estava escoando por algum lugar que eu desconhecia.

Enquanto colocava essas palavras no papel, resolvi cobrir com um pano o espelho da sala em que escrevo. Ele me incomodava. Estava consciente de que meu envelhecimento precoce era apenas uma consequência de muitos fatores, alguns que sabia quais eram e muitos outros desconhecidos, e que eu desejava manter como tal. Sempre detestei

receitas prontas com diagnósticos exatos. Como alguém poderia dizer tudo o que existe no mar que a gente é?

Mas havia algo que eu precisava resolver, um espinho que já há muito tempo me cutucava. Fiquei de pé e descobri o espelho, olhando no fundo de meus olhos. Reparei na cor da íris, nas veias, no branco-amarelado do fundo, uma angústia se formou em minha garganta e os olhos ganharam um brilho de lágrimas. Tomei coragem e me perguntei “Será que meus olhos sempre precisarão de lágrimas para brilhar, e que nunca mais terão o brilho natural dos selvagens?”

VERÃO

Outro dia fui experimentar minha câmera fotográfica e ela não funcionou, fazia mais de um ano que não a usava. Encostei-a num canto e ontem vi que ela estava coberta de pó. Tinha a aparência de um objeto morto. Talvez eles também possuam vidas, auges e decadências. Fiquei me perguntando se minha experiência com a imagem estaria definitivamente encerrada. Não soube responder, mas para mim era claro que se realmente estivesse eu precisaria com urgência encontrar algo para substituí-la. De alguma maneira esse diário, mesmo sendo escrito tão esporadicamente, possuía uma função parecida ao que a fotografia me proporcionava. Talvez em escala bem mais reduzida, mas também aqui eu investigo. Não os símbolos da vida, mas como eles se manifestam em mim.

Aquela máquina fotográfica coberta de pó me deu medo. Se aquele objeto realmente estiver morto, tenho receio de que essas poucas palavras escritas com frequência irregular, não sejam suficientes para que eu faça meus olhos voltarem a brilhar. Meu medo maior é que caso eu não arrume um outro canal para me expressar, eu mesmo me torne algo empoeirado, sem função e esquecido num canto. Sinto que estou numa encruzilhada. Preciso me sentir útil. Outro dia rabisquei umas palavras no papel, tentei escrever ficção, um conto curto, rasguei tudo. Pensei em voltar a tentar as artes plásticas, manteria o que faço profissionalmente do jeito que está, mas ao mesmo tempo faria

alguma coisa em que realmente acredito.

Ontem à noite aconteceu algo engraçado, dormi e acordei de madrugada com algumas nebulosas recordações do que havia sonhado. Lembrava-me de minha câmera fotográfica, de estrelas coloridas e de uma espécie de poeira cósmica. A insônia fez com que minha mente fervesse num caldeirão todos esses ingredientes, e depois de um longo tempo de pensamentos improdutivos reparei que o dia estava nascendo. Junto com ele veio um questionamento estranho. Se realmente existia esse mundo dos seres inanimados, composto de câmeras fotográficas, bicicletas e asteróides, quando não havia um olho para observá-los, será que eles continuariam existindo?

Essa pergunta me pareceu tão ingênua quanto a luz da manhã que nascia. Como logo teria de me levantar, desisti de tentar dormir e continuei burilando meu raciocínio. O olho humano era a central de imagens de tudo o que existia, nossa base para assegurar ou negar a existência de algo era, no fundo, bastante frágil. E a imagem não passa de um instrumento da consciência humana. Tudo o que recebe o veredicto que existe, tem como prova mais sólida apenas o fato de participar dessa consciência. Nunca é levado em conta o fato de que objetos possam existir sem participar dela. Que algo que não está presente em nenhum nível da consciência, nem na camada mais superficial, nem nos mares escuros, ou nas espumas voláteis da imaginação, possa ser tão sólido como minha cama. Também não se leva em conta as outras consciências que existem, e que assim como a nossa, poderiam dar vida a seus próprios objetos.

O relógio marcava seis horas e a luz que invadia meu quarto ia ganhando solidez. Senti que também eu precisava um pouco dela. Resolvi encurtar aqueles pensamentos, mas não queria simplesmente me livrar deles. Foi quando apanhei uma caneta e um pedaço de papel e rabisquei essa frase “Se não há consciência, continuará a existência?”. Imediatamente senti que essa poderia ser a primeira de muitas frases que escreveria, e que aos trinta e seis anos poderia estar sendo iniciado um novo ciclo em minha vida. Sairia de cena a imagem para dar vez à palavra.

Apesar daquilo não passar de uma possibilidade, já fazia muito tempo que eu não sentia meu coração pulsar de maneira tão vibrante.

Enquanto me preparava para sair, percorreram minha mente mil maneiras de utilizar a palavra. Eu poderia dissecá-la, poderia pesquisar seu conteúdo, estudar sua simbologia... depois quando a estivesse dominando melhor, comporia poemas, narrativas épicas, poderia até inventar novos gêneros literários que ainda não existiam.

Pouco antes de sair de casa o avistei de longe. No princípio hesitei, tinha medo de que tudo não passasse de ilusão. Decidi seguir adiante e não me decepcionei. O espelho mostrava que meus olhos brilhavam.

VERÃO

Completei trinta e sete anos e pela primeira vez senti algo que me inquietou. Se for analisar friamente ainda sou novo e tenho muita vida pela frente. Mas talvez o que tenha me perturbado não tenha sido o número 37 e sim o número 3. Faltam apenas três anos para completar quarenta. Fico me lembrando da imagem que fazia dos homens de quarenta quando eu tinha dezenove anos, cansei de usar a expressão “um velho de quarenta anos”. E agora aqui estou às portas desse aniversário simbólico, o final da juventude, o início da decadência. Acho que esses anos que antecedem o aniversário devem ter um peso maior do que ele mesmo. A expectativa consome energias valiosas. Mesmo que seja inconscientemente nós nos cobramos realizações. O velho relógio imaginário se liga invisivelmente à nossa fonte de ansiedades, e é essa a origem das inevitáveis frustrações.

Continuo solteiro. Alguns amigos de infância, com os quais não tinha contato há muito tempo se reaproximaram. Saímos algumas vezes e não posso negar que me diverti, principalmente porque depois de muito tempo voltei a beber. Mas dessa vez acho que não corro perigo de tornar isso um hábito, mesmo porque eu nunca bebo sozinho, a bebida serve para mim apenas para animar a conversa. E apesar de gostar dessas pessoas com que saí, percebo que não tenho mais muitas coisas em comum com elas.

Marcamos de nos encontrar num bar, logo reparei que um deles depois de algum tempo não parava de olhar no relógio. Eles eram todos

casados e tinham horário certo para chegar em casa, exatamente como tínhamos quando éramos crianças. Parecia que o poder de controle havia apenas sido transferido. Além disso percebi que cada um deles, tentava sutilmente demonstrar aos outros seu grau de sucesso atingido, dinheiro, prestígio, família, tudo entrava nessa soma. Como eu não possuía nada daquilo acabei me sentindo meio excluído. Mas confesso que não tive um pingo de inveja. Entretanto acabei aceitando a solidariedade que eles sutilmente me prestavam por perceberem que eu não estava entre aqueles que possuíam conquistas. Todos pareciam conceder mais atenção a mim, e acho que consegui me nutrir dessa energia.

Chegado o horário onde segundo eles “vencia o alvará”, eles foram embora e eu fiz questão de ficar um pouco e aproveitar o fato de não possuir alvará. Pedi mais um chopp e aproveitei para me fazer algumas perguntas: já que para mim não representava nada aquele sucesso que eles buscavam, existiria algum outro tipo que representaria? Qual era? Qual era meu objetivo primeiro na vida? Talvez se eu respondesse essa pergunta, todas as outras que me fiz ao longo dos anos ficassem mais fáceis de serem respondidas.

Pedi uma caneta para a garçonete e anotei a pergunta num pedaço de papel. Sabia que o álcool, e mesmo uma simples noite de sono são capazes de apagar grandes descobertas. Antes de ir embora tentei responder a pergunta mas não consegui. Se eu não tinha noção de para onde queria ir, o que mais poderia querer? A vida não passaria de uma longa espera. Percebi que uma resposta dessas não viria de uma hora para outra, mas seria fruto de demoradas reflexões. Não era inteligente de minha parte tentar respondê-la nas condições em que me encontrava. Portanto esse primeiro fracasso em nada me perturbou.

Decidi voltar caminhando para casa, o céu estava coberto de nuvens, nenhuma estrela era visível. Não sei se era efeito da iluminação da cidade, mas parecia que as nuvens tinham uma tonalidade cinzento-amarelada. Depois que andei duas quadras percebi que uma quase imperceptível garoa estava caindo. Mesmo assim continuei, passei por alguns prédios luxuosos, onde acho que os amigos com quem estava deveriam morar. Havia umas poucas luzes acesas que pareciam pequenas lanternas que afundavam num oceano escuro. No alto de cada pré-

dio uma solitária luzinha vermelha que existe para evitar choque com aviões parecia querer furar o cinzento céu. Uma grande mão sonolenta parecia abraçar aqueles prédios e tudo o que havia dentro deles. De repente a garoa que caía aumentou de intensidade se tornando chuva. Eu estava molhado, mas decidi que mesmo assim continuaria caminhando até em casa...

OUTONO

A Estátua e a Rosa

“Minha estátua brilha e reflete em seu mármore branco os tons avermelhados do roseiral que a envolve.

Meu mármore é aquecido pelo sol e sujo pelas pombas.

Meu sono é profundo e minha vigília também.

Minha crosta de excrescências é um retrato do mundo que me envolve. Mas deixando que o mundo suje meus contornos, mantenho meu mármore interno intacto.

Minhas mãos apontam inertes para o horizonte e é o sol que insinua meus movimentos, deixando que eles se espalhem em sombras e reflexos. Estou por toda parte e todos são eu.

As flores secam e voltam a brotar, e todas as noites sou iluminado pelo branco da lua que se afoga em meus mármore. A paisagem ao meu redor escorre em gotas todos os dias. O vento varre as folhas caídas, e um outro, mais sutil, varre as pessoas.

Mas até onde percebo, o mármore que constrói meus contornos está imune a qualquer brisa. As gotas que escorrem por meus dedos são apenas as da chuva, e quando caem não levam com elas nenhum pedaço de minhas formas.

As temperaturas se alternam sobre minha superfície, as cores ao meu redor se modificam e com elas os detalhes, as roupas e os comportamentos.

As crianças crescem e voltam a diminuir. Os mesmos velhos sorrisos e lágrimas aparecem nos novos rostos. Enquanto isso meu mármore incólume a tudo isso, resfria-se à noite e aquece-se de dia.

Resolvo me perguntar se quero que as coisas permaneçam para sempre assim, que nunca me falte força nos braços para sustentar o gesto heróico

com que aponto para o horizonte, ou se prefiro exatamente o contrário.

Enquanto reflito, uma criança caminha até o roseiral, arranca uma flor e coloca sobre um de meus pés. Como todo o resto a flor acaba se dissolvendo, mas o monumento de mármore branco que sempre fui, e até onde sei sempre serei, de agora em diante terá uma manchinha vermelha sobre o pé direito.”

Agora só falta um ano para eu completar quarenta. É estranho, mas quando ainda faltavam três eu me sentia bem mais incomodado que agora. Acho que quando algo se mostra inevitável nós damos um jeito de aceitar, diminuindo nossas expectativas e transferindo a atenção dedicada para outra coisa. É uma maneira que a vida encontra de gerar movimento e continuar avançando.

O texto acima está entre os muitos que venho escrevendo ultimamente. Não sei porque o copiei nesse diário, não o considero nem melhor nem pior que os outros. Acho que foi porque ele estava mais perto de mim no momento em que escrevo. Normalmente escrevo em papéis soltos que acabam se perdendo. A palavra tem sido meu ponto de equilíbrio emocional, por isso faço questão de deixá-la livre, não quero acumulá-la em cadernos que terminariam empoeirados e fariam companhia para os álbuns de fotos que guardo embaixo da cama. Uma rosa não almeja a eternidade e ela é grande justamente por ser transitória. Por isso deixo meus escritos se perderem pelos cantos da casa e depois serem varridos junto com a sujeira.

É engraçado como de uns tempos para cá meu envelhecimento me preocupa cada vez menos. O espelho se tornou apenas mais um objeto, tão temido quanto uma mesa ou cadeira. Percebo que olhando-me nele tenho exatamente minha idade real. Aquele envelhecimento precoce parece que regrediu. Não sei se isso é possível ou se o que enxergo é na verdade meu estado interior, que agora parece estar mais equilibrado.

Não tenho muito o que dizer desses últimos dois anos. O tempo parece que voou, fato que honestamente não sei se avalio como positivo ou negativo. Julgo os acontecimentos cotidianos cada vez menos dignos de serem anotados. Acho que parte do desejo de descrevê-los se transformou nesses retalhos de ficção que rabisco em papéis soltos.

Entretanto, se a descrição do enredo cotidiano me parece cada vez algo com menos sentido, aumentou meu desejo de colocar nessas páginas, ou pelo menos tentar, as sensações que a vida me traz. É coisa difícil, eu sei. Mas gostaria de tentar falar do que sinto estando vivo, como se manifestam em mim os sintomas da vida.

A bolha de sensações em que estamos mergulhados acaba encontrando diferentes maneiras de atingir nossa percepção. Cada instante e cada pessoa tem suas cores particulares e é sobre elas que gostaria de escrever.

Começo do básico, nunca a mesma sensação se repetirá duas vezes, nem duas pessoas jamais viverão instantes idênticos. A brisa sempre moverá uma árvore com dez mil folhas de um jeito diferente. A sensação acontece dentro de um instante que não está contido no relógio.

Agora chega de ser professoral. Afora essas obviedades nada sei sobre como a vida acontece conosco. E mesmo se soubesse não teria sentido descrever isso. Seria como empalhar um animal que vive, para melhor compreendê-lo.

Sinto... apenas isso... e sentindo, meu único esforço é fazer com que a palavra não se perca no percurso que vai do instante em que é sentida até o momento em que minha caneta marca o papel. Outono. Árvores cobertas de marrom-avermelhado derramam suas folhas no gramado verde-amarelado. Fibras de diferentes texturas se tocam. Pequeno ruído abafado celebra essa união. Fibras de outras dimensões completam a cena: as do perfume de uma moça que passa por ali e sem perceber pisa numa folha, as fibras de luz que a carimbam de uma cor de sua preferência.

Eu me pergunto se a grande salada colorida e cósmica não passaria de um bem arranjado amontoado dessas fibras? Outono, nesse ar de maio há algo de marrom ferroso. Os meses e todo o resto da ficção, não poderiam também ser compostos por fibras? Incluo aí também as perguntas.

A folha marrom sobre a grama verde, ambas vão perdendo as qualidades que a distinguem, tendo elas transferidas para seus opostos: a grama tende do amarelo para o marrom, e a folha que vai se ressecando mostra traços de seu antigo verdor. Mãe e filha, a filha recebendo de herança a beleza que a mãe lhe transfere.

Som. Um pássaro expela fibras sonoras e seu bico brilha iluminado. As coisas acontecendo... o vento empurrando para o lado a água que jorra de um chafariz. Fibras de tudo se empurrando para compor as coisas que existem. Dentro de cada olho e cérebro elas prosseguem seus processos.

Fibras do instante imaculado, aquele que não se acumula nem diminui, flutuam sobre o dia e atravessam luzes, pensamentos e acasos. Coincidências compõem-se trançadas por fibras de três coisas diferentes. Meus cabelos são as folhas e a luz, e eu também sou um bico iluminado de pássaro. O som cheira a cores. Nada existe aqui. Fibras, fibras que dançam e se separam, gerando os eus, os aquis, os sous, construindo as destruições e iluminando as noites.

O que é meu rosto senão um amontoado de fibras? E o que meu rosto faz nesse mundo, além de participar da dança dessas fibras? Mas meu rosto parece que se enroscou com um instante, e esse por sua vez, se envolveu com algo que enfraqueceu sua carapaça, tornando-o passível de ser acumulado e diminuído. Depois desse desastre, meu rosto construiu para si um companheiro, ele vive com o medo, e ambos fingem que a grande dança de fibras, motor da existência, determinará que em todo o cosmos, apenas uma exceção ocorra. E que meu rosto se torne o único a ser poupado dos efeitos da vida.

Percebendo o absurdo de tal situação, tomo meu rosto nas mãos e o recoloco sobre meus ombros. O instante vive uma situação intermediária, nem impenetrável, nem fluido, o espaço destinado ao medo diminui e ele se sente desconfortável. Aceito a dança das fibras, o inevitável, que logo vai construindo suas perguntas e informando que tudo, sempre, prossegue.

O gelo imaterial derrete virando água cotidiana. Preciso terminar um grande pedido de entalhes que prometi entregar semana que vem. Não sei porque essa idéia me conduz a outra, faz tanto tempo que não tenho companhia feminina que pensei em consegui-la. Para isso me ocorreram duas idéias distintas, ir a um bordel, ou me casar com a primeira mulher que aceitar casar comigo. Não faria distinções de beleza, nível cultural, seria um casamento seco daqueles líquidos que servem para adoçá-lo, mas que normalmente também acabam corroendo-o.

O bordel me parece, em teoria, algo mais simples. Mas desconfio que com ele eu poderia incorrer no mesmo tipo de comportamento que tinha com os velhos quando frequentava o bar.

Ontem quando fui ao parque, havia um pássaro que tinha o bico vermelho. No fim da tarde a luz o iluminava tornando brilhante e transparente seu bico. A ave parecia que tinha uma pequena fonte de luz avermelhada saindo do rosto. Esse pequeno broto luminoso, por um desses mistérios da memória e do tempo, levou-me novamente para a caminhada que fiz há dois anos atrás, quando voltando para casa vi no alto de alguns prédios as pequenas lâmpadas vermelhas que ficam sempre acesas para evitar choque de aviões.

Será que início o outono de meus dias? Os tons de marrom começarão a cobrir meus atos, meu ritmo, cada passo que dou. As folhas despençarão querendo se livrar do que eu era. Nunca sei o que fui e sou, entretanto me entristeço em saber que, não importa o que eu seja, isso está começando a deixar de existir. Estou me tornando algo diferente, algo que provavelmente também nunca saberei o que é. Quem vence no final são sempre os ciclos e o movimento. No fundo não há final, e as vitórias são apenas sementes da próxima derrota. Isso pode soar extremamente pessimista, mas na verdade não é. Participamos de algo tão grande e inexorável, uma prisão onde as chances matemáticas de fuga são zero. Se nosso livre arbítrio é relativo, em compensação usufruímos da proteção que a camada de eternidade que nos envolve sempre nos concederá. Por isso o pessimismo não tem lugar nessa equação perfeita.

Outro dia peguei um ônibus e fiquei escutando a conversa de um casal. Eram bem mais jovens do que eu, a moça parecia irritada com o rapaz:

“Como você se enxerga quando for velho? Quer estar sozinho?”

Ele respondia de maneira evasiva, acho que percebeu que eu estava escutando. Ela, entretanto, não se importava que os outros passageiros escutassem, aliás, parecia fazer questão disso, pois falava cada vez mais alto.

“Você não respeita ninguém, por isso quando for velho não vai ter ninguém para cuidar de você.”

Senti um mal-estar estomacal quando escutei essa frase. Por que

não ir mais longe e desde muito cedo nos preocuparmos em cultivar a amizade de seis pessoas, de preferência mais jovens do que nós, que serão os encarregados de carregar nosso caixão até a sepultura?

Desci do ônibus e caminhei sem destino pelo centro da cidade, tudo o que via se misturava com as ideias que surgiram dentro do ônibus. Um menino de seis anos passeava de mãos dadas com a mãe. Ele já deveria estar se preocupando com quem cuidaria dele na velhice? Um grande relógio de rua apareceu na minha frente e me surpreendeu com o horário que marcava. Lembrei-me que há anos não era consertado e marcava sempre a mesma hora. Se o objetivo maior da vida deveria ser uma velhice tranquila, e o que vinha antes dela era apenas uma fase de acumulação de recursos de todos os tipos com o objetivo de garantir essa velhice, tive vontade de inverter esse jogo. Não haveria velhice, apenas uma vida de excessos, que por si só não permitiria sobras. O ano acabaria na primavera.

Essa solução, no fundo, seria muito parecida com a primeira. Normalmente o que parece radicalmente diferente acaba se revelando uma outra maneira de contar a mesma história.

Ceguei a uma praça onde normalmente havia vários velhos sentados em bancos, conversando e esperando o tempo passar. Hoje havia apenas um e parecia entediado. Olhava as pombas que caminhavam lentamente tentando achar comida no chão. Cumprimentei-o e sentei no mesmo banco. Notei que ele não queria que eu tivesse sentado ali, havia vários outros bancos vazios. Eu também não sabia por que quis sentar ao seu lado. Ele olhou para o relógio, acho que não queria deixar claro que se levantaria dali porque me sentei. Antes que fizesse isso me levantei e continuei caminhando.

O mundo é tão estranho. Cada vez mais chego à conclusão de que tanto as pessoas, quanto as coisas e os acontecimentos, tudo, nunca é o que parece. Há sempre disfarces. E quanto mais acreditamos que os disfarces correspondem à realidade, mais simples tudo se torna. Colocarei filhos no mundo, e desde pequenos os farei acreditar que me devem muita gratidão por tê-los trazido à vida. Vejam como esse raciocínio é simples. Dessa forma, quando for velho, eles, por causa dessa gratidão cultivada durante toda a vida, me manterão sempre com as

fraldas geriátricas secas. Nesse tipo de raciocínio não há espaço para dúvidas, porque tudo é exatamente o que parece ser.

Meu caminho é sem volta. Mesmo que quisesse não poderia mais acreditar nos disfarces. Só não sei, no fundo, no fim, quando meus companheiros de asilo estiverem com sorrisos no rosto me contando das cores brilhantes dos disfarces em que ainda acreditavam, o que eu diria a eles? Sorriria para acompanhá-los em seus instantes de alegria, ou então daria um jeito de esconder as lágrimas, disfarçando-as de felicidade?

VERÃO

Com quarenta anos de idade vivo uma das melhores fases da vida. É estranho como sofremos por antecipação. Isso ainda teria alguma lógica se a grande maioria desses medos que temos se concretizassem. Mas a vida prova que os fantasmas que nos aparecem antes que o dia nasça normalmente são derretidos pelo sol.

Profissionalmente as coisas vão bem, e pela primeira vez na vida ganho mais dinheiro do que consigo gastar. Não que seja uma fortuna, mas como nunca fui consumista, agora tenho de pensar no que vou fazer com o que venho poupando. O senso comum me diz para eu dar entrada numa casa e financiar o resto. Fico um pouco assustado quando vejo os períodos de financiamento, vinte, trinta anos, acho estranho me comprometer por um período tão longo. Talvez seja melhor gastar o dinheiro de outra forma. Ainda não conheço a Europa, poderia ser a oportunidade. Mas dessa vez não largaria tudo e viveria entre praças e albergues. Seria apenas um comportado turista que com sua câmera fotográfica armazenaria a imagem dos principais monumentos europeus.

Outro dia encontrei uma ilha de emoção no mar de serenidade em que vivo. A princípio julguei se tratar de algo negativo. Hoje, analisando de longe, digo que foi apenas emoção. Passeava por uma rua quando dei de cara com uma confeitaria onde costumava ir quando era criança. Imediatamente a recordação de minha mãe formou um nó em minha garganta. Entrei e o lugar estava igual há trinta anos atrás. Havia até um velho garçom do tempo em que eu frequentava.

Sentei-me numa mesa e pedi o cardápio.

A memória é um grande mistério, ela mistura imagens, sons, cheiros e gostos, e tudo isso pode ficar adormecido por décadas até que um gatilho qualquer dispara aquilo que vivemos e fomos. Foi o pudim de morango que fez minhas lágrimas correrem e eu sentir o cheiro de minha mãe. Quando a sobremesa chegou reconheci imediatamente sua cor artificial. Eu estava em frente à minha infância, e a presença daquela mulher que eu nunca mais veria era algo para mim tão real quanto o próprio pudim.

Naqueles instantes fui criança e adulto ao mesmo tempo. Tentei prolongar essa convivência o máximo que pude, comendo o doce lentamente. Quando terminei sentia que já não havia alguém ao meu lado. Pensei em pedir mais um, mas logo vi que aquele momento estava encerrado e a memória não mais me borrifaria de matéria mágica. Aquilo já se transformara em matéria-prima, que daria forma a um novo instante, jamais igual ao que acabara de viver.

A infância me abandonou e agora o mundo adulto me dizia que era ridículo um homem maduro, sozinho, derramando lágrimas em uma confeitaria cheia de crianças. Pedi a conta e fui embora.

Quantas camadas de realidade existem? Caminhei pelo centro da cidade com um resto de nó na garganta, meus olhos e nariz pareciam aliviados pelas secreções que haviam liberado. Temia que o episódio todo me trouxesse pensamentos negativos e que eu acabasse mergulhando num mar de autopiedade. Mas isso não aconteceu. Sabia que nunca mais iria revê-la, mas isso já não tinha tanta importância.

Dois dias depois já estava de volta ao meu mar tranquilo, que sei ser cíclico, mas que tem nisso sua maior qualidade.

Como seria um homem sem lágrimas? Essa pergunta me ocorreu num dia em que decidi que optaria pela segurança e iria me meter num financiamento, mesmo que esse tivesse a duração de um século. Entrei na agência e tive de esperar para falar com o gerente. O dia tinha começado com uma pergunta que eu não respondera, então, enquanto esperava e reparava na rotina bancária e nos rostos entediados dos que aguardavam na fila, deixei com que outra ideia nascesse.

Ela acabou fazendo com que me cansasse de esperar, voltaria outro dia para tratar do assunto: O homem que não usa máscara social, ou é excessivamente generoso, ou doentiamente mesquinho, mas sempre fugirá da polidez hipócrita e do egoísmo alienado.

Saindo do banco vi uma agência de turismo, o preço das passagens para a Europa estava pintado com tinta na vitrine. Aquilo parecia um sinal da vida me dizendo que eu deveria aproveitar os estertores de minha juventude. No fundo de que me serviria ter uma casa própria? Olhei a vitrine memorizando alguns valores, não quis me precipitar.

No dia seguinte não voltei nem ao banco nem à agência de turismo. Em vez disso continuei com meus rabiscos terapêuticos. Escrevi sobre um homem que trabalha duro para ganhar dinheiro, mas que não tem a menor ideia do que fazer com ele. Apenas deixa com que ele se acumule em sua conta bancária, destruindo dessa forma o brilho ilusório com o qual ele normalmente encanta as pessoas. Para ele o dinheiro é um número vazio, como a soma dos fiapos de um tapete ou a quantidade de peixes que existem nos oceanos. Gostaria até de ter transcrito essa pequena história nessas páginas, mas quando vi já tinha jogado o papel fora.

Não posso dizer que eu era exatamente aquele homem, mas era claro que havia algo meu ali. Num dia desses um amigo meu veio me visitar e encontrou em cima da mesa alguns de meus escritos. Antes que eu pudesse evitar ele já os lia. Depois que terminou me perguntou se aqueles pequenos personagens que ali estavam eram eu disfarçado.

Respondi-lhe que não, que aquilo eram histórias que escutava na rua, trechos de filmes, imaginação, tudo misturado para fazer nascer uma nova realidade. É claro que o que disse não era de todo mentira, mas ocultei também, que em cada palavra que escrevo estou presente. Mesmo se quisesse, nunca conseguiria me ausentar. Na verdade o que acho que acontece, é que além do que sou, também estão presentes na obra de qualquer criador, aquilo que ele desejava ter sido, e aquilo que ele orgulha-se de não ter se tornado. Todos os fantasmas silenciosos têm sua grande oportunidade para revelarem-se, mas não terão vida tranquila, aparecem para serem triturados e misturados a desejos,

credos, cores e segredos, e é dessa grande mistura que resulta a criação.

O trabalho que gera o dinheiro não pode parar, o dinheiro precisa ser produzido mesmo que não sirva para nada. Para não pensar nessa questão sem sentido, transformo realidades enchendo folhas e folhas de papel que depois joga no lixo. Como é que às vezes, não percebemos a total falta de lógica das coisas? É claro que é fácil destruir esse raciocínio atribuindo utilidade ao dinheiro. Criam-se necessidades supérfluas e pronto, todo o ciclo passa a fazer sentido. Mentiras que distraem os sentidos não deixando perceber que andamos em círculos dentro de um labirinto.

Se tivesse dezoito anos, talvez eu juntasse todo o dinheiro que guardei e queimaria em praça pública. Como tenho quarenta acho que acabarei pagando algum plano de saúde, ou então os juros de algum financiamento bancário. Outro dia descobri que se quiser posso pagar antecipadamente, em suaves prestações, meu próprio enterro. Não consegui segurar o riso.

Na idade média, por causa das grandes epidemias de cólera, tifo e outras doenças, havia um grande tabu em relação a permanecer sepultado. Fazia-se de tudo para garantir-se o próprio sepultamento. Era quase uma obrigação cívica não se deixar apodrecer pelos cantos. Parece que de uma forma velada esse dever existe até hoje. Na vida nada fiz, com ninguém e para nada contribuí, apenas consegui com grandes dificuldades me arrastar até o final, mas guardo com orgulho o fato de que depois de morto, fui colocado rapidamente debaixo da terra, não poluindo nem contaminando nada nem ninguém... esse parece ser um dos lemas secretos do homem.

Quais seriam os outros? Ou melhor, o contrário, quais seriam as atitudes inaceitáveis, aqueles atos que representariam uma ducha de ácido sulfúrico para a sociedade? Tenho algumas suspeitas: além de queimar seu próprio dinheiro, sem se importar com as consequências disso, e sem buscar caminhos alternativos para o auto-sustento, esse homem antissocial cometeria outros atentados contra a falta de lógica. Sabotaria a máquina, retirando suas engrenagens mais importantes. Primeiramente olharia para seu sexo e se perguntaria o que de mais perverso poderia fazer com ele. A primeira resposta seria “corte fora”,

homens castrados são o que de pior poderia acontecer ao mundo. Depois de alguma reflexão ele perceberá que nem de longe a autocastração será a escolha mais aguda. A perversão é maior quando vem disfarçada de seu oposto. Com seu pênis ele conheceria uma moça, pela qual ficaria encantado. Os três se casariam, ela, o pênis e ele, que na verdade seria apenas uma irônica testemunha dessa união. A criança nasceria cercada de cuidados. A partir desse momento, o pênis seria expulso da relação e o homem assumiria o papel de único cônjuge. Mas a única coisa pela qual se interessaria seria pela educação da criança.

Então se iniciaria a verdadeira perversidade, que como tudo na vida, seria sutil para ser eficiente. Desde muito cedo ele espalharia pela alma de seu filho a luz amarga da desilusão. Sem que a mãe percebesse ele serraria os pilares que lhe sustentavam o espírito, deixando-os muito frágeis. Qualquer brilho, qualquer cor, qualquer sorriso seria imediatamente recoberto de culpa. Com o passar dos anos a criança instintivamente se afastaria desse peso caminhando para longe da luz. O filho passaria a amar a escuridão. Mas isso ainda não representaria a realização do objetivo do pai.

Vivendo em sua caverna, o filho passaria a sofrer de dores insuportáveis cada vez que um fraco raio de luz se aproximasse de seu esconderijo. O pai, então, começaria a atribuir ao filho culpa por suas dores (do filho). Nesse ponto o objetivo do pai se aproximava.

Chegando a puberdade, o filho com a ponta dos dedos observaria seu sexo amadurecer. Mas já não havia esperanças. A caverna em que morava estava inundada, se tentasse dormir se afogaria e não teria forças para permanecer acordado para sempre. O pai conseguiu o que queria. Apunhalara a sociedade da maneira mais perversa que existe, construindo a esperança para depois destruí-la. Tudo havia sido friamente planejado, e no décimo-oitavo aniversário do filho, o pai chorava lágrimas de alegria sobre o corpo do filho suicida.

Depois disso só restaria ao pai coroar sua obra com fecho de ouro. Viveria ainda muitos anos e tentaria repetir o mesmo processo com vários outros filhos que ainda teria. Quando chegasse a hora de partir, executaria sua última crueldade, procuraria morrer em um lugar em que fosse encontrado só depois de muito tempo. Queria que o cheiro

e a aparência de sua decomposição pudessem atingir pelo menos algumas pessoas. Que se o encontrassem quando ele ainda possuía algumas carnes, iriam perceber que o corpo tinha sido castrado.

Vivemos num mundo nublado. Ao contrário do ditado popular, não acho que o pior cego é aquele que não quer enxergar, mas sim aquele que acha que enxerga. Esses guias sem rumo dizem que a sociedade em que vivemos é perversa. Isso é uma grande mentira. A perversidade necessita de uma lógica sofisticada para existir. O que ocorre é que nossa sociedade não faz sentido algum, o que é bastante diferente. Enquanto ela continuar sendo julgada perversa, nós continuaremos tratando o fígado de alguém que está doente dos pulmões.

Gotas salvadoras poderão ser derramadas por uns simples “por quês?”, aplicados com precisão. Esse remédio prosaico revelará ao mundo quais são seus reais sustentáculos, acabando com a necessidade de guias, porque todos passarão a ter visão plena. Podendo de maneira clara, exercer todas as possibilidades de amor e perversidade.

Olhando-me no espelho percebo que a idade não traz apenas desvantagens, elas são apenas o que fica mais aparente. Mas sinto que por baixo da minha aparência de conformado ainda existe um vulcão inativo que nunca parou de cozinhar suas rochas. Se hoje o que enxergo é um morro coberto de neve cinzenta, sei que ainda posso jorrar matéria incandescente e modificar relevos. Na adolescência fui um vulcão ativo, que por essa razão não permitia a aproximação de ninguém. Agora posso atrair pessoas para mim, gente que sente prazer com vegetação rasteira e cores pasteis, e quando todos estiverem sobre minhas encostas, explodo, colocando minhas entranhas para fora. Essa é uma possibilidade, a outra é apenas imaginar essa explosão, cultivando o segredo de minha dualidade.

“Sou um mar de morte em cujas águas boiam corpos vivos”, essa frase jorrou de mim enquanto descia de elevador. Essas pequenas caixas enlatadas dentro das quais devemos fingir mansidão. Os corpos a que me refiro são os diversos que teremos ao longo da vida, pequeno, encarquilhado, robusto. Anotei a frase num papel sem procurar verificar se tinha lógica, também não me perguntei se existe lógica em empilhar casas para depois criar uma máquina que as atravessa. Foi

quando desconfiei que talvez, apenas uma hipótese distante, a mente que criou os prédios, os elevadores, tivesse por trás dessas criações um objetivo oculto. Que esconderia uma lógica mais sofisticada do que eu poderia perceber, dando sentido a essas invenções, e me fazendo acreditar que a sociedade poderia ter lógica, e ao contrário do que sempre acreditei, ser perversa.

PRIMAVERA

Ontem assinei o contrato de financiamento de minha casa. Depois de muita reflexão essa acabou sendo minha escolha. Dei a entrada e calculei com alguma sobra o quanto poderia pagar por mês. Sobraram-me vinte e cinco anos de prestações, que somadas aos quarenta e três que tenho, me farão estar livre da dívida aos sessenta e oito anos. Escolhi uma casa confortável, não aguentava mais apartamentos. Havia algo em morar empilhado que eu não suportava. Como a decisão foi amadurecendo durante mais de três anos, senti uma grande alegria quando assinei os papéis e apertei a mão do gerente. Mas quando voltei para o apartamento (ainda não me mudei), o que senti foi exatamente o oposto, como pude ser tão burro em assumir uma dívida assim tão longa. Quando terminasse de pagar estaria próximo de minha mudança para o cemitério. Odiei o gerente e seu comportamento padronizado. Imaginei-me atirando-lhe na cara o cafezinho que me ofereceu.

Hoje acordei no meio do caminho. Pode ser que minha decisão não tenha sido a mais inteligente do mundo, mas pelo menos eu deixaria de pagar aluguel. O fato de que após os vinte e cinco anos de prazo, eu terei pago quase três vezes o valor da casa, já não me pareceu algo tão estúpido. A maior parte de meu arrependimento era em função do tamanho do imóvel e não tanto da extensão da dívida. Por que havia escolhido uma casa com três quartos e duzentos metros quadrados? Será que meu subconsciente ainda nutria esperanças de que eu constituísse família? Não conseguia encontrar outro motivo mais sólido do que esse para justificar minha escolha. O estranho era que conscientemente não tenho o menor desejo disso. O que pode acontecer quando

consciente e subconsciente puxam cada um para um lado?

Tenho me imaginado morando na nova casa. Salto no tempo, cinco, dez, vinte anos. A casa parecendo cada vez maior, o número de quartos se multiplicando e eu diminuindo, tendo dificuldades para alcançar as maçanetas, encolhendo-me num canto, olhando para o telefone mudo, esperando o som da campainha que nunca toca. Os barulhos da vizinhança cada vez menores e minha casa cada vez mais cheia de plantas, samambaias, trepadeiras, que silenciosas avançam, cobrindo as paredes e o chão, isolando-me acusticamente, construindo uma caverna viva que me separa da vida.

Solidão. Precisava colocar essa palavra no papel. Já é um primeiro passo para encarar meus medos de frente. Por enquanto ela ainda não me afeta de maneira contundente, mas... os anos tornam tudo menos brilhante, acomodam movimentos e abrem portas para as ausências. Minha camada mais profunda talvez tenha detectado a possibilidade de solidão, e em segredo começou a arquitetar um plano preventivo contra ela. Ou pelo menos um método anestésico. Pode ser que a figura de uma mulher faça parte dessa conspiração interna. Ela seria quem comigo dividiria o peso de minha solidão. Em compensação eu seria obrigado a carregar parte do peso que ela carrega. Saberíamos que cada um de nós estaria ali por uma função específica, diminuir suas próprias dores. Portanto nos olharíamos como dois estranhos que o acaso envolveu em alguma situação embaraçosa. Seríamos criativos para desviarmos-nos de qualquer traço de verdade. Inventaríamos ocupações, amizades, hábitos, filhos, tudo que pudesse nos distrair. Ela permaneceria até o fim como uma perfeita estranha e eu seria um desconhecido que ela veria todos os dias. No fundo a solidão continuaria lá, mas estaria tão bem maquiada e perfumada que...

O telefone tocou, era o homem que vai fazer minha mudança semana que vem. Preciso controlar meu pessimismo, se inicio algo novo investido desse tipo de energia, é quase certeza que não dará certo. Todo mundo é só. Não preciso temer algo que atinge indistintamente toda a humanidade. Seria como ter medo da lua ou das estrelas. Se crio esse tipo de anteparo em relação às mulheres, elas acabam vindo do jeito que desejo, com todos os defeitos que projetei. O que tenho de

descobrir é por que uma parte de mim deseja me ver sofrer, e é pródiga em descobrir maneiras diferentes de conseguir. Sou vários cabos-de-guerra paralelos, e acho que em um deles há um lado que não se conforma pelo fato de eu existir, e puxa com força, enquanto o desejo de vida o contrapõe com toda sua energia.

Preciso dar um jeito de desarmar essa bomba-relógio que existe dentro de mim e que eu mesmo armei. Se achava que aos poucos fui soltando a corda de meus apegos, e recebendo em troca paz de espírito, hoje percebo que tenho as mãos sangrando. E que talvez, a corda escorregou apenas porque meus músculos fraquejaram, e não porque aprendi a me desapegar.

Como escolhi comprar minha casa tive de, pelo menos por enquanto, abandonar a ideia de viajar para a Europa. Desde então parece que meu desejo de viajar só aumentou. Às vezes passo longas horas com livros e revistas especializadas, leio bastante sobre os lugares, mas o que me interessa particularmente são as fotos. Com raras exceções as imagens são apenas descritivas, utilizam filtros que maquiagem as cores e desprezam qualquer tipo de luz que não seja padronizada. Isso acaba me dando ainda mais vontade de ir até lá, e tentar capturar imagens verdadeiras que aceitem luzes perdidas e cenas simbólicas. Coisa que eu poderia muito bem fazer aqui, recomeçando a fotografar com mais experiência. Mas há algo em mim que parece colocar os objetivos somente onde não posso alcançá-los. Seria muito fácil pegar minha câmera, ir até a esquina e tentar fotografar algo interessante, mas não, as fotografias que quero fazer estão todas na Europa, para onde não tenho dinheiro para ir. Dessa forma não fotografo e me frustro.

Somos tão complicados e compostos de tantas camadas entrelaçadas, que se referem a tantos pontos no tempo, que se algum dia surgisse alguém que se conhecesse plenamente, e tivesse um completo domínio sobre suas emoções e um conhecimento absoluto de seu subconsciente, essa pessoa dominaria o mundo. Ou então criaria um mundo onde não seria necessário dominar ninguém. Por outro lado, o mundo é como é, porque não nos conhecemos e projetamos essa ignorância individual no plano coletivo.

Outro dia dei de cara com uma fotografia interessante. Comprei

na banca de revistas uns fascículos sobre diversos países. Esse falava da Rússia, e foi uma foto de São Petersburgo que me encantou e até me fez escrever algumas palavras. Era a fotografia de um bosque de grandes árvores centenárias e escuras em cujo interior havia canteiros de rosas e uma espécie de museu a céu aberto de esculturas de mármore. Eram bustos de homens conhecidos, figuras míticas e cenas de batalha. O lugar era muito bonito, mas o que me chamou a atenção foi a luz, havia todos os tipos dela. Raios de sol que incidiam direto sobre as rosas, sombras escuras causadas pelas grandes árvores, reflexos luminosos sobre o mármore, havia também zonas mistas onde um tipo de luz contaminava outro. Quase tudo o que se via na fotografia tinha sua sombra, inclusive uma criança, que muito entretida, admirava as estátuas. Próximo a esse menino a luz formava uma mancha amarelada, como aqueles raios de sol que às vezes atravessam por entre os galhos das árvores e nos cegam por um instante. Todas as outras fotos do fascículo eram o contrário dessa, céus sem nuvens, nenhuma sombra e cores artificialmente realçadas.

Imaginei-me naquela cidade e escrevi isso:

“Na cidade de Dostoiévski tive essa ideia: as almas são encobertas por uma capa civilizatória que, ao mesmo tempo que as sufoca, facilita a manutenção dos corpos que lhe servem de pedestal. Encobrimos com um manto as estátuas, diminuindo suas formas e riqueza de detalhes. Deixando todo o parque de estátuas muito parecido. O sol que atravessa as nuvens só consegue iluminar as formas idênticas encobertas pelas capas.

Uma criança desprovida de preconceitos caminha por entre esse conjunto de estátuas, e quando percebe que as formas estão todas envoltas por um mesmo manto cinzento, procura fazer distinções entre as pequenas variações de contornos que a cobertura não conseguiu destruir. Depois de alguns instantes o menino segue seu caminho até se deter em frente a um imenso canteiro de rosas. Em seus olhos infantis está nascendo a necessidade de conseguir entender aquilo que enxerga. Em seus pés começa a pesar a fadiga por causa da observação prolongada. Com alguns passos a criança alcança um banco de jardim e continua sua observação. As cores todas, banhadas pela luz de um sol dourado, parecem se fundir em uma

única, que poderia ser nominada como cor de rosa. Os dourados avançam sobre o canteiro, o dia está indo embora. As pálpebras do menino começam a pesar, os raios de sol, cada vez mais fracos e dourados nublam sua visão e engolem o canteiro de rosas.

De olhos fechados a criança volta a enxergar a força das cores, seus pés deixaram de estar cansados e ela corre pelo parque, avança até as estátuas e as desnuda de sua cobertura. Um novo mundo de dedos e curvas se apresenta. Nasce o movimento.”

PRIMAVERA

Semana que vem completará um ano que me mudei. Nunca fui tão só. Preciso dar um jeito nisso. Quando estava no apartamento parecia que por causa da falta de espaço, a solidão também tinha dificuldades de se instalar. Mas aqui há muito espaço para ela. À noite caminho pelos quartos acarpetados e vazios, eles parecem grandes maquetes de meu estado interior. E pensar que trabalho para poder pagá-los, para que depois eles me lembrem que tenho dentro de mim um grande buraco que arde e pede para ser tapado.

Já pensei em vender tudo e me perder no mundo, o que teria a perder? Depois vem um outro lado meu que diz que já é tarde, essa escolha deveria ter sido feita quinze anos atrás. Então coloco algumas coisas nos quartos, livros, plantas, para que eles não sejam presas tão fáceis do vazio.

A serenidade que deveria vir com a meia-idade ainda não chegou, pelo contrário, tenho me sentido irritadiço, deprimido, não percebo sinais da estabilidade emocional que deveria compensar as perdas físicas. Às vezes as ondas me trazem alguma paz, mas logo levam embora. Oscilo sem conseguir cumprir o papel de homem equilibrado de cabelos grisalhos. Não me sinto confortável sob nenhum rótulo, não sou mais jovem, não me considero maduro, não tenho certezas (acho que na minha idade pelo menos algumas deveria ter), e também não consigo levar adiante minhas teorias sobre o mundo e a vida. Sou alguém permanentemente incompleto. Mesmo assim, não sei se é por causa de

algum lago de orgulho que tenho estagnado dentro de mim, quando me comparo com os outros continuo não sentindo a menor inveja.

Um exemplo disso aconteceu outro dia. Tenho escrito bastante ultimamente, mas para fugir de minha casa e de todas as ideias que ela me traz, tenho optado por lugares públicos: parques e praças quando faz sol, e cafés quando chove. Estava sentado num banco de praça rabiscando qualquer coisa sobre o tempo particular de cada homem, quando sinto uma mão no meu ombro. Levei algum tempo para reconhecê-lo, ele havia estudado comigo quando éramos crianças e depois de adultos nos vimos umas três ou quatro vezes. Estava acompanhado por uma moça muito bonita que aparentava ter uns vinte anos a menos do que nós. Ele me saudou como se fôssemos amigos inseparáveis. Contou para sua acompanhante algumas histórias que tínhamos vividos juntos quando éramos crianças. Depois fez questão de repetir “nessa época você ainda nem pensava em nascer”, junto com essa frase ele deixou escapar a idade da moça: vinte e três anos. Seguiram-se perguntas sobre o que eu vinha fazendo, e a minha resposta parece que lhe trouxe um certo constrangimento. Ele informou-me como andava sua vida profissional e pude ver que sua namorada orgulhava-se de suas conquistas.

Fomos a um café para continuar a conversa. A essa altura meu raciocínio sobre o tempo havia sido interrompido e a companhia deles, apesar de não ser completamente agradável, me trazia uma certa curiosidade. Contou-me sobre o divórcio, sobre o que havia sofrido com a ex-mulher. Enquanto tocava nesse tema reparei que a moça permanecia com a fisionomia emburrada, como que esperando que ele terminasse logo o assunto. Então ele disse “...até que conheci ela...”, imediatamente a moça sorriu.

Reparei então no vocabulário dela, repleto de diminutivos, apesar de ser bastante jovem, ela se portava como alguém ainda mais nova, talvez com dez ou onze anos de idade. Era uma criança vestida de mulher. Não que tivesse problemas mentais, talvez quando estivesse com sua família ou amigas, se comportasse como uma mulher de vinte e três anos. Mas ali vestia uma fantasia de fêmea carente que precisa de proteção de um macho que conhece todas as dificuldades da vida. E ele representava exatamente esse papel, até a maneira como manuseava

o cardápio sugerindo escolhas, confirmava isso.

O resultado desse comportamento falsificado seria que ele teria por perto óvulos jovens e viáveis, invejados por todos os machos ao redor. E ela teria a certeza de que o fertilizador de seus óvulos seria alguém que não abandonaria as crias. E isso continuaria funcionando mesmo se nenhum dos dois quisesse ter filhos. A proteção e os óvulos poderiam se transformar em vaidade masculina e segurança financeira, ou assumir outra forma qualquer, mas continuariam seguindo o mesmo padrão fixo. Os dois permaneceriam interpretando papéis até o momento em que isso fosse conveniente para cada um. E isso, apesar de improvável, poderia se perpetuar até quando ela não possuísse mais óvulos, nem ele qualquer capacidade de proteção.

O biológico, inicialmente travestido de social, se solidificaria num dogma inquestionável: a família.

Despedimo-nos e não sei se foi por causa desse encontro, mas quando voltei para casa estava me sentindo menos solitário. Algo me dizia que um corpo a meu lado não diminuiria necessariamente minha solidão. E que ela não era obrigatoriamente causada por falta de companhia, mas por causa de um buraco interno que pedia para ser preenchido. Era claro que dependendo de quem estivesse ao meu lado, se tornaria mais fácil tapar esse buraco. Passei a sentir menos pena de mim mesmo e atribuir menos culpa aos outros. Quantas pessoas não viviam situações parecidas com a daquele meu conhecido, sob diferentes formas, mas tendo em comum o fato de que as maiores forças existentes na relação eram o egoísmo e a mentira. Comparado a isso o sofrimento por pura solidão é uma maneira digna e ética de, se não conseguimos preencher nossos vazios, pelo menos sermos honestos o suficiente para não envolvermos outra pessoa em uma situação mentirosa.

Enquanto refletia avistei um pedaço de papel jogado embaixo do tapete. Estava meio amarelado e eu devia tê-lo escrito há um bom tempo, quando ainda morava no apartamento. O papel deve ter dado um jeito de ter sido transportado com a mudança. Nele estava escrito “Qual meu objetivo primeiro na vida?” Lembrei-me vagamente do dia que escrevi aquilo. Talvez tivesse chegado o momento de tentar responder aquela pergunta. Alguns raios de sol iluminavam o tapete,

puxei minha cadeira para a luz e procurei desarmar minhas defesas. Se não conseguisse responder, pelo menos tentaria. E nesse caso, não teria importância se junto com as respostas viessem algumas mentiras, o importante era que algo fosse dito. O telefone tocou mas eu não atendi, interpretei o ruído como o sinal de largada para a tentativa de resposta.

Um longo período de silêncio se seguiu. Vasculhei com honestidade tudo o que poderia compor meu objetivo primeiro. Uma grande confusão mental se formou, pensamentos sem importância colocaram-se no centro de meu raciocínio expulsando dali os pontos em que eu realmente deveria me concentrar.

Percebi como é difícil saber pensar, e o poder que tem quem consegue fazê-lo. Esforcei-me tentando alcançar alguns pontos importantes: eu queria fazer o bem, não porque acreditasse em forças superiores, mas porque cria que se cada homem fosse mais ético e generoso, o melhoramento do mundo seria apenas uma consequência desse novo tipo de comportamento. Eu achava que o ser humano há muito tempo havia abandonado o rumo e entrado em um caminho contrário a sua natureza. Havia sido perdida a capacidade humana de interação com o mistério. Respostas simplórias haviam sido utilizadas para tapar os poços desconhecidos que o homem possuía. Encobertas essa fontes, cessava a poesia do viver, diminuía a espontaneidade e a verdade dos atos e palavras. O homem passava a estar sujeito a obedecer causas, a lutar por aquilo que não tem importância, perdendo o que há de bonito nos comportamentos das crianças e dos adultos, sobrando apenas a facilidade de obedecer dos pequenos e a falta de flexibilidade dos crescidos. Eu queria alertar a todos sobre o que estava acontecendo, mas apesar de julgar que não era tão difícil perceber como nos afastávamos cada vez mais daquilo que realmente somos, percebia que eram poucas as pessoas que notavam o rumo errado. Dessas algumas se calavam, e as poucas que falavam tinham um número mínimo de ouvintes. Mas ver que as coisas são muito mais simples do que nos são colocadas, perceber que as mudanças não seriam difíceis se as pessoas apenas abrissem um pouco mais seus olhos e deixassem de acreditar em parte das bobagens pelas quais dão suas vidas, e perceber que as novas gerações continuavam insistindo nos mesmos velhos erros, maquiando-os para

que tenham aparência de modernidade, e orgulhando-se daquilo que as torna apenas engrenagens sociais, tudo isso me feria muito.

Percebi que essa minha enorme impotência, essa capacidade de ver que o avião irá se chocar com uma montanha, e não conseguir avisar o piloto, tudo isso, talvez, seja a grande semente avermelhada de ódio que guardo em meu peito. E se pudesse responder à pergunta com umas poucas frases, seria assim: gostaria que o homem fosse apenas aquilo que é. E que em minha vida eu colaborasse para que isso acontecesse.

Atirei numa direção e acabei acertando em algo que talvez me seja mais útil. Meu ódio tem origem no fato de eu saber o que está errado, querer mudar, e me sentir impotente para tal. A partir dessa constatação o que poderia fazer para diluí-lo? Ou deixo de desejar a mudança ou arrumo uma maneira de mudar o que acho errado. Aprendo a não bater de frente, a ser mais sutil. Aprendo a envelhecer e a soltar a corda que seguro, sem deixar minhas mãos se ferirem. Um grande desafio, mais fácil é esquecer do rumo errado e aproveitar o que o mundo me oferece.

O ódio pode ser sadio se em doses moderadas e aplicado contra algo que nos prejudica. Ele se torna nocivo quando nos coloca no centro do universo e nos faz acreditar que há uma conspiração mundial secreta contra nós.

Eu não estou conseguindo carregar o peso de minha solidão e ela está se transformando em ódio. Acho que todo mundo tem sua cota de ódio advindo das frustrações naturais da vida. Alguns o mantêm concentrado, pesando no estômago, e outros o espalham por diversos capítulos da vida, inclusive aquele que se chama amor. Somos seres ressentidos contra o fato de que nascemos e iremos morrer. Essa grande pergunta sem resposta que é a vida pesa dentro de qualquer ser humano, mesmo daqueles que acreditam em respostas exatas. Esses, são no fundo os que mais sofrem, pois fazem de tudo para manterem uma crença que lhes é transmitida através das gerações, mas que, no fundo, é sempre menor do que as dúvidas que têm. Carregam nas costas o peso de uma certeza que não possuem.

Quanto à pergunta que tentei responder, acho que se quero que os homens se tornem nem mais nem menos do que eles realmente são, deveria começar por mim mesmo antes de querer mudar alguém.

Devo descobrir quais são as máscaras que uso e jogá-las fora. Devo destruir a piedade que sinto por mim mesmo. Devo derreter o orgulho que possuo, e que quando não é satisfeito acaba alimentando meu ódio. Há tanta limpeza a ser feita que nunca, no estado emporcalhado em que me encontro, poderia apontar sujeiras nos outros.

Naquela noite, há muito tempo atrás, quando vi a estrela vermelha, aqueles foram instantes em que fui eu mesmo. Nada interpôs entre meu ser e a vida. Mas aquela estrela já desapareceu do céu, deve agora estar iluminando outros mundos distantes do nosso. Não posso depender de visitas de corpos celestes, ou então de instantes mágicos captados por fotografias, preciso ser eu mesmo o tempo todo, da fila do banco ao sonho noturno.

INVERNO

Outro dia fui ver o mar. Estava frio e não tinha ninguém na praia. O céu cinzento se confundia no horizonte com o mar escuro. Sentei-me na areia e fiquei observando, a maré trazia as ondas em movimentos rítmicos, quebravam-se na areia e depois eram novamente sugadas para dentro do mar. Havia alguma variação no tamanho e na frequência com que as ondas se dissolviam. Mas depois de um bom tempo de observação percebi que essa mudança também deveria obedecer uma lógica, para cada dezessete ondas pequenas vinha uma grande, para cada três intervalos de tempo prolongados existiria um mais curto. Na verdade os números deveriam ser bem mais complexos do que esses, e não me preocupei em contar nada, apenas senti que por trás daquela paz havia lógica.

Num canto do horizonte se encontrava uma mancha escura que indicava chuva. A idéia de pingos d'água caindo no mar, somada ao ritmo incessante das ondas, me fez sentir, num primeiro instante, melancólico. O ar marinho me enchia os pulmões com um odor misto de vida, sal e morte. A brisa balançava algumas gramíneas que nasciam onde a areia era mais fofa. Aos poucos a melancolia foi se transformando. De longe vi um cachorro caminhando pela praia. Conforme

se aproximava percebi que era um animal de grande porte e que não tinha coleira. Ele me viu e começou a vir em minha direção. Senti um pouco de medo mas achei melhor não correr. O cão parou na minha frente, tinha o pelo amarelado e não parecia ameaçador. Olhou-me nos olhos e eu procurei mexer minhas mãos na direção da cabeça dele, tentando notar algum sinal de agressividade. Ele aceitou meus carinhos e lambeu minhas mãos. Tentei ver se achava alguma coisa para ele comer mas não encontrei nada. Depois de algum tempo ele continuou seu percurso pela areia molhada até que eu o perdesse de vista.

A essa altura o que sentia estava bem longe da melancolia. Continuei reparando no ritmo do mar, as ondas se sucedendo umas às outras, assim como as gerações... o céu foi cortado por um relâmpago silencioso e as gramíneas agora pareciam mais agitadas por causa do vento. Tudo eram ondas que vinham e iam, desaparecendo para que outras surgissem, e não importa o que fizéssemos, essa constatação era tão inevitável quanto o céu. O mar parecia que ficava mais agitado, e as ondas vinham morrer a poucos metros de onde eu estava sentado. Mas eu sabia que elas logo se acalmariam e recuariam.

Sentia algo como um contentamento. Um calor confortável parecia surgir em meu esôfago. As ondas pareceram se acalmar. Alguma coisa me dizia que a chuva do horizonte poderia chegar até mim, mas essa possibilidade não me inquietava. Na praia não havia ninguém, afora o barulho das ondas e do vento, o silêncio era absoluto. Minha vida aproveitou essa rara oportunidade para desfilar. Revi vários episódios que me magoaram, recordei-me de minhas alegrias, de tudo que havia sentido, visitei o ódio que carregou no peito e minhas boas intenções para com a humanidade. Todas as emoções foram atenuadas pela paz que sentia.

Uma gaivota começou a lutar contra o vento. Era jogada para cima e para baixo e os sons que emitia pareciam um protesto contra as forças da natureza. Queria avançar mas a potência de suas asas não conseguia vencer as rajadas de ar. Fiquei observando o pássaro até que as correntes mudaram e ele conseguiu bater suas asas. Em pouco tempo voava muito alto.

A luz foi diminuindo e os relâmpagos aumentaram no horizonte,

sentia a umidade, o ar parecia vivo. Tirei a camisa que vestia, não queria interpor nada entre a paz e o mundo. A noite chegou e eu voltei a pé para o hotel em que estava hospedado.

Antes de dormir refleti sobre o momento que havia vivido. Comecei a fazer as anotações nesse diário. Relia algumas páginas quando reparei algo que nunca percebera. Tudo o que escrevi tinha sido no tempo passado. Mesmo quando tentava descrever algo vivo eu falava de maneira morta. Não há problema algum em usar o passado para descrever um fato que já aconteceu, mas o tempo verbal que eu usava, somado a um certo formalismo antiquado de estilo, davam a qualquer coisa que eu colocasse no papel uma aparência envelhecida. Perdia-se o frescor da maçã vermelha brilhando na macieira, o que eu oferecia eram frutas encaixotadas e caixas empilhadas. E era tão mais fácil apenas deixar as maçãs na árvore. Meu objetivo não é escrever nenhuma maravilha literária, mas se continuo me utilizando de formas caducas e vocabulário esfomeado, quando eu quiser descrever o nascimento de uma criança ele soará como o retrato amarelado de um túmulo abandonado.

Portanto digo que vou falar da vida de maneira viva e tentarei abandonar as coroas de flores murchas com as quais desde pequenos somos ensinados a escrever.

Enquanto estava na praia repassei minha vida e... fui sentindo o que vivo... as consequências, cada ano plantamos sementes colhidas nos anos seguintes. Fugi das conclusões mas elas me perseguiram, encontraram o hotel em que estava hospedado e agora estão aqui do meu lado me importunando, forçando os músculos de minha mão direita a transmiti-las para o papel.

Não vou nadar contra a maré, deixo que as conclusões ganhem liberdade, e soltas elas acabam me surpreendendo: eu não estou tão mal assim, pelo contrário, tudo o que fiz e todas minhas omissões estão inteiramente dentro da média. Meu ódio não é tão grande quanto parece e não resistirá a algumas marretadas que eu mesmo posso dar. Mesmo que nunca desapareça, posso conviver com ele sem me prejudicar e nem aos outros. As dúvidas, as dores, a solidão, está tudo dentro da medida do suportável. Tenho uma situação financeira razoável e boa saúde. Com quarenta e cinco anos ainda tenho muito tempo pela frente, o que não é motivo para euforia mas também não deve se

tornar nenhum fardo. Estou aqui e escrevo, o instante acontece através de mim. Se alguém for ler essas palavras o instante ocorrerá através do leitor. Por enquanto estou vivendo e não sei se algo além disso importa. Não quero colher todas as flores do mundo, não quero acumular nada. O instante puro é maior do que o momento de prazer. Tenho aqui dentro luzes capazes de derreter expectativas e frustrações. Como homem-gaivota deixo as correntes de vento me conduzir e apenas vou desviando dos obstáculos. Tenho muitas páginas ainda a serem escritas, mas elas são feitas de instantes e não de tempos. Digo “são” porque mesmo que ainda não existam essas páginas já vivem. Adormecidas, apenas esperam a primavera. Um desprezioso diário pode carregar entre suas palavras a história completa do universo, do nascimento à morte, incluído aí tudo o que aconteceu nesse meio tempo. Sinto uma tranquilidade que não posso deixar virar empolgação. Aprendi algumas coisas que tive de ir destruindo para criar outras (ops... qualquer distração e o tempo verbal passado ressuscita), não vou mais me agarrar naquilo que conquisto porque sei que o processo vital transformará novamente o que possuo em matéria-prima para o que surgirá adiante.

PRIMAVERA

Leio o que escrevi por último com um sorriso no rosto. Acho que o passado é meu tempo verbal e venho conseguindo me expressar bem com ele. É claro que posso abandonar várias velharias que vinha usando, mas para contar o já acontecido não vou inventar moda.

Acho que tenho conseguido mitigar minha solidão. Além de eventualmente fotografar e quase diariamente escrever, desenvolvi um terceiro passatempo, esse bem menos palpável que os dois, é algo que ainda estou aprimorando, mas que já nomeiei “Investigação do mistério intrínseco”, funciona assim: Primeiro defino um alvo, que pode ser uma pessoa, um lugar ou um acontecimento. Depois mergulho nessa escolha procurando desvendá-la no que ela tem de mais profundo e misterioso. Analiso as amarras que prendem o sujeito de meus estudos e que geram suas características mais marcantes.

Estou interessado nas sombras escondidas que nunca aparecem. Essa ideia me surgiu um dia depois de escrever alguma coisa. Reli o que havia escrito e achei uma grande bobagem, antes de amassar percebi que a escrita marcara a folha, e eu podia lê-la no verso da página, mas de maneira invertida. Nesse instante uma luz se acendeu, vou aprender a ler aquilo que os outros nem sabem que está escrito. Talvez essa alimentação à base de sobras seja até mais nutritiva que a tradicional. Como já disse, o objetivo com esses experimentos não vai além de passar o tempo. Portanto, desprovido de ambições não carrego peso algum e tenho liberdade de investigar o que e até onde quiser.

Meu método é a observação, depois de algum tempo faço umas anotações e tento reunir o que percebi em um ou mais textos que são abertos e nunca buscam conclusões.

Há algum tempo atrás passei a frequentar um mesmo café. Às vezes escrevia alguma coisa, às vezes lia, muitas vezes apenas deixava o tempo passar. Normalmente ia lá no final de tarde e quase sempre encontrava uma mulher sozinha que permanecia assim até ir embora. Elegi-a como minha primeira cobaia da investigação-distração. Ela devia ter por volta dos cinquenta anos, era bonita e estava sempre muito bem vestida. Ocasionalmente lia o jornal, mas na maioria das vezes apenas tomava café e parecia esperar alguém com quem ela não havia marcado encontro.

Seria muito simples defini-la como uma mulher de meia-idade da classe média alta que estava com alguma espécie de carência. A beleza definhando, seu valor social diminuindo a cada dia, talvez algum problema de relacionamento com o marido, com os filhos, algum problema de saúde com os pais idosos. Mas isso seria ler o que estava escrito na folha de papel, e eu estava interessado em decifrar os garranchos sombrios do verso.

Então tomei coragem e comecei reparando em alguns detalhes menos aparentes. Sempre tomando cuidado para que ela não percebesse que eu a olhava. É claro que ela nunca suspeitaria o que eu planejava, mas poderia achar que eu tentava paquerá-la.

Disse que procurava as sombras internas, mas foram justamente as

externas que abriram caminho para minhas investigações. Apesar de muito bonita para a idade, ela tinha sobre os olhos duas sombras que me intrigavam. Elas poderiam ser minha porta de entrada. Não me precipitei, procurando observá-la durante vários dias sob diversos ângulos. Ela sentava-se sempre na mesma mesa, mas eu dava um jeito de ir ao banheiro e olhá-la de um ângulo diferente ou então de tomar um café de pé no balcão, só para ver se as sombras iam embora. Mas nada acontecia, pareciam tatuadas sobre sua pele, ou então era a sombras de sua própria testa, que se aproveitava das fendas oculares para manchar-lhe a tez. Elas deviam desaparecer somente quando seu rosto estivesse iluminado diretamente, qualquer luz um pouco mais complexa as traria de volta.

Qual seria o mistério intrínseco daquela mulher? Certamente aquelas sombras eram uma consequência de algo. Primeiro decidi escavá-la em um nível mais superficial, apenas avisando ao mistério que eu estava chegando perto. Ela carregava fardos, e o cafezinho diário era uma maneira de não suportá-los por uma boa hora, ou pelo menos de apoiá-los no balcão, aliviando parte do peso, enquanto assistia à vida. Era claro que parte desses fardos estavam ligados a seu sexo. Outra parte tinha relação com sua condição social, mulheres pobres carregavam outro tipo de carga. Acho que se a tivesse encontrado há cinco anos atrás aquelas sombras não existiriam, devem ter alguma relação com o término da idade reprodutiva.

Feitas essas escavações superficiais me preparei para as mais profundas. Nossos olhares se cruzaram e ela baixou o rosto, olhava para sua xícara de café, gostaria de saber o que enxergava dentro dela. Quando me olhou acho que esperava que eu a cumprimentasse. Talvez eu devesse tê-la cumprimentado. Formalizaria uma relação, colocando limites nela. Sem saudá-la, continuo sendo o estranho que ela vê quase diariamente e que precisa sempre fingir que está vendo pela primeira vez. A cidade está cheia de cafés, e corro o risco de perdê-la ainda no meio de minhas inquirições.

Decidi me apressar e tentar logo decifrar o que era seu mistério mais profundo, as sombras sobre os olhos eram uma pista importante, mas eu seguiria também outras linhas de investigação. Instantaneamente se

formou uma frase dentro de mim “Cada pessoa é todos os outros”. Talvez então, o grande mistério dela e de todo mundo, fosse a roupa, que aparentemente tornava as pessoas diferentes. O maior dos mistérios humanos seria justamente o que possuímos de menos importante. Mas poderia acontecer o contrário, que essa essência humana comum a todos, se espalhasse pela roupa que diferenciava cada pessoa, impregnando cada fibra de tecido, e fazendo que, caso as roupas fossem retiradas, desaparecesse tudo que nos torna verdadeiramente humanos.

Duas linhas de raciocínio opostas se abriram no exato momento em que ela pediu uma torta de limão. Mas esses não eram os únicos caminhos, havia muitos outros. Nesse dia, e posso dizer, nos últimos meses, tenho andado menos racional e mais emotivo, por isso acabei optando por uma investigação mais intuitiva e menos cerebral.

Grande parte de sua autoimagem estava ligada ao fato de ser mulher. O fato de ser atraente, e provavelmente ter sido ainda mais quando jovem, formava parte dos traços fisionômicos com os quais ela se reconhecia. A idade e a morte da fertilidade, foram apagando parte desses traços e agora ela mesma tinha dificuldades em formar sua própria imagem. Sem se reconhecer ela acabou se tornando uma máquina de gerar conflitos. O que deveria ter feito seria desenhar seu autorretrato com tintas que durassem no mínimo o período de uma vida humana. Sua condição social talvez tenha atrasado em alguns anos o desbotamento de suas ilusões, as distrações e confortos a que teve acesso a concederam algum tempo de trégua antes que ela começasse a não conseguir mais formar sua autoimagem.

Ela terminou sua torta, nossos olhares se cruzaram e dessa vez a cumprimentei. Ela retribuiu com um constrangido aceno de cabeça, não me pareceu muito contente. Talvez o que desejasse todas as tardes fosse o isolamento, a impessoalidade. A cidade estava cheia de cafés e minha primeira cobaia acabaria escolhendo um outro, em que não a cumprimentassem.

Provavelmente existiam algumas perguntas dentro dela pedindo para nascer. Talvez ainda em fase de gestação, mesmo assim, ela deve-

ria senti-las, elas já a perturbavam: se eu mesma não tenho uma imagem clara, que confiança posso ter nas outras imagens que não sou eu? E se tudo não passar de uma grande mentira, qual é o sentido de me aferrar a essas sombras e ferir meus dedos enquanto tento segurá-las?

O garçom trouxe a conta e pela maneira como ela pagou e saiu, acho que foi a última vez que a verei. Mas não tem problema, não preciso mais de sua presença física para continuar minhas análises.

E se ela não conseguir recuperar sua imagem perdida, como responderá às perguntas no momento em que elas nascerem? Pedi mais um café, o quarto da tarde. Outra pessoa ocupou o lugar deixado por ela. Mesmo sem sua presença, preciso continuar baseando nela meus raciocínios. Será que aquelas sombras que tem sobre os olhos ganham terreno cobrindo uma parte maior de seu rosto?

Na verdade percebo que jogo o peso de meus medos nas costas daquela mulher, me esquivando de perguntas que deveria fazer a mim mesmo. Prefiro traçar para ela um caminho bifurcado onde de um lado está a queda e do outro a redenção, e acreditando (ou desejando) que ela dificilmente conseguirá mudar o rumo de sua vida e redesenhar os traços que lhe faltam para que forme seu próprio retrato.

Peço a conta e antes que o garçom a traga me pergunto: o que foi que em mim, apagou os traços que compõem minha autoimagem? Saio caminhando para não responder. Distraio-me com as cenas urbanas até encontrar um banco de praça, sentado procuro esvaziar minha mente, sinto a luz que diminui e reparo na pressa das pessoas. Estou fora do ritmo da cidade, e isso me traz uma ponta de orgulho. Uma criança de três anos persegue pombas, uma mulher vem me pedir dinheiro para inteirar a passagem, o chafariz continua jorrando água, mas percebo que nesse horário sou a única pessoa que presta atenção nele. Acabo sendo novamente conduzido para o local de onde tentava escapar. Caminho até o repuxo e a água suja de seu laguinho não me deixa enxergar meu próprio reflexo. Foi exatamente o que fiz com meus experimentos: procurei descobrir segredos alheios que na verdade eram partes de mim mesmo, na hora em que deveria me olhar no espelho escolhi virar de costas. As águas sujas do chafariz são minhas águas interiores,

programadas para nublar minha própria visão e não permitir que eu descubra quem realmente sou e o que estou fazendo por aqui.

Mas, ao contrário do que aconteceria em épocas anteriores, não estou desapontado comigo mesmo, e não sairei, custe o que custar, atrás de um filtro que torne minhas águas cristalinas. Ser alguém que desconhece a si mesmo é parte da natureza humana. Há limites para perseguirmos a verdade, e não aceitar isso não nos torna mais íntimos dela.

Antes de ir embora fiquei um bom tempo observando as pessoas e seus pequenos atos cotidianos. Acompanhei um homem pobre que passava pela praça, sentava-se em um banco, caminhava mais um pouco e olhava o movimento. Parecia que além de mim ele era a única pessoa que naquele horário não estava pensando em como chegar mais depressa em casa. Por suas roupas ele parecia na exata fronteira entre um mendigo e um homem pobre, mas não o vi pedindo nada a ninguém. É difícil definir sua idade e dizer quais marcas de sua pele foram deixadas lá pelo tempo e quais pelas dificuldades, mas seguramente tinha mais de sessenta anos, talvez mais de setenta. Tentei adivinhar sua história, não queria investigá-lo como fiz com a mulher, mas apenas lhe atribuir a profissão que havia exercido durante a vida. Isso apenas por curiosidade. Pensei em muitas profissões, mas nenhuma parecia combinar com sua figura. A um dado momento ele me olhou, perguntei-me então se ele perceberia que além dele eu era a única pessoa que não estava se encaixando no momento cotidiano que a praça vivia. Quis saber também se ele, e todas as pessoas como ele, em algum momento da vida haviam desejado saber quem realmente eram, ou se essa espécie de curiosidade existia apenas naqueles que não precisavam se preocupar exclusivamente com a sobrevivência? O que pensaria de si mesmo um pequeno agricultor que vivesse isolado, não conhecesse a luz elétrica e ainda não tivesse sido contaminado por dogmas?

Ele dobrou uma esquina mas ainda comandou meus pensamentos por um bom tempo. Continuei sentado observando a vida até escurecer. Pequenas cenas interessantes continuaram acontecendo ao meu redor, na verdade o que notei é que elas não param, somos nós que quase nunca queremos enxergá-las, e “interessantes” nesse caso poderia ser sinônimo de “poéticas”. A poesia acontece ao nosso redor o

tempo todo, mas me parece que a condição poética humana precisa ficar adormecida para que muitos homens possam conviver. Uma grande contradição... mesmo assim, com as sobras que o convívio humano não adormece, ela ainda está por toda parte. Alguém com um pouco de sensibilidade pode absorvê-la e levar uma vida rica em rimas e ritmos. O homem poético talvez não tenha nenhuma resposta para as grandes dúvidas, mas certamente tornará as perguntas mais belas.

Chegando em casa peguei caneta e papel, queria escrever em forma de ficção alguma coisa sobre as experiências vividas durante o dia. Normalmente o que acontece é o processo inverso, apenas escrevo o que tenho em mente naquele instante, sem querer retratar vivências. Percebi como era difícil o mesmo trajeto em sentido oposto. Quando olhei no relógio eram duas da manhã e o papel continuava em branco. Deixei-o assim, não por cansaço ou falta de idéias. O papel branco me pareceu repleto. Tomei o cuidado de amassá-lo e jogá-lo fora, para que no dia seguinte não me enganasse e o sujasse de tinta.

VERÃO

Encontro-me novamente em uma situação já descrita nesse diário. Faltam três anos para uma marca importante e simbólica na vida de um homem, os cinquenta anos. Mas dessa vez, ao contrário do que senti quando me aproximava dos quarenta, vivo os dias mais felizes de minha vida. Não sei se usar a palavra felicidade não chega a ser um exagero, mas vivo dias que não poderiam apenas ser chamados de tranquilos. Um sutil otimismo em relação à vida agora permeia minha maneira de enxergar as coisas. A crença de que o mundo apresenta a mesma quantidade de eventos bons quanto maus, e que esse equilíbrio é que mantém o balanço energético zerado, tornando possível o funcionamento da vida, continua viva dentro de mim. Mas acho que, por razões que desconheço, ultimamente tenho sido banhado apenas pelas águas positivas. Talvez seja um simples movimento de compensação pelos anos escuros em que enxerguei a vida sob uma ótica apenas negativa. Estou ciente de que esse período naturalmente passará e o

grande mar que materializou essa onda poderá ficar muito tempo sem movimento. Não me importo. Muito estúpido seria sofrer porque se teme que a felicidade vá embora. Quando chegamos a temer isso é sinal de que ela já está longe.

Parte dessa paz de espírito temperada com cores brilhantes em que me encontro, começou há uns seis meses atrás quando conheci uma mulher. Não sei se a companhia dela teve esse efeito sobre mim, justamente porque eu vivia os momentos de maior solidão em minha vida, ou se esses sintomas aconteceriam mesmo que eu estivesse em uma fase mais equilibrada. O fato é que ela tem grande participação nesse estado emocional que hoje vivo. De todas as relações que tive essa é diferente, e isso sob todos os aspectos. Aliás, se nomeio o que vivi anteriormente de “relação”, terei de encontrar outro termo para definir o que vivo com ela.

Nos encontramos três ou quatro vezes por semana para longas conversas. Ela me conta de suas dúvidas e eu das minhas. Entrelaçamos visões de mundo e de cada conversa sempre acabam surgindo alguma pequena nova ideia. Por vezes as deixamos morrer, às vezes as levamos adiante transformando-as em versos. Ela escreve maravilhosamente bem, sabe concentrar longos pensamentos em um sintético Hai-Kai. Ao contrário de todas as mulheres que conheci, ela é a primeira que me adiciona algo, pela primeira vez sinto uma troca verdadeira. Ela é três anos mais velha que eu e não é bonita. Tem dois filhos já adultos que ainda não conheci e talvez nem chegue a conhecer. Ela não almeja participar de minha vida e nem eu da dela. Vivemos os instantes em que estamos juntos e isso nos é suficiente.

Nos seis meses que a conheço tivemos relações sexuais umas quatro vezes. Não vou dizer que não gostei, mas não é nem de longe o maior prazer que ela me proporciona, e acho que o mesmo vale dela em relação a mim. Posso dizer com total certeza a meu respeito, e com quase certeza a respeito dela, que não somos seres muito sexuais. Essa energia em nós talvez tenha sido desviada para a curiosidade. Somos grandes curiosos que precisam conviver com pessoas que também tenham o hábito de perguntar.

Quando a vejo sinto que o sangue em minhas veias corre mais rápido, mas a sensação é completamente diferente daquilo que há muitos anos atrás me atraiu para aquela moça que só vi uma vez e por uns poucos instantes, e que apelidei nesse diário de “J.”. Agora, meu corpo não vibra por instintos e hormônios, nem é catequizado por dogmas sociais que se aproveitam de um encantamento para solidificar o tecido social. Vivo uma comunhão de visões, não que concordemos com tudo, pelo contrário, temos grandes discordâncias, mas acabamos fundindo nossos pontos de vista num terceiro, que por sua vez espalha sementes de novas realidades, e eu e ela nos sentimos jardins floridos cheios de árvores frutíferas. E não são apenas opiniões e dúvidas o que repartimos, o que me parece, e talvez seja a maior riqueza de nossa experiência, é que dividimos poesia. Aquela do tipo mais precioso, a que não é escrita. Parece que quando estamos juntos partilhamos uma mesma frequência poética, que me faz burilar minha sensibilidade e enxergar todas as coisas de maneira mais profunda e bela.

A paixão, perto desse novo sentimento, passa a ser apenas vidro quebrado, que conforme a luz, até poderá brilhar mais do que um diamante verdadeiro, mas que nunca terá a mesma durabilidade e beleza. Como se chamará esse bem-estar que sentimos quando estamos perto um do outro? Sei que após o que descrevi qualquer idiota diria se tratar de amor verdadeiro. Mas não quero me precipitar nesse diagnóstico. E para dizer a verdade, acho que além de não precisar ser nominada, essa sensação só teria a perder caso fosse comprimida dentro de uma definição.

Em todos os sentidos de minha vida, me vejo cada vez mais longe das conclusões. Outro dia estávamos em um bar, quando chegou uma artesã vendendo alguns produtos de baixa qualidade. Tenho o hábito de sempre comprar o que esse pessoal vende, por pior que seja o trabalho. Acho que me enxergo um pouco neles, então o que aparenta ser um ato generoso é na verdade egoísta. Comprei-lhe uns brincos de madeira decorados com penas de galinha tingidas de roxo. A moça estranhou a facilidade com que a venda aconteceu e tentou me empurrar mais mercadorias. Ela parou de insistir quando disse que tinha a mesma profissão que ela. Ela então me deu um cartão de visitas onde entre outras coisas constava a frase “... eu adéquo minha arte às cores de seu sofá”. Depois

que a moça foi embora demos boas risadas e continuamos conversando sobre outros assuntos até que o episódio fosse esquecido.

Na verdade acho que ela esqueceu, mas eu não. Primeiro me orgulhei por haver desistido de ser um artista e nunca ter chegado àquele nível de ridículo. Depois, como sempre acontece, senti exatamente o contrário. Aquela mulher tinha muito mais coragem do que eu, e mesmo estando longe de ser uma artista, continuava trilhando seu caminho, não tinha medo de ser ridícula e fazer grandes concessões, caminhava seis passos para trás para avançar sete para frente.

Senti que a questão de ter desistido da arte era uma ferida que ainda não cicatrizara, e que minhas experiências com fotografia e os esparsos textos que escrevia, não seriam suficientes para tapar esse buraco. Passei um bom tempo pensativo, mas percebi que o que de pior eu poderia fazer agora seria sofrer por uma escolha já tomada.

Acho que ela suspeitou que algo acontecera, talvez não soubesse exatamente o que, mas me respeitou, não perguntou nada e compensou minha baixa energética, com mais entusiasmo. Antes da vendedora aparecer, nós estávamos conversando sobre como vivemos imersos numa piscina sensorial, e como essa mistura, sem que percebamos, constrói nossas vidas e comandas nossas decisões. Somos peixes frágeis, que conforme a acidez da água, a luminosidade ou o excesso de ruídos, podem amanhecer estáticos no fundo do aquário. Enquanto conversava com a vendedora reparei que minha amiga rabiscava alguma coisa numa caderneta. Depois das risadas que demos ela me mostrou esses versos que escreveu sobre o que havíamos conversado:

*acordes viçosos
espalham etéreos
seu pólen de som*

Depois de ler essas palavras me acalmei. Preferi as escolhas mal feitas ou não feitas. Vivo o inevitável... e nada poderia ser mudado, a única modificação possível seria o arrependimento, e desse eu sabia que precisava me manter distante. Chegando em casa o episódio da

vendedora já estava nublado e seus espinhos tinham sido arrancados. Mas permaneci pensativo, o alvo das reflexões foi minha amiga. Definitivamente ela era uma pessoa que me fazia muito bem, reconhecia nela grandes qualidades e alguns defeitos, mas talvez isso não fosse tão importante, o que contava de fato, era a comunhão energética que vivíamos. Parecia que todas as outras mulheres que havia conhecido, eram estações de rádio que estavam fora da minha sintonia. O que eu escutava era a voz distante de um locutor, cujo discurso era incompreensível por causa dos ruídos de estática. Mas com ela eu escutava cada palavra, o som era límpido e no exato volume. Mesmo que eu não gostasse de tudo que ouvia, sabia que em pouco tempo seria surpreendido por uma bela música.

No meio de minhas reflexões deparei-me com uma estranha ideia: se amanhã pela manhã, recebesse a notícia de que ela havia morrido, eu não sentiria a menor tristeza. Fiquei intrigado, como poderia ter se originado esse pensamento que eu sentia absolutamente verdadeiro? É verdade que o que conhecemos de nós mesmos não passa de uma fina camada d'água, e que por baixo temos um oceano inteiro, escuro e desconhecido. Mas achava que essa camada rasa pelo menos servisse como um indicador (não muito exato), do que ficasse submerso. Parece que é tudo muito mais complicado.

Aquilo me inquietou de tal maneira que decidi que não iria dormir enquanto não chegasse a alguma conclusão (que ironia, justamente no período em que me julgava mais distante delas).

A primeira e mais evidente conclusão, foi que eu não me entristeceria com sua eventual morte, porque secretamente desejava vê-la morta para me ver punido. A montanha de ódio que dormia dentro de mim, havia encontrado uma maneira bastante sofisticada e eficaz de me punir.

Mas, como disse, essa era apenas uma conclusão evidente, existiam outras mais sofisticadas. Eu não sentiria tristeza porque nossos encaixes energéticos haviam sido completamente preenchidos. Nosso encontro e nossos sentimentos tiveram a exata duração que deveriam ter, e a morte apenas tinha feito a roleta girar, eu e ela iríamos continuar nossas trocas energéticas de outras maneiras, sob outras dimensões, mas cada um de nós, em sua sequência existencial, irrigaria suas relações com a energia

que havia sido adquirida em nosso envolvimento. Nossas personalidades individuais seriam apenas detalhes insignificantes nesse processo, e apenas sobre elas é que a morte teria algum poder. Então, o que aparentava ser uma tragédia automobilística, com mortos e feridos, examinado à luz dos grandes ciclos energéticos, não passava de um espelhinho retrovisor quebrado. Visto sob esse prisma, nossa vida se tornava completamente invulnerável a tragédias.

Encarar a vida dessa forma acaba tirando de nossos ombros o maior peso que carregamos, o escuro final das coisas. Ganhamos uma independência tão grande que chega a ser difícil de ser administrada, e pode até nos fazer desejar carregar novamente o peso com o qual estávamos acostumados.

Mesmo que não me entristeça com tua morte, desejo-a viva, quero que ela me ajude a prosseguir no caminho do equilíbrio. Por razões ainda repletas de egoísmo, preciso dela a meu lado, me dando a mão e me olhando nos olhos. Lentamente, acredito que o egoísmo poderá derreter, e eu poderei começar a adquirir características dela e ela minhas, dissolveremos nossas personalidades formando um terceiro ser, que por sua vez também fundirá sua personalidade recém formada com o todo. A corda será solta, a morte morrerá, os últimos traços de individualismo se derreterão nas lavas de um vulcão luminoso que encherá o universo de luz. Eu e ela não mais sentiremos os incômodos de nossos corpos e almas.

Mas por enquanto, enquanto ainda somos corpos e almas egoístas, continuamos nos nutrindo das benesses energéticas que um pode proporcionar ao outro. E, no nível em que nos encontramos, devemos nos alegrar quando ainda existem essas trocas. Na maioria dos casos só o que há é a aceitação de dogmas e a repetição de um padrão comportamental artificial.

Não quero que você morra amanhã, porque não quero que a poesia deixe de fluir através de ti. Você é um grande canal de comunicação direta com as luzes que ninguém vê, e que de manhã bem cedo se arrastam pelo chão até entrar no pequeno espaço que separa duas pétalas de uma flor, que na véspera desprende-se de sua planta.

Através de você também tenho acesso a sombras misteriosas que mancham as luzes, indicando que nada é absoluto. Sombras que se misturam, se derretem e desenharam, trazendo a tranquilidade de grandes leques em forma de dedos, protegendo-nos da incidência direta do sol, e atrasando as pequenas mudanças inevitáveis que acreditamos serem imensas. Quero você viva para que continuemos discutindo o que acontece com o brilho que emana das pedras, das lagoas e dos olhos humanos, quando não há ninguém para os perceber. Quero você viva para que juntos possamos aprender a não carregar bobagens, nem ferir as mãos puxando cordas que não têm serventia. Quero você viva para que me abandone quando perceber que há alguém mais capacitado para receber a energia que transmite, alguém que percebe com mais sutileza a poesia que escreves e que és. Quero você viva para que me esqueças depois de me haver transformado, e que eu também possa transformar pessoas e me esquecer delas para que novas vagas possam ser abertas em minha oficina de transformação.

Acho que alguma legitimidade existe em meu desejo de que permaneças viva. E como o que há entre nós é uma troca, imagino que deve ter razões parecidas para desejar que eu permaneça vivo. Não sei por que, desde a adolescência, sempre achei que nunca viveria muito. Em meu desenho de futuro eu jamais chegaria à velhice. E era sempre algum grande acontecimento trágico o que me interromperia a vida. Hoje, pela primeira vez, sinto o contrário, viverei muito e terei uma morte serena. Apenas fecharei meus olhos quando chegar a hora de dormir. A poesia será a responsável por minha longevidade.

Mas ela não é um dom estático, ou um diamante que se possa guardar dentro de uma caixa escura. Preciso fazê-la circular, preciso trocar, receber e passar adiante. Um átomo e uma estrela só existem porque se movimentam, e é exatamente o que devo fazer se quiser que durante os longos anos que me restam, eu possa, eventualmente, ser surpreendido por alguma chuva de pétalas.

INVERNO

Começo a desconfiar que minha personalidade introspectiva e os hábitos solitários que cultivei durante toda a vida acabaram desenvolvendo minha intuição. Não que tenha qualquer capacidade de prever o futuro, mas parece que pelo menos consigo sentir o cheiro de algumas tendências dos eventos futuros. Minha amiga não morreu, mas sem qualquer aviso mudou-se sem informar o destino. Num primeiro momento pensei em procurá-la, talvez sem saber a tivesse magoado. Queria encontrá-la para me desculpar, dizer que faria tudo diferente. Revisitei nossos últimos encontros e não encontrei nenhuma pista que pudesse indicar mágoa. Tínhamos nos divertido e até planejado uma viagem, e de repente o telefone estava desligado e seu apartamento vazio. A vizinha disse que vira quando ela se mudou, mas que ela não havia deixado o novo endereço. Decidi não a procurar e apenas esperar por seu contato, cada vez que o telefone tocava meu coração se enchia de esperanças. A campainha, que raramente toca, nunca me pareceu ser tão requisitada, e sempre me trazendo decepções.

Depois de um mês comecei a perder as esperanças e a formular teorias, talvez ela tivesse se interessado por alguém, voltado com o ex-marido, se fartado de mim, talvez quisesse a mesma espécie de compromisso que todas as outras mulheres que conheci desejavam, suportou-me por um tempo para ver se eu tomava alguma iniciativa, como nada fiz decidi cortar os vínculos.

Depois de dois meses percebi que nunca saberia o real motivo de seu sumiço, mas que isso também não tinha tanta importância assim. Minha intuição também havia acertado sobre como me sentiria caso a perdesse. É claro que fiquei chateado, e aos poucos, fui me irritando com as seguidas esperanças frustradas, mas acho que meu sofrimento foi pequeno em relação ao que eu tinha, e deixei de ter.

Depois que a considerei definitivamente desaparecida meu primeiro desejo foi encontrar uma substituta. Saí algumas vezes e até cheguei a conhecer algumas pessoas. Uma delas tinha vinte e quatro anos, exatamente a metade da minha idade. Era uma moça muito inteligente e bastante madura, recém formada em psicologia buscava

em mim um substituto para a figura paterna. Um dia saí com ela e reparei que o garçom que nos servia tinha algo nos olhos e nos lábios que não estaria ali caso nossa diferença de idade não fosse tão grande. Percebi então como o ridículo é algo que se torna invisível quando nos olhamos no espelho, mas que se multiplica de tamanho quando aparece em nosso vizinho. Deixei de vê-la, mas honestamente não foi pelo medo do ridículo, que em muitas vezes acho até benéfico, pois distingue alguém de uma massa de iguais. Deixei-a de ver porque percebi que não deveria buscar uma substituta para minha amiga, pelo menos não por enquanto. Não que ela fosse insubstituível, mas é que eu ainda estava deglutindo o que havíamos vivido. Outra pessoa me causaria uma indigestão.

Acho que quem enxerga minha vida de fora, um quase cinquentão solitário que trabalha o dia inteiro e quase não sai nos finais de semana, pode acabar sentindo pena. Mas possuo meus prazeres secretos que compensam a falta de divertimentos mais aparentes. Tenho certeza de que aproveito minha vida, no mínimo (o que não quer dizer muita coisa) o mesmo que meus contemporâneos que levam as chamadas vidas bem sucedidas aproveitam. Apostaria até (é impossível ter certeza disso) que minha vida é mais prazerosa do que a deles.

Faz muito tempo que não fotografo nada, mas tenho usado todo meu tempo livre para escrever. Mudei minha rotina, não fico mais em casa enchendo de palavras papéis soltos que depois joga fora, tenho um caderno no qual vou escrevendo e até comecei a desenvolver umas histórias mais longas. Nada mais de quatro paredes, agora meu escritório é a natureza, uma boa caminhada, o cheiro do mato... saco de meu caderno e escrevo. O ato de escrever parece se integrar com o que há de selvagem em um bosque.

Um dia enquanto contemplava umas florzinhas vermelhas que encontrei no meio de uma mata fechada, tive a idéia de escrever um romance. Como toda paixão, esse pensamento em pouco tempo se tornou uma obsessão. Eu era um homem experiente, cheio de idéias, mas elas permaneciam dissolutas, espalhadas por textos isolados. Queria amarrá-las numa grande narrativa. Nesse instante, se tivesse um espelho ao meu alcance teria conseguido enxergar como meus olhos brilhavam.

Por umas boas horas trabalhei mentalmente na gênese desse livro. Antes de mais nada, precisava decidir o que queria dizer com ele, depois descobriria qual seria o enredo para só então escolher de que maneira o construiria. Já de cara vi que não era tarefa fácil, e que essa divisão entre forma e conteúdo não me agradava. Eu queria um átomo indivisível que, ou não existisse, ou englobasse tudo o que queria dizer. A resposta para isso não demorou, e parece que soprou-se bem na minha frente. Sei que é errado conjugar assim o verbo soprar, mas foi isso o que aconteceu, uma leve brisa balançou a florzinha que eu contemplava, e foi desse jeito, aleatório e repentino, que descobri sobre o que iria escrever. Eu usaria o gênero literário romance para decifrar uma flor. Isso mesmo, dissecaria a essência da flor em um relato de fôlego. Mas não queria que apenas o enredo fosse encarregado desse retrato, escreveria um livro cuja forma estética também fosse florida. Abordaria todas as possibilidades, origens, consequências, as correspondências e os símbolos que uma flor poderia representar. Eu a esgotaria em palavras, sensações e raciocínios. Descobriria de que maneira a flor essencial se amarra com toda a realidade.

Percebi que não seria uma tarefa fácil, principalmente para alguém que começava a escrever romances, já bem próximo dos cinquenta anos. Essa tentativa poderia consumir muitos anos de trabalho e mesmo assim não resultar em nada. Era muito tênue a linha que separava o ponto que eu desejava atingir, de um inocente poema colegial. Mas mesmo se fracassasse, o simples ato de tentar algo tão inusitado já valia a pena. Os maus poetas são geralmente figuras muito poéticas.

Caso fosse bem sucedido, a flor essencial, em teoria, poderia ser substituída por qualquer objeto ou pessoa. O livro se tornaria uma espécie de guia da essência daquilo que fosse colocado em questão. Essa ideia parecia altamente presunçosa, e procurei me afastar dela. Minha batalha seria contra o mistério essencial de uma única flor, resolvida essa questão as consequências advindas daí já não eram mais meu problema.

Talvez o trabalho de escrever esse livro ocupasse o espaço energético antes destinado a minha amiga. Eu estava transformando o toque e o prazer da companhia, em poder de observação e no próprio ato de escrever.

Lembro-me de uma cena banal que vivi há muitos anos atrás e que

nunca mais esqueci, acho que devia ter uns catorze ou quinze anos. Fui acampar com alguns amigos e de noite fizemos uma fogueira. A luz do fogo rompia a escuridão do céu e iluminava nossos rostos de uma maneira nova para todos nós, jovens acostumados à luz elétrica. Ganhávamos sombras e contornos diferentes, o fogo também nos acostumava a temperaturas, sons e cheiros com os quais nunca havíamos convivido. Aquele era um momento de descoberta, sementes germinavam dentro de nós prontas para florescer. Sob essa luz mágica enxerguei um pouco afastado do nosso acampamento algumas flores. O fogo mal conseguia iluminá-las, um pouco atrás delas já vivia a escuridão. Meus olhos recém saídos da infância entenderam que estavam enxergando um momento raro. Não quis ir além dessa sensação. Foi isso que aconteceu. Agora com tudo o que vivi, com os pesos que carrego e com os ferimentos que na época não possuía, partirei daquele ponto fazendo a luz da fogueira se apagar e deixando a flor permanecer mergulhada na escuridão até que o dia lhe devolva suas cores.

Se naquela época a semente prestes a desabrochar que carregava dentro de mim se chamava sexo, que nome terá agora? Talvez morte. Ainda não sinto sua presença, mas desconfio que ela já deva ter iniciado seu trabalho silencioso. A terra alimentando a flor, mas ao mesmo tempo enviando junto com os nutrientes os primeiros indícios de que ela deverá se preparar para não ser mais flor.

E o que faço se de uma hora para outra minha amiga reaparecer com alguma desculpa convincente, querendo renovar nossa situação que tanto prazer me trazia? Interrompo meu novo caminho e retomo nossa relação do ponto em que paramos? Acho que não foi apenas parcialmente que minha intuição desvendou o que iria me acontecer. Mesmo que queira não poderei recomeçar o que vivi, por uma simples razão, minha amiga morreu. Seu coração pode ser que continue batendo, mas a origem do prazer que eu sentia foi transferida para outro lugar. Caso ela reapareça será como uma flor de plástico tentando imitar uma verdadeira. Ela transformou-se em outra coisa, como tudo e todos sempre se transformam.

As sementes não param de brotar, mas para que a planta nasça é preciso que a casca que constitui a semente seja destruída. Os ciclos,

os mares, as cordas, poderia criar outras mil figuras de linguagem, maquiá-las, alongá-las, escolher palavras bonitas cheias de sons e rimas, apenas estaria encompridando coisas que poderiam ser ditas em uma frase: o homem é parte da vida, e assim como ela acontece em ciclos. Minha amiga morreu e virou semente de rosas. E do mesmo jeito que ela tecnicamente continua viva, mas para mim se transformou em semente que espero gere flores, cada pessoa morre todos os dias, gerando recordações, impressões, e as respectivas sementes dessas marcas vão poluindo o mundo de substâncias boas e más.

Pode ser que a essência das coisas seja inatingível e impossível de ser descrita. Isso pela simples razão que, a medida que realiza-se a essência, acontece simultaneamente a destruição inerente a essa realização, e deste modo vão se apagando as pistas que poderiam compor um eventual relato. Nesse caso o que sobraria de mais próximo, o digamos assim, primo distante desse esforço, seria a poesia. Que se não atinge a essência, pelo menos fala do que está ao seu redor.

VERÃO

Há quase dois anos que não escrevo nada. Nem nesse diário nem em papéis soltos ou cadernos. Como minha criatividade anda em baixa vou apenas descrever aqui o que aconteceu comigo durante esse período. Como consta nas últimas anotações que fiz, realmente tentei escrever o romance da flor. Foram mais de dois meses buscando uma brecha por onde pudesse começar. Rabisquei muitos papéis que imediatamente amassava e jogava fora. Sabia que esse esforço inicial compreendia esse tipo de perda, até estranharia se isso não acontecesse. Depois de muito esforço consegui finalmente colocar algo no papel, mas não gostei do resultado. Eram as mesmas palavras empoladas, pseudo-poéticas que sempre escrevi. Eu falava da beleza de uma maneira feia. Tentei mudar de estratégia e adotar um tom menos formal, mas nada mudou. Numa terceira tentativa inventei uma espécie de diálogo entre várias flores, o que resultou em um dos textos mais ridículos que já vi. Depois de uma semana sem nada escrever voltei

ao primeiro texto, que ainda parecia ser o menos ruim. Procurei corrigi-lo retirando os excessos e modificando algumas passagens muito fracas. Consegui melhorá-lo, mostrei-o para algumas pessoas e recebi alguns elogios. Passei um final de semana contente, havia encontrado onde me agarrar. Escrever um romance sobre uma flor era algo como segurar-se sobre uma grande esfera metálica lambuzada de óleo, e eu havia descoberto esses pequenos orifícios onde conseguia enfiar meus dedos e me estabilizar.

Na manhã de segunda-feira reli atenciosamente as sete páginas que tinha escrito. Uma grande angústia me invadiu, aquilo era apenas um defunto maquiado. Não possuía uma gota de vida. Os remendos que tinha feito davam ao texto uma bela aparência, mas nada se sustentava, era como uma casa vistosa cujos alicerces estavam apodrecidos. Os elogios recebidos, depois reparei, vinham de pessoas que se pareciam com o que eu havia escrito. Num momento de raiva (ou honestidade) rasguei tudo e depois queimei os pedacinhos, aproveitei a onda para queimar outras coisas que havia escrito e muitas das últimas fotografias. Minha fúria terminou pouco antes que eu decidisse destruir esses diários.

Seguiu-se a essa destruição uma semana de grande tristeza, julguei-me um fracassado incapaz de nada que não fosse um trabalho repetitivo. Nessa semana ruiu toda a aceitação que possuía por não ter me tornado um artista, algo que já estava bastante solidificado dentro de mim. Mas dessa vez as dores foram muito maiores do que na primeira desilusão.

Apesar de profunda, a dor não teve longa duração. A semana seguinte me trouxe um grande alívio. Alegrei-me por não ter mais de dedicar todo meu tempo livre a uma causa impossível. Imaginei-me tentando chegar do outro lado do mundo usando uma pá, o livro, do jeito que queria escrevê-lo, equivaleria a cavar com a força de meus braços um buraco que atravessasse o planeta.

O que sucedeu o alívio foi a euforia. Com cinquenta anos de idade minha aparência estava melhor do que aos quarenta. As rugas haviam assumido seu devido lugar e feito seus desenhos, mas ao contrário do que acontecia quando elas começaram a aparecer, agora parecia que elas imprimiam em meu rosto uma aparência que defino como maturidade

sensual. Meu cabelo estava completamente grisalho e começava a rarear, então decidi mantê-lo sempre bem curto. Pela primeira vez na vida deixei crescer o cavanhaque, que nasceu com pelos mais escuros que o cabelo. Mantinha também o mesmo peso de quando tinha vinte anos. No geral, compunha uma figura que além de simpática, poderia transmitir uma certa segurança, e marcar-me como alguém que havia transposto muitos obstáculos na vida e continuava ali para contar sua história, exatamente o que as mulheres de cabeça vazia de todas as idades procuravam.

E o que fiz? Logo encontrei uma delas. Não imaginava que alguém com sua profissão pudesse ser tão superficial. Ela era cirurgiã pediatra, tinha quinze anos a menos do que eu, diferença que não chegava a despertar olhares maldosos. Tinha uma beleza mediana, estava sempre de excelente humor (depois descobri que pelo menos parte de sua alegria era causada por remédios antidepressivos). Como vivo uma fase em que não estou buscando profundezas, sua companhia sorridente tornou-se agradável. Vivíamos no império das miudezas, e quando sua conversa começava a se tornar chata, eu encerrava os assuntos com uma risada ou um beijo.

Como toda pessoa superficial ela era extremamente sexualizada, e me cobrava participação, eu devia satisfazê-la diariamente. No princípio isso foi motivo até para um pequeno desentendimento, mas depois comecei a gostar. Entendíamos-nos muito bem nesse aspecto, além do que, durante o ato eu era poupado de alguns excessos de futilidades.

Aos cinquenta anos de idade comecei a me tornar um ser sexual. Ela passou a dormir com frequência na minha casa, quando não vinha eu ia até ela. Procurava encurtar as preliminares o máximo que podia, o que um dia a fez me acusar de não ser romântico. Só nesse dia tentei escapar das futilidades perguntando-lhe o que era ser romântico e para que ela achava que servia esse romantismo. Ela acabou fugindo da resposta com uma brincadeira qualquer. Certa vez ela precisou passar uma semana fora da cidade, foi então que percebi como o sexo pode ser um vício como outro qualquer. Acabei recorrendo a um bordel para me aliviar.

Quando voltou da viagem trouxe consigo uma estranha ideia:

por que eu não operava minha fimose? De cara rejeitei a proposta, se aquilo não me incomodava por que ela deveria se preocupar? Uma de suas características era a persistência, ela passou dias insistindo e argumentando, higiene, praticidade... até que usou uma justificativa que começou a minar minha resistência, meu prazer sexual aumentaria. Respondi dizendo que o prazer que sentia era suficiente, e como eu nunca havia conhecido outro, esse prazer maior não me faria falta.

Mas acho que enquanto respondia, ela percebeu que eu começava a fraquejar. Três dias depois estava sendo operado. Eu já escrevi nesse diário que às vezes o ridículo pode ser uma boa coisa, mas dessa vez eu daria tudo para não ter passado pelo que passei. Essa cirurgia normalmente é feita em crianças, no máximo em adolescentes. O médico que me explicou como seriam os procedimentos usava todo seu profissionalismo para que eu não conseguisse ler em seu rosto nenhum sinal do que ele deveria estar pensando. Nunca senti tanta vergonha, deixei que ele, que devia ter no máximo trinta anos, me explicasse tudo da maneira mais formal possível, fui embora sem fazer nenhuma pergunta.

Talvez eu estivesse redondamente enganado, e ele devesse cotidianamente lidar com casos muito mais constrangedores do que o meu, e nem lhe passasse pela cabeça qualquer julgamento. Mas não conseguia parar de imaginar aquele jovem médico rodeado de amigos e amigas contando sobre meu caso, sobre como um homem de meia idade desejava realçar uma vida sexual, que provavelmente até ali tinha sido péssima. Falaria do egoísmo que conseguiu enxergar em meu rosto e da dificuldade que teve em não rir na minha cara.

O fato é que em nenhum momento tive a confirmação dessa teoria. Pelo contrário, fui tratado com todo profissionalismo, até um pouco demais para o meu gosto. Terminados os trinta dias de resguardo seguiu-se um período de grande euforia. Realmente o prazer aumentara, as áreas sensíveis que antes ficavam encobertas por pele agora estavam expostas. Não sei quanto a mais de prazer passei a ter, mas talvez tenha passado a vida toda usando apenas uns três quartos do prazer a que tinha direito. Perguntei-me se nesse um quarto que ficara sem uso, não poderiam ter sido geradas algumas de minhas neuroses. Decidi ampliar a pergunta: quanto da neurose humana, que tem como principal consequência a

violência sob todas suas formas, contra o outro e contra nós mesmos, não teria origem na repressão sexual? Não apenas num caso como o meu, que é até pequeno, mas a repressão psicológica, a imposição da culpa e do medo, a caracterização do sexo como algo sujo, como seria um mundo livre desses dogmas e pesos?

O que aconteceu depois da cirurgia foi que uma certa gratidão passou a facilitar nosso relacionamento. Por algum tempo tive mais paciência com ela e com seu mundo. Acho que se pudesse resumir essa fase com uma sentença, com algo verdadeiro, seria: “pelo menos ela serviu para alguma coisa”. Passamos alguns meses literalmente aproveitando os prazeres da carne. Até que um dia algo aconteceu, uma dessas mensagens simbólicas que a vida espalha pelos cantos esperando que possam ser lidas. A mensagem era clara, eu deveria seguir adiante, recuperar valores do passado e descobrir outros que permaneciam escondidos.

Havíamos almoçado juntos, uma sequência de carnes, massas e sobremesa. Bebemos também uma garrafa de vinho, o dia estava quente mas meu suor vinha também do excesso de comida. Sugeri que caminhassemos para fazer a digestão, ela não quis e acabamos, como sempre, indo para minha casa. Lá procurei conversar com ela, perguntei sobre seus assuntos. Ela estava falando pouco, e mesmo sem eu querer, acabamos fazendo sexo. Na metade da relação comecei a me sentir mal, suava sem parar, sentia ânsia de vômito e meu coração parecia que tinha disparado. Eu pedi para parar e ela me pediu para que eu deixasse de ser egoísta. De repente não pude mais, senti uma grande tontura, estava prestes a desmaiar. Levantei-me e fui até o banheiro passar água no rosto. Foi aí que aconteceu a revelação. Olhando para o espelho enxerguei um búfalo. Minha fisionomia cansada e molhada de suor lembrava a de um pesado animal que passara uma longa tarde escaldante puxando um arado. Todo o refinamento que deveria separar um homem de uma besta, parecia haver escorrido junto com meu suor. Restavam-me meus olhos bovinos, meu ventre flácido e meu sexo, que ainda semiereto, balançava de um lado para outro, inútil. Desviei o olhar com medo do que estava enxergando. Sentei-me no vaso sanitário apoiando o queixo no meu punho fechado, às vezes meus dentes mordiscavam os nós de meus dedos. Eu não podia

ser só aquilo. E afinal de contas, quem era aquela mulher que ansiosa me esperava no quarto, por que eu precisava conviver com ela?

Além de tudo, o espelho me mostrou que eu me enganara ao pensar que o tempo havia me poupado. Nunca tinha reparado como minhas pernas estavam finas, nas manchas de pele que cobriam meu peito, na cor esbranquiçada de meus pelos, nas grandes olheiras sob meus olhos. Mas nada disso tinha muita importância se comparado ao meu retrato moral, que também enxerguei naquele espelho. Foi ele que me assustou. O búfalo que vi tinha em seus olhos aquela aceitação plena dos animais que sabem estar caminhando para o abate. Enxerguei olhos egoístas que tudo fariam para satisfazer seu vício, iam além disso, tinham se tornado o próprio vício.

Esse lodaçal só não era maior porque pelo menos eu conseguia ver a situação em que me encontrava. Passei uma hora dentro do banheiro, chorei e tomei um banho. Quando saí ela dormia. Esperei que acordasse e disse que não queria mais vê-la. Vieram acusações de todo tipo, lágrimas e um abajur jogado na minha direção. Quando foi embora senti um grande alívio, e por que não dizer, orgulho de minha atitude. Procurei o espelho e meus traços bovinos continuavam lá, mas pareciam levemente atenuados. Eu me livraria daquela imbecil, o que não queria dizer muita coisa se daqui há um mês arrumasse outra ainda pior.

Deitado na cama lembrei-me de minhas fotografias antigas, folheei o álbum enquanto pensava no que havia me feito chegar naquele ponto. Aos poucos, fui mentalmente deglutindo a situação, e dessa digestão surgiu uma teoria, versava sobre física, mais especificamente sobre a densidade de materiais. Nessas elucubrações, atribuí uma concentração física maior a objetivos alcançados através de um esforço pessoal, e que geraram benefícios não apenas para quem os executou, mas também para as pessoas ao redor, e eventualmente para toda a humanidade. Por exemplo, um cientista que após longos anos de pesquisa descobre uma vacina para uma doença até então incurável e por consequência acaba salvando inúmeras vidas. Sua atitude é fisicamente muito densa, pois concentra emoções e conquistas que irão se perpetuar por muitas gerações. É sólida também porque o bem gerado deixará marcas e se espalhará numa corrente facilmente comprovável. Portanto,

para uma atitude como essa atribuí a densidade do chumbo.

Por outro lado, as emoções baratas, a superficialidade, as explosões de ódio, os amores falsificados, e toda essa nuvem que flutua pelo mundo esperando pequenas brechas para se manifestar, representei com a densidade do vapor. Esses gases podem intoxicar uma civilização inteira, causar guerras ou grandes ondas de vazio. Mas como não passam de vapores, logo se expandirão e desaparecerão até que novamente uma nova oportunidade climática os leve a se concentrarem e durante esse período transitório, aparentarem permanência.

Mas o chumbo, que apresenta muitas qualidades e concentrações, é muito mais difícil de ser manipulado do que os vapores. Quem lida com esse metal deve ter cuidado e constância, devendo possuir também disciplina, um propósito e um sentido maior, que guiará esse uso. Quanto aos vapores, o que acontece é justamente o contrário, eles propagam-se melhor quando há distração e falta de um objetivo. Quando nos preocupamos com o que não tem importância nem para nós nem para os outros, gera-se a oportunidade para a formação desses gases vazios e suas inevitáveis consequências.

Foi exatamente o que aconteceu comigo, fiquei com medo de queimar meus dedos com chumbo incandescente, e permiti minha própria intoxicação. Felizmente percebi isso antes de perder completamente a consciência. Mas de que valem dedos preservados de queimaduras quando minha cabeça é a de um búfalo e meus olhos têm medo de um dia voltarem a ser humanos?

Preciso de dias silenciosos e de tudo o que habita dentro deles. Só de me lembrar como aquela mulher era absolutamente incapaz de permanecer dois segundos em silêncio, começo a odiá-la. Mas não tenho porque ter raiva, pessoas como ela são produzidas em série por uma intoxicação coletiva, o barulho é um resultado dessa contaminação.

Tenho de tomar cuidado para não realizar julgamentos precipitados, desprezando eventuais pequenas quantidades de chumbo presentes em qualquer corpo humano. Também não posso esquecer que o aquecimento de substâncias mais densas também gera seus vapores.

Eu e meu novo pênis... minha máquina bovina de prazer, nós continua-

remos mergulhados nessa panela-vida, que o tempo todo ferve substâncias de todas as densidades. Que direito tenho, no fundo, de chamá-la de imbecil? Ela é apenas, assim como também sou, uma substância que se dissolve e se concentra dentro dessa grande panela. Se num dado momento ela é mais gasosa do que sólida, isso também é transitório. Dissolvo-me junto, e todo o resto também, e o chumbo, o ferro e o ouro se liquefazem para depois evaporar. Os vapores se condensam e minha teoria se derrete. A chama permanece, aquecendo a grande panela e gerando todas as consequências. Até que um dia, assim como farei agora com as luzes do meu quarto, apague-se.

PRIMAVERA

Depois de um longo tempo parado tentei recomeçar a escrever o romance da flor. Dessa vez estou de consciência tranquila, pois durante três meses tentei todas as abordagens possíveis. Cheguei a iniciar simultaneamente três textos com estilos diferentes, mas não consegui ir adiante. Escrever sobre um assunto tão particular, como uma única flor, é tão difícil quanto escrever sobre o universo inteiro. E é esse justamente o grande segredo: em cada objeto está contida a representação simbólica de tudo mais o que existe. Mas conseguir ler esses símbolos, e depois traduzi-los em palavras, é algo que está além de minha capacidade, e talvez esteja acima da capacidade das próprias palavras. Elas, como tudo mais, também possuem seus limites, e esse romance que pensei escrever, talvez só existisse construído por uma nova forma de signos. Não o vejo existindo através de nenhuma outra forma de arte.

Imagino... que com a evolução da ciência, talvez um dia pudéssemos escolher e comandar nossos sonhos, e com a grande liberdade que eles nos conferem, atingir o ponto que desejei chegar com meu romance fracassado. O sonho-flor teria a mobilidade, as cores, a ausência de tempo, características típicas dos sonhos, que junto com muitas outras surpresas escondidas, poderiam nos auxiliar na compreensão de qual é a essência das coisas. A partir daí, essa viagem programada nos conduziria a outras grandes respostas. Mas esse grande poder gerado por

novas descobertas, nunca poderia ser administrado por consciências que não percebessem que todas as realidades são interdependentes, nem que o individual não pode ter saúde se o todo estiver adoentado.

Mas como disse, se tudo está interligado, e o urso branco desenvolveu sua proteção contra o frio justamente porque habita em regiões polares, talvez esses sonhos controlados acompanhados de grandes revelações, só surjam no dia em que as consciências estiverem preparadas para lidar com suas consequências. Por enquanto preservamos o mistério nos poupando dos perigos. Passeamos pela periferia das revelações, lugar que assim mesmo recebe o odor da essência das coisas, e que com um pouco de esforço já é acessível a qualquer pessoa.

Talvez meu erro tenha sido tentar escrever um romance, acho que se tentasse materializar uma única poesia, poderia pelo menos ter me aproximado um pouco mais de onde desejava. Mas ainda não afastei essa ideia, na verdade ainda não escrevi nenhum verso, mas tenho pensado e sentido, e essa é a matéria-prima da poesia, o resto é trabalho braçal.

Voltei a caminhar. Longas horas em silêncio no meio da natureza são um grande exercício para a sensibilidade. Outro dia no meio dessas andanças vi algumas flores que me deram vontade de aprisioná-las em palavras. Na hora estava sem papel e caneta e lamentei por isso. Hoje vejo que se tivesse escrito algo teria me precipitado. Talvez a poesia tenha uma particularidade em relação às outras formas de expressão, na poesia a prática não é necessariamente amiga da perfeição, pelo menos a prática física. É claro que um poeta não pode nunca deixar de exercitar sua sensibilidade, e esse exercício não deixa de ser uma forma de prática poética. Lembro-me de uma história que li uma vez, falava de um poeta oriental que em épocas imemorais vivia como um nômade e esmolava para comer. Apresentava-se como poeta e quando pedia dinheiro dizia, a quem desse, que essa pessoa estaria colaborando com sua obra poética. Depois que alguém lhe atirava uma moeda e pedia para que ele recitasse alguns de seus versos, ele informava que não poderia declamá-los, pois nunca havia escrito nada. O cidadão pedia sua moeda de volta dizendo que tinha sido enganado. Ele respondia que não mentira, e que durante toda sua vida seu único objetivo era sentir a vida, para que pudesse, alguns minutos antes de morrer, condensar toda sua experiência em dois ou três versos.

Vivo um processo de armazenamento de sensibilidade, só não garanto que vou conseguir versos tão representativos de minha experiência.

As ondas que comandam a vida, e me conduzem para diversas praias, novamente trouxeram até mim a fotografia. Voltei à ativa e todos os domingos saio atrás de imagens. Como as ondas nunca são as mesmas, mudei de temas, ou melhor, concentrei-os, agora só fotografo flores. Se não consegui escrever o romance sobre elas, e se o poema é ainda apenas um embrião que corre o risco de ser rejeitado pela natureza, com a fotografia passo a ter alguma coisa nas mãos. Mesmo que seja algo distante de meu objetivo inicial, tenho agora um ponto de referência.

Aos cinquenta e um anos realizei minha primeira exposição fotográfica. Foi numa pequena casa de cultura no centro da cidade. Eram vinte ampliações grandes mostrando diversos tipos de flores, captadas sob as mais diferentes luzes. Com cada foto procurei captar uma sensação, margaridas iluminadas pelo sol do meio-dia pareciam exalar uma certa graça superficial. Rosas envoltas nas primeiras sombras da tarde, vinham acompanhadas por uma impressão de transitoriedade. Buquês de hortênsias manchadas com os primeiros raios de sol sugeriam as doces surpresas com que, às vezes, a vida nos presenteia.

De uma maneira geral o que prevalecia nessa exposição era um otimismo ligeiro, uma impressão de que a beleza é sempre um refúgio acessível ao homem. Mas havia uma exceção. Era a imagem de um lírio amarelo em seu ponto máximo de desabrochamento, a flor começava a abandonar a beleza e já nasciam nela sinais de decadência. Suas pétalas começavam a ficar crespas nas bordas e em alguns pontos o amarelo se transformava em um vermelho escuro. Quem banhava essa flor era a luz de um fim de dia, uns dourados envelhecidos que pareciam diminuir a intensidade do amarelo e ressaltar a do vermelho. Essa foto era minha ilha de pessimismo no mar de otimismo raso que reinava no resto da exposição.

Acho que depois de tudo que vivi nos últimos tempos, eu tentava dizer para mim mesmo que me esforçaria para que as coisas melhorassem e eu pudesse voltar a acreditar na vida. Entretanto, a foto do lírio me lembrava que um otimismo exagerado, que é o que costuma acontecer após uma fase de grandes dificuldades, não tem como se

sustentar, pois, no fundo, as perdas são partes dos ganhos.

A exposição valeu principalmente como um marco. Tudo o que eu havia feito antes ficara inacabado. Agora enxergava algo concluído, alguma coisa que poderia ser deixada para trás, mas que serviria de adubo para próximas realizações. Não tenho ilusões quanto à qualidade e durabilidade do trabalho. Sabia que a maioria (ou a totalidade) das poucas pessoas que veriam aquelas fotos enxergariam ali apenas flores. Nada do que senti ou tentei transmitir seguiria adiante.

Num estalo, percebi que existem algumas vantagens em envelhecer. Se tivesse vinte anos a menos, tenho certeza de que teria o coração cortado por causa do pequeno número de pessoas que assinaram o livro de visitantes da exposição. Foram exatamente dezenove, doze deixaram apenas o nome, algumas eu conhecia e provavelmente vieram apenas por amizade. As outras sete deixaram algumas observações do tipo “muito bonitas as flores” ou “lindo trabalho, continue assim”. Hoje isso não me incomoda. A idade vai tornando tudo menos absoluto, luzes e sombras são menos intensas, e como as dores acabam sendo algo meio constante, elas não trazem mais a dramaticidade dos jovens nervos, que gritam para chamar a atenção.

Outra vantagem de envelhecer é que fica um pouco mais fácil fazer uma autocrítica, e essa acaba importando muito mais do que a opinião dos outros. Então percebo que me encontro numa situação bem melhor do que há um ano atrás. O próprio fato de ter conseguido organizar essa exposição é prova disso. Por outro lado vejo o quanto ainda existe de imaturo em mim, em nenhum aspecto de minha vida consegui levar nada adiante. Essas dezenove pessoas indicam que pela primeira vez consegui concluir algo, e agora possuo uma pequena referência. São dezenove cacos de espelho que emendei para descobrir quem sou. Honestamente não tenho ilusões de reconhecimento e sucesso. Meu ponto de referência sou eu mesmo, quero evoluir em silêncio, espantar o medo que dificulta a colagem dos cacos do espelho. Sou um homem pacífico de meia-idade que prefere a paz das sombras luminosas. Creio que apesar dessas vinte fotos estarem muito longe do que eu desejava, em meu próximo trabalho não partirei da estaca zero.

Tenho planos para o futuro, quero continuar fotografando flores. Mas

dessa vez arriscando mais, fotografá-las à noite com filme ultra-sensível e exposição prolongada. Colocar flores artificiais disfarçadas no meio de algumas verdadeiras. Quero arrancar todas as pétalas de uma rosa e reconstruí-la à mão, elaborando um botão de rosa que estará para uma rosa, assim como um boneco está para uma pessoa. Então fotografarei essa flor morta ao lado de um botão vivo, desejo poder enxergar, por contraste, seu espírito.

Percebo que estou cheio de energia, e que talvez ela se origine justamente do fato de eu possuir um lado imaturo. A criança e o jovem que fui, sobrevivem dentro de mim, e cada um clama por suas necessidades, assim como também o homem de meia-idade reclama seus direitos. Sou o resultado (ou a falta de) dessa disputa. Adicione-se a isso o fato de que, eu e qualquer outra pessoa, precisa despender suas energias mais preciosas trabalhando. Misture-se aí a constatação de que vivemos numa desesperada luta contra o relógio, cada hora decorrida representando uma indolor condenação à morte. Entra nesse grande cozido o fato de não sabermos por que nem para que vivemos, de termos de nos reproduzir, de obedecer a normas, de ensinar aos outros sobre coisas que desconhecemos, de precisarmos descobrir quem somos, de termos de aceitar como bois mansos o fato de que nascemos e morreremos, e de engolir que para a maior parte das perguntas simplesmente não existem respostas.

E talvez o mais difícil de tudo, temos de descobrir um jeito de encaixar sobre nossos dorsos todos esses pesos, de modo que não esqueçamos de nenhum e suportemos a carga enquanto caminhamos.

Com tudo isso, quem pode responder com isenção a perguntas? Quem pode dizer que sabe algo, sem incorrer em meias verdades por desconsiderar que sua resposta está infinitamente entrelaçada com muitas outras? Quem terá coragem de se orgulhar de suas pequenas certezas? Quem poderá considerar qualquer missão plenamente cumprida? Incluo nessa última pergunta a própria vida.

Como a vida plena é algo inalcançável, nossas melhores possibilidades de mudança se baseiam em fraquezas e não em virtudes. Peguemos um homem que tenta desvendar os segredos do universo e descobre que não tem poderes para tanto, é seu fracasso que o fará crescer. Vejam a arte, o que é ela se não os escombros de um prédio que não conseguiu ficar de pé?

Caso consiga fotografar a alma de uma flor vou querer fazer o mesmo com uma pessoa. Para cada novo limite que me é imposto renova-se a energia para combatê-lo. A pedra é atirada na lagoa e vai formando sucessivas ondulações, com cada vez uma área maior e uma intensidade menor. E essa cena descreve mais ou menos a aventura humana na Terra.

*A luz e a cor na flor,
são cada uma um quarto do círculo perfeito.
A outra metade é feita da flor ela mesma, e de sua essência*

Um pedrisco atirado na lagoa da eternidade. As ondulações, apesar de nunca deixarem de acontecer, por vezes não são aparentes, ou então acontecem quando não prestamos atenção.

Eu sou todos aqueles que fui, sou e serei, e não apenas o boneco programado para se comportar conforme determinada idade ou situação. Sou como o solo que se nutre dos cadáveres que um dia floresceram sobre sua superfície. Corro atrás de cacos de espelho que me ajudarão a descobrir quem sou. A humanidade, esse grande homem dividido em bilhões de cacos, procede da mesma forma.

Se foram dezenove as pessoas que apreciaram minhas fotos, quantos milhões que deixaram de vê-las? Mas são esses que nunca viram nem verão minhas fotos, que nunca saberão de minha existência, e para mim sempre permanecerão tão obscuros quanto grãos de areia do fundo do mar, é para esses misteriosos que vivem, e para quem represento o verso de um espelho, é para eles que devo perguntar quem sou e por que sou? E é para eles que deverei responder quem eles são e por que o são? Mas caso conseguisse responder a tal pergunta teria automaticamente esclarecido também minha questão. A resposta humana é inalcançável, porque caso conheça aquele que para mim é mistério, ele passará a ser o vigésimo visitante de minha exposição. E o que acontecerá é que o cadáver do antigo mistério novamente nutrirá as terras de minhas buscas. Não há escapatória, para cada resposta, milhares de outras perguntas aparecem para dissolvê-la.

Se o sorriso irônico de minha juventude trazia consigo as mágoas de quem não consegue que as coisas sejam exatamente como deseja, talvez a ironia da meia-idade traga o homem conformado com a maneira implacável e imutável como a vida é construída. Dentro do sorriso grisalho existe a aceitação... precisamos nos conformar com tocos de imagem e nos comunicar com cacos de linguagem, permaneceremos imigrantes ilegais que aos domingos sentam-se em bancos de praça para aproveitar o sol. E durante esses instantes de relaxamento, rodeados por um mundo estrangeiro que não compreendem direito, esses homens podem se conceder o direito de sorrir.

As flores prosseguirão, apesar de mim, bem como os perseguidores de flores. Criando e destruindo expectativas, sorrindo, franzindo o cenho, para novamente sorrir e imprimir a esse sorriso novas conotações. Não sei se possuo o sorriso irônico da meia-idade que descrevi, mas estou curioso para saber como será o meu sorriso da velhice. Em que se baseará a ironia que o alimentará? Ou será que ela se extinguirá e sorrirei do mesmo jeito que quando tinha seis anos de idade? Mas caso ela persista, e a ironia se provar algo tão indestrutível quanto o medo ou a esperança, então creio que ela deverá se nutrir do fato de que quem a possui, está enxergando todos os ciclos se completarem. Os mistérios acabam se encaixando em outros, dos versos dos bons poetas sobram apenas perguntas e reticências, sobre as pilhas de verdades mortas da ciência, acumula-se uma outra que também começa a envelhecer, e as novas gerações, sem perceber, e acreditando justamente no contrário, comportam-se exatamente como as anteriores.

E essa passa a ser, de todas, a mais refinada e robusta das ironias que o homem experimentará. E será, ela mesma, algo irônico, pois atingirá seu auge, justamente quando a vida estiver acabando.

OUTONO

Há muitos anos tenho o hábito de ler o jornal pela manhã, logo que acordo. Mas ultimamente iniciei a leitura pela seção de falecimentos. O que acontece é que venho encontrando muitos nomes conhecidos frequentando aquela coluna. Pessoas que ao longo da vida tive algum tipo de contato, desde aqueles que me lembrava apenas do nome, até alguns de meus poucos amigos. Todos eles haviam iniciado o processo de abandono dessa vida. Eram todos meus contemporâneos, o que pela primeira vez me colocava como alvo potencial desse acontecimento. Mas essa sensação, ao contrário do que imaginava, não me trouxe medo, o que senti foi um frio na espinha que estava mais relacionado com a curiosidade.

Os avisos de falecimento se dividem em dois tipos, os que apenas comunicam a morte e informam sobre onde aconteceu o sepultamento, e os que, aproveitando-se de um falecimento compatível com o fechamento da redação do jornal, convidam para o velório e enterro. Como sempre detestei funerais, nunca aproveitei essas informações para me despedir de meus conhecidos. Os enterros sempre me pareceram locais de encontro entre a genuína tristeza, a hipocrisia social e os dogmas religiosos. Três coisas das quais, pelo menos ultimamente, procuro me manter afastado.

Algo curioso aconteceu há umas duas semanas atrás. Abro o jornal e encontro entre os falecimentos um nome conhecido. Era um vizinho meu que durante uns dois anos foi meu melhor amigo. Quando crianças explorávamos os terrenos baldios da vizinhança tentando encontrar tesouros, latas velhas, rodas de bicicleta abandonadas, baterias de carro enferrujadas, recolhíamos tudo em um terreno abandonado e cobríamos com grandes folhas de palmeira para que nossas descobertas não fossem levadas embora por outros meninos curiosos. A localização desse depósito, que ficava parcialmente enterrado, era cuidadosamente registrada em um mapa, que depois era dividido em dois pedaços, eu ficava com um e ele com outro. Durante esses dois anos de convivência e explorações fizemos planos, queríamos construir uma casa no alto de um grande pinheiro, cavar túneis secretos que termina-

riam numa gruta artificial, onde guardaríamos todas as riquezas que fôssemos acumulando.

O que nos encantava não era o valor econômico de cada objeto, mas o que eles valiam enquanto mistério. Mas de todo esse período que deve ter durado dos meus oito aos meus dez anos, nada nos fascinou tanto quanto uma bala de revólver calibre trinta e oito que encontramos em um terreno baldio. Logo a enterramos em um lugar ainda mais secreto, e por prevenção, dessa vez nem mapa fizemos. Elaboramos diversas teorias sobre aquele achado, naturalmente aquela bala era a sobra de algum crime. Após matar alguém, o assassino deixou cair no chão um pouco da munição que sobrara. Fizemos uma busca por toda a região, tentávamos encontrar buracos cavados recentemente, chegamos até a escavar algumas regiões suspeitas, mas ao invés de um corpo encontramos apenas a tubulação de esgoto.

Não posso negar que aqueles foram anos mágicos que ainda vivem dentro de mim. Esse período acabou quando meu amigo se mudou para outro bairro e nunca mais o vi nem ouvi falar dele.

Quando li seu nome na seção de falecimentos não tive a menor dúvida, iria lhe fazer uma visita. Aquilo era muito diferente, ver alguém aos dez anos de idade e só voltar a vê-lo aos cinquenta e dois, e morto, era algo tão esquisito quanto uma sombra barulhenta. Mas não sei... de alguma forma sempre considereei essa sensação de degustar o estranho, algo muito parecido com o doce gosto da surpresa, e ambos eram alguns dos ingredientes que compunham o molho da vida.

Chegando na capela onde acontecia o velório, percebi pela quantidade de coroas de flores, que meu amigo de infância havia se enroscado muito mais do que eu nas teias sociais que acabam posicionando o homem dentro da escala do sucesso. O local estava cheio, havia até uma pequena fila que se dirigia para perto do caixão, eram as pessoas que desejavam cumprimentar os familiares. Reparei que os que estavam por último na fila, e tinham a aparência de jovens advogados de sucesso, divertiam-se contando piadas, mas quando chegavam a uma certa distância do morto, escondiam os sorrisos atrás de fisionomias falsamente entristecidas.

A princípio permaneci em um canto, procurava algum possível

rosto familiar, alguém que como eu também tivesse brincado com o falecido. Mas essa era uma tarefa quase impossível, mesmo que alguns daqueles meninos estivessem ao meu lado eu não os reconheceria. E na verdade, vi muito poucos homens de minha idade ou mais velhos, a maioria das pessoas que ali estavam eram jovens, provavelmente amigos de seus filhos. O que teria acontecido com seus próprios amigos?

Não queria me aproximar do caixão. Mas consegui distinguir uma senhora e dois rapazes que pareciam realmente consternados e recebiam os cumprimentos de todos. Os filhos de meu amigo deviam estar beirando os trinta anos, o que indicava que ele havia se casado cedo. Sua mulher devia ter mais ou menos nossa idade, talvez uma colega de faculdade? Como teria sido sua vida depois da última vez que o vi?

Sobre uma mesa havia alguns salgadinhos e uma garrafa de uísque. Preparei uma dose para mim e encontrei um lugar vago em um sofá. Sentadas ao meu lado duas mulheres conversavam entre si e pareciam não ver a hora de me incluir nessa conversa. Fechei a fisionomia fingindo uma tristeza que não sentia e inclinei meu corpo para o lado oposto ao delas. Dei um grande gole no copo e acho que elas perceberam que eu não queria papo. Comecei a reparar nos dizeres das coroas de flores e através deles descobri que meu amigo era advogado. Já sabia também que havia se casado jovem com uma mulher da mesma idade e que tinha dois filhos adultos.

Percebi como essas marcas evidentes de nossas vidas, acabam ficando tão expostas quanto nossos rostos. É fácil, com alguns traços biográficos básicos desenhar o esboço de qualquer vida humana. Enxergar o que havia por detrás dos rostos é que era difícil. Como poderia dizer quem se tornara aquele homem que hoje encerrava sua vida? O quanto da criança que conheci o acompanhou durante seu percurso? Talvez o menino tivesse morrido pouco tempo depois que o vi pela última vez.

A dose terminou e me servi novamente. Sentado, continuava reparando nas pessoas que não paravam de chegar. A quantidade elevada de gente começou a tornar o ar difícil de respirar, e aumentou a temperatura da sala. Comecei a me perguntar se teria sido mesmo uma boa idéia ter vindo ali. O clima excessivamente informal e descontraído da sala onde estava começou a me irritar. Não estava ali para ouvir

piadinhas. Decidi me aproximar mais do morto, onde aparentemente havia mais respeito. Mantive uma distância razoável dos parentes, não queria cumprimentá-los. De onde estava conseguia ver alguns contornos de meu amigo, nada que lembrasse a criança que eu conhecera. Seu corpo estava completamente envolto por flores, o que por alguns instantes me fez recordar de minhas fotografias e tentativas literárias.

Aquelas flores colocadas daquela forma ao redor de um homem morto causavam uma péssima impressão. Parecia que queriam encobrir algo que estava começando a apodrecer, com outra coisa na exata mesma condição. O cheiro adocicado daquelas margaridas chegou até mim e senti que não deveria ter bebido aquele uísque tão depressa. As luzes, um pouco mais escuras do que na sala anterior, fizeram meus olhos ter de trabalhar mais para enxergar a mesma coisa. Notei que a esposa e os filhos de meu amigo me olharam. Eu continuava de pé a uma distância razoável do esquife, mas percebi que aquele lugar intermediário acabaria incomodando a liturgia do velório. Ou voltava para onde estava ou avançava para perto do caixão e cumprimentava os familiares.

E mesmo a contragosto foi o que fiz. Antes dos cumprimentos dei uma boa olhada nos restos de meu amigo. O cheiro de flores estava insuportável, principalmente porque notei nele o que sentimos quando precisamos tirar as flores do vaso para jogá-las fora.

Quanto ao homem que ali estava deitado, percebi que algum esforço havia sido feito para que ele se parecesse com alguém que estava apenas dormindo. Fixei-me diante do corpo por alguns minutos, procurava reconhecer nele aquele menino ágil que nunca perdia uma corrida e que subia nas árvores muito mais rápido que eu. Como seus olhos estavam fechados perdi meu grande ponto de referência.

Ele aparentava ter um pouco mais de idade do que realmente tinha. Escutei de alguém que ele morrera de repente. Talvez o mesmo mecanismo que garantiu uma excelente quantidade de coroas de flores em seu velório, tivesse sido responsável por essa doença que lhe causou a morte súbita. Na vida nada ficava sem encaixe.

Como não tinha os olhos, servi-me de seu nariz, foi ele quem me transportou para quarenta e dois anos atrás. Lembrei-me de como meu amigo não gostava do tamanho de seu nariz, e de como uma vez

até batera num menino que o chamou de narigudo. Na época seu nariz era apenas um pouco maior que o dos outros meninos, nada realmente desproporcional, mas para ele aquilo era algo que o incomodava.

Sempre escutei que nosso nariz nunca para de crescer, e acho que isso é verdade. O morto tinha um nariz que realmente chamava a atenção, era grande e avermelhado e contrastava bastante com as flores brancas colocadas ao redor de seu rosto. Afora o nariz, o resto do rosto já assumira a palidez característica dos mortos. Por sua expressão facial não conseguiria descobrir nenhuma pista de como teria sido sua vida, aquela face era como um aparelho elétrico desconectado da tomada. Consegui ainda reparar em seus sapatos, que se sobressaíam entre as flores, formando junto com o nariz os pontos que mais se aproximariam da tampa quando o caixão fosse fechado. Eram sapatos novos, na sola de couro nenhuma marca, sapatos que morreriam virgens.

Feitas essas observações, caminhei para os inevitáveis cumprimentos. Primeiro me dirigi para a esposa. Nunca soube o que dizer em ocasiões como esta, tudo parece tão protocolar e vazio, mas nesse caso, em que eu nem conhecia as pessoas que cumprimentava, senti mesmo uma culpa por estar ali. Caso começasse a escavar sem medo o que havia por detrás daqueles cumprimentos, poderia encontrar algumas frases surpreendentes: “ele se foi antes de mim e eu continuo aqui muito vivo” “Para que serviram todas suas conquistas em vida, se hoje ele se reduzia a isso?”.

Procurei ser curto e rápido, apertei a mão da mulher dizendo que sentia muito. Ela me olhou nos olhos, perguntou meu nome e de onde o conhecia. Levei uns cinco segundos para responder e acabei mentindo. O nome disse o verdadeiro, mas disse-lhe que era um colega de faculdade. Ela refletiu por um instante e sem me lembrar que já havia lido que ele era advogado, temi que ela me dissesse que ele não havia cursado nenhuma faculdade. Mas ela apenas me agradeceu e me apresentou para seus dois filhos. Cumprimentei-os rapidamente com as mesmas velhas palavras vazias que essas ocasiões requerem. Num dos rapazes reconheci traços daquele menino cheio de vida que um dia brincou comigo. Os olhos de quarenta e dois anos atrás viviam naquele jovem. A morte não conseguira ceifar por completo a criança que um

dia fora meu melhor amigo. Senti que uma sobra daquela ligação poderia sobreviver se eu estabelecesse contato com o rapaz. Por um segundo pensei em contar-lhe a verdade, descrevendo-lhe rapidamente algumas de nossas aventuras infantis. Decidi permanecer em silêncio e seguir o caminho daqueles que depois dos cumprimentos iam embora.

De repente todo aquele ambiente pareceu cheirar a flores apodrecidas. Até mesmo o que não se referia a cheiro, ganhou aparência ou consistência do lado morto e mórbido que as flores podem assumir. Meu estômago pesou e senti minha cabeça latejar. Se naquele instante tivesse visto mais alguma flor, acho que teria vomitado. Precisava de ar fresco e movimento.

No caminho para casa achei ter agido corretamente. Apesar de aqueles olhos terem a mesma aparência dos do menino que conheci, não significava que eram os mesmos. Os que conheci tinham existido dentro de um tempo que hoje estava extinto, a água daquela lagoa secara definitivamente. Se ela evaporara para novamente se condensar e formar outra parecida, isso já era outra história. Minha lagoa extinta existia dentro da memória. Eu poderia então definir memória como uma lagoa que se enche exclusivamente com águas de outras que já secaram.

No final da vida estamos transbordando dessas águas alheias. Perguntei-me se havia valido a pena ter ido ao velório, percebi que aquela não seria uma resposta fácil. Quando passava a pé pelo centro da cidade vi uma bela mulher carregando um grande buquê de rosas vermelhas. Nossos olhares se cruzaram. Ao contrário do que poderia imaginar, essas flores não me conduziram mentalmente para o lado sombrio. Essas eram outras flores. Águas de uma outra lagoa que não se comunicava com aquela de onde eu acabara de sair.

Senti uma súbita sensação de alívio, algum peso inútil havia ficado pelo caminho. Reparei em como o céu estava azul. Sentei-me num bar que tinha mesinhas sobre a calçada. Pedi uma cerveja, uma porção de calabresa e fiquei um bom tempo assistindo à vida. Enquanto observava um jovem casal de namorados, um mendigo veio me pedir dinheiro. Surpreendi-o com uma nota de cinco. Um senhor mais velho do que eu estava sentado à minha direita e parecia estar fazendo exatamente o mesmo que eu, saboreando a bebida e a vida.

Chamei o garçom e pedi-lhe uma caneta emprestada Reparei como o homem idoso olhou-me curioso quando escutou meu pedido. Antes que o sol se pusesse e minha cerveja terminasse, rabisquei essas palavras no guardanapo:

*A luz invade o espaço vago entre duas pétalas de flor,
Dissolvendo a escuridão que distinguia suas formas.
Os reflexos dessa luz, parece que transformaram a flor
numa caixinha de pequeninos sóis.*

VERÃO

Outro dia fui ao banco depositar um dinheiro que recebi como pagamento por um pedido grande que entreguei. O gerente me sugeriu aplicar o dinheiro para receber alguma remuneração em forma de juros. Enquanto escolhíamos o tipo de aplicação, ele me perguntou se eu já tinha seguro de vida. Estranhei um pouco esse “já”, que me pareceu uma maneira um pouco agressiva de querer vender alguma coisa. Disse-lhe de forma seca que isso não me interessava. Escolhi rapidamente uma aplicação qualquer e me desembarcei das falsas gentilezas daquele homem.

Esse episódio acabou suscitando algumas questões em que até então nunca havia pensado: para quem ficarão meus bens quando eu morrer? Não tenho filhos, sou filho único, minha mãe já morreu e meu pai está com quase noventa anos. Aos cinquenta e três anos me sinto bem e aparentemente não tenho nenhum problema de saúde, mas a partir dos cinquenta nunca estamos seguros. Já tive alguns conhecidos que até com menos idade morreram de repente. Sei que também corro o risco oposto, viver mais quarenta anos. O que seria um exagero. De qualquer forma, seja daqui a uma semana ou em quatro décadas, o que acontecerá com meus bens se eu não tiver sucessores? Não que tenha muita coisa, a casa, os móveis, alguns livros e um pouco de dinheiro no banco. Mesmo assim não queria que tudo fosse a leilão e acabasse

sumindo nos cofres públicos. Um testamento seria a saída. Depois de escrito e registrado em cartório eu não precisaria mais me preocupar com essa questão.

Tentei rabiscar um esboço desse testamento mas aí veio a surpresa, eu não encontrava ninguém para quem eu realmente quisesse deixar meus bens. Algumas pessoas nas quais pensei eram mais velhas do que eu e por essa razão as descartei, outras, após um exame mais detalhado do porquê queria incluí-las, percebi que não seriam merecedoras dessa herança. Olhei para aquelas paredes que ainda não estavam totalmente pagas, na verdade estavam pagas até a metade. Muitos anos ainda restavam de prestações, mas agora parecia surgir uma taxa extra, que não havia sido prevista no contrato, que destino póstumo dar àquele patrimônio?

Não queria me precipitar e procurei amadurecer qualquer eventual decisão, vários pensamentos me passaram pela cabeça, descobriria algum jovem que necessitasse e que tivesse reais méritos, e sem que ele soubesse colocaria seu nome como herdeiro universal de meus bens. Mas essa era uma questão delicada, e era muito subjetivo julgar quem possuía “reais méritos”, e depois, caso eu vivesse mais trinta anos, quem garantiria que o tal jovem não se transformaria em apenas mais um apagado homem de meia-idade, igual a muitos outros, e que provavelmente daria um destino mesquinho aos bens que conquistei com tanto esforço. Pensei também em colocar como beneficiário alguma instituição de caridade, um hospital, um asilo ou algo equivalente. Mas como eu escolheria a instituição certa, como saberia que o dinheiro seria usado de maneira correta? Eu simplesmente não saberia, pois já estaria morto. Mas a questão ia além disso, mesmo que encontrasse uma instituição absolutamente honesta e que conseguisse a certeza de que meu dinheiro seria usado de maneira eficiente, ajudando um bom número de pessoas, mesmo assim não tinha certeza de que essa organização mereceria minha doação.

Essa constatação me conduziu a algumas perguntas: qual era minha real opinião sobre a humanidade? Valeria a pena que a vida humana prosseguisse da forma como estava organizada? Uma doação não representaria apenas um reforço do sistema social, que por sua vez tinha origens nas camadas menos generosas da alma humana? Não quis

responder a nenhuma das perguntas, ignorei-as e passei a pensar em outro assunto. Pouco depois, como se fosse um vírus, que depois de resistir ao ataque de um antibiótico que não o destruiu por completo, as perguntas voltaram mais fortes, dessa vez concentrada em apenas uma: Independente do sistema social, mera consequência do comportamento humano, valeria a pena o homem continuar indefinidamente sua jornada sobre o planeta, repetindo ciclicamente o percurso de crescimento e decadência, tanto de seu corpo quanto de suas ilusões?

Consegui novamente me esquivar de uma resposta, que poderia balançar o equilíbrio de meia-idade em que vivia. Passei umas duas semanas sem pensar mais no assunto, até que um acontecimento corriqueiro me trouxe novamente essas questões, mas que dessa vez viriam em forma de pergunta-resposta, uma coisa não excluía a outra. O vírus havia se sofisticado e agora o organismo precisava de ajuda. Mas, como acontece com os anticorpos, que protegem o próprio organismo de invasores, talvez a única pessoa que pudesse me ajudar fosse eu mesmo.

Eu caminhava pelo centro da cidade quando tive de esperar que um sinaleiro se fechasse para atravessar a rua, o trânsito congestionado às vezes se movia lentamente. Se fosse há alguns anos atrás eu teria atravessado correndo dando um jeito de desviar dos carros. Mas agora, na condição de um cinquentão prevenido, fiquei uns dois minutos esperando que o tráfego se regularizasse e todos os veículos parassem no sinal vermelho. E foi durante esse curto espaço de tempo que vivi um dos mais intensos acontecimentos de minha vida. Quem me visse ali, esperando pacientemente minha vez de atravessar a rua, jamais poderia imaginar o que acontecia comigo. Aparentemente nada distinguia aqueles instantes de muitos outros vividos cotidianamente por qualquer um. Foi então que percebi como somos condicionados a esperar que os momentos grandiosos venham sempre embalados com papéis brilhantes. O herói precisa realizar grandes feitos, demonstrar coragem, desafiar a morte, ser alvo e flecha do amor romântico, para que o que viveu possa ser por nós considerado algo nobre e de valor.

Mas esse condicionamento serve apenas para nos fazer acreditar que nós, simples pessoas que levamos uma vida comum, rodeados por pessoas ainda mais comuns, e que não tivemos sorte ou competência

para sermos belos, corajosos e amorosos como são os heróis, nós devemos nos conformar com nossa sina, e aceitar pacificamente o fato de que nenhuma revelação mágica nos será feita, e caso seja, devemos ignorá-la, pois não passará de uma mentira criada por nossa imaginação entediada.

O sinaleiro abriu e fechou, mas alguns carros e motos tinham ficado retidos no cruzamento, bloqueando a via perpendicular, para quem o sinal agora estava verde. Esses carros começaram a buzinar. Bem na minha frente parou um motociclista, ele estava usando um daqueles capacetes que não cobrem o queixo, permitindo que se enxergue bem seu rosto. O calor de janeiro o fazia suar muito. Em seu rosto li uma mistura de tédio com um discreto e prolongado sofrimento, que devia ter origem numa série de pressões às quais estaria submetido já há muito tempo.

Os motores ligados soltavam fumaça, e percebi que ele abria e fechava os olhos para se proteger dela. Tentei adivinhar sua idade, mas era difícil, não era jovem, assim como não era novo o asfalto sobre o qual ele estava parado e que começava a ficar esburacado. Também as linhas brancas pintadas no chão esmaeciam-se, os motoristas já sabiam onde deveriam parar e elas passavam a não ter mais importância.

Reparei que pelo cano de escape de sua moto saíam além da fumaça, algumas gotas de gasolina. Observei aquele lento gotejar, o motor funcionando em vão até que se acumulasse suficiente desperdício para ser derramado no chão. Acompanhei uma gota específica, que surgiu lentamente de dentro do escapamento, por um instante pendurou-se à ponta do cano, e depois sumiu no asfalto cinza. Aquela gota me pareceu uma grande lágrima química que estava sendo derramada. O congestionamento estava chorando pelo tédio e pela espera. O mundo e todos os homens estavam congestionados e apertavam as buzinas enquanto derramavam lágrimas iguais àsquelas.

O sinaleiro abriu novamente e aos poucos, com a generosidade de alguns motoristas que trafegavam pela via perpendicular, o trânsito começou a fluir novamente. O motoqueiro rapidamente desapareceu no meio de uma multidão de carros anônimos. Olhei para o chão e os pingos de gasolina não tinham deixado marcas. Atravessei calmamente a

rua. Apesar do que havia vivido não pesava sobre mim nenhuma espécie de emoção. Decidi ir caminhando até em casa, quando estava chegando percebi como o calor tinha conseguido acumular um colar de pingos de suor sobre minha nuca.

Precisava trabalhar no período da tarde, por isso decidi tomar banho. Ao me despirmo o espelho me mostrou uma novidade, parecia que meus pelos do peito estavam rareando, talvez um efeito da diminuição hormonal que acontece com o avanço da idade. Mostrou-me também um duplo queixo que eu não conhecia. Se tivesse percebido esses efeitos da natural decadência física, em outro dia, talvez até me chateasse um pouco, mas naquele dia isso não teve nenhuma importância. Isso porque eu havia visto o que estava ao alcance de todos, mas que apenas eu tive a sensibilidade de enxergar. Diante do espelho, continuei descobrindo sutis sinais de envelhecimento que começavam a se espalhar por meu corpo. Nenhum deles, naquele dia, significava nada, pois novamente o que eu estava vendo era o que ninguém mais conseguia enxergar, pelo menos durante os instantes em que contemplava meu corpo nu no espelho, o que enxerguei foi um herói.

OUTONO

Ontem recebi uma proposta de trabalho. Estive a ponto de recusar de cara. Por sorte pedi dois dias para pensar e hoje estou muito inclinado a aceitá-la. É uma grande loja de móveis e decoração que está se instalando na cidade, eles querem que eu seja uma espécie de gerente dos produtos artesanais e semiartesanais. Ficaria encarregado de selecionar o material, contatar os artesãos, fazer os pedidos e efetuar os pagamentos do que fosse sendo vendido. Por coincidência há alguns dias atrás estava pensando justamente, que talvez dentro de algum tempo, minha atividade se torne muito pesada para mim.

Caso aceite o emprego terei um salário fixo mais uma comissão sobre as vendas. Pelo que conversei com quem me propôs o emprego, posso ganhar mais ou menos o que ganho hoje. Mas terei mais estabilidade e nenhum esforço físico. Por outro lado terei de cumprir oito

horas diárias cinco vezes por semana.

É estranho receber a primeira proposta de trabalho formal às vésperas de completar cinquenta e cinco anos. Mas, como já disse, o estranho sempre me atraiu. Outro fator que pesa a favor desse emprego é que conhecerei novas pessoas, serei obrigado a falar mais, a me expor. Sou por natureza uma pessoa fechada, e essa condição nunca me incomodou, mas agora não estou tão longe da velhice, seria bom conhecer pessoas, nem que seja apenas para um bate papo informal num fim de tarde.

Acho que vou aceitar, é uma nova experiência, estava precisando modificar algo em minha vida. Caso não me adapte poderei voltar a fazer o que sempre fiz. Só em pensar que bati o martelo e vou mudar de vida, sinto um frio na barriga que só sentia nas vésperas de início dos anos escolares. Algumas sensações parece que hibernam dentro de nós, aparentando terem desaparecido, e de repente, décadas depois, renascem como se o tempo não existisse.

Fui na loja carregando o sim. Começo a trabalhar amanhã. Pelo que percebi a maioria dos funcionários são jovens. Algumas moças bonitas uniformizadas vendem junto com os produtos uma promessa. É isso mesmo, quem compra um tapete ou um abajur ali, está comprando também uma espécie de pedacinho do futuro. Não importa se o freguês é homem ou mulher, muito sutilmente creio que as compras são influenciadas pela beleza das vendedoras, que em última instância representam potencial reprodutivo. Comprarei esse conjunto de almofadas, mas quero que o mundo continue existindo para que eu possa utilizá-las. Os símbolos têm de estar presentes porque os fregueses precisam de pontos de referência, e esperam encontrá-los ali.

E se elas representam isso, o que eu significaria? Acho que eu devo passar aos fregueses a sensação de que os produtos que comprarem terão resistência e durabilidade. Mesmo que eu não seja responsável direto pelas vendas, a presença de meus cabelos grisalhos, trabalhando em uma escrivania organizada, próximo aos produtos que estão à

venda, trará o peso da seriedade. O futuro prometido pela capacidade reprodutiva das jovens vendedoras, terá também a constância e a responsabilidade simbolizadas por mim. O ciclo se fecha e o freguês terá todas as garantias que precisa para efetuar sua compra.

Mas talvez todas essas conclusões não passem de um delírio de minha cabeça. Acho que sempre compliquei demais o que na maioria das vezes era muito simples. Vou me dar o direito de pelo menos hoje não analisar ninguém e nenhuma situação. Amanhã começa um novo período de minha vida, e hoje à noite vou tentar imaginar doces surpresas que poderão acontecer comigo. Não me importa que elas sejam pouco prováveis. Hoje é o dia em que posso acreditar nelas. Amanhã começam minhas aulas e vou fazer novos amigos, minha professora será boazinha e esse ano só terei notas boas.

Percebo que para alguém como eu, que sempre viveu baseando-se em conclusões e julgamentos, é difícil deixar o lado analítico de lado e apenas esperar ser surpreendido por acontecimentos positivos. Tornase claro, qual é de todos os julgamentos a que submeto as pessoas, o mais difícil de deixar de lado. Pelo menos por hoje não julgarei meu próprio comportamento, estabelecendo penalidades e recompensas.

Hoje vou dormir tranquilo e esquecer como tudo o que existe está entrelaçado, e o peso que isso acarreta. Vou descansar no chão o fardo do tempo e dos símbolos. Vou me dar o direito de sonhar com um mundo simples, alegre e estável.

OUTONO

A vida é feita de avanços e recuos, e eles possuem a mesma grandeza e intensidade. Volto ao território das definições e conclusões, lugar que pensava ter deixado para trás. O que terminou não foi uma estrada, e sim uma volta no autódromo oval dos velhos símbolos. Ao iniciar outra, talvez as aparências mudem um pouco, mas as coisas não deixarão de repetir um padrão que está incrustado dentro do átomo, ou daquilo que é até mais essencial que ele.

Então vamos lá... às definições a que os círculos me conduzem:

durante toda nossa vida combatemos apenas um inimigo, nós mesmos. À medida que resolvemos nossos problemas, nos encarregamos de criar outros. Se os problemas não assumem uma forma concreta, imaginamo-los, e se não conseguimos materializá-los, os transformamos em medo, que também não deixa de ser um problema.

Daqui a alguns dias completo um ano no novo trabalho. Não quero perder tempo e tinta de caneta descrevendo as minúcias e picuinhas que vivi nesses quase doze meses. Talvez não tenha abandonado o emprego porque sei que quando quiser posso voltar a ser artesão. É engraçado... só não saio da cadeia porque sei que quando quiser posso ganhar a liberdade. Mas não posso dizer que a experiência aqui foi completamente negativa. Algo sempre se aprende. Foram nesses dias que mais refleti como funciona na prática o nosso mundo, e como as pessoas passam a ser partes dele e não seus habitantes.

Ao contrário do que imaginava no início, não conquistei novas amizades. É verdade que falo o dia inteiro com meus companheiros de trabalho e com muitos fregueses, mas nossas conversas, mesmo quando não tratam de assuntos profissionais, não passam de apenas um canal aberto de comunicação por onde as palavras fluem. Elas acabam não significando nada. Esses tubos vazios por onde não corre água, servem apenas para fragilizar os terrenos que existem sobre eles.

Para meus colegas de trabalho sou um simpático senhor que nunca se indis põe com ninguém e mantém sempre um leve sorriso no rosto.

Uma coisa que percebi durante esse ano, foi que além dos objetos, as palavras, as situações, o tempo e as pessoas também, de certa forma, estão à venda. Tudo se encaixa dentro de uma grande máquina avaliadora que acaba etiquetando o que ninguém suspeitava que poderia receber um preço. Para moças bonitas cem moedas reluzentes. Para cada ano vivido a partir do auge da beleza se deduz três moedas. Para alguém que consegue manter os outros entretidos, fazendo com que não reflitam sobre suas condições, de cinquenta a cento e cinquenta moedas ou até mais dependendo do talento da pessoa. Para alguém que se dispõe a dividir em pequenas frações seu tempo, e colocá-lo inteiramente à disposição de quem deseja adquiri-lo, a máquina oferecerá nove moedas (o preço baixo é consequência da grande oferta desse produto no mercado).

Poderia aqui ficar citando outros preços, cheguei um dia, apenas por distração, a preencher uma folha grande de papel com uma tabela, que não apenas dava os preços, como mostrava as equivalências entre diversos tipos de produtos. Acabei rasgando esse papel, pois percebi que ele me conduzia a algumas ideias extremamente negativas. E é sobre elas que quero escrever para exorcizá-las.

Quando falei que somos nossos grandes inimigos, estava me referindo a alguns episódios que vivi nos últimos tempos. Acontecimentos que felizmente permaneceram no plano interno. E que, infelizmente, foram me carregando de um peso emocional que está tornando minha vida cada vez mais difícil de ser vivida. Todos eles se referem às jovens mulheres que trabalham comigo.

Há algum tempo perdi o interesse por sexo. Sei que sou relativamente novo para abandonar esses desejos, e que isso pode ser apenas uma fase passageira. Mas, se minha vida sexual estiver realmente morta, que seja enterrada, por ela não derramarei lágrimas. Só menciono essa minha recente falta de interesse por sexo, para que não haja confusão em relação ao que vou dizer sobre minhas colegas de trabalho, e que não se considerem meus sentimentos como alguma espécie de desejo reprimido.

Quando as olho, vejo claramente estampado sobre seus dorsos o preço que cada uma possui. Mas não são esses números o que mais me incomoda, pelo contrário, eles até agem como uma lápide de mármore que não deixa com que imagens macabras e odores fétidos se espalhem. O que me enche a boca de sabores azedos e a alma de uma fumaça escura, é a maneira como esse valor pecuniário se espalha pelo conjunto do comportamento daquelas jovens. Tudo o que elas dizem (o conteúdo e a forma), suas maneiras de andar, cada um de seus pequenos gestos, seus sorrisos, suas esperanças e lágrimas, enfim tudo o que elas são, está embrutecido pelo peso dos algarismos que lhes conferem um valor.

Dissolveram-se nelas a surpresa e a poesia, sobraram apenas os números. Não apenas os relativos ao preço de cada uma, mas também aqueles capazes de prever estatisticamente cada evento de suas vidas. Para cada uma delas existe uma equação matemática pronta para de-

monstrar exatamente o que elas são e como serão suas vidas. Em seus olhos vejo a aceitação bovina dessa situação, e é essa falta de reação que acaba me conduzindo a imaginar minhas jovens amigas colocadas dentro de um caixão. Nesses meus devaneios não há nenhum desejo real de vê-las mortas. Apenas gostaria de acompanhar mentalmente como a decomposição agiria sobre seus corpos, mais especificamente sobre seus sistemas reprodutores. É o prazer secreto que se tem quando vemos um vendedor de falsos diamantes ser descoberto pela polícia. Nesse caso deve haver alguma crueldade de minha parte, pois elas nem sabem que traficam pedras falsas. São inocentes figuras que acham que tudo que fazem é exatamente o que deve ser feito, isso por uma simples razão: as coisas sempre foram assim.

Imagino o sangue coagulado, que aos poucos vai formando manchas roxas nas partes internas de suas coxas. Essas marcas se espalhariam pelas nádegas e invadiriam seus sexos, até começarem a destruir os ovários que implodiriam, arrastando consigo as trompas e o útero. Todo o sistema reprodutivo se uniria numa massa disforme. A essa altura, lentamente as manchas roxas das pernas começariam a descolar bocados de pele que escorreriam como se fossem queijo derretido. A mistura de órgãos reprodutivos também iria perdendo sua consistência e formando uma pasta infecta que entraria em contato com a tábua envernizada do fundo do caixão. A essa altura o valor financeiro de cada uma delas estaria zerado.

Então me lembro de seus rostos, que apesar de possuírem olhos vazios e comportamento padronizado, exalam uma certa graça característica da esperança juvenil. Misturo esses ingênuos sorrisos esperançosos com a podridão advinda de seus úteros decompostos. Misturo tempos, e realidade com imaginação, mas não faz mal... dessa mistura heterogênea consegui extrair alguma coisa. Imagens confusas vão atravessando minha mente, uma sequência rápida de sensações me invade, aos poucos as coisas vão se acalmando e consigo deglutir o que vejo, imagino e sinto. As moças têm rostos múltiplos, são crianças, homens idosos, mulheres de meia-idade, tem todas as raças e se vestem com roupas de todos os séculos. Elas têm inclusive o meu rosto em todos os momentos de minha vida, até naqueles que ainda não vivi. A visão

vai formando um imenso nó em minha garganta e lágrimas escorrem de meus olhos sem controle. Eu também sou elas e todos nós somos aquela espécie de esperança vã, misturada com os próprios escombros desses mesmos desejos. Elas talvez enxerguem em mim, através de um símbolo diferente, o mesmo que enxergo nelas. O intelecto, as ideologias e a busca por qualquer espécie de realização, também podem embotar e padronizar os olhos e os corpos, da mesma maneira que eu as enxergo enfraquecidas e vestindo uniformes humanos. Mas como tenho olhos míopes só consigo enxergar essas características naqueles que são diferentes de mim. Quanto mais diverso é o que enxergo mais aparentes são os defeitos.

Afirmei que em minhas colegas de trabalho dissolveu-se a surpresa e a poesia, mas quando foi a última vez que agi de maneira surpreendente ou poética? Rabiscar de vez em quando alguns versos protocolares não significa que a poesia viva dentro de mim. Talvez a vida seja um grande campo árido, onde um cavalo que puxa um pesado arado, vai sulcando valas para as sementes. Sobre o lombo desse animal estamos cada um de nós. Sob o sol torrencial, percorremos um longo caminho, onde os únicos obstáculos são a ausência de qualquer referência e a fadiga. A terra mostra-se tão extensa quanto o mar, e prosseguimos, conduzidos pelo cavalo, que ao contrário de nós, não demonstra cansaço. A falta de sentido desse longo e fatigante percurso, é parcialmente compensada pelas linhas abertas pelo arado na terra, e que deveriam servir de abrigo para que as sementes florescessem. Julgamo-nos precursores de alguma coisa, figuras importantes sem as quais não seria possível que esse mundo árido, composto apenas por terra escura, viesse um dia a ser coberto por flores coloridas e árvores frutíferas.

Mas é justamente aí que mora nosso grande erro. Somos iludidos a acreditar, que após nossa passagem virá alguém para completar o trabalho, jogando sementes e fechando os sulcos. Não nos damos conta de que não existe nada além das terras sem fim, do cavalo, do sol inclemente e daquele homem passivo sobre o lombo do animal. Aquele homem somos todos os homens, e os buracos permanecerão abertos indefinidamente, até que o sol dissolva a terra, formando valas imensas por onde o cavalo não conseguirá mais puxar seu arado. Mas essa

será uma outra história, porque então não haverá mais o homem...

Existe mais um componente nesse enredo, o ingrediente que é sempre o de mais difícil identificação. Se eu e minhas moças, somos a mistura de esperanças não realizadas com os destroços delas mesmas, possuímos por outro lado também, e essa é a fonte energética da própria esperança, uma luz misteriosa, que é a condensação de todas as coisas que existem, e que mora dentro de todos os seres humanos. E se fosse possível fazer distinções entre os homens, que por um lado estão condenados a serem conduzidos sem escolha pelo cavalo que vai riscando a terra árida, essas distinções teriam de estar vinculadas com a quantidade dessa luz-mistério que cada indivíduo espalha pelo planeta. Porque quem mais a difunde, está irrigando o mundo com partes diferentes dele mesmo, e acaba gerando novos núcleos, novos mundos e mais luz.

PRIMAVERA

Depois de dezoito meses percebi que nenhuma estabilidade profissional valeria o preço que eu vinha pagando. Pedi demissão e recomecei. Na verdade as coisas não foram tão imediatas quanto eu imaginava, depois de um ano e meio inativo perdi muitos de meus contatos e tive grandes dificuldades para recolocar meus entalhes em lojas. Pela primeira vez atrasei o pagamento das prestações da casa, o que me levou a ter de vender algumas jóias que foram de minha mãe.

Isso tudo aconteceu há uns dois meses atrás. Mas aos poucos as coisas foram se equilibrando. Acho que no auge da crise cheguei a entrar em um estado depressivo. O que me ajudou, foi me lembrar que fui eu mesmo quem decidi comprar a casa e abandonar meu ofício para aceitar aquele emprego. Eu havia criado as razões que me faziam sofrer. Lentamente consegui deglutir isso, e tratei de não mais fabricar outras justificativas para o sofrimento.

Semana passada consegui vender algumas peças e tratei de pagar uma prestação adiantada da casa. Percebo que foi um erro comprá-la, mas a essa altura da vida seria um erro ainda maior ficar lamentando a compra. Não sei se foi devido ao estado de meus nervos, mas comecei

a ter alguns sangramentos, sinto um gosto estranho na boca e quando cuspo percebo que é sangue. Sei que deveria procurar um médico, mas vou ver se com a calmaria voltando esse sangramento também sossega. Acho que fiquei mais nervoso pelo arrependimento de decisões erradas do que pela falta de dinheiro em si. Um dia tentei escrever alguma coisa sobre o arrependimento, não consegui. Ele não vale a pena.

Decidi aproveitar as vantagens que tenho como artesão, quarta-feira passada terminei uma peça por volta das onze horas da manhã e decidi me dar o resto do dia de folga. Preparei uma cesta com alguns sanduíches e fui para um parque da cidade. Esse tipo de liberdade não deixava de ser uma forma de estabilidade. Era a vida realizando seu jogo de compensações. Dentro dele percebo que devo ficar atento para descobrir onde posso me encaixar melhor.

O céu tinha poucas nuvens e a temperatura estava agradável. Não havia quase ninguém no parque. Comi meus sanduíches, que eram feitos de queijo, presunto e maionese, mas cujo sabor me pareceu uma composição das melhores iguarias que existem. A primavera fazia um canteiro de azaléias brotarem. Eram várias cores que nasciam. Por alguns instantes o único som que escutei foram os de alguns passarinhos, depois até eles pareceram silenciar. Eu estava só e me sentia feliz. Nada mais parecia existir. Essa ausência benigna me fez esquecer de tudo o que me inquietava. A luz, que lentamente foi diminuindo e modificando as cores das flores, criou uma bolha de paz ao meu redor. Olhando para o chão vi uma formiga que escalava cada pequeno pé de grama como se fosse uma árvore gigantesca. Fiquei um bom tempo observando seu esforço e determinação, até que a perdi de vista, ela desapareceu em sua floresta.

Nesses momentos nenhuma ideia atravessou meu pensamento, o que aconteceu comigo era apenas uma grande sensação de que nada me separava das luzes e das flores. Meu corpo não possuía idade e eu não carregava peso algum. O ar que respirava parecia me nutrir de uma substância que enchia cada célula de meu corpo de energia e sabedoria.

Escutei alguma coisa. Logo vi que os sons não vinham de lugar nenhum. Era uma música sutil, feita de brisa e de não sei mais o quê. Mas tinha melodia e, sobretudo um sentido musical. Escutei-a, acei-

tando-a. O sol começou a jogar raios sobre meu rosto, mas no ângulo que me atingiam, eram tão inofensivos que serviam apenas para iluminar a calma que eu sentia.

Notei que a noite não demoraria. A música permaneceu como recordação e, quando retornei para o mundo das ideias, a primeira que me ocorreu, foi que o estado natural do homem era essa tranquilidade. Levantei-me e caminhei um pouco, queria sentir como meus músculos se comportavam depois dessa injeção de energia. Meus passos estavam jovens, mas sem a ansiedade dos que têm pouca idade, ao contrário, sentia cada metro percorrido. Andava com todo meu corpo e percebi que naqueles instantes, qualquer coisa que fizesse, faria dessa mesma forma. Eu estava sendo aquele que age de maneira plena, fosse qual fosse a atitude que tomasse. Fui para casa contente com o que havia vivido. Todas aquelas riquezas sempre estiveram ao meu lado e continuariam estando. Antes de dormir me lembrei da música. Um calor gostoso nasceu em meu estômago, percorreu o esôfago até esquentar meu rosto. Aquilo tudo era algo muito bonito. A quinta-feira nasceu temperada por cores que há muito tempo julgava desaparecidas.

VERÃO

Há uns três meses recebi um telefonema que há algum tempo esperava, sem o desejar. Sempre que o telefone tocava depois das dez da noite, suspeitava que pudesse ser a notícia. Dessa vez o telefone tocou a uma hora da manhã, não tive dúvidas. Meu pai morreu aos noventa e um anos de idade. Quando o vi, percebi que essa idade é o suficiente para qualquer pessoa. Sua coloração estava meio acinzentada, como se fosse uma fotografia desbotada.

Apesar da morte mostrar com seus sinais que aquela era a hora certa da partida e que qualquer permanência extra seria um exagero, ele até os últimos dias teve uma saúde invejável para um homem de sua idade.

Como ele era trinta e três anos mais velho do que eu, fiquei me perguntando se eu teria ânimo para aguentar todo esse tempo caso fosse necessário. Preferi não pensar nisso. Organizei o velório, liguei para umas

vinte pessoas que ele conhecia. Apenas quatro velhinhos apareceram. Eram todos ex-militares como meu pai. Todos eles beiravam os noventa anos e me senti mal por tê-los perturbado. Um deles trouxe uma bandeira do clube militar a que meu pai pertencia e fez questão de envolver o caixão com ela. A noite foi quente e demorada. Na hora do sepultamento a bandeira foi retirada e reparei como o velho a dobrava e guardava com carinho. Provavelmente queria preservá-la para seu próprio enterro. Quando os coveiros abriram o túmulo pude ver de relance os ossos de minha mãe. Imediatamente olhei para o outro lado. Acho que um dos velhos percebeu e colocou sua mão sobre o meu ombro.

O caixão foi colocado dentro do túmulo e os coveiros começaram a assentar os tijolos que fechariam o buraco. Senti um grande alívio e pude voltar a olhar para o túmulo. Os dois coveiros, que não deveriam ter nem vinte e cinco anos de idade, trabalhavam completamente calados. Em seus rostos havia uma serenidade respeitosa cuja origem não sabia se era uma mera orientação da direção do cemitério, ou então um sentimento verdadeiro de quem naquela idade, apesar da profissão que exerce, ainda não conheceu bem a morte e a julga mais nociva do que realmente é.

Fiquei tentando adivinhar o que se passava na cabeça daqueles rapazes, eles dois no auge da juventude pareciam animais estranhos no meio de cinco velhos. Foi nesse dia a primeira vez que me incluí nessa categoria. Talvez fosse um daqueles mesmos moços que daqui há algum tempo me colocaria dentro daquele mesmo lugar que ele terminava de lacrar.

Encerrada a cerimônia ofereci uma gorjeta que foi recusada, a direção não permitia. Despedi-me dos velhos sem saber o que dizer, agradei a presença e desejei boa sorte. Depois achei ridícula essa saudação. Com noventa anos de idade o que a sorte pode fazer por nós?

Herdei de meu pai a casa onde ele morava e um pouco de dinheiro. Com a venda da casa quitei a minha e ainda sobrou alguma coisa que apliquei no banco para alguma emergência. Como de agora em diante não terei mais a obrigação das prestações da casa, volto a ter uma tranquilidade financeira maior. Mas continuo não sabendo o que fazer com essas sobras. O dinheiro é uma energia muito complexa com a qual nunca consegui me entender bem.

Tenho vivido dias tranquilos. Acordo tarde e trabalho o suficiente

para não acumular aquilo que não terá utilidade. Outro dia a campainha tocou antes das nove da manhã. Olhei pela janela e lá estava um dos velhos que tinha ido ao enterro de meu pai. Ainda de pijamas o fiz entrar. Ele constrangido, disse que voltaria em outro horário. Lembrei-me que esse era o senhor que me tocara o ombro. Ele queria me convidar para almoçar com sua família. Como eu tinha sido pego de surpresa, não consegui inventar desculpas para não ir e acabei aceitando.

No dia marcado fui até sua casa. Ele me recebeu com muita simpatia e como era previsível no início a conversa girou exclusivamente em torno da figura de meu pai. Contou-me várias histórias que eu não conhecia de quando eram jovens. Sua mulher, que devia ter uns oitenta anos, ajudava-o com os detalhes quando sua memória falhava. Num determinado momento quando seu marido se ausentou, ela me perguntou se eu era comprometido com alguém.

A campainha tocou e entendi a razão de sua pergunta. Aquele almoço fora arranjado para que eles me apresentassem sua filha. Era uma mulher de cinquenta anos viúva a dois. No início aquilo me pareceu forçado, e me arrependi de ter aceito o convite. Mas depois, embalado pelo vinho, percebi que tanto os pais quanto a filha eram pessoas interessantes. Terminada a refeição o casal de velhos simplesmente desapareceu e fiquei por um bom tempo conversando com a filha.

Acabamos nos tornando bons amigos e desde então saímos algumas vezes. Ela me lembra um pouco minha amiga que um dia simplesmente desapareceu. Mas há uma grande diferença, nesse caso não há uma gota sequer do envelhecido amor romântico. Ela é apenas minha amiga, não a desejo sexualmente e acho que nem ela a mim. É um pouco cedo para afirmar isso, mas talvez ela tenha sido a grande herança que meu pai me deixou. Alguém que como eu, está sozinho e se aproxima dos sessenta anos, precisa de alguma maneira se imunizar contra a solidão. Se conseguir encontrar uma companhia que não exija de mim, o que hoje seria uma corruptela envelhecida de algo em que nunca acreditei, ainda melhor.

Percebo hoje que talvez meu interior não seja tão rico quanto acreditava, e que preciso me proteger melhor contra a solidão. Aos poucos, percebo como sou chato, como a mesquinhez está presente em minhas

atitudes cotidianas. A força artística que sempre julguei possuir, e que de fato, nunca consegui pôr para fora, foi aos poucos se esvaindo pelas fendas que foram se abrindo em minha pele. O que tenho a dizer tem cada vez menos a forma de uma declaração e se parece cada vez mais com uma lista de supermercado. Mas o curioso de tudo isso, é que em raros momentos de minha vida me senti tão bem quanto agora.

Ao contrário do que fiz em outras ocasiões, não atribuo a ninguém a paz que sinto. Sou o inteiro responsável por ela, assim como também fui pelas tormentas que vivi. Fui eu que permiti que minha revolta fosse embora, levando junto quase tudo em que acreditava, e que julgava importante que o mundo escutasse através de minha voz. Se estou próximo ao silêncio, é graças a essa pouca distância que meus dias têm sido mais prazerosos.

Mas, como disse, estou próximo, ainda não me deixei engolir pelo silêncio absoluto e provavelmente em vida não deixarei. Flertei com ele, usufruindo do calor acolhedor que sua proximidade traz. Mas continuarei levemente perturbado pelos espinhos internos que não podem ser extraídos enquanto exista algum som.

PRIMAVERA

Aconteceu um fato curioso, surpreendente. Enquanto eu contemplava um grande ipê-amarelo florido, refletia sobre como deveria encarar o que vivi. As flores refletiam o sol do meio-dia e o brilho tornava quase impossível enxergar as cores verdadeiras e os contornos das pétalas. Mais do que enxergar eu sentia aquela grande árvore colorida. Sentei-me sob a copa e ela decidiu abandonar algumas flores sobre mim. Imediatamente lembrei-me da foto da moça recebendo uma chuva de flores de cerejeira.

Mas não era disso que queria falar, nem essa recordação foi o que de mais importante aconteceu sob aquela árvore. Dessa vez vou fazer ao contrário, conto primeiro o fato que vivi e depois mostro o que as flores que caíram sobre mim me disseram.

O que aconteceu foi que através de minha nova amiga acabei co-

nhecendo outras pessoas. E essas novas amizades se desenvolveram independentes da dela, que aliás, continua melhor que nunca. Certo dia fui convidado por dois desses novos amigos para ir a um bar. Chegando lá um deles estava acompanhado por seu filho, um rapaz de pouco menos de trinta anos. O moço me contou que tinha se formado em engenharia, mas que sua grande paixão era a poesia. Já tinha dois livros prontos e que como não encontrava editora estava pensando em publicar por conta própria e distribuir para bibliotecas.

Reconheci-me parcialmente naquele jovem, mas foi outro reconhecimento o que me deixou embasbacado. Uma velha prateleira com várias garrafas que tinham dentro raízes das mais diversas plantas. Sem perceber eu havia voltado ao bar onde em minha juventude eu havia convivido com velhos. Sem notar eu havia conversado com um jovem idealista e me tornado um dos velhos que sempre ficavam encostados no balcão.

No instante em que me dei conta disso saí do bar para ver se minha memória visual confirmava que aquele era mesmo o lugar que frequentei. Algo em mim havia apagado certas recordações que tornariam possível que o reconhecimento do lugar fosse feito muito antes. Essa mesma força talvez seja a responsável por não percebermos como o tempo age sobre nossos corpos e ideais, e também por não nos questionarmos sobre o que estaria acontecendo com nossos mortos uma semana depois que foram enterrados.

Sem perceber troquei de lugar, e agora era eu quem admirava o brilho de esperança nos olhos do jovem, e que também, secretamente, o invejava. Percebi que uma parte de mim começava a criar justificativas internas capazes de destruir os méritos da juventude para acabar com a inveja. Eu era muito mais experiente que ele, e jamais cometeria os erros que ele provavelmente ainda iria cometer.

Um ciclo vital havia terminado e agora se iniciava outro, o último. Essa percepção foi apenas estranha, sem tristeza. No grande relógio da vida a noite já estava escura. Passei um bom tempo escutando meus amigos, procurei ficar o mais longe possível do jovem. Escutava-os e até respondia algo quando me perguntavam, mas estava muito distante. A curiosidade me atravessava com suas flechas ardidas: se o tempo transcorria para todos da mesma forma, desbastando ilusões e invaria-

velmente criando com o passar dos anos um mundo menos florido, seria possível que alguém, que compreendesse perfeitamente todas as perdas e aceitasse sem reclamar as penas impostas, não carregasse para o túmulo uma gota de mágoa ou arrependimento?

Na saída me despedi de meus amigos e disse ao jovem que quando seu livro estivesse pronto gostaria de comprar um exemplar.

Agora retorno ao que senti sob o ipê-amarelo, e que está conectado com a história do bar. O sol, que me impedia de olhar diretamente as flores, criava ao redor da copa uma espécie de amarelo anestésico, capaz de ser suportado por meus olhos, mas que não era a cor verdadeira das flores. O que eu via era um borrão capaz de ser compreendido, mas caso tentasse entender o que realmente era a copa, meus olhos imediatamente lacrimejariam. Então me perguntei se todos nós não viveríamos imersos nessa mesma luz difusa. Se quisermos compreender a verdade, nossos sentidos nos imporão dores suficientes para que desistamos desse desejo. De lá de cima, dessa bola de luz onde estão imersas todas as flores, eventualmente descem algumas que já não têm mais vida. Elas são o tempo transcorrido e a memória do que foi vivido. Essas flores podemos observar de perto, pegá-las na mão, contemplar os contornos e as cores, e imaginar que quando elas ainda viviam, presas em seus galhos, tinham tonalidades mais brilhantes e contornos mais simétricos.

Continuei minhas reflexões, parecia que a luz anestésica transformava minhas antigas dúvidas espinhosas em um raciocínio suave. Eu não chegava a respostas, mas esse não era mais o objetivo, aliás, os objetivos não mais existiam. Eu apenas sentia, como alguém que sente calor ou medo, mas minha sensação parecia englobar todas as que eu sabia existir. Mergulhado nessa piscina sensorial, as percepções começaram a evoluir, e o fizeram como uma panela de água fervendo cujas bolhas vão explodindo por toda superfície da água. O que chamamos de vida parecia algo que flutuava entre o que a vida realmente é, e o exato contrário disso. Sem nunca, de fato, tornar-se qualquer um dos dois extremos. O que acontecia, era que dependendo da época, nossa vida pairava mais próxima de uma das duas extremidades. Essa condição de ser intermediário seria como uma condenação irreversível, e o homem não poderia fazer nada além de aceitá-la, e dentro dessas

limitações conseguir viver da melhor forma possível. Mas dentro disso havia uma contradição, a melhor forma possível muitas vezes se provava ser a pior para o conjunto dos homens. E se cada indivíduo apenas buscasse minorar seus sofrimentos particulares, logo o conjunto de sofrimentos coletivos transbordaria e despejaria sobre os indivíduos dores maiores do que aquelas de que ele havia conseguido escapar.

As bolhas de ideias continuavam explodindo dentro de mim. Nossa condenação era inevitável e os caminhos mais evidentes e iluminados conduziam a ciclos repetitivos que se realimentavam com os detritos e esqueletos produzidos por esses mesmos ciclos. Mas havia algo que nunca poderia ser engolido por essa grande boca tediosa, eram as sombras. Enfiadas entre pétalas de flores, escondidas em cantos esquecidos, projetadas sobre objetos cotidianos, elas eram nossos reservatórios de mistério. É através delas que todos os condenados deveriam marchar se não quisessem apenas recontar histórias mal escritas em páginas amareladas.

Sombras também produzem suas próprias sombras, e quanto mais fundo nelas mergulhamos, melhor a pele de nossa existência estará protegida contra a luz direta que a vida nos joga sobre o lombo. O mistério é uma sombra cheia de pétalas que quando espremidas geram um líquido que deve ser bebido no escuro. As frases são flores escuras que precisam tanto do sol quanto da lua.

Em mim mora a escuridão que não deve ser iluminada. Sou também a flor que gira desesperada no ar, pois perdeu seu galho, seu sol e apenas as sombras lhe aguardam. Sou esse instante que enquanto durar nunca acabará.

Da mesma forma que acontece quando apagamos o fogo que aquece uma panela de água fervente, as bolhas de ideias foram rareando e perdendo tamanho, mas ainda havia espaço para mais uma: As sombras não morrem.

OUTONO

Existem algumas classificações onde já posso ser considerado um homem idoso, para outras ainda preciso esperar cinco anos quando completarei sessenta e cinco. É estranho olhar para trás e sentir que a maior parte do caminho já foi percorrida. Por um lado minha infância me parece tão distante, por outro, parece que não consegui preencher adequadamente todos os espaços que vieram após ela. Tenho a sensação que deixei grandes espaços vazios, que poderiam simplesmente nunca ter existido, e que dessa forma parecem me aproximar das fases mais distantes de minha vida. Grande parte dos episódios que vivi tem a consistência de um sonho. Imagens que aos poucos vão se dissolvendo e sobre as quais preciso basear o que viverei daqui para frente. Os alicerces da casa estão enfraquecidos, mas qualquer desabamento a partir do ponto em que me encontro é considerado algo perfeitamente natural.

Sinto que o envelhecimento, ao contrário do que aconteceu há algum tempo atrás, já é algo que aceitei internamente. Engoli minhas vaidades e elas se dissolveram. Mas, talvez não tenham desaparecido e apenas se transformado. De qualquer forma vou usufruindo de meu direito de não mais carregar o peso da vaidade. Resolvi até documentar essa conquista, mesmo sabendo que pode ser provisória e que de repente a vaidade ressurge vestida de outro jeito. Decidi me fotografar aos sessenta anos de idade, primeiro pensei apenas em algumas fotos da cabeça. Queria ver como o tempo havia me atravessado, que técnicas tinha usado e o que estava escrito em meu rosto. Depois percebi que não poderia deixar o resto do corpo de fora, e que meu tronco, pernas e braços eram papel no qual os anos escreviam suas mensagens.

Fui atrás de meu velho aparelho, fiz alguns testes e para minha surpresa ele estava funcionando perfeitamente mesmo após muitos anos sem uso. Apesar disso decidi não usá-lo. Senti a necessidade de participar mais da época em que vivo. Sempre procurei me excluir do tempo do espaço e qualquer outra referência física mais sólida. Isso por julgá-las efêmeras e pouco importantes. Dessa vez decidi optar pela modernidade, que carrega dentro de si muito de transitória e fútil, mas que também traz uma energia de renovação da qual estou precisando.

Comprei um novo aparelho digital. As imagens formam-se sem a necessidade de filme. Isso é algo que inspira pouca confiança e sempre suspeitei das cores que poderiam surgir dali. Depois de algumas experiências, surpreendi-me com o resultado. As imagens ficaram muito boas, a luz, as cores, o brilho, quase tudo correspondia a uma foto feita com filme. Digo quase porque na maioria dos casos o resultado era superior ao da imagem feita pelo processo tradicional. As cores se realçavam e até as pequenas imperfeições eram reproduzidas digitalmente, de modo a compor artificialmente os defeitos que dão verdade a uma imagem. A mentira era tão bem contada, que mesmo quem soubesse ser inverdade, acabaria duvidando de si mesmo e achando que havia se enganado. E foi justamente por essa razão que decidi optar pelo processo digital. Encontrei em mim, e em qualquer outro homem, uma bruma invisível que emenda nossos dias, e que nos acompanha do berço ao túmulo. Essa bruma é composta por uma mentira que muito se parece com a verdade. Nunca escrevi nada sobre isso, mas já há um bom tempo venho pensando nesse assunto. Essa bruma é extremamente sutil e volátil, e poucas pessoas se dão conta de sua existência. Eu mesmo apenas suspeito que ela seja real. Mas, em caso de ser, agiria como um óleo lubrificante que encaixa o homem na realidade, sem, no entanto, participar dela.

O novo aparelho encaixava-se perfeitamente em meu velho tripé. Posicionei a câmera e me lembrei que dessa vez poderia ser mais perdulário em meus experimentos, pois a capacidade do aparelho era quase ilimitada. Primeiro fiz fotos apenas do rosto. A medida que fotografava já ia vendo o resultado. Esse imediatismo do novo processo trazia consigo uma nova escala de valores temporais. A partir de agora eu poderia, em tese, viver dentro da imagem digital. Os tempos tinham se tornado muito menos rugosos, e o homem cada vez mais lubrificado era mais facilmente introduzido dentro dele. Por outro lado, passava a ter menos agarras onde se segurar e menos possibilidades de escolher seu próprio tempo e tudo o que vem amarrado atrás dele. Os tempos modernos necessitavam que o homem comum fosse um melhor navegador do que seus colegas de séculos anteriores. Que soubesse ler as estrelas, decifrar os ventos e as marés porque, caso contrário, o perigo

que corria de tornar-se um náufrago era muito maior do que os que corriam os homens de tempos passados.

Com os olhos atentos ao que a nova tecnologia me oferecia, mas prevenido contra as possíveis miragens que ela pode esconder, apertei um botão e comecei a ver o que a tela de cristal líquido me mostrava. O realismo sintético das cores foi o que mais me marcou. Eu perdera o rosado da pele, onde ele ficava agora existia uma leve camada de uma cor que lembra o cinza. Mas talvez, o que houvesse ali fosse apenas uma ausência de cor que aos poucos ia destruindo todas as que antes existiam. Partes de meu rosto começavam a mostrar sinais de que não suportavam mais permanecer em seus lugares de origem. Apesar de as rugas parecerem que tinham parado de crescer, o derretimento facial dava a impressão de que meu rosto era um sorvete que tinha sido retirado da geladeira e precisava ser rapidamente consumido antes que virasse apenas uma pocinha colorida no chão.

Tirei a roupa e me fotografei à vontade, de frente e de costas. Uma foto em especial me surpreendeu. Foi a de meu tórax. Por um instante achei que a imagem que enxergava era de outra pessoa e havia ficado por engano em meu cartão de memória. O que vi foram peitos de mulher. Meus músculos peitorais haviam se transformado em dois pequenos seios murchos e acinzentados. Duas fontes secas. Imediatamente vesti a roupa e fui apagando uma a uma as fotos. Minha vaidade estava apenas hibernando e acordou quando eu tentava enterrá-la.

Após sessenta anos eu continuava sendo um mistério para mim mesmo. Mas não me arrependi do que fiz, algo de bom poderia ser extraído da experiência. Se sou um produto altamente perecível, um sorvete que derrama gotas meladas por onde passa, preciso aprender a usar essa condição irreversível a meu favor, ou em favor de alguma coisa.

Mesmo com todas as imagens apagadas, uma delas continuava viva em minha memória. Curiosamente não era uma daquelas que deixava mais clara minha decadência física. O que continuava me cutucando e ardendo, foi uma foto que fiz de meu sorriso. Minha boca e dentes estavam relativamente preservados da ação do tempo, e meu sorriso, isoladamente, poderia se encaixar sem problemas no

rosto de um homem de quarenta e cinco anos. O que incomodava não era a aparência e sim o que minha boca transmitia. Algo que foi uma grande surpresa para mim. Reconheci em meu riso uma marionete cujas atitudes sempre foram determinadas por interesses alheios a minha pessoa. Fui, e continuo sendo um boneco social cuja alma foi embalada por um plástico anestésico transparente, que sempre me fez acreditar que o que eu tinha em meu interior espalhava-se pelo mundo, e possuía inclusive a capacidade de mudá-lo. Não percebi que meus sonhos e ideais permaneceram fantasmas sem carne, e que eram projetados em uma tela que só eu assistia.

Aos sessenta anos descubro que meu maior tesouro era inteiramente composto por pedras falsas, e que além delas só o que possuo é um corpo envelhecido. Sei que descobrir isso seria motivo para desespero, mas não é o que estou sentindo. Pelo contrário, sinto que ainda posso lambuzar bastante o mundo com os meus derretimentos, e que eles finalmente levarão consigo minha vaidade. Se nada mais possuo, acabo ganhando a independência da qual as falsas riquezas sempre me privaram.

Talvez aos setenta anos faça novas fotos, aos oitenta outra sessão, se conseguir chegar aos noventa vou contemplar o ponto máximo de decadência física, e talvez repare que meu sorriso será apenas o de um homem. Pronto para morrer.

Ontem coloquei no papel algumas idéias originadas por aquele sorriso que enxerguei em meu rosto:

“Uma grande pilha de caixas acrílicas antissépticas. Dentro delas cinzas humanas. Essas caixas em tons pastéis são empilhadas de maneira a formar figuras geométricas que sejam agradáveis para quem as olha.

Voltemos para trás: quem são aquelas pessoas em pó, que habitam as caixas harmoniosas? Utilizo o verbo no presente porque me parece que aqueles homens e mulheres não mudaram suas condições, assim de maneira tão significativa. Continuam, de certa forma, cumprindo o papel de recheiar alguma coisa.

Como eles construíram suas pirâmides de prioridades? Como eram formados seus esqueletos invisíveis de desejos?

Esses homens e mulheres em pó certamente têm pesadelos, sonham que suas células novamente se reagrupam, e que conseguem sair das apertadas caixas acrílicas. Nesse sonho cheio de catedrais que gotejam mas não são góticas, o produto pronto para a venda é a ponta vermelha de uma grande pirâmide de desejos coletivos. Dentro de cada pessoa erguem-se essas formações. Com o produto posicionado no topo, quem o sustenta são as promessas sobre suas qualidades. O desejo humano é amarrado de todas as formas à necessidade de obter aquilo que é prometido. A lógica desaparece, pois com sua presença essa pirâmide de desejos rui. Quem vence é o dogma repetidor de uma verdade inquestionável, que tanto repete a mesma informação, até que consegue que o único desejo do homem, seja o de obter o produto que está distante de suas mãos. Até que ele próprio comece a se enxergar como um produto e agir como tal.

Mas pode também ser que essas pessoas em pó não sonhem, e que apenas vivam mergulhadas em um grande vazio sem limites. Nesse caso o que possuíam seria apenas sua condição de serem um pó armazenado dentro de caixas transparentes. Caixas que formam um desenho geométrico, que se for examinado melhor, tem a forma de uma pirâmide. Ao redor delas o que há é um grande deserto cinzento composto por um tipo de areia parecida com limalha de ferro. Iluminam as caixas cheias de cinzas, luzes fracas, das cores verde-limão e roxo. Nesse cenário desolado não é permitido a entrada do tempo. Aqui só o que há é o espaço, se avançamos um pouco para dentro do deserto escuro encontraremos outras pirâmides da morte parecidas. E outras surgirão a cada instante, nascendo no reino do tempo mas logo em seguida emancipando-se dele, e permanecendo estáticas e iluminadas até que tudo mais acabe, e só o que exista seja pó.

Essas estranhas formações são na verdade um grande campo de dejetos. Aquilo que não pode mais desejar precisa ser imediatamente descartado. Como enquanto ainda desejavam, os homens e mulheres muito se pareciam, nessa nova fase, eles se tornariam ainda mais iguais, compondo essa pasta cinzenta acumulada dentro das caixas, que têm todas as mesmas medidas.”

VERÃO

Há alguns dias voltei a ter uns sangramentos que de vez em quando me incomodam. Dessa vez tomei coragem e fui a um médico. Ele me pediu um monte de exames e marcou uma consulta para conversar comigo. Na noite anterior fiquei imaginando a clássica cena que o cinema já repetiu centenas de vezes. Ele me olhando sério e explicando que meu estado é crítico. Depois me dizendo que se eu o tivesse procurado há um ano minha doença poderia ser curada, mas que agora já era tarde. Então eu engulo a seco fazendo um grande esforço para não derramar lágrimas. Pergunto-lhe quanto tempo ainda tenho de vida. Ele desvia meus olhos, concentra-se em sua prancheta, procura mudar de assunto falando de casos parecidos. No final me diz que terei de três a seis meses, talvez um pouco mais.

Já reparei que quase nunca a vida é tão dramática ou sensacional quanto pinta nossa imaginação. O que aconteceu foi diferente, ele pegou meus exames e os olhou de maneira séria, sem dizer uma palavra. Comecei a sentir um nó na garganta e tive certeza de que se viessem notícias tristes eu não conseguiria segurar as lágrimas.

Não sei por que, mas acho que ele se demorou na análise mais do que seria necessário, talvez para propositalmente aumentar minha ansiedade pelo diagnóstico. Olhou-me nos olhos e chamou-me pelo nome. A essa altura eu já pensava em qual seria minha primeira atitude como homem oficialmente moribundo.

Disse-me que os sangramentos eram causados por um princípio de úlcera gástrica, provavelmente originada há muito tempo por uma mistura de má alimentação e nervosismo. Eu precisaria controlar um pouco a alimentação e tomar alguns remédios. Depois falou dos outros exames e disse que para um homem de sessenta e um anos minha saúde estava muito boa e que se eu me cuidasse poderia passar dos noventa.

Uma onda de alegria me invadiu, procurei controlar o sorriso, mas ele foi mais forte do que eu. Alguns instantes depois me perguntei o que eu faria nos próximos trinta anos. Era uma situação parecida com

a daquelas pessoas que durante o ano todo esperam por suas férias e quando elas chegam não veem a hora de voltar a trabalhar. Enquanto escutava algumas recomendações médicas, sorri uma segunda vez, mas agora meus dentes mostravam ironia.

Ao se despedir o médico disse que se eu seguisse suas ordens teria bastante tempo para ver meus netos crescerem. Disse-lhe que nem filhos eu tinha. Percebi que ele ficou bastante embaraçado com minha resposta, gaguejou tentando encontrar algo para dizer. Tentei consertar a situação com uma frase bastante ridícula, mas que funcionou para acabar com o embaraço e encerrar a conversa com um sorriso: “Mas se o doutor diz que estou tão bem, ainda dá tempo de ter um filho e até de ver o nascimento de um neto”.

Saindo do consultório, aquilo que havia sido apenas uma brisa irônica que soprara dentro de meus pensamentos, havia se transformado em uma tempestade tropical. Não enxergava de que maneira poderia preencher os eventuais trinta anos que poderiam me restar.

Ultimamente, o peso dos anos começara a me fazer sentir a dureza do trabalho braçal. Já tinha pensado em diminuir o ritmo. Compraria a diminuição da renda com a venda da casa. Compraria algo menor, ou então alugaria alguma coisa, o dinheiro que sobrasse aplicaria e usaria para viver. Essa solução, por um lado diminuiria minha necessidade de administrar a herança de meus bens. Tudo ficaria resolvido, paga a última despesa de meu enterro o balanço estaria zerado. Por outro lado, se diminuísse o ritmo de trabalho estaria aumentando justamente aquele ingrediente que julgo excessivo. Cada hora não trabalhada representava um buraco que de alguma forma precisava ser tapado.

Enquanto caminhava, as velhas soluções apareceram como resposta para minha dúvida. Por um instante transformei-me em um adolescente que havia recebido um beijo da moça mais bonita da escola. Usaria o tempo livre para escrever e fotografar. Naqueles instantes até lamentei que fossem apenas trinta anos o que poderia me restar. Passada a empolgação, o raciocínio prático começou a funcionar. Se mesmo na juventude não havia conseguido dar sequência a nada, e todas minhas ideias tinham ficado interrompidas por circunstâncias

da vida, e até naqueles momentos em que pensei ter encontrado um filão de ouro, decidi abandonar as riquezas, isso significava que elas não possuíam força suficiente para germinar, e que, ou aquele ouro era falso, ou então eu era alguém tão fraco, que fingia que o ouro verdadeiro era falso para não ter o trabalho de extraí-lo. Se fiz isso na juventude certamente não seria na velhice que descobriria em mim uma mina de energias perdidas.

Essa não seria a solução, mas certamente não haveria respostas mágicas. A vida é algo paliativo, então, o viver deve ser composto por atitudes da mesma ordem. Enganamos nossos sentidos com uma grande salada composta por ingredientes físicos, mentais e emocionais. Temperamo-la bem sem exagerar em nenhum dos ingredientes. E pronto... está servida a vida equilibrada. Mas a que serve esse equilíbrio? Provavelmente ao estômago que a digerirá, e que por sua vez não terá nada a ver com a vida que comeu. A rigor, a única vantagem em se levar uma vida equilibrada é diluir os sofrimentos de maneira que não exista nenhum ponto de concentração excessiva. Talvez exatamente o que eu não tenha feito com meu aparelho digestivo.

Uma sociedade composta inteiramente por homens equilibrados se tornaria equilibrada e eficaz, mas acabaria virando o objetivo final, o homem existiria em função dela e não o contrário. Os homens equilibrados carregam dentro de seus estômagos medo e egoísmo. Mas esses sentimentos podem acabar causando sangramentos bem longe de suas entranhas, o líquido precioso poderá escorrer entre desconhecidos de lugares ou épocas distantes, mas terá usado o estômago dos equilibrados medrosos como fonte de origem.

Como acho que me enquadro perfeitamente dentro da categoria de homens que acima de tudo, temem o sofrimento excessivo, meu caminho natural é a busca do equilíbrio. Uma alimentação saudável, caminhadas, tomar sol moderadamente, nada de excessos de álcool, e principalmente me manter longe de pensamentos obsessivos. Nessa dieta de vida, poderei me utilizar da fotografia e de meus escritos em doses moderadas. Poderei mesmo adicionar outros passatempos à minha rotina, como a pintura em gesso e a modelagem de cerâmica.

Sinto que essas palavras colocadas no papel servem como uma

espécie de confissão de meu fracasso. Mas também facilitam meu equilíbrio, pois me tiram dos ombros qualquer peso originado da necessidade de continuar perseguindo algum resultado. Mas sinto que existe ainda um último parêntese que se abre dentro de mim, um refúgio secreto contra o equilíbrio, onde se escondem emoções violentas, ideias escuras e outras brilhantes, e uma esperança que não diminuiu em nada desde minha adolescência. Talvez seja esse quarto escuro, que não sei onde fica, o responsável por meu princípio de úlcera. É possível que o que existe escondido dentro desse reservatório transborde e encurte meus anos de vida, me transformando em um velho desequilibrado cujos olhos brilham mesmo de noite.

Sinto que vivo uma espécie de segunda adolescência. Se na primeira a flor desabrochou, agora as pétalas caem no chão. Mas por incrível que pareça essas duas situações são muito menos diferentes do que aparentam ser.

PRIMAVERA

Se prestarmos atenção perceberemos que dentro da aparente superfície plana da vida, existem pequenas reentrâncias quase imperceptíveis, que abrigam cápsulas concentradas daquela matéria que a vida faz menos questão de tornar evidente. Talvez pudéssemos nominar esses pequenos refúgios como “abrigos do inusitado”, mas às vezes o termo “inusitado” não é forte o suficiente para descrever algumas situações que ficariam melhor etiquetadas com os adjetivos “estranho” ou “esquisito”.

Algo parecido com isso aconteceu comigo. Talvez, por acaso, eu tenha esbarrado em uma dessas reentrâncias e o conteúdo dela acabou escorrendo sobre mim. Passeava despreocupado pelo centro da cidade, havia iniciado minha tentativa de equilíbrio e minha intenção era caminhar para me exercitar. Mas não consegui andar em círculos em um parque, preferi caminhar onde além de pessoas houvesse movimento e coisas para ver. Sabia que as paradas frequentes que o centro da cidade nos obriga a fazer, tornam o exercício físico menos eficiente. Mas se me preocupasse apenas com meu corpo estaria de uma certa

forma caminhando contra meu equilíbrio. Caminhava olhando para os lados, lembrando-me que ainda possuía dentro de mim um refúgio secreto onde minha selvageria nunca tinha deixado de existir. Talvez olhasse para os lados em busca de alguma chave perdida, algum símbolo que me diria como eu deveria proceder para voltar a ser jovem de espírito.

Depois de algum tempo comecei a me irritar com minha busca, o mundo parecia querer significar nada mais do que sua aparência indicava. Quando estava para me arrepender por não ter escolhido andar em círculos, vi algo que despertou minha atenção. Na vitrine de uma loja de decorações havia uma réplica de um “Gabinete de Curiosidades”, um cartaz explicava que eles tinham surgido no século 16, época dos grandes descobrimentos e explorações, e que foram muito populares até o final do século 17. Constituíam-se num agrupamento de objetos raros ou estranhos englobando o que na época eram considerados os três ramos da biologia: animalia, vegetalia e mineralia. Além disso essas coleções abrigavam também as realizações humanas, como obras de arte e as novidades tecnológicas da época. O cartaz explicava que essas coleções foram as predecessoras dos museus como os conhecemos hoje. Não raro os gabinetes abrigavam grandes fraudes como esqueletos de animais míticos ou sangue seco de dragões. No século 19 a maioria dessas coleções foram transferidas para museus de arte ou de história natural. O cartaz dizia ainda que essas coleções tiveram grande importância no estudo precoce de certas disciplinas de biologia ao criar acervos de fósseis, conchas e insetos.

Logo que cheguei em casa anotei o que havia naquela pequena reprodução do “Gabinete de Curiosidades” que vi exposto na vitrine. Lá estavam um tronco fossilizado de castanheira, uma foca empalhada, alguns tipos diferentes de colarinhos engomados, um astrolábio, um cavalo marinho que flutuava dentro de um vidro de álcool e um espelho emoldurado que dava a impressão que o ambiente era maior do que era de fato. Na parede havia um mapa-múndi antigo, e sobre a escrivaninha (esse gabinete era organizado em forma de escritório) um globo terrestre coberto por uma camada de couro. Para sentar havia uma poltrona trabalhada à mão, nela alguns arabescos e inscrições que

não consegui compreender, era toda forrada em veludo verde-escuro e parecia realmente uma peça antiga.

Não sei porque achei que havia algo por trás dos “Gabinetes de Curiosidades”, talvez não fosse a chave para meu quarto escuro, talvez fosse apenas algo que poderia me conduzir a novas ideias que não tivessem em si, nada a ver com essas antigas coleções, talvez não fosse absolutamente nada.

Como sempre fui muito curioso, decidi continuar pesquisando sobre o assunto. Não tinha qualquer expectativa além de saciar minha curiosidade. Dessa vez decidi não mais lutar contra o tempo em que vivo, usei a internet e em pouco tempo descobri muita coisa, fotos e textos em várias línguas, imprimir o que achei mais interessante para ler com calma. Quando estava quase terminando a pesquisa, encontrei alguns vídeos que mostravam reconstituições de gabinetes de curiosidades famosos, como o de Sir Hans Sloane que originou a criação do Museu Britânico e o de René-Antoine Ferchault de Réamur que montou o maior gabinete da França e que após sua morte foi integrado à coleção do Rei. Quando começava a ficar cansado do assunto encontrei outro vídeo que mostrava uma versão moderna dos gabinetes, o texto lateral que acompanhava o vídeo dizia que eles também eram conhecidos como “quartos das maravilhas”.

No filme de seis minutos, uma câmera passeava pelo que pretendia ser “a tradição do passado transformada em modernidade”.

Essa versão moderna do antigo gabinete de curiosidades era composta por móveis com design moderno cobertos por fórmica de diversas tonalidades de bege. Havia alguns animais que representavam bichos empalhados, mas eram feitos de papel machê. Besouros dentro de molduras envidraçadas formavam figuras geométricas. Sobre uma mesa feita de pedaços de cockpit de um avião, estava um laptop colorido em cuja tela aparecia um antigo mapa-múndi da época dos descobrimentos. Por todos os lados bolas de cristal translúcidas refletiam a luz que vinha de luminárias modernas mas que imitavam velhos lampiões a querosene.

Mas nada disso me chamou tanto a atenção quanto um aquário que ficava próximo aos falsos animais empalhados. Parecia ser feito de

acrílico e devia ter pouco menos de um metro de comprimento por uns cinquenta centímetros de largura. Suas águas eram atravessadas por um feixe solitário de luz lilás, que nascia no fundo cruzando o aquário, mas não tinha forças para iluminar além do limite das águas.

O que me tocou profundamente foi o habitante desse aquário. Era um camarão de tamanho grande, que solitariamente se movia de um lado para o outro, até invariavelmente se chocar contra as paredes acrílicas. Ele tinha uma aparência diferente da dos outros camarões, suas cores eram muito vivas. Em um certo momento da projeção, todas as luzes se apagaram e veio a grande surpresa. O camarão brilhava no escuro. Alguma substância fosforescente que havia sido injetada, parecia fazer com que ele flutuasse no meio do nada.

O vídeo todo era acompanhado pelo som de jazz americano tocado com instrumentos e no ritmo de música oriental. Quando terminei de assistir àquilo fiquei sem me mexer por um bom tempo. Algo havia me tocado profundamente. Sabia que tinha alguma coisa a ver com o camarão solitário trombando dia e noite contra as paredes do aquário. Digeri por um bom tempo o que estava sentindo, até que os sucos gástricos de minha razão começaram a dissolver o que me perturbava. Meus olhos se encheram de lágrimas e elas rapidamente escorreram.

Aquele animal era a solidão em seu grau extremo. Seu brilho artificial, flutuando na escuridão sem fim, fazia com que essa solidão ultrapassasse qualquer outra que pudesse apenas ser imaginada. Se aquele sentimento de fato existisse, o homem seria um eterno náufrago condenado a se derreter em um mar de ácido sulfúrico.

Nenhuma das maravilhas tecnológicas, nenhum monumento filosófico, nem a maior das conquistas artísticas, nada disso teria sentido se um único homem pudesse ser submetido àquele sentimento. Aquilo dissolvia todos os valores e carregava junto todas as conquistas humanas. Caso aquela solidão conseguisse se espalhar para fora do aquário nada mais importaria, a busca do homem estaria encerrada e o animal que daí se originaria viveria dias apocalípticos.

Talvez tudo isso não passasse do delírio de um homem velho. Mas o que eu sentia tinha tanta clareza, que achei importante continuar

colocando o que vivi no papel. Há um buraco tenebroso na vida. Uma espécie de rolha, que se removida, poderá aspirar toda a civilização. E é a própria civilização quem mais contribui para que essa rolha seja eventualmente retirada. Talvez seja o princípio da renovação ao qual todas as forças estão expostas. Destrói-se algo para que renasça com mais força. Mas essa destruição carregará consigo a espécie humana e toda vida que brota sobre o planeta. Todos nós acabaremos, porque um dia chegamos a um ponto civilizatório onde foi preciso, para decorar-se um escritório, que um camarão solitário nos mostrasse o monstro destruidor que carregamos dentro de nós.

Quantas perguntas sem respostas aquele animal não representará?

Existe um círculo eterno que é incompreensível, e por essa razão, por essa falta de compreensão, nós continuaremos cabeceando o acrílico que sempre nos circundará. Gritamos todos os tipos de gritos, que nunca serão escutados, pois quem poderia nos ouvir também está, à sua maneira, gritando.

Imagino-me dentro de um antigo gabinete de curiosidades do século 16. Observo aquele monte de coisas estranhas empilhadas em prateleiras. Num canto descubro dois vidrinhos contendo líquidos coloridos. Estou longe das respostas, mas preciso engolir os mistérios. Perguntas multicoloridas invadem meus órgãos, desprendo-me de antigas mentiras que até então eram consideradas verdades incontestáveis. Mas nada é esclarecido, apenas mergulho dentro de outro nível de percepção. Cada nível tem suas paredes acrílicas e seu camarão solitário. E o que eu um pobre artesão envelhecido pode fazer? Se grito, não me ouvem. Então escrevo.

Mesmo correndo o risco de parecer redundante, como normalmente os velhos costumam ser, escrevi esses versos para que eu não precise incomodar os vizinhos com meus gritos:

Lágrimas derramadas por um velho por causa de um camarão

Choro por você.

Não há mais mar ou rio para que nades.

*Nenhum de teus refúgios secretos,
de tuas casinhas cheias de limo verde,
nenhum de teus corais vermelhos,
nem mesmo os peixes azuis que de um
instante para outro acabam com tua vida.
As cores e os perigos desapareceram. Antes,
as noites te reservavam cada vez uma morada diferente.
As correntezas te carregavam para onde nunca desejastes ir.
As luzes se modificavam conforme você mergulhava ou subia à
superfície.*

*Agora tens o oxigênio regulado por máquina,
move-se dentro de um aquário acrílico que não te permite
nem cinco segundos de nado contínuo antes que te choques
contra as paredes, que por não terem cor, sempre acabam te
machucando um pouco.*

*Acabaram-se os banquetes onde escolhias cada vez algo
diferente para comer, agora o que comes é um pó inosso
derramado uma vez por dia dentro de teu aquário.*

*O animal selvagem que você foi está morto,
apesar disso teu corpo continua mais saudável do que nunca.*

*Felizmente, meu amigo, você não possui memória para se
recordar do que um dia foi. Viverá uma longa vida
de camarão, terá tudo que teu corpo precise pra sobreviver
o máximo que puder.*

Já que não possuis consciência, posso te confiar (sem medo de

ferir teus sentimentos) que a razão pela qual choro é porque mesmo que estejas vivo, nada de ti sobreviveu. Nem o bicho selvagem nem o elo da cadeia alimentar. Você se tornou a representação de um camarão, um boneco vivo que possui tanto de um camarão quanto aqueles teus ex-companheiros, que depois de fritos são devorados em restaurantes, misturados a mariscos e batatas fritas.

Choro porque você não tem lágrimas, derramo as minhas cada vez que você se choca contra as paredes acrílicas que não consegues enxergar. Sei que a maioria das coisas importantes da vida podem parecer, à primeira vista, esforços vãos, e que talvez exista um sentido secreto para a existência. Mas choro de qualquer maneira, porque sou velho e meus olhos estão cada vez mais fracos.

Eles não são fortes o bastante para enxergar o possível significado de tua vida, mas ainda servem para produzir as lágrimas que derramo por você.

VERÃO

Depois de muito refletir decidi que colocaria a casa à venda e começaria a trabalhar menos. Tenho sessenta e três anos e sinto dores nas costas e nos joelhos que tem origem no meu esforço físico excessivo. Procurei um corretor de imóveis e logo percebi que vender minha casa talvez não fosse algo tão fácil quanto eu imaginava. Casas desse tamanho normalmente são procuradas por famílias de classe média, e precisam ter pelo menos duas vagas para carro. Como nunca dirigi

transformei a garagem em escritório. Também derrubei algumas paredes internas, de maneira que a casa com seus quase duzentos metros quadrados possui apenas um quarto.

O corretor disse que tenho duas opções, ou reformo a casa para deixá-la do jeito que os compradores gostam, ou então baixo consideravelmente o preço procurando compradores que se interessem apenas pelo terreno. Perguntei-lhe de quanto seria essa redução e ele me respondeu que se eu quisesse vender a casa em um prazo relativamente curto, precisaria pedir metade do valor de mercado. Como reformar para vender era uma opção que descartei logo de início, escolhi reduzir o preço em dez por cento, e dependendo da procura poderia baixar mais dez. Reduzir pela metade era algo que me parecia abusivo. Eu conviveria mais algum tempo com minhas dores nas costas e meus entalhes repetitivos.

Mas nem esses percalços práticos nem as dores que sentia afetaram meu humor. Vivo dias muito tranquilos. Não sei se finalmente adquiri uma estabilidade emocional que até pouco tempo atrás parecia distante, ou se isso é apenas algo passageiro. De qualquer forma aprendi que preciso viver o momento e deixar de desperdiçar energias prevendo o final de um período agradável.

Outro dia telefonei para minha amiga, queria convidá-la para almoçar. Senti algo de estranho em sua voz, ela me contou que há uma semana havia chegado a hora de seu pai ser enrolado com a bandeira do clube de ex-militares. Lamentei o falecimento e fiquei envergonhado em convidá-la. Quando estava quase desligando foi ela quem me convidou. O dia estava ensolarado e escolhemos um restaurante ao ar livre cheio de flores e árvores frutíferas. Antes de sair de casa, algo me disse para levar minha câmera fotográfica.

Quando a encontrei, conversamos rapidamente sobre a morte de seu pai. Senti que ela estava ali justamente para evitar esse assunto, então procurei gradualmente conduzir a conversa para outras direções. Ela se deixou levar e o almoço transcorreu delicioso em todos os sentidos. Sinto que nossas conversas se encaixam perfeitamente e que esse prazer é para mim maior do que qualquer outro que ela pudesse me proporcionar. Pedimos uma garrafa de vinho e brindamos. Decidi

fotografá-la. Apenas apertei o botão de meu aparelho digital e quando fui verificar o resultado tive uma grande surpresa.

O almoço continuou agradável e antes de nos despedirmos fizemos uma escala para tomar sorvete. Prometi visitá-la na semana seguinte. Apesar de sua companhia ser agradabilíssima, no final eu estava ansioso para voltar para casa, pois queria analisar com calma a foto que havia tirado.

Não tive paciência, e logo depois que nos despedimos sentei numa praça para ver a imagem. Logo de cara me surpreendi com o enquadramento. Mesmo sem ter me preocupado com isso, a foto tinha proporções que pareciam ter sido medidas com cuidado. Ela estava bem no centro com a mesma distância para cada lado. A imagem mostrava-a sentada, olhando para a câmera e levantando uma taça de vinho como que brindando com quem estivesse olhando a foto. Ao fundo, compondo a cena, um pessegueiro carregado. Mas havia algo ali além de uma bela fotografia.

Primeiro percebi que o aparelho digital tinha cumprido seu papel com dignidade, e que tudo o que eu havia pensado e escrito sobre que imagens verdadeiras deveriam ser produzidas apenas com filme, não passava de uma grande bobagem. Às vezes culpamos ou glorificamos essa ou aquela época apenas para justificar nossa particular falta de talento ou vontade.

O que existia naquela imagem era uma espécie de linha energética de brilhos. Isso numa definição pouco inspirada. Mas explico melhor, no primeiro plano havia um ponto brilhante bem no alto da taça de vinho, esse brilho se intensificava nos olhos de minha amiga e prosseguia até atingir o pessegueiro, agora não mais sob a forma de brilho, mas como um raio de sol que iluminava apenas um fruto. Se fosse traçada uma linha, iniciando na taça de vinho, elevando-se até os olhos e novamente subindo até atingir a fruta, essa linha hipotética terminaria no céu azul que ainda aparecia no topo da imagem.

O céu sem nenhuma nuvem parecia ser a direção para onde a flecha energética estava apontando. O que me fez compreender que o texto invisível escrito ali dizia que, após todas as atribuições da vida,

tanto as positivas quanto as negativas, causadas por um desequilíbrio, onde algumas vezes havia excesso e em outras falta de energia, após essas turbulências absolutamente inevitáveis, as bolas energéticas que todos nós somos, se dispersariam na eternidade. Os curtos-circuitos se dissolveriam no grande céu azul do nada. Sumiria a consciência e com ela tudo que nos unia se derreteria, transformando-se em outra coisa.

Aos sessenta e três anos já tenho muito mais autoridade para pensar e escrever sobre a morte do que tinha aos quarenta. Refletindo a respeito dela, sob o ponto de vista dessas ideias que extraí da fotografia, percebo como ela não mais me assusta. Chego até a nutrir certo entusiasmo com a possibilidade da dissolução da consciência. Se conheci a consciência (pelo menos um nível básico dela), por que não poderei conhecer seu contrário? A quem devo a obrigação de manter minha personalidade intacta e torcer para que ela não se dissolva? Se tudo o que existe e já existiu sempre se transformou em algo diferente do que originalmente era, por que o mesmo não acontecerá com nossa consciência?

E ao contrário do que poderia parecer, essa curiosidade pela dissolução não diminui meu interesse pela vida. Sinto-me impelido a aproveitar cada gota, pétala, sopro, ou seja lá qual for a unidade com que se mede a vida. Não somente viver ainda um bom tempo, mas principalmente aproveitar com intensidade cada instante que me resta. Aprender a não perder tempo com preocupações bobas.

Guardei a fotografia no bolso e fiquei um bom tempo apenas assistindo a vida passar, em todas suas formas, idades, em todas suas compressões possíveis, vidas soltas, outras carregadas de pesos inúteis, dessa vez apenas assisti e consegui me eximir de qualquer julgamento.

Caminhei sem destino pelo centro da cidade, sentia uma espécie de compreensão universal que me mantinha afastado de qualquer ato de individualismo. Os homens e as mulheres ao meu redor eram todos, células de um grande corpo. Meu coração estava cheio de aceitação e nada, durante aqueles instantes, seria capaz de me perturbar. Mesmo correndo o risco de parecer piegas, descrevo aqui o que senti naqueles instantes: eu havia percebido, ou me havia sido revelado, não sei... eu simplesmente sabia, que a humanidade participava de uma grande conspiração secreta, rumo a uma elevação espiritual que jamais conhecera.

Volto ao diário com a cabeça mais fria, alguns dias depois do que descrevi. É claro que me deixei levar por sentimentos que inflaram minha percepção, aumentando virtudes e diminuindo dificuldades. Vivi instantes de paixão por uma ideia, e da mesma forma que só podemos nos apaixonar por uma pessoa que, no fundo, desconhecemos, amei aqueles pensamentos porque estava longe de compreendê-los.

Mas daquele fogo de palha amoroso sobraram algumas brasas que podem ter utilidade, ideias que podem crescer incendiando florestas. E elas começaram a nascer naquele mesmo dia, quando me cansei de andar e resolvi tomar um café. Ainda estava muito vivo em mim o desejo de me nutrir de todas as oportunidades possíveis que a vida pudesse proporcionar. Queria começar logo sem desperdiçar um segundo. Como estava em uma lanchonete pedi um café e o enchi de açúcar, depois vi na vitrine uma grande bomba de chocolate. O açúcar foi minha primeira tentativa de nada desperdiçar. Cumprimentei a atendente com um excesso de entusiasmo que causou estranheza. Os seres humanos poderiam ser minha segunda bomba de chocolate, eu não poderia desperdiçá-los.

Não fui muito correspondido pela atendente, que era uma moça bonita e acho que jamais adivinharia o real motivo de meu entusiasmo. Acabei ficando um bom tempo sozinho e percebi que não deveria forçar contato com ninguém, e que agir daquela forma não era aproveitar ao máximo o que a vida poderia oferecer. O que eu estava fazendo era transferir para algo que deveria ser desprezado e imaterial, um padrão de comportamento exatamente oposto ao que eu pretendia adotar. Estava apenas consumindo a maior quantidade possível de sensações. O que acabaria me conduzindo novamente para um nível mental anterior às ideias que tive. O desfrute da vida em profundidade poderia vir justamente de uma ação contrária, a inação poderia me conduzir aos cantos da vida que eu ainda não conhecia.

Terminei o café e fiquei um bom tempo completamente inativo, não olhei para os lados, não disfarcei estar esperando alguém, não fiz nada. Logo percebi que uma atitude como essa pode ser altamente suspeita, e que alguém que não faz nada chama bastante a atenção dos outros. A mesma atendente que antes parecia querer se esquivar de mim, agora,

em pouco tempo, se aproximou duas vezes querendo saber se eu estava precisando de alguma coisa. Percebi como minhas energias estavam desequilibradas, eu era um barco adernando para um lado.

Paguei a conta e voltei a caminhar. Mas o que queria era ficar parado. Logo encontrei uma praça cheia de bancos vazios. Era um lugar quase todo feito de concreto, e as poucas árvores pareciam ter sido plantadas há pouco tempo, o verde delas ainda não era páreo para o cinza-cimento que dominava o lugar.

Mas ali ninguém me perturbaria, poderia ficar inativo o dia inteiro que ninguém perceberia. E foi o que fiz. Na verdade meu corpo ficou, minha mente fez o contrário, apesar de não ser a intenção inicial, desprendi-me daquele lugar e de qualquer espécie de tempo. Viajei até aonde a vida é algo absoluto, uma grande geleira derretendo num oceano tropical. Na verdade não sei exatamente onde minha imaginação me conduziu, e se aquele lugar inexistente representa realmente uma camada mais verdadeira da vida. O que posso dizer é que concluída a viagem, senti uma grande felicidade, parecia que um peso enorme saía de meus ombros. Passei uma semana me sentindo vinte anos mais novo.

O verde insipiente dos arvoredos recém plantados se transformou numa grande barreira absoluta e indestrutível de vida. Foi assim que começou minha viagem. Coincidentemente, nesse mesmo instante passou uma mulher com uma criança no colo que acenou para mim, como fazem os que ficam para aqueles que partem.

Mentalmente me vi em uma praia deserta, ao longe vi algumas pessoas vestidas como gregos antigos. Eu estava no berço da civilização. Mar azul, estrelas e pensamentos, algumas laranjas que quando abertas mostravam seu interior quase avermelhado. É estranho, mas as imagens se sucediam dessa forma, sem um fio condutor clássico.

De repente senti um prazer sexual que eu desconhecia ser possível, todo meu desejo acumulado e reprimido durante a vida foi satisfeito, mas meu orgasmo aconteceu comigo todo, meu corpo inteiro, cada célula dele, aliviou-se e renovou-se. A vibração começou no estômago e se espalhou em todos os sentidos, quando meu rosto começou a esquentar pensei que estava tendo um infarto ou um derrame. Reparei

que minha boca e queixo estavam molhados, passei a mão esperando encontrar sangue, mas aquilo era apenas saliva.

Mas o orgasmo não foi o fim das sensações. Elas continuaram vindo sob a forma de imagens, pressentimentos, sons, gostos e cheiros. Uma enorme miscelânea sensorial que acho que foi muito maior do que tudo que experimentei até o instante em que me sentei naquele banco.

O que consegui extrair desses instantes soltos, foi a noção de que a vida é composta de muitas camadas, e que o cérebro é a grande ferramenta de exploração. Podemos nos restringir a conhecer apenas o andar onde moramos, ou podemos pegar o elevador e visitar os andares superiores, encontrar um subsolo e descer até que não haja nada além de terra escura. Podemos cavar com as mãos e descer ainda mais fundo. Ou então fazer diferente, apenas descermos do andar onde moramos até o térreo. E lá, estando ao nível do solo, sairmos de onde vimos todos os dias de nossas vidas acontecer.

As visões continuaram, não tenho noção do tempo que passou (aquilo tudo parecia um parênteses, onde o tempo era impedido por alguma regra gramatical de entrar). Grandes mangas amarelas, beijos molhados e verdades filosóficas abarrotavam-me de uma informação que me completava todos os poros, sem no entanto, causar indigestão. Sentia, que apesar dessas camadas todas estarem disponíveis para exploração, e que a experiência de conhecê-las ser o que de mais enriquecedor conheci na vida, era impossível viver ao mesmo tempo em mais de uma camada. Na verdade eu precisava viver dentro daquela onde nasci. Qualquer tentativa contrária representaria uma sobrecarga fatal, o sistema nervoso, a estrutura cerebral e o próprio corpo físico não resistiriam a tamanho excesso.

Outra percepção que consegui extrair daqueles instantes foi que as outras realidades existem em paralelo à nossa. Mas não há qualquer hierarquia que as regule e normatize. Tudo parece uma grande esfera que se movimenta e com o movimento faz cada camada continuar girando. Também poderia escrever essa frase no sentido contrário: as camadas giram e com esse movimento fazem a grande esfera girar. Não existem direções, pois tudo se movimenta ao mesmo tempo em todos

os sentidos, não existe tempo pela mesma razão, os infinitos tempos individuais de cada pequeno evento acabam se anulando, tornando o processo inteiro isento daquilo que antes dividia nossos dias.

Depois que fui para casa e que as sensações começaram aos poucos, a perder o brilho, sobreviveu uma ideia. Que por ser menos vistosa que as sensações, permaneceu escondida, tendo assim mais possibilidades de ter uma vida mais longa. Não há padrões no universo, tudo possui a exata mesma importância. Uma grande sensação de independência invadiu meu peito, corri atrás de um papel e rabisquei essas frases:

Durmo nas areias gregas onde pisa Platão.

Ninguém, de uma flor, arrancará sua essência.

Sou homem-pétala cujos limites estão além

do que a palavra “limite” pode definir.

INVERNO

Já faz mais de um ano que coloquei a casa à venda e até agora os poucos interessados vieram com ofertas que considero ofensivas. Resolvi ou vender pelo preço que fixei ou então não vender. Sei que essa é uma decisão mais emocional que racional. Sinto que aos poucos minhas dores nas costas vão aumentando e que elas só existem por causa do esforço físico causado por meu trabalho. Sei que a venda por um preço mais baixo só me pouparia incômodos. Mas não consigo aceitar a mesquinhez de um eventual comprador, imediatamente me lembraria de todos os duros anos de trabalho que tive de enfrentar para agora entregar meu patrimônio para algum jovem endinheirado, que provavelmente demoliria a casa para construir apartamentos para outros jovens endinheirados.

Acho que se fosse apenas meu esforço que estivesse ali empregado, eu provavelmente cedesse. Mas não posso esquecer que a herança de meu pai foi usada para quitar o saldo devedor. Uma vez disse que a melhor parte do que ele me deixou foi o fato de me fazer conhecer mi-

nha amiga. Continuo concordando com essa afirmação. Talvez a pior parte seja essa defesa da honra do dinheiro, que me vejo obrigado a fazer, e onde o único prejudicado serei eu mesmo.

Por enquanto vou levando, mesmo sabendo que estou contradizendo boa parte das coisas em que acredito. Talvez a diferença entre um jovem e um velho seja que o jovem concentra todas suas energias em poucos objetivos, e o velho dispersa suas minguadas forças em muitos alvos, frequentemente contraditórios. Isso acontece porque a vida ensinou ao velho a desconfiar das verdades absolutas. E se, ele aprendeu direito a lição, no fim da vida se verá mergulhado num mar de incertezas, onde as poucas tábuas de salvação serão efêmeras pranchas que flutuam, e que por apenas alguns instantes poderão lhe servir de salva-vidas. Envelhecer é aprender a conviver com o transitório.

Há umas três semanas atrás fui novamente ao médico. O que me incomodava eram as dores pelo corpo. Eu conhecia bem suas origens, mas acho que precisava que alguém mais ouvisse minha história e confirmasse minhas suspeitas. Nunca mais tivera qualquer sangramento e acho que, no fundo, desejava também ser cumprimentado por essa vitória provisória sobre a deterioração de meu corpo. Agendei um clínico geral e levei todos os exames que fiz da outra vez. Quando o médico me chamou tive uma surpresa agradável. Era um senhor grisalho, provavelmente um pouco mais velho do que eu. Isso me punha mais à vontade para comentar tudo o que sentia. Além disso era muito simpático, parecia ser um daqueles médicos que exerciam a profissão por pura vocação.

Contei-lhe de minhas dores e de meu trabalho, do meu problema antigo, mostrei-lhe os exames e disse-lhe o nome do remédio que tomava. Ele me fez várias perguntas sobre meus hábitos, alimentação, sono, sobre o funcionamento de meu intestino. Mediu minha pressão, examinou o fundo de meus olhos. Contei-lhe sobre a venda da casa e meu dilema. Ele me aconselhou a diminuir imediatamente o ritmo de trabalho, mesmo que não quisesse vendê-la, se eu cortasse algumas despesas poderia trabalhar menos. Disse-me também que eu não deveria de forma alguma parar totalmente de trabalhar. Prescreveu alguns analgésicos e disse que aquelas dores provavelmente desapareceriam com o repouso suficiente. Sugeriu-me também algumas massagens e acupuntura.

Enquanto ele falava eu fazia alguns cálculos, mesmo sem vender a casa eu conseguiria, sem grandes esforços, reduzir meu orçamento em uns trinta por cento. Isso significava trinta por cento a menos de tempo que eu precisaria trabalhar.

Ele finalizou seu diagnóstico dizendo que para a minha idade, minhas condições físicas eram ótimas e que eu poderia viver ainda muitos anos com uma boa qualidade de vida. Então ele me sorriu, acho que por ser mais experiente que o médico anterior, ele sabia que os pacientes que recebem boas notícias sempre ficam um pouco embaraçados em demonstrar essa alegria, seu sorriso era um aviso para que eu externasse o que sentia sem ter medo do ridículo.

Sorri e desse sorriso resultou um instante de intimidade. Por um momento rompeu-se a relação médico x paciente e ele tornou-se um velho amigo. Foi por causa dessa intimidade transitória que lhe perguntei se ele ainda tinha mais um minuto, porque havia algo que eu esquecera de contar. Esse minuto que pedi durou uns quinze, contei-lhe a experiência que vivi há um ano num banco de praça. As visões, as sensações, a maneira diferenciada como meu cérebro trabalhou, e principalmente narrei-lhe o tremendo prazer sexual que experimentei durante aquela estranha experiência. Descrevi como a sensação havia nascido e se espalhado por meu corpo, e como era incomparavelmente maior do que um orgasmo tradicional.

Ele me escutou em silêncio absoluto. Quando terminei de falar olhou no relógio como que querendo indicar que meu horário havia acabado. Sobre o que descrevi disse pouca coisa “a consciência é um grande mistério”, depois pegou a receita que me havia prescrito e adicionou mais um remédio “é um calmantezinho, se sentir novamente que o que me descreveu começa a acontecer, tome esse remédio, na nossa idade precisamos acima de tudo de equilíbrio”.

OUTONO

Agora, sob qualquer classificação, já sou considerado um homem idoso. Semana passada completei sessenta e cinco anos. Coincidência ou não, pela primeira vez alguém me cedeu seu lugar no ônibus. Era uma moça bonita que me ofereceu o banco em que estava sentada. A princípio pensei em recusar, mas ela segurou meu pulso e me olhou nos olhos. Sentei-me e me ofereci para segurar sua bolsa. Ela aceitou. Sabia que há algum tempo atrás eu tentaria puxar conversa. Era uma morena alta de uns vinte e oito anos. Percebi como desde cedo os homens são condicionados pela sociedade a comportarem-se como cães famintos, tendo sempre a obrigação de devorar qualquer pedaço de carne que enxergam. Segurei sua bolsa durante toda a viagem até ela me dizer que ia descer e me agradecer. O cão selvagem havia perdido seus dentes, mas estava perfeitamente conformado com isso. E o fato de saber que de agora em diante sua alimentação seria baseada apenas em ração pastosa ou líquida, não lhe trazia nada além de um estranho sorriso. Que provavelmente continha alguma ironia e bastante curiosidade sobre como seria essa nova fase que se iniciava.

Aos poucos fui descobrindo que completar sessenta e cinco anos também tinha suas vantagens. Eu deixava de pagar ônibus, tinha direito a meia entrada nos cinemas e mais uma série de pequenos descontos. Quanto menor a vantagem que me era oferecida maior era meu sorriso. Mas meus lábios agora se moviam sempre da mesma forma, transmitindo aquelas novas sensações que agora faziam parte de mim.

Sábado passado, enquanto seguia os conselhos de meu médico “... acima de tudo o equilíbrio”, e caminhava, dessa vez em círculos, em um parque da cidade, vi algo que me deixou bastante pensativo, e dessa vez nem sorrir consegui. Vi um homem muito velho, talvez com uns noventa anos, uma enfermeira empurrava sua cadeira de rodas. O dia estava nublado, mas mesmo assim ele usava um boné. Uma manta cobria suas pernas para protegê-lo de um frio que para os outros não existia. Fiquei observando-o e reparando em como a enfermeira o tratava. Percebi por sua fisionomia e pela maneira como falava com ela,

que seu cérebro não estava doente como suas pernas. A parte de trás da cadeira de rodas possuía uma abertura que me deixava ver que por baixo das calças aquele homem usava fraldas. A soma desses detalhes foi, aos poucos, fazendo crescer algo dentro de mim, uma nova sensação que eu desconhecia.

Reparei que ele segurava algo sob o cobertor. A enfermeira começou a empurrar a cadeira de rodas. Ele parecia um pouco ansioso e falava algo com ela.

A primeira conclusão de qualquer um a respeito da sensação que me tomou após observar aquele homem era evidente: medo. Mas numa análise mais aprofundada, um bom observador perceberia que a coisa era mais complexa do que isso.

A enfermeira imbicou a cadeira de rodas de frente para um banco onde estavam sentadas uma mulher com suas duas filhas pequenas. O velho levantou o cobertor, tirou de lá um saco de balas e ofereceu para as meninas. Num primeiro momento elas ficaram meio assustadas mas depois acabaram aceitando os doces. A cadeira de rodas seguiu adiante, foi parando sempre que cruzava com alguma criança e distribuindo as balas até elas acabarem.

O mesmo observador superficial que definiu simploriamente que seria apenas medo o sentimento que aquele velho me passava, agora diria que era bondade o que movia aquele senhor. Novamente uma observação mais aprofundada revelaria que ele estava enganado.

Vamos primeiro descobrir o que senti de fato, quando vi um ser humano tão deteriorado quanto aquele. Agora que já se passaram alguns dias e posso analisar os acontecimentos com uma certa isenção, percebo que a sensação que tive foi composta por vários ingredientes, e que até havia algumas pitadas de medo, mas o grosso mesmo era formado por outras substâncias. É evidente que havia alegria, comparado com o daquele homem, meu estado físico era excelente. A raiva também estava presente, eu observava o que poderia ser meu futuro, mas não precisava que ninguém ficasse me lembrando dessa possibilidade. Por incrível que pareça, detectei que na mistura existia também inveja. Sobre seus ombros não havia nenhum peso. Nada mais era esperado dele, nem a obrigação de continuar vivo. Aquele homem estava a um

passo da liberdade absoluta.

Esses eram os ingredientes básicos, mas outras substâncias deviam participar de minha salada-sensação.

Agora vamos analisar a teórica “bondade do velhinho”. Inveja era o sentimento que havia em maior quantidade. Sua vida estava terminando e ele precisava sentir-se superior àqueles que apenas iniciavam as suas, a única maneira que encontrou foi se tornar aquele que poderia adoçar suas bocas.

Raiva. Ele odiava aqueles a quem invejava, por isso mesmo queria aproximar-se deles (as balas eram apenas uma desculpa) para observá-los melhor e continuar alimentando esse sentimento. Não descarto também que ali existiam boas porções de amor (amor e ódio podem perfeitamente conviver, e aliás, é o que acontece na maioria dos casos), não que ele amasse as crianças, mas amava o que elas representavam, o livro aberto e em branco que elas são. Ele talvez as amasse porque serão elas que continuarão carregando um fardo que durante uma longa vida pesou sobre seus ombros, ele estava lhes entregando o bastão, e seu amor era uma torcida para que elas continuassem levando adiante o que ele souou para carregar. Qualquer ser humano é herdeiro de todos que o precederam.

Enquanto construía essas análises, que para mim têm a mesma importância de um passatempo, uma questão começou a me deixar pensativo. Digamos que se as duas deduções que fiz contivessem boas quantidades de verdade, não poderiam todas as demonstrações de sentimentos, serem compostas de muito mais do que aparentavam à primeira vista? Não poderiam os ódios esconder amores e vice-versa? Não poderia até mesmo o amor materno ser composto por uma grande quantidade de ingredientes, dentre os quais não estariam excluídos nem o ódio e nem a crueldade?

Caso essa teoria se provasse verdadeira, todos os dogmas desabariam, o relativo derrotaria o absoluto e um novo mundo nasceria, a dúvida é se seria melhor ou pior que o atual.

Esse novo mundo sem totens devolveria ao ser humano a energia que anteriormente era gasta para sustentá-los. Todas as pesadas instituições

que mantivemos a custa de parte de nossas forças, se dissolveriam. Mas essa energia que agora sobraria, precisaria descobrir alguma forma de canalização eficiente. O novo habitante desse novo mundo, só se tornaria novo de fato, se encontrasse uma maneira de investir em si próprio essa força excedente. E com ela melhorar-se. Caso contrário, mesmo que as velhas instituições desaparecessem, logo se cristalizariam novamente instituições ainda mais rígidas que as antigas, e os totens (grandes indicadores da presença de dogmas), se espalhariam pelo mundo em quantidade muito maior do que havia anteriormente.

VERÃO

Ainda não consegui vender a casa. Mas isso já não me preocupa tanto. Segui o conselho de meu médico e consegui diminuir em uns trinta por cento o tempo trabalhado. Para isso cortei algumas despesas supérfluas e organizei melhor minhas vendas. É difícil para um artesão calcular o preço de custo de suas peças, posso saber quanto é o valor de minha matéria-prima, mas como atribuo o valor de meu trabalho? É uma questão muito subjetiva. Mas foi depois de calcular quanto eu recebia por hora trabalhada, que percebi que através do desconhecimento e da falta de atenção, eu me tornei o grande explorador de meu próprio trabalho.

Negocieei com as lojas um aumento de vinte por cento no valor de minhas peças, que para minha surpresa foi aceito sem problemas (eles provavelmente sabiam que meus preços eram muito baixos e também disso nunca reclamaram).

Em vez de trabalhar menos horas por dia, paro de trabalhar quinta-feira ao meio-dia e só volto na segunda de manhã. Meu final de semana dura três dias e meio. Não sei se essa é a melhor solução para meu corpo, mas pelo menos até agora tem sido a melhor para minha mente. Sei que preciso inventar algo que me mantenha ativo durante o período de folga. Até agora tenho lido, tirado algumas fotos, saído com minha amiga e com alguns outros amigos.

Semana passada pela primeira vez o tempo acabou me sobrando.

Choveu e fiquei sem vontade de sair. Passei a tarde inteira assistindo a programas estúpidos na televisão. No fim do dia senti uma enorme sensação de tempo perdido. Não posso deixar que aquilo se torne uma tendência porque nessa entrega mora um grande perigo.

Durante a semana, percebi que o melhor antídoto para me prevenir desse risco seria apaixonar-me por alguma causa (é incrível como os anos passam e as coisas não mudam, não conseguimos nos libertar do círculo de paixões e medos). Então novamente estou aqui, perseguindo algo que possa fazer o sangue de minhas veias correr mais depressa.

Os verões estão cada vez mais quentes. Tenho trabalhado sem camisa e com dois ventiladores me refrescando. Ontem a temperatura estava tão alta que decidi trabalhar nu. Foi então que o círculo começou a girar e em pouco tempo o mundo estava um pouco mais colorido. Bem em frente da mesa onde trabalho há um grande espelho. Levantei-me para apanhar uma ferramenta e por um segundo me vi nu de corpo inteiro. A primeira reação foi desviar o olhar. Mas fazia muito tempo que eu não me olhava demoradamente, sem preconceitos. A curiosidade superou o medo e comecei a analisar meu corpo às vésperas de completar sessenta e seis anos. A primeira constatação foi positiva, meu físico não havia mudado tanto nos últimos dez anos. Olhando um pouco melhor, percebi algo que há dez anos atrás não estava lá, os feixes de músculos de meus braços e pernas, agora pareciam algo que estava sobre os membros, mas que não pertencia a eles. Os músculos pareciam caminhar rumo à emancipação. A força do tempo, além de diminuí-los, não os queria em seus antigos postos.

As olheiras sob meus olhos e a papada sob meu queixo tinham aumentado, mas tudo dentro do ritmo natural que era previsto para um homem da minha idade. Tentei, com toda a isenção possível, me atribuir uma idade, caso me visse passando na rua. Depois de uma longa reflexão cheguei ao número sessenta e três. Lembrei-me que durante uma fase de minha vida eu aparentava bem mais idade do que tinha.

O namoro havia começado e a paixão estava a ponto de florescer. Eu me olhava no espelho e sabia que a causa pela qual me apaixonaria teria algo a ver com meu corpo. Uma orquídea que cuida há muito

tempo, e que fica bem ao lado do espelho em que me enxergava, me fez lembrar da ideia que tive de escrever um romance sobre uma flor. Eu estava muito próximo de desvendar o rosto de minha causa amada. Segundos depois o pano caiu e pude enxergá-la: escreveria a história do corpo de um homem velho, do dia de hoje até o da minha morte. Eu me tornaria a flor que não consegui descrever.

OUTONO

Meus amigos e conhecidos estão morrendo como moscas. De uns tempos para cá parei de ler o obituário todas as manhãs, no lugar leio a página de esportes. É estranho pertencer a uma geração que começa a ir embora. Parei de ir a enterros, quando fico sabendo que alguém de quem eu gostava morreu, planto uma flor em meu jardim. Apesar das mortes serem uma constante, não tenho plantado muitas flores. É interessante como os sentimentos se parecem com as plantas, que se não forem regadas desaparecem. Pessoas que muito gostei há trinta anos atrás, não despertaram em mim nenhuma tristeza quando fiquei sabendo que morreram. Sei que em minha idade não posso me dar ao luxo de um pessimismo muito profundo, mas honestamente, acho que gostamos apenas daquelas pessoas que podem nos oferecer algo em troca. O que quer dizer, em última instância, que gostamos apenas de nós mesmos.

Há um ano e meio atrás decidi escrever um livro que descrevesse a decadência diária de meu corpo. Não posso dizer que não tentei, nem que já desisti. Enchi meio caderno com anotações, fotos e material de pesquisa. Escrevi alguns textos esparsos. Foram oito inícios diferentes, e mais umas sessenta páginas que deveriam ir se encaixando ao longo do livro. Continuo achando que escrever esse texto é uma boa ideia, mas a paixão inicial seguiu o mesmo caminho comum a todas as paixões. Continuo preenchendo papéis em branco, mas quando noto que o que faço está se tornando apenas uma obrigação burocrática, rasgo imediatamente o que escrevi. Nunca desperdicei tanto papel quanto nesses últimos meses.

E não é só papel o que tenho desperdiçado. Outro dia acordei com o humor tão cinzento quanto o dia que fazia do lado de fora. Enquanto olhava os pingos de garoa molharem a terra escura, me perguntei se de agora em diante minha vida não se pareceria sempre com esse melancólico dia de outono. Então, o desperdício apareceu como uma grande pergunta, daquelas que perguntam, respondem e acusam ao mesmo tempo. Eu não teria desperdiçado minha vida ao escolher percorrê-la sozinho? Com todos os inconvenientes que uma união acarretaria, eu não estaria melhor rodeado por netos barulhentos do que rodeado por apenas... nada... Comecei então a analisar as razões pelas quais fiz minha escolha, eram pensamentos originados há tanto tempo que nem ao menos consegui me lembrar do que se tratava. Sabia terem a ver com um pessimismo, com uma falta de sentido da vida.

A chuva aumentou de intensidade e do mesmo modo aprofundou-se o buraco em que estava me metendo. Se aquela vida que não vivi não tinha sentido, a minha teve, e principalmente, a que eu levarei daqui para frente terá?

Por um instante pensei em ligar imediatamente para a imobiliária dizendo que venderia a casa pela metade ou até por um terço do valor. Com esse dinheiro em mãos pararia imediatamente de trabalhar e gastaria tudo com todos os tipos de prazeres que meu corpo pudesse suportar. Tentaria fazer com que os próprios prazeres se encarregassem de sincronizar o final do dinheiro com o final de minha vida.

Reparei que a chuva inundara o jardim e gotas de água começavam a entrar por baixo da porta. Fui até a cozinha apanhar um pano para bloquear a entrada da chuva. Olhando pela janela percebi que a força da água, que inundava o mundo, comandava o destino das pessoas e me apavorava com o barulho raivoso de seus pingos sobre minhas telhas. Senti-me pequeno e anônimo. De nada adiantaria gastar todo o meu dinheiro com prazeres egoístas. Eu sabia que a vida havia me ensinado a nunca me deixar colocar em uma situação onde parecesse não haver escolha, mas durante aquela tarde foi assim que me senti. Caso tivesse escolhido o outro caminho e estivesse rodeado por netos, continuaria me sentindo da mesma forma, e descobrir isso, ao

contrário de ser um alívio, apenas aumentou a pressão que o mundo parecia exercer sobre meus pulmões. Um erro pode ser corrigido, mas contra o inevitável nada podemos fazer.

Senti vontade de sair de casa e deixar com que o temporal me castigasse para depois me aliviar do peso que eu carregava. O que fiz foi o contrário, afastei-me das portas e janelas, meu único alívio possível estava nos papéis que eu sujaria de tinta, nem que fosse para imediatamente amassá-los:

“Por mais que nos pareça que quando puxamos a corda, arrastando para nosso contentamento, o adversário que a puxa em sentido oposto... por mais que fiquemos chateados, quando somos arrastados, lamentando que nossas forças não sejam suficientes para mantermos nossas posições originais, esses dois sentimentos não passam de defeitos de uma visão viciada.

A corda na verdade, apesar dos movimentos acontecerem de fato, acaba sempre na mesma posição onde se iniciou a disputa. Os competidores, que arrastaram e foram arrastados, terminaram com seus pés nos exatos lugares onde estavam quando a consciência da competição pela primeira vez apareceu. O equilíbrio sempre vence.

Baseado nessa teoria observo algumas fotos que tirei de mim, detalhes do rosto e corpo e imagens aproximadas da textura da pele. Nesse ensaio tentei encontrar por onde o tempo começa seu trabalho silencioso de destruição, quais caminhos percorre e como empoça em algumas regiões, transformando rostos e mãos em depósitos de água estagnada. Percebo que o tempo deve possivelmente iniciar seu percurso pelas extremidades, e depois circular por todo o corpo espalhando algumas marcas. Os rostos e mãos, como estão cheios de nervos e movimentos, dificultam o fluxo, agindo como pedras que diminuem a velocidade das águas de um rio. As rugas e manchas senis são o musgo que se forma sobre essas rochas.

Reparava nesses acúmulos e em como desenhavam novas formas para meu rosto e membros. Parecia que uma pequena escavadeira invisível retirava diariamente minúsculas porções de mim. Se me baseasse apenas naquelas imagens, minha conclusão seria óbvia: cada dia que passava eu era menos eu. Transformava-me numa escultura talhada no bloco de mármore intacto que fui na juventude. O tempo, empunhando martelo e

cinzel ia artisticamente desenhando meu novo retrato, que nunca parava de se modificar. Mas se fizesse meu juízo de valores baseando-me apenas nas imagens que observava, estaria novamente aceitando existirem vitórias e derrotas, e que os vitoriosos merecem louros enquanto que aos derrotados cabe a vergonha. Caso aceitasse que partes de mim simplesmente desapareceram, seria impossível entender que ao final de qualquer evento, passadas as erupções e os desabamentos, o que triunfa é o equilíbrio.

Por isso, se realmente creio que os grandes movimentos repletos de cores e barulho, são transitórios, e sempre tem menos importância do que aparentam, não posso aceitar que pedaços de mim simplesmente desapareceram sem deixar no lugar nenhuma compensação. A crença no simples sumiço só tem sentido para aqueles que sustentam o binômio vitória-derrota. E nesse caso, o envelhecimento receberia o carimbo de “derrota”.

Segundo minhas crenças, nada pode ficar sem o seu devido complemento, logo, os pedaços de pele, músculos e o brilho que de mim desaparecem diariamente, devem formar algo, que quando eu ainda era um grande bloco de mármore intacto, exalando vigor físico e esperanças, não possuía. A matéria transmuta-se, o brilho externo deve transferir-se para dentro, deve se transformar em tetraedros de ideias onde se encaixam o equilíbrio emotivo e a sensibilidade desenvolvida. A pele enrugada deve ser compensada por um conjunto de aquisições que deveriam encurtar a distância que separa o homem de uma eventual verdade. Não absoluta, porque a teoria do equilíbrio prevê que tudo é cíclico, e mesmo o equilíbrio é temporário, então não haveria espaço para uma verdade absoluta. Apenas para uma que estivesse em um nível de grandeza muitas vezes superior à nossa.

Descrevi o que acredito ser o padrão natural da evolução da vida. Mas há os represamentos energéticos, que são muito comuns, e onde se procura negar o percurso do tempo, bloqueando-se dessa forma as compensações naturais que deveriam acompanhar as marcas deixadas por ele. Esse desequilíbrio, causado por falta de visão, acaba espalhando-se e atingindo outras pessoas. A cegueira torna esses homens e mulheres completamente indiferentes a qualquer compensação que a vida possa trazer pelos danos imputados pelo tempo. Eles acabam tendo olhos apenas para o transitório e para o disfarce. Afastam-se de tudo que cheire

a perenidade e de qualquer coisa que os recorde do inevitável. Sem enxergar, eles brandem suas espadas, acreditando que poderão derrotar o imenso e indestrutível exército do tempo, que apenas observa seus movimentos desarticulados e sem direção.

Mas o equilíbrio nunca depende de apenas um indivíduo, e fazendo uso de uma matemática secreta, que soma e diminui, desprezando espaço e tempo, ele acaba sempre encontrando o ponto de tranquilidade, onde as águas da lagoa tem a mesma retidão da linha do horizonte.”

PRIMAVERA

Finalmente, após seis anos, consegui vender minha casa. No dia de assinar a escritura quem compareceu foi o advogado do comprador. Talvez tenha sido melhor assim, pois acho que se ele estivesse presente eu acabaria implicando com alguma coisa, sua idade, o destino que daria à minha casa, a maneira arrogante como nem um desconto pediu. Qualquer pequeno motivo poderia ser suficiente para que eu, num arroubo de possessividade, desfizesse o negócio.

No exato instante em que assinava a escritura, me perguntei se o fato de mandar um representante, não seria por si só um grande sinal de arrogância. Escrevi meu primeiro nome e parei, o advogado me olhou ansioso e acabei escrevendo também meu sobrenome. Em seguida apertei sua mão gelada.

Apliquei o dinheiro da venda e aluguei uma casa não muito longe da minha. Desde então venho procurando equacionar algumas variáveis que de agora em diante terão mais importância do que nunca, dinheiro, horas trabalhadas, dores nas costas, número de anos que ainda pretendo viver... percebi que essa não é uma conta fácil de ser administrada, mesmo porque ano que vem completo setenta anos, e se hoje estou razoavelmente bem de saúde, sei que preciso separar uma boa quantia para eventuais despesas médicas. Esse controle que me vejo obrigado a exercer, chega a ser estressante, e de uma certa forma acaba compensando com incômodos, a tranquilidade que veio por eu poder trabalhar menos. Novamente o equilíbrio.

Diminuí em um dia o tempo de trabalho. Agora meu final de semana começa quarta-feira, ao meio-dia. Não sei se já me acostumei com as dores, ou se de fato elas diminuíram, mas elas já não me incomodam muito. Tanto que com meu novo passatempo me canso quase tanto quanto quando estou trabalhando.

A casa que aluguei é de madeira e tem o exato tamanho que preciso. O único inconveniente são os estalos, que acontecem principalmente à noite, e que às vezes me despertam com a impressão de que tem alguém caminhando por minha sala. No mais, é uma casa arejada e iluminada e tem um quintal onde aprendi a plantar flores e formar canteiros que funcionam como desenhos vivos.

O movimento originado pelo crescimento das flores é o responsável pela mudança diária em meus painéis coloridos. Primeiro desenho no papel a forma e coloração do canteiro. Nunca planto todas as flores ao mesmo tempo, o movimento surge justamente dessa diferença, enquanto brotos estão apenas rasgando a terra, algumas flores já estão perdendo suas pétalas e muitas outras vivendo várias fases intermediárias.

Quando um canteiro totalmente amarelo começa a ficar chato, botões vermelho-escuro aparecem entre as flores enriquecendo a composição.

Minha nova casa tem uma varanda onde costumo assistir quase diariamente ao início do fim de cada dia. Gosto de ver a diminuição da luz e como as cores vão se modificando. Não consigo ver o pôr-do-sol por causa das outras casas ao redor, mas usufruo de suas consequências. Sentado em minha poltrona observo o lento movimento das sombras, às vezes entro em casa no momento em que elas começam a desaparecer na escuridão, em outras ocasiões, quando o céu está limpo, fico sentado até conseguir enxergar as estrelas que as luzes da cidade me permitem.

Nesses minutos, que acabam se transformando em horas, desfilam pensamentos e lembranças, de todos os tipos, me lembro que deixei as roupas na lavanderia, me lembro de ter esquecido os outros cadernos desse diário no sótão da casa que vendi, e do que acreditava quando tinha dezessete anos e como tudo foi aos poucos se modificando. Essa mistura quase sempre acaba me conduzindo a outras ideias que nunca

tem nada a ver com as que a originaram. Durante toda minha vida tive momentos como esse, mas agora, ao contrário do que fazia antes, procuro não lutar contra esse tipo de raciocínio. Deixo-me levar. Não tento mais assumir o leme da embarcação. Outro dia acabei aportando numa ilha de pensamentos interessantes. Começou assim, lembrei-me de meus canteiros e da técnica que utilizo, plantar cada espécie de flor numa época diferente para que elas nunca tenham o mesmo tamanho, e essa diferença ajude a enriquecer a composição.

Olhei para meu pé e vi que uma sombra me escalava, em breve eu seria um homem escondido dentro de uma bolha de penumbra, depois disso provavelmente me recolheria para mergulhar num mundo plano iluminado por luz artificial. Decidi aproveitar esses últimos instantes de movimento. Meus olhos sugavam as cores que começavam a perder a intensidade. Levantei-me e fui até o quintal olhar meus canteiros. As sombras demoraram mais alguns minutos até os cobrirem, e foi nesses instantes intermediários, quando as cores tentavam lutar contra o escuro, que os canteiros foram mais belos. As tonalidades ficaram mais marcadas, as diferenças no tamanho das flores criaram uma profundidade impossível de ser percebida sob o sol do meio-dia. Imediatamente me perguntei se a velhice não equivaleria àquela condição de luz, e se a experiência acumulada não me daria a possibilidade de enxergar coisas que seriam impossíveis de serem vistas aos vinte anos. Sutis graduações no ritmo da vida, encaixes, detalhes, repetições, sensações que só estariam disponíveis para maiores de sessenta anos, e ainda assim só para aqueles que se esforçassem para enxergar. Seria uma espécie de capital acumulado, que teria a função de compensar nossas perdas, e que ficaria depositado em algum lugar. Essas riquezas teriam o poder de nos abrir as portas de uma camada mais sutil da vida. Mas a maioria das pessoas nunca descobriria onde esse dinheiro está escondido e nem mesmo que tem direito a esse capital.

A noite cobriu minhas flores e voltei para a varanda. Uma estrela solitária apareceu no céu. O cachorro do vizinho uivou um canto triste. Quando eu era criança os meninos diziam que se um cão uiva daquela maneira é porque alguém da casa onde ele mora vai morrer em breve. Algumas roupas tinham sido esquecidas no varal e o sereno

iria molhá-las. Novamente o barco à deriva percorria o mar de pensamentos, até que seu casco bateu em algo.

A vida de um homem idoso não seria parecida com os canteiros de flores que planto? Dentro de mim convivem várias camadas irregulares, minha infância longínqua ainda é representada por velhas rosas que já perderam a maioria das pétalas, mas que continuam compondo o todo. Minha juventude distante é simbolizada por flores amarelas maduras, que já deixaram para trás seu auge. A meia-idade, não tão distante, possui flores azuis que ainda não se abriram por completo. A velhice apresenta seus botões fechados, mas que já começam a mostrar suas primeiras pétalas vermelho-sangue. A soma simultânea de todos esses tempos é o que eu sou.

A diferença entre as várias épocas acaba servindo como o botão de corda no relógio de pulso, fornecendo a energia suficiente para que os ponteiros de minha vida se movam, meus olhos brilhem e eu queira a cada dia, depois de ter acordado vinte e cinco mil vezes, continuar querendo acordar. O que me faria viver então, seriam as diferenças de tempo que carrego dentro de mim, e caso uma dessas fases que me constroem fosse extirpada, imediatamente meus ponteiros parariam de girar e meus olhos se pareceriam com os de uma velha boneca esquecida em algum canto escuro.

Hoje a noite está serena. Parece que os barulhos da vizinhança diminuiriam. Decidi sentar na varanda para escrever alguma coisa. Depois de meia hora com a caneta na mão, optei por continuar esse diário. Tenho a impressão que de agora em diante terei cada vez menos o que colocar nessas páginas. Meus dias contém sempre menos surpresas. O céu está me mostrando muitas estrelas, não há nuvens. Ocorreu-me uma comparação de minha vida com as estrelas, o que enxergamos quando olhamos para cima são suas imagens, que chegam até nós após viajarem mil, um milhão, um bilhão de anos. Na minha idade faço parecido, minha vida é composta em sua maioria

por recordações ocorridas há muitos anos, imagens que, projetadas em minha memória reconstróem o que já não existe mais. Cada dia que passa, esse arquivo de memória aumenta e eu me torno mais imagem e menos realidade.

Quando somos jovens o futuro é um horizonte distante coberto por bruma, na medida em que envelhecemos vamos caminhando em direção dessa região longínqua, penetrando na bruma e fazendo com que ela perca seu encanto. Vamos descobrindo o que ela encobria, os mistérios diminuem, mas sem deixar de existir. O percurso continua com montanhas e vales, e sempre haverá alguns pontos isolados, que devido a características geográficas particulares, conservarão as condensações de bruma. E mesmo com a lógica nos dizendo que o que estará encoberto ali não será nada diferente do que foi visto ao longo de toda a vida, que provavelmente a neblina esconderá apenas pedras, grama, água e um ou outro animal, mesmo assim a natureza humana nos impulsionará na direção daquilo que não pode ser claramente visto. As decepções apenas nos incentivam a prosseguir caminhando em busca do novo vale encoberto por uma neblina tão densa, que provavelmente esconderá algo completamente diferente de tudo o que já foi visto.

Sem decepção e mistério o mundo não existiria. A decepção é o motor da vida e o mistério seu combustível. Um mundo de homens realizados e que descobriram tudo o que desejavam saber, seria completamente inviável. Não haveria movimento, pois nada mais seria necessário. Essa carcaça sem motor apodreceria ao relento.

Minha varanda é meu altar onde exerço minha santidade. Sou um homem e isso sempre serei. Se todos meus desejos foram miragens, nada me impede de que de agora em diante eu me distraia um pouco com elas. A noite estrelada me mostra o tamanho real de minhas maiores preocupações. O cachorro do vizinho volta a uivar daquele jeito... profecias caninas. Logo a tecnologia inventará uma câmera fotográfica capaz de fotografar a noite sem tentar travesti-la de dia, sombras, reflexos sutis, luzes pálidas, camadas sobre camadas, vários níveis de escuridão. Uma câmera que conseguisse respeitar todas essas diferenças e construir um retrato verdadeiro do que é uma noite. Se um dia esse aparelho chegasse às minhas mãos eu me fotografaria

(ou a outra pessoa, isso não teria tanta importância) no meio de uma noite escura, nu, deitado no chão e olhando para cima. Essa seria uma grande foto, uma imagem repleta de camadas de sombras, e que entre elas esconderiam mistérios. Quem contemplasse a foto perceberia a presença dos segredos, sem no entanto, conseguir decifrá-los.

Aos poucos é isso que está acontecendo comigo, começo a sentir que muitas coisas devem ser aceitas como inatingíveis, mas isso não impede que possamos conviver com elas. Sinto-as, apalpo um saco escuro de pano, e meu tato percebe que ali dentro existem muitos objetos diferentes. Mas nunca saberei o que eles são nem para que servem.

A vizinhança começa a se aquietar, o cão parou de uivar e um vagalume risca de verde o escuro de meu jardim. O céu contém parte da paz em que vivo, a outra deve vir das cordas que ao longo da vida fui decidindo soltar. Minha mãos finalmente terão a paz que precisam para cicatrizar seus calos. O ar noturno parece ser o agente condutor dessa paz.

Sei que não cheguei a lugar algum, e que amanhã posso acordar e sentir uma falta tremenda de tudo o que hoje me orgulho de ter abandonado. Amanhã serei outro, e todos os instantes continuarei mudando. Quero recomeçar a escrever o livro sobre o envelhecimento, quero retomar o romance da flor. Quero ter a oportunidade de desistir de vários assuntos, e fazer com que as cinzas desses desejos frustrados sirvam de adubo para outros sonhos que tentam nascer.

Quero conhecer muitas pessoas para chegar à conclusão que elas todas se parecem muito. A desilusão é a semente do desejo e eu preciso aceitar que a vida é circular. O vagalume se aproxima da varanda. Escuto o barulho do caminhão de lixo se aproximando. Não sei por que isso me fez lembrar da estrela vermelha que enxerguei há muitos anos atrás. A memória é nossa maior riqueza e nosso grande mistério.

O que aconteceu com aquela estrela? O que estará acontecendo nos mais distantes cantos do universo, e mesmo aqui, nesse pequeno grãozinho de areia perdido no fundo de uma praia qualquer? Nesse exato instante vida e morte não param de completar seus ciclos, pessoas estão vivendo os melhores e piores momentos de suas vidas, tédio e cobiça, inveja e piedade, tudo continua acontecendo, independen-

temente do desejo ou dos esforços de qualquer pessoa. Em minha varanda abro meus olhos para esse rio caudaloso, nessa ilha onde estou sentado observo a correnteza, que arrasta troncos, animais, e prédios inteiros, sem que isso prejudique o sono de alguns de seus moradores, que enquanto roncam são levados pela correnteza junto com tudo o que possuem. Sei que a inundação de minha ilha é uma questão de tempo, eu também serei arrastado pelas águas. Tudo será. Aproveito que meus pés ainda estão secos para manter a isenção daqueles que observam as situações de fora. As águas do rio não fazem distinção, crianças e velhos, cometas e macacos, tudo segue, tudo flui, grandes árvores flutuam com as raízes para cima, agarrando-se nelas estão sábios de todas as épocas, que discutem entre si sobre o que deveriam fazer. Depois de muito debaterem acabam ficando em silêncio, apenas permitindo que a força das águas os conduzam.

Uma brisa noturna veio refrescar a noite. Escuto alguns barulhos distantes, carros, motos, quem serão essas pessoas... essas mesmas pessoas que não conheço... a brisa aqui, e lá o desejo de chegar logo em casa... talvez minha ilha já esteja sendo conduzida pelas águas, e sou eu que tenho a impressão de que ela é um refúgio seco. Da mesma maneira, qualquer outra pessoa que vejo com água até o nariz, sendo levada pelo rio, pode estar imaginando que tem os pés secos e bem fincados em terra firme.

A árvore ao lado do poste de luz balança levemente seus galhos. Não sei que horas são, mas imagino que muita gente já deve estar dormindo. Ano que vem completo setenta anos. Antigamente os números eram tão importantes para mim... agora os únicos com os quais me preocupo são os de minha conta bancária. Já faz algum tempo que venho sentindo uma dorzinha de dente. Semana que vem preciso ir ao dentista e me preparar para despesas que provavelmente não serão pequenas. É uma dor que aparece e vai embora, e quando some leva junto a recordação de que existiu. Quanta coisa também não é assim?

Com o que estarão sonhando toda essa gente que dorme? O grande rio não faz distinção entre realidade e sonho, carrega ambos como se tivessem a mesma consistência. Amanhã preciso terminar algumas peças que deixei inacabadas, só de pensar nisso tenho preguiça,

preferiria sonhar que as terminei e acordar com elas prontas. Depois, para compensar essa energia, que precisa sair de algum lugar, esculpo de verdade uma peça que se originou em algum sonho. Nada pode ficar sem a devida compensação.

Estou começando a ficar com sono. Sinto-me convidado a mergulhar na grande piscina cujas águas não afogam e nem as bordas machucam. De uns tempos para cá percebo que a barreira que separa a vigília dos sonhos está cada vez mais tênue. As paredes que dividem essas duas partes da vida parecem que vão sendo corroídas pelo tempo. A morte talvez não seja nada mais do que o momento exato em que há o rompimento desse muro e as duas realidades misturam suas águas.

Vou tentar resistir mais um pouco ao sono. O silêncio agora só é interrompido pelo apito de um guarda noturno. Sinto um arrepio que me faz querer buscar um cobertor, mas tenho preguiça e apenas esfrego os braços. Prolongo ao máximo minha permanência nesse útero de acolhimento em que estou, mas logo serei obrigado a atravessar a fronteira... os sonhos, hoje quero que eles sejam uma continuação desses instantes brilhantes que estou vivendo. Sinto que hoje fiz exatamente o que deveria fazer, e isso é o alicerce de minha paz.

Ontem sonhei algo muito estranho, eu trabalhava em uma lanchonete, era chapeiro. Alguém me pediu um sanduíche quente de queijo com presunto. Quando fui procurar os ingredientes percebi que sobre cada fatia de queijo estava marcada em alto relevo a palavra “tempo”, sobre as fatias de presunto estava escrito “espaço”. Fui intercalando as camadas, esquentei o sanduíche e dei para o freguês comer. Fiquei observando-o mastigar, tempo e espaço se fundiam dentro de sua boca, não sem antes receber a ajuda de um pouco de catchup. Observei-o engolindo, a pasta descia até seu estômago para se transformar na energia que o mantinha vivo.

Tentei, mesmo sonhando, processar aquelas informações e estabelecer o sentido de cada símbolo. Fracassei. Talvez aquilo não significasse nada. O freguês foi até o caixa pagar seu sanduíche e de lá me perguntou como se chamava o que havia comido, gritei-lhe “misto sideral”, e acordei.

Ultimamente venho me sentindo mais próximo de minha infância. Talvez os extremos sempre se encontrem em algum ponto, da mesma forma que as fatias de queijo e presunto se fundem para formar uma terceira realidade. Sou um menino que cada vez mais tem vontade de brincar, e cada vez menos quer levar as coisas a sério. Considero-me definitivamente afastado das grandes teses, troco-as todas por um bom sonho sem significado. Aliás, estou com vontade de trocar muitas coisas, meu cortador de grama por sementes de flores desconhecidas, minhas capas de chuva por uma barraca para acampar, todos os meus livros por algumas marionetes, minhas câmeras fotográficas por algumas telas, pincéis e tintas, e trocaria todo o resto que possuo por um quarto com o teto transparente.

Sem que eu percebesse a brisa noturna foi buscar algumas nuvens que agora pareciam querer derramar as primeiras gotas. A natureza mostrava sua força de transformação. Um relâmpago mudo iluminou o céu. A chuva não demorou e veio com gotas grandes que começaram a molhar a varanda.

Primeiro me lembrei de meus canteiros e de algumas flores que havia plantado recentemente, algumas mudas pequenas poderiam morrer, mas no geral esse tipo de chuva, apesar de arrancar algumas pétalas, acaba fortalecendo as raízes.

Depois me lembrei de mim mesmo, eu teria meu sono embalado pelo doce ruído da chuva sobre as telhas de meu quarto. E se desse sorte, poderia até sonhar que o que caía do céu não era água, mas pétalas de flores coloridas.

Outro dia o espelho me fez pensar.

Tinha acabado de reparar numa mecha de cabelos brancos que havia surgido sem que eu percebesse, quando me ocorreu o seguinte: quando tinha dezessete anos minhas ideias e certezas tinham a rigidez de um carvalho. Aos poucos foram perdendo solidez e hoje são flexíveis como o trigo, que ao menor vento dobra-se.

Não seria essa rigidez da juventude, ao contrário do que todos pensam, nosso momento de maior maturidade? Os únicos instantes da vida em que acreditamos em ideias nossas? Depois vamos aos poucos amolecendo e defendendo as dos outros como se fossem nossas. Não que o que acreditávamos aos dezessete não possa ser, e na maioria dos casos efetivamente são, grandes bobagens, mas eram nossas autênticas bobagens.